

COLEÇÃO IDEIAS &
ESTUDOS
POLÍTICOS

MIKHAIL GORBATCHOV E O FIM DO IMPÉRIO SOVIÉTICO

ENTRE O SONHO E O COLAPSO
DE UM REGIME (IM)PERFEITO

DANIELA NUNES

Prefácio de
LÍVIA FRANCO

Posfácios de
JOSÉ MIGUEL SARDICA
GERMANO ALMEIDA



Mikhail Gorbatchov e o Fim do Império Soviético

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT –
– Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto
UIDB/04597/2020.

Título Mikhail Gorbatchov e o Fim do Império Soviético
Entre o Sonho e o Colapso de um Regime (Im)Perfeito

Autora Daniela Nunes
Coleção Ideias & Estudos Políticos

© Daniela Nunes
© Centro de Investigação do Instituto de Estudos Políticos
© Universidade Católica Editora

Revisão editorial Margarida Baldaia
Capa Velcrum.pt
Paginação Magda M. Coelho
Impressão e acabamento Papelmunde
Depósito legal 519584/23
Tiragem 200 exemplares
Data setembro 2023

DOI <https://doi.org/10.34632/9789725409572>
ISBN 9789725409572
ISBN e-Book 9789725409602



Universidade Católica Editora,
Sociedade Unipessoal, Lda.
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020
uceditora@ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Mikhail Gorbatchov e o Fim do Império Soviético

Entre o Sonho e o Colapso
de um Regime (Im)Perfeito

Daniela Nunes

Para o meu Pai,
na esperança de que estas linhas
lhe pareçam tão grandes,
que possam chegar ao Céu,
até ele,
e até aos outros anjos.

Para o Misha e a Raíssa,
como para todos os líderes audazes,
porque *não há reformadores felizes.*

Índice

Lista de Siglas e Acrónimos	9
Agradecimentos	11
Prefácio de <i>Livia Franco</i>	13
Nota Introdutória	17
Enquadramento Teórico-Político	20
<i>A Perestroika</i> em «Três Linhas»	25
Capítulo 1	
Kenneth Waltz e o Debate sobre os Níveis de Análise das Relações Internacionais	31
Capítulo 2	
Gorbatchov: Origens, Formação e Percurso Político	44
2.1 Gorbatchov e a Geração dos Filhos do XX Congresso	45
2.2 Educação: Da Filiação à <i>Komsomol</i> à Entrada na MGU	47
2.3 A Entrada no PCUS e o Nascimento do Gorbatchov Político	50
2.4 Em Ascensão: Gorbatchov na <i>Komsomol</i> e no PCUS	53
2.5 De Stravropol às Primeiras Experiências Diplomáticas	56
2.6 Na Capital do Poder: O Regresso a Moscovo	59
2.7 Ensaio Geral para 1985: O Interregno de Andropov e Chernenko	62
2.8 A Bonança antes da Tempestade: A Eleição de Março de 1985 e o Nascimento do Projeto Reformista	65
Capítulo 3	
Gorbatchov e a URSS: A Dimensão Interna do Processo Reformista	69
3.1 A Construção de uma «Equipa Gorbatchov»	71
3.2 Reformar a Economia: <i>A Perestroika</i>	73
3.3 <i>Glasnost</i> na Origem de uma Proto Sociedade Civil Soviética	76
3.4 Reformar o Sistema Político: A Campanha pela Democratização	78
3.5 A Radicalização da Agenda Reformista	81
3.6 A Separação de Forças no PCUS e o Caso Nina Andreyeva	84
3.7 Da Campanha pela Democratização ao Plano de Transformação Sistémica: A XIX Conferência do PCUS e a Criação de um Congresso dos Deputados do Povo	86
3.8 O Fim do Monopólio do PCUS	89

Capítulo 4

Gorbatchov e a Guerra Fria: A Dimensão Externa do Processo Reformista	92
4.1 Reformular a Política Externa Soviética: Da Coexistência Pacífica à Política do Pensamento Novo	94
4.2 O Novo Pensamento, suas Raízes e Ambições	97
4.3 As Relações Soviético-Americanas: Gorbatchov, Reagan e a Quebra do Gelo	100
4.4 Gorbatchov, Reagan e a Contribuição do <i>Fator Humano</i> para o Final da Guerra Fria	111

Capítulo 5

Gorbatchov e o Império Externo	113
5.1 A Europa de Leste na Política do Novo Pensamento	116
5.2 O Fator Gorbatchov no Contexto da Invocação de uma Casa Comum Europeia	117
5.3 Redefinir a Política Externa Soviética na Europa de Leste: Da Doutrina Brezhnev à Doutrina Sinatra	120
5.4 Da Doutrina à Prática: a Dessatelação	123
5.5 Gorbatchov e o Fim do Protetorado Soviético na Europa de Leste	140

Capítulo 6

Gorbatchov e a Implosão da União	143
6.1 Identidade num Estado Soviético Multinacional	145
6.2 A Questão Nacional na Agenda Reformista de Gorbatchov	148
6.3 As Primeiras Experiências Nacionalistas e o Despertar Báltico	150
6.4 Redefinir o Caminho da Reforma: Gorbatchov entre a «Esquerda» e a «Direita»	159
6.5 Salvar a União: O Referendo, Novo-Ogarevo e as Negociações 9+1	162
6.6 Do Golpe de Agosto à Criação da Comunidade de Estados Independentes	164

Conclusão	168
------------------	-----

Anexos	179
---------------	-----

Bibliografia	200
---------------------	-----

Posfácio de José Miguel Sardica	205
--	-----

Posfácio de Germano Almeida	207
------------------------------------	-----

Lista de Siglas e Acrónimos

- ABM (*Treaty*) – Tratado Antímísseis Balísticos
- CEI – Comunidade de Estados Independentes
- EKP – Partido Comunista da Estónia
- Glasnost* – abertura, transparência
- Gosbank* – Banco Central da União Soviética
- INF – *Intermediate-Range Nuclear Forces*
- Komsomol – Organização Juvenil do Partido Comunista da União Soviética
- MAD – *Mutually Assured Destruction*
- MGU – Universidade Estatal de Moscovo
- Novoe Myshlenie* – Novo Pensamento
- Pacto de Varsóvia – aliança defensiva formada pela União Soviética e países socialistas da Europa de Leste
- PCUS – Partido Comunista da União Soviética
- Perestroika* – reestruturação, reconstrução
- POUP – Partido Unificado dos Operários Polacos
- PSOH – Partido Socialista dos Operários Húngaros
- RDA – República Democrática Alemã
- RFA – República Federal Alemã
- RSFSR – República Socialista Federativa Soviética da Rússia
- SDI – *Strategic Defense Initiative*
- STASI – Ministério para a Segurança do Estado (da RDA)
- URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Agradecimentos

A publicação deste livro é fruto de algumas das maiores aprendizagens que recolhi no Instituto de Estudos Políticos (IEP), minha escola-casa intelectual, onde entrei pela primeira vez aos dezassete anos e onde me tornei uma estudante e trabalhadora adulta. Por isso, é a esta escola, na pessoa do seu Diretor, Professor João Carlos Espada, que agradeço em primeiro lugar.

Pelo apoio e motivação incondicionais, imprescindíveis à concretização de tudo isto e mais, assim como pela fé renovada e pela luz que não permite que se apague, agradeço ao meu Mestre, Professor José Miguel Sardica.

Pelos seus contributos enriquecedores, agradeço às Professoras Lúcia Franco e Madalena Meyer Resende, como ao meu amigo Germano Almeida, por quem nutro muita estima.

Finalmente, ao Centro de Investigação do Instituto de Estudos Políticos (CIEP) e à UCP Editora, agradeço esta oportunidade, que muito me honra.

A Nosso Senhor Jesus Cristo, todos os dias, pela Salvação.

A Relevância dos Protagonistas e o Passado como Prelúdio do Presente

Prefácio

Lívia Franco

Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Estudos Políticos

Kenneth Waltz (1924-2013) e Mikhail Gorbatchov (1931-2022) são duas das figuras maiores das Relações Internacionais do último quartel do século xx. O primeiro foi um reputado académico norte-americano, que lecionou durante anos nas Universidades de Columbia e Berkeley, e o segundo foi o célebre e derradeiro líder da União Soviética. Waltz foi um grande teórico da política internacional, Gorbatchov um dos principais obreiros do final da Guerra Fria. Simpatize-se ou não com as suas respetivas perspetivas e obras, é inegável que ambos deixaram uma marca indelével na compreensão e na condução da dinâmica mundial que encerrou o grande ciclo político da bipolaridade pós-Segunda Guerra Mundial. Não por acaso, este estudo da Daniela Nunes parte respetivamente do legado teórico e do percurso político de cada um destes protagonistas para analisar, num enfoque que privilegia a perspetiva do fator humano, o complexo processo de implosão da União Soviética e o seu impacto sobre o término da própria Guerra Fria.

Passadas que são mais de três décadas sobre os acontecimentos abordados neste livro, porque vale a pena revisitá-los? Afinal de contas, a própria evolução desses mesmos acontecimentos encarregou-se de nos demonstrar como, decorrentes de um otimismo liberal excessivamente ingénuo, eram infundadas as promessas (ou a bom rigor, os nossos desejos) de que o mundo dividido em dois grandes blocos ideológico-militares daria lugar ao ‘Fim da História’ e a uma multipolaridade cooperativa. Assim, num contexto em que a grande guerra regressou ao continente europeu e em que a sanha da bipolarização sino-americana se acentua, porque devemos olhar para o final do século passado? De acordo com o estudo levado a cabo pela Daniela Nunes, são pelo menos três as razões para o fazermos.

A primeira diz respeito à importância dos protagonistas. Como nos demonstra Kenneth Waltz em *Theory of International Politics* (1979), uma verdadeira teoria geral e autónoma da política internacional precisa de assentar no estudo coerente de ‘um todo’; isto é, exige uma abordagem que parte de um nível de análise sistémico. E, contudo, isso não invalida também o potencial explicativo de uma análise que se foca antes nas ‘partes’ desse todo, sejam elas as unidades estatais ou os chefes de Estado ou de governo que as lideram. É exatamente essa a abordagem que a presente obra privilegia: procurar compreender em que medida o rumo dos acontecimentos que culminaram no desmembramento da URSS e no fim da Guerra Fria encontram também umnexo causal no papel desempenhado por um determinado protagonista, Gorbatchov, em interação com outros seus contemporâneos, como Reagan, Thatcher, Mitterrand ou Kohl. Por outras palavras, e no seguimento do que Waltz já havia defendido em *Man, the State and War* (1959), este estudo parte da premissa de que «os eventos históricos não podem ser isolados dos homens que o fizeram» (p. 7) e de que também os comportamentos destes nos oferecem explicações úteis. Lição útil que nos deve ajudar a navegar na atualidade internacional, na qual escasseiam exemplos positivos de liderança.

A segunda razão é a de que a relação entre os líderes e os seus países não deve ser indiferente na análise da política internacional. No caso particular, tratando-se de um regime com uma determinada natureza política – a União Soviética era totalitária –, em que a regra primordial era a da identificação absoluta do dirigente com o partido e com o Estado, torna-se mesmo indispensável conhecer quem era o líder, qual foi o seu percurso para chegar à cúpula do poder e que visão o movia enquanto homem de Estado, para perceber o país e a sua evolução. E aqui, antes de mais, importa entender o facto paradoxal de como é que um homem que era tido como um produto exemplar do sistema soviético se tornou, simultaneamente, num produto ‘fora’ do sistema e, como muito bem sublinha a autora, foi «tão diferente dos seus antecessores». No momento em que a Rússia volta a estar capturada por uma narrativa histórico-política determinada pela liderança do Kremlin, esta questão não é nada despicienda.

A terceira razão, por fim, prende-se com a aplicação de uma lente analítica associada também à segunda imagem proposta por Waltz (1959). Na fronteira cada vez mais ténue entre ‘o dentro e o fora’, a perspetiva *in-out*,

commumente associada ao nível de análise da política externa, revela bem como conhecer o contexto interno dos países ajuda a melhor entender a sua ação no domínio internacional. Como demonstrado pela Daniela Nunes – sobretudo nos capítulos III e IV deste livro –, o exame da Perestroika e da Glasnost e a compreensão de como estas foram tentativas derradeiras (e falhadas) de reformar um sistema que era completamente irreformável são determinantes para o entendimento do final da Guerra Fria. Ora, nos nossos dias, a procura de explicações sobre o início da Guerra na Ucrânia também exige que o nosso olhar se detenha no processo observado nos últimos anos de reforço da dimensão autoritária do sistema político russo e como este se refletiu na agenda externa daquele grande país. Só assim podemos entender realmente o presente.

Em boa hora decidiu o IEP lançar com a UCP Editora uma linha de publicações com as suas teses de mestrado mais bem qualificadas e que revelam a investigação de qualidade que os seus estudantes graduados têm desenvolvido. O livro que o leitor tem em mãos é um desses casos!

Abril de 2023

Nota Introdutória

Este livro baseia-se na minha dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa. Resulta da investigação que iniciei em abril de 2018 e concluí em dezembro de 2020 – embora nunca a possa dar como absolutamente concluída, e ainda bem! Quando ingressei no Mestrado, no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, ainda ninguém tinha ouvido falar na covid-19, razão pela qual eu estava muito longe de saber que defenderia a minha dissertação em casa, com o computador em cima da mesa de jantar, numa sala Zoom, a ver o júri aos quadradinhos. Nada disto, porém, retira àquele momento a sua magia e significado. Deste dia, para mim tão marcante, nasceu a crença de que as próximas páginas poderão contribuir de alguma maneira, positiva quero dizer, para que a História não seja esquecida e para que a importância dos homens e das suas ações também não. Infelizmente, nestas páginas estão retratadas matérias que se tornaram muito atuais no ano de 2022, com o deflagrar da guerra na Ucrânia. Enquanto preparei esta publicação, agora materializada num livro, o mundo transformou-se num caos à beira da III Guerra Mundial: vilas e cidades reduzidas a cinzas, mães e pais separados dos filhos, militares e civis a morrer, «bebés da guerra» a nascer. Este livro também é uma homenagem a estas pessoas, que lutaram ou lutam no meio do caos, que defenderam ou defendem a Liberdade, a sua e a dos outros, a dos nascidos e a dos que ainda estão por nascer.

Este não é um manual para compreender completamente o regresso do espírito adormecido da Guerra Fria, nos nossos dias tornada quente. Antes se trata de uma visita a um passado recente – pelo menos historicamente falando – e a um tempo em que a expressão territorial e espiritual do império russo-soviético ainda era a União das Repúblicas Socialistas

Soviéticas (URSS) (embora lhe restasse pouco tempo de vida). Falo dos anos de 1985 a 1991. Nesta narrativa, a visita ao passado é feita sob um olhar muito particular, que é o de um homem e líder: Mikhail Gorbatchov. Esta ressalva é muito relevante, na medida em que só uma leitura dos acontecimentos a partir deste olhar permitirá interpretar e compreender o processo de falência e implosão da URSS, à luz de quem outrora desejou reformá-la, recolocá-la no jogo de xadrez que é a Política Internacional e rever nele o seu papel de «império do mal».

Este livro parte do princípio de que a História não é, nunca será, independente dos homens que a constroem. E estes homens, por seu turno, assim como as suas ações, nunca serão independentes das suas raízes, da sua cultura e da sua educação. É por isso que esta história – aqui com «h» minúsculo – começa em 1931, quando nasce Gorbatchov, e se estende até ao dia de Natal de 1991, quando é extinta a URSS e a bandeira vermelha no Kremlin dá lugar à bandeira tricolor da Federação Russa. Neste intervalo de tempo, que equivale a uma vida, está o percurso de um líder que, antes de o ser, foi uma criança, um pequeno pioneiro, um jovem *apparatchik*, uma estrela em ascensão nas camadas altas do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), um «produto autêntico do sistema», em quem foi depositada a esperança quimérica de reerguer o soviétismo. Gorbatchov é este herói-trágico, como o chama um dos seus biógrafos, William Taubman. Para compreender a tragédia e o que de heroico existe nele, é preciso conhecê-lo desde 1931, experimentando observar a realidade pelos seus olhos.

Hoje, mais de três décadas volvidas sobre o fim da URSS e, portanto, sobre a libertação de uma série de povos e nacionalismos que viveram longamente sob a tutela de Moscovo, recordar o pensamento e a ação de Gorbatchov, desde a sua infância e ascensão política até à sua saída de cena, tem uma atualidade que creio poder ser a principal utilidade deste livro. Porque foi dos escombros da União Soviética, porventura do vazio geoestratégico que o seu colapso provocou, que veio a desentranhar-se a Rússia atual, de Boris Ieltsin, primeiro, e de Vladimir Putin, desde o início deste século XXI.

Gorbatchov – ou Gorbi, como ficou carinhosamente conhecido no Mundo Ocidental – morreu a 30 de agosto de 2022, levando consigo a alma de um libertador. Connosco, deixou um importante legado de lições

e transformações demasiadamente desconsideradas por uma sociedade livre e confortável, outrora dominada e oprimida. Nada para além deste legado o tornaria ainda mais digno de um Prémio Nobel da Paz, com que foi galardoado em 1990.

2 de dezembro de 2022

Enquadramento Teórico-Político

Ao mesmo tempo que constituem uma dinâmica impessoal, sobretudo assente em forças estruturais e princípios abstratos, os grandes processos políticos compreendem uma dinâmica individual, na qual os protagonistas e as suas decisões importam. Naquele que foi o processo que, no período entre 1985 e 1991, culminou na implosão do Império Soviético, a principal figura é Mikhail Gorbatchov. Neste livro, procuro refletir acerca do protagonismo deste líder político e compreender de que forma o *fator humano* influenciou o processo que conduziu simultaneamente ao fim da Guerra Fria, à demonstração do fracasso de uma ideologia e à queda de um império septuagenário.

No sentido de enquadrar teórica e analiticamente esta reflexão, o ponto de partida desta abordagem é a famosa obra de Kenneth Waltz – *Man, the State and War: a Theoretical Analysis* –, que sugere que os fenómenos que constituem a Política Internacional, em particular a guerra como seu acontecimento paradigmático, podem ser compreendidos através de três grandes imagens.¹ A cada uma delas corresponde um nível de análise com um potencial explicativo distinto – 1) o Homem, 2) o Estado e 3) o Sistema Internacional – e que aqui se aplica não para descobrir quais as causas dos fenómenos políticos, mas antes para pesar a importância relativa destas causas.²

De acordo com o primeiro nível de análise, a guerra é um fenómeno político que encontra a sua motivação na psicologia e natureza humanas. Neste que é o nível mais circunscrito da grelha analítica tripartida de Waltz, o Homem, seus comportamentos e impulsos ocupam o centro da ação

¹ Kenneth Waltz, *Man, the State and War: a Theoretical Analysis* (Nova Iorque: Columbia University Press, 2001), 12. Doravante apenas Waltz, *MSW*, seguido de página.

² *Ibidem*.

política. O segundo nível de análise, não se cingindo a critérios psicológicos ou sociológicos, amplia a chave explicativa das causas da guerra para a organização dos Estados, sua política doméstica e externa. O terceiro nível de análise introduz uma leitura sistémica das causas da guerra e das Relações Internacionais: não são apenas os homens ou as suas paixões, nem os Estados ou as suas ambições de poder os únicos responsáveis pela guerra, mas também a ausência de uma harmonia automática entre estes agentes. A ordem anárquica, que é característica própria do Sistema Internacional, é o que torna o conflito uma ameaça iminente e, por vezes, inevitável.

Neste livro, a utilização do conceito de *fator humano* é antes de mais inspirada na obra de Waltz e, muito particularmente, na primeira imagem da sua grelha tripartida. Em 2020, o mesmo conceito foi explorado por Archie Brown, numa análise profunda acerca da importância de três grandes líderes políticos nos últimos sete anos da Guerra Fria: Gorbatchov, Reagan e Thatcher. A obra de Brown é uma das grandes referências deste estudo, não só porque ajuda a compreender porque é que alguns líderes são a chave explicativa para diversos fenómenos da Política Internacional, mas também, e especialmente, porque trabalha sobre o caso específico de Mikhail Gorbatchov e o contexto dos sete anos da sua liderança na União Soviética.³

Como o próprio Waltz sugere, não é possível autonomizar completamente cada um dos três níveis de análise, porque em cada um deles existem elementos indispensáveis à interpretação de um mesmo fenómeno político: «Todas as imagens fazem parte da natureza. Tão fundamental é o Homem, o Estado ou o Sistema que, numa qualquer tentativa de compreender as Relações Internacionais, raramente um analista, por mais que penda para uma imagem, descarta inteiramente as outras duas».⁴ Não é essa, portanto, a intenção deste estudo. Ainda assim, a grelha analítica de Waltz permite ao mesmo tempo enquadrar um determinado fenómeno político no nível de análise cujo potencial explicativo melhor se adequa a ele. No âmbito do estudo das Relações Internacionais, e comparativamente

³ Archie Brown, *The Human Factor: Gorbachev, Reagan and Thatcher, and the End of the Cold War* (Oxford: Oxford University Press, 2020). Doravante apenas Brown, *The Human Factor*, seguido de página.

⁴ Waltz, *MSW*, 160.

com as teorias tradicionalistas de que é exemplo o realismo clássico de Hans Morgenthau, a novidade metodológica associada à tese de Waltz reside sobretudo na tentativa de distinguir entre os níveis micro e macro (as partes e o todo, respetivamente) na análise de um mesmo fenómeno político, e na associação entre ambos os níveis que é proposta pelo autor.⁵ No entender de Luís Lobo-Fernandes, a proposta de Waltz parece ser particularmente valiosa pela importância que atribui à «modelação teórica», isto é, pelo seu contributo metodológico para o estudo da Política Internacional, e pelo modo como o autor procura atingir o que se possa considerar «o mais próximo possível de uma teoria geral». A somar a isto, avança Lobo-Fernandes, a obra waltziana «encoraja-nos a não nos determos perante quaisquer ortodoxias de pensamento, mas a procurar, em liberdade, respostas que nem sempre estão imediatamente à mão. Esse é porventura o mais importante legado que nos deixou».⁶

O legado waltziano de que fala Lobo-Fernandes é o que permite centrar esta análise acerca do processo de implosão da União Soviética num de vários fatores explicativos, observando o problema a partir de um de vários ângulos: uma parte ou o todo. Tratando-se este de um estudo sobre o impacto do *fator humano* nos processos políticos, ele foca-se sobretudo na relevância do primeiro nível de análise e no pressuposto de que «os eventos da história do mundo não podem ser isolados dos homens que os fizeram».⁷ Não se pretende provar que a primeira imagem é a mais adequada à compreensão de todos os fenómenos políticos, mas sim aplicá-la como uma lente analítica.⁸ É evidente que outros fatores fora do domínio

⁵ Sigo Luís Lobo-Fernandes, «Uma Teoria Nomotética da Política Internacional ou a Construção da Verdade em Waltz: Algumas Considerações», *Relações Internacionais* 39 (setembro 2013), 16. Doravante apenas Lobo-Fernandes, «Uma Teoria Nomotética da Política Internacional ou a Construção da Verdade em Waltz», seguido de página.

⁶ *Ibidem*, 21-22.

⁷ Waltz, *MSW*, 27.

⁸ Este exercício não deve, pois, ser confundido com uma tentativa de contrariar a tese de Waltz, que é um pensador da terceira imagem, mas antes com uma tentativa de confirmar como diferentes imagens possuem potenciais explicativos distintos. A sua teoria é, como nota Carlos Gaspar, «uma teoria sistémica que trata das forças em jogo ao nível internacional e não ao nível nacional e cujas posições são definidas, no essencial, pela natureza anárquica do sistema». Carlos Gaspar, «Waltz, Morgenthau e Aron», *Relações Internacionais* 39 (setembro 2013), 9. Doravante apenas Gaspar, «Waltz, Morgenthau e Aron», seguido de página.

da primeira imagem waltziana ajudam a explicar o processo que culminou na implosão da União Soviética, por um lado, e no final da Guerra Fria, por outro. A razão pela qual, ainda assim, me foco no potencial explicativo deste nível de análise prende-se com o papel determinante desempenhado por Gorbatchov nestes dois processos. Conforme se verificará no próximo capítulo, Waltz é um analista da terceira imagem; ou seja, privilegia a estrutura ao invés das partes. Mas a sua teoria, que é sistémica, não negligencia a importância destas partes: é muito importante sublinhar que o objetivo central da grelha analítica waltziana não é o de saber quais são as causas da guerra, mas o de saber onde encontrar as principais causas da guerra. Não são as origens do problema, mas a definição da importância relativa dessas origens que torna a tese de Waltz tão útil e singular para o estudo da Política Internacional.

No contexto específico desta análise, a pertinência da primeira imagem justifica-se desde logo porque a reflexão será feita sob a perspectiva de um homem: Mikhail Gorbatchov. Do mesmo modo, e comparativamente com a segunda imagem, a adequação do primeiro nível de análise também se justifica pelo facto de se estar a trabalhar sob a cúpula de um regime totalitário, no caso marxista – no seio do qual não é possível dissociar o Estado do líder, e vice-versa.⁹ A escolha deste líder político deve-se, antes de mais, à curiosidade despertada pela sua postura tão invulgar dentro da cúpula totalitária e à questão central que tal curiosidade levanta: como é que o regime soviético «produziu» um líder tão diferente dos seus antecessores? Esta singularidade, que acredito caracterizar Gorbatchov enquanto homem soviético, mas também, e especialmente, enquanto líder soviético, constitui, por sua vez, a razão da escolha da primeira imagem, o *fator humano*, como sua lente analítica. Com efeito, no centro da análise do processo que se inicia em 1985, com a eleição de Gorbatchov para o cargo de Secretário-Geral do PCUS, e termina em 1991, com a descida da bandeira da União Soviética no *Kremlin*, destacam-se fundamentalmente elementos associados à personalidade, à formação e ao percurso político de Gorbatchov, tais como o seu otimismo tão característico, a geração a

⁹ Sobre a importância do líder e a sua indissociabilidade de todas as estruturas e instituições de poder, em particular no regime soviético, vide Graeme Gill, «The Soviet Leader Cult: Reflections on the Structure of Leadership in the Soviet Union», *British Journal of Political Science* 10, n.º (abril 1990), 167-186.

que pertenceu e as figuras com quem trabalhou durante os primeiros anos da sua vida política.

O primeiro sinal de que Gorbatchov viria a significar uma mudança, grande ou pequena, para a União Soviética e para os soviéticos foi a sua própria eleição: em vez da continuidade do poderio das figuras da ala geriatrica do partido, a eleição traduziu o reconhecimento da necessidade de eleger uma mente mais jovem, aberta e enérgica. Mas este não foi o principal sinal da mudança que Gorbatchov encarnou: o mais importante foi o modo como ele a tentou implementar. Ao contrário dos seus antecessores, não procurou transformar o sistema soviético de um dia para o outro, assim como também não procurou seguir a velha prática da uniformização total da sociedade soviética. Gorbatchov foi o exemplo de líder que Robert Tucker *tão fielmente sumariou*:

(...) alguém que procura tornar a ordem vigente bem-sucedida introduzindo nela mudanças e que reconhece que essas mudanças devem ser graduais, uma vez que implicam o afastamento de formas de pensar e agir culturalmente padronizadas ao longo de décadas.¹⁰

As transformações possibilitadas por este líder tornaram-se históricas não apenas porque reorientaram o rumo da História, mas principalmente pela forma pacífica e gradual como foram feitas. Nem todos os líderes são responsáveis por este tipo de transformações. Alguns não são responsáveis por quaisquer transformações. Todos os líderes têm, por isso, o que Joseph Nye classificou como «diferentes graus de impacto na História».¹¹ Nye também notou algo muito pertinente relativamente ao impacto que cada líder pode ter durante a sua liderança e, em particular, ao impacto de Gorbatchov na União Soviética e no mundo: este impacto é maior ou menor dependendo das circunstâncias, e é certamente maior em tempos

¹⁰ Tucker vai ainda mais longe, sugerindo que o projeto reformista de Gorbatchov podia mesmo ter servido como um primeiro impulso para a formação de uma «Entente Russo-Americana» (um projeto sobre o qual versa a conclusão do seu livro). Robert C. Tucker, *Politics as Leadership* (Missouri: University of Missouri Press, 1995), 159-160.

¹¹ Joseph S. Nye, Jr, *The Powers to Lead* (Oxford: Oxford University Press, 2008), 8. Doravante apenas Nye, *The Powers to Lead*, seguido de página.

de crise.¹² No caso de Gorbatchov, parece ser quase impossível ignorar o seu papel decisivo, que provavelmente nenhum outro líder soviético representaria, quer no processo que conduziu à implosão da União Soviética, quer no processo que conduziu ao fim da Guerra Fria. Se assim não fosse, o que é que pode explicar que, em apenas dois ou três anos (1983-1985), Ronald Reagan tenha deixado de ver na União Soviética um «império do mal»?¹³

Deve sublinhar-se que, neste livro, a importância do *fator humano* como um dos fatores explicativos para os fenómenos da Política Internacional é obviamente representada por Gorbatchov, sua equipa e liderança, mas não se esgota aqui. Outras figuras e suas personalidades, de alguma maneira invulgares, foram cruciais para as grandes transformações dos últimos sete anos da Guerra Fria: falo, por exemplo, do Presidente Reagan nos Estados Unidos da América, de Margaret Thatcher no Reino Unido, de Lech Walesa na Polónia, de Václav Havel na Checoslováquia, ou de Edward Shevardnadze dentro da própria União Soviética. É igualmente importante observar e compreender a conexão que Gorbatchov (e o seu projeto) provou ter com estas personalidades. O argumento deste livro centra-se, portanto, na importância de um homem, mas não descarta o papel fundamental de outras figuras. Parece, por isso, que são as pessoas, as suas ideias e os seus valores – no fundo, o *fator humano* – a primeira de várias chaves explicativas para o estudo do colapso do regime comunista soviético em 1991.

A Perestroika em «Três Linhas»

Mikhail Gorbatchov ascendeu ao cargo de Secretário-Geral do PCUS a 11 de março de 1985, na sequência da morte do seu antecessor, Konstantin Chernenko. A eleição de um homem de apenas cinquenta e quatro

¹² *Ibidem*, 9.

¹³ O Presidente norte-americano referiu-se à União Soviética como um «império do mal» num discurso, em março de 1983, na Associação Nacional dos Evangélicos, nos Estados Unidos. Durante a sua visita a Moscovo, em maio de 1988, foi questionado sobre se continuava a considerar o país como tal. Respondeu: «Não. Isso foi noutra época, noutra era». Jack F. Matlock, Jr, *Reagan and Gorbachev: How the Cold War Ended* (Nova Iorque: Random House, 2004), 439.

anos refletiu uma «mudança geracional»¹⁴ que colocou a nu a necessidade urgente de substituir a liderança decrépita de uma União Soviética economicamente estagnada e politicamente paralisada. Pela primeira vez desde o início da Guerra Fria, um relativamente jovem líder soviético – descrito por John Lewis Gaddis como inteligente, educado, dinâmico, honesto, com ideias e imaginação – permitiria ao seu país vislumbrar a possibilidade de ultrapassar a sua condição decadente.¹⁵ O princípio do mandato de Gorbachov na União Soviética traduziu-se, pois, e antes de qualquer outra coisa, em fortes expetativas, dentro e fora da URSS, de reerguer o país e na ambição de recuperar a pureza da sua ideologia.

A geração de políticos de onde surge Gorbachov remonta aos anos de Krushchev e a um primeiro momento em que se instituiu, se assim se pode dizer, um paradigma pós-estalinista na União Soviética. As revelações de Krushchev durante o XX Congresso do PCUS, em fevereiro de 1956, alertaram pela primeira vez uma geração de jovens – «os filhos do XX Congresso»¹⁶ – para o regime de terror que havia sido o Estalinismo. Gorbachov é um dos filhos desta geração, um símbolo incontornável do impacto que as revelações de Krushchev tiveram no processo de ascensão de um grupo de políticos e intelectuais na segunda metade da década de 1950.

Todo o percurso político de Gorbachov é pautado por uma crença desmedida na reformabilidade do sistema soviético, que é fortemente alimentada no período que se segue ao XX Congresso. Esta é talvez a fase mais importante do seu processo de formação política e ascensão dentro da estrutura partidária, o momento-chave no processo de maturação das suas ideias, na definição daquilo que desejava e do que não desejava, para o seu país, na formação e desenvolvimento da mente mais aberta e do espírito mais vanguardista da história das lideranças soviéticas.

Em 1985, a proposta do novo líder soviético para reformar o sistema e recuperar a pureza e dinâmica original da sua natureza leninista assentava

¹⁴ Paul Hollander, «Reflections on Communism: Twenty Years after the Fall of the Berlin Wall», *Cato Institute*, n.º 11 (novembro 2009), 4.

¹⁵ John Lewis Gaddis, *The Cold War* (Nova Iorque: Penguin Books, 2007), 229. Dora-vante apenas Gaddis, *The Cold War*, seguido de página.

¹⁶ Archie Brown, *The Gorbachev Factor* (Oxford: Oxford University Press), 39-40. Dora-vante apenas Brown, *TGF*, seguido de página.

em três grandes pilares: 1) a *Perestroika* (reestruturação), cujo objetivo era revigorar a economia soviética, designadamente através do aumento da produtividade e da mobilização intensiva dos recursos humanos e tecnológicos; 2) a *Glasnost* (transparência), que se traduziu numa tentativa de reduzir o fosso existente entre o poder e a sociedade, permitindo o acesso dos cidadãos à informação, à discussão e à participação; e 3) a Política do Pensamento Novo (*Novoe Myshlenie*), que inaugurou uma nova conceção soviética de Relações Internacionais, fundada no princípio da cooperação entre os Estados e na rejeição da retórica estalinista sobre a inevitabilidade do confronto entre «os dois mundos».

Quer na sua vertente doméstica, quer na sua vertente internacional, o plano reformista implementado por Gorbatchov deriva de um conjunto de características que lhe são muito particulares e que contrastam fortemente com as dos seus antecessores. Desde logo, o seu otimismo imperturbável e a sua autoconfiança – ambos notórios desde o tempo de escola. O próprio espírito de mudança que a morte de Estaline introduziu, em 1953, na União Soviética acabou por moldar muitas das ideias reformistas de Gorbatchov – é muito importante sublinhar que estes foram os anos em que estudou na Universidade (1950-1955) e que o espírito de mudança lhe permitiu desenvolver e amadurecer o seu pensamento, tão invulgar, talvez até algo excêntrico, para um jovem soviético.

Quando chega ao poder, Gorbatchov é um reformador, mas é um reformador dentro dos limites do sistema em que está inserido. Graham Allison e Robert Blackwill alertam para o perigo de «romantizar» excessivamente este líder, já que, apesar da sua admiração inequívoca por certos valores tipicamente ocidentais, como a liberdade e a democracia (embora dentro do seu entendimento próprio e de quem foi educado nas estruturas soviéticas), Gorbatchov é um homem que cresce dentro do comunismo e é pela sua devoção ao comunismo que chega ao poder.¹⁷ Por este motivo, o seu projeto reformista não deve ser entendido como uma tentativa de substituir o sistema vigente no seu país. Pelo contrário, ele reflete a tentativa de recuperar a pureza leninista dos anos 1920 – o que é particularmente evidente do ponto de vista económico. Note-se que, até 1987/88, a *Perestroika*

¹⁷ Cf. Graham Allison e Robert Blackwill, «America's Stake in the Soviet Future», *Foreign Affairs* 70, n.º 3 (verão 1991), 80.

mais não foi do que uma proposta semelhante à Nova Política Económica¹⁸ para incentivar, acelerar e modernizar a economia soviética. A esta política de incentivo e modernização económica, somou-se a ambição de introduzir na sociedade soviética – altamente embebida na lógica da corrupção, do clientelismo e da apatia – o espírito de abertura e transparência representado pela *Glasnost*. Por isto, o que Gorbatchov desejava para o seu país, na generalidade das suas aspirações, era simplesmente torná-lo «normal», se assim se pode dizer, e integrá-lo, enfim, como um parceiro responsável na comunidade internacional.¹⁹

No plano externo, o jovem líder distinguiu-se principalmente pela sua acessibilidade e gentileza pessoais, distantes da rigidez e displicência dos seus antecessores. No âmbito das relações soviético-americanas de 1985-1991, este contraste foi muito evidente. Assistiu-se, durante este período, a uma aproximação gradual e genuína das duas personalidades que mais contribuíram para o desfecho da Guerra Fria: «Reagan e Gorbatchov (...) criaram uma atmosfera na qual novas iniciativas eram possíveis».²⁰ Mas as características pessoais de Gorbatchov foram igualmente importantes no desenvolvimento de boas relações com outros líderes políticos, em particular no Ocidente: Margaret Thatcher, no Reino Unido, François Mitterrand, em França, ou Helmut Kohl, na Alemanha Ocidental, são alguns exemplos. Foram estas características, em conjunto com as conexões tão fortes e humanas que desenvolveu com os seus homólogos no Ocidente, que concederam a Gorbatchov o estatuto de um dos maiores responsáveis pelo final da Guerra Fria.²¹

Na Europa de Leste – o Império Externo soviético – as principais expectativas associadas à nova liderança soviética brotaram de uma importante alteração doutrinal, que surgiu acompanhada da invocação de uma Casa

¹⁸ Implementada por Lenine no início dos anos 1920 com o objetivo de reverter as medidas económicas adotadas durante o Comunismo de Guerra, a Nova Política Económica (NEP) traduziu-se na introdução de elementos tipicamente capitalistas na economia soviética e na ligeira liberalização do mercado como incentivos ao crescimento económico do país.

¹⁹ Sigo Carlos Gaspar, *O Pós-Guerra Fria* (Lisboa: Tinta da China, 2016), 98. Doravante apenas Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, seguido de página.

²⁰ Michael Mandelbaum e Strobe Talbott, *Reagan and Gorbachev* (Nova Iorque: Vintage Books, 1987), 15.

²¹ Sigo Brown, *The Human Factor*, 5.

Comum Europeia, para fazer face à lógica estalinista da inevitabilidade de um mundo dividido em dois blocos.²² Para os países-irmãos socialistas, Estados-satélite da União Soviética, a substituição da antiga Doutrina Brezhnev pela Doutrina Sinatra²³ significou a possibilidade de reaver aquilo que o Estalinismo no final da Segunda Guerra Mundial e, mais tarde, o Brezhnevismo lhes retiraram: uma identidade e voz próprias. É evidente que, como ressalva Martin Malia, o objetivo desta revisão doutrinal não passava por «sacrificar os ganhos da Segunda Guerra Mundial ou dissolver o Pacto de Varsóvia».²⁴ Antes, o que se pretendia era que estes países adotassem autonomamente as suas próprias *Perestroikas*. Em 1989, o que se verificou, porém, é que a *Glasnost* já tinha aberto nas sociedades leste-europeias, desde logo na polaca e na húngara, uma brecha demasiado funda para impedir aquela que veio a ser uma Revolução Europeia. O processo de ebulição destas sociedades estimulou em grande medida a crise de nacionalidades que, sobretudo a partir de 1989/90, colocou em perigo a sobrevivência da União Soviética tal como Gorbatchov a conhecera. Nesta fase, já era óbvio que todas as promessas de 1985 haviam falhado.

A promessa da *Perestroika* falhou, do ponto de vista económico, porque o sistema continuou a ser lento, centralizado e ineficiente – o que, tendo em conta a natureza político-ideológica deste sistema, não era de estranhar. Não obstante, do ponto de vista político e social, o que importa destacar é que a *Glasnost* acabou por dar força a um conjunto de velhos ressentimentos, dentro e fora da União Soviética, que retiraram a Gorbatchov a capacidade de (re)tomar as rédeas do poder no seu país. Numa fase mais avançada do processo reformista, foi a tentativa de democratizar as instituições de poder, juntamente com o incentivo leste-europeu, que fez deflagrar na União Soviética uma crise identitária fatal para o projeto

²² Sigo Livia Franco, «A Rússia e a Nova Europa», *Relações Internacionais* 43 (setembro 2014), 33. Doravante apenas Franco, «A Rússia e a Nova Europa», seguido de página.

²³ Foi assim que Gennadi Gerasimov, porta-voz de Gorbatchov para os assuntos externos, se referiu à nova política externa do Kremlin para os países da Europa de Leste. A expressão é alusiva ao tema *My Way* de Frank Sinatra.

²⁴ Martin Malia, *The Soviet Tragedy: A History of Socialism in Russia, 1917-1991* (Nova Iorque: The Free Press, 1994), 455. Doravante apenas Malia, *The Soviet Tragedy*, seguido de página.

de um «povo soviético único» («*Sovetskii Narod*»)²⁵. Esta crise e o seu desfecho, a 25 de dezembro de 1991, acabaram com qualquer que fosse a esperança de manter alguma forma de União entre as quinze repúblicas socialistas soviéticas.

Em última análise, e paradoxalmente, pode dizer-se que os planos reformistas de Gorbatchov resultaram não no aprofundamento da legitimidade do poder do país, mas antes na sua erosão, o que culminou por fim no seu desaparecimento definitivo. Várias forças externas contribuíram ativamente para este desfecho – desde a perda sucessiva de meios para manter o nível de competição com a outra superpotência (visível, por exemplo, na incapacidade da União Soviética para dar resposta a um programa americano como a SDI²⁶) à dessatelação dos países da Europa de Leste, há muito ansiosos por se libertarem do comando central moscovita. Mas foram as forças internas que tornaram possível uma implosão tão rápida: Gorbatchov criou mais inimigos dentro do seu país do que fora dele (como prova, por exemplo, a tentativa de golpe de agosto de 1991), subestimando, desde sempre, o ódio destes inimigos, alguns deles figuras que lhe eram bastante próximas.

Em suma, são múltiplos os fatores que explicam este desfecho, mas este livro pretende dar especial destaque àqueles relacionados com a própria figura do líder, seus princípios e convicções, suas escolhas e limites, suas incapacidades e erros.

²⁵ Graham Smith, «Nationalities Policy from Lenin to Gorbachev», in *The Nationalities Question in the Soviet Union*, ed. Graham Smith (Essex: Longman, 1992), 9-10. Doravante apenas Smith, «Nationalities Policy from Lenin to Gorbachev», seguido de página.

²⁶ *Strategic Defense Initiative*. A SDI foi um programa apresentado pelo Presidente Reagan em 1983 com o objetivo de construir um sistema espacial de defesa antimísseis. No contexto da Guerra Fria e das relações soviético-americanas, o sucesso da SDI daria aos Estados Unidos não só o monopólio espacial, como também o monopólio nuclear, uma vez que poderiam atacar a União Soviética, impossibilitando a retaliação. Do mesmo modo, a SDI significaria o fim da doutrina de destruição mútua assegurada (*Mutual Assured Destruction* – MAD), assente numa forma de equilíbrio de Nash em que nenhum dos lados, Estados Unidos e União Soviética, tinha incentivo para dar início a um confronto.

Capítulo 1

Kenneth Waltz e o Debate sobre os Níveis de Análise das Relações Internacionais

*Os eventos da história do mundo
não podem ser isolados dos homens que os fizeram.*

Kenneth Waltz, 1959

A leitura da Política Internacional não é um exercício simples e constante. As alternativas metodológicas, ou lentes analíticas, que tornam este exercício tão complexo, por vezes enigmático, viabilizam uma multiplicidade de interpretações e avaliações no que concerne aos fatores que influenciam e ao modo como influenciam as Relações Internacionais. Em 1959, junta-se a este universo pluridimensional o primeiro grande contributo de Kenneth Waltz (1924-2013) para a Ciência Política e as Relações Internacionais: *Man, the State and War: a Theoretical Analysis*. O debate aqui introduzido por Waltz concedeu a estas áreas um suporte metodológico que enquadrou o debate entre os intelectuais durante largos anos no período pós-Segunda Guerra Mundial. Na atualidade, a pertinência de algumas das ideias originalmente apresentadas pelo autor não perderam a sua relevância, antes, continuam a fornecer aos estudantes e eruditos uma base indispensável à leitura e à compreensão da História, do Mundo e da Política.

Na procura de uma explicação para as Relações Internacionais adequada à experiência e ao legado das duas Guerras Mundiais, a proposta teórica de Waltz em *Man, the State and War* constitui uma fórmula a partir da qual se tornou possível dividir e classificar as fontes de conflito no contexto internacional em três níveis: o Homem, o Estado e o Sistema Internacional.²⁷ A construção desta fórmula tripartida waltziana tem origem

²⁷ Sigo Gaspar, «Waltz, Morgenthau e Aron», 8.

no exercício de tentar compreender as motivações das relações entre os Estados, por um lado, e de dar resposta à pergunta sobre onde encontrar as principais causas da guerra entre eles, por outro. Metaforicamente, o autor refere-se a estes níveis de análise como *imagens*, sugerindo que este termo permite ao leitor criar uma imagem mental através da qual ele observa o mundo.²⁸ Cada uma das três imagens representa um nível de análise – embora Waltz nunca tenha usado este segundo termo – com um potencial explicativo distinto.

Ao debruçar-se sobre o *Problema dos Níveis de Análise nas Relações Internacionais*, J. David Singer reforça a relevância desta questão, que pode mesmo tornar-se determinante no desenrolar de uma investigação. O autor estabelece um conjunto de analogias que ajudam a compreender qual é exatamente a função e a conveniência dos níveis de análise:

Em qualquer área de investigação académica, existem sempre diversas formas de classificar e organizar o fenómeno em estudo para finalidades de análise sistémica. Quer nas ciências físicas, quer nas sociais, o observador pode escolher concentrar-se nas partes ou no todo, nos componentes ou no sistema. Pode, por exemplo, escolher entre as flores ou o jardim, as pedras ou a pedreira, as árvores ou a floresta, as casas ou o bairro, os carros ou o trânsito, os delinquentes ou o gangue, os legisladores ou a legislação, e assim por diante.²⁹

Inserida na lógica comparativa de Singer, a grelha tripartida de Waltz representa a possibilidade de observar e compreender os conflitos globais através de: 1) um nível mais circunscrito, cujo potencial explicativo se centra fundamentalmente no papel do Homem e suas ações – a primeira imagem; 2) um nível mais abrangente do que este último, focado nas características internas dos Estados, suas políticas doméstica e externa, como explicação para as suas ações externas – a segunda imagem; e 3) um nível mais amplo – o mais amplo – assente nas forças estruturais inerentes ao

²⁸ Waltz, *MSW*, ix.

²⁹ J. David Singer, «The Level-of-Analysis Problem in International Relations», *World Politics* 14, n.º 1 (outubro 1961), 77.

próprio Sistema Internacional para explicar a inevitabilidade da guerra – a terceira imagem.

No contexto específico desta análise, cujo propósito é o de compreender o impacto do *fator humano* nos processos políticos, focar-me-ei principalmente no potencial explicativo oferecido pela primeira imagem para estimar a influência de um líder político – Mikhail Gorbachov – no processo de implosão de um império septuagenário – a União Soviética. É importante sublinhar que a segunda e a terceira imagens não deixam de contribuir para esta análise, designadamente porque a complementam e a ampliam para além dos campos da psicologia e da sociologia. No entanto, é ao nível da primeira imagem que podemos construir uma visão centrada na natureza, formação e comportamentos de Gorbachov para entender a sua liderança política.

De acordo com a primeira imagem, na natureza humana podemos encontrar certas causas fundamentais dos fenómenos da Política Internacional, incluindo a guerra. O Homem está no centro de toda a ação política e, por isso, a leitura destes fenómenos deve incluir também critérios psicológicos, antropológicos e sociológicos. São os indivíduos os principais decisores e responsáveis políticos, resultando a prática internacional igualmente «do egoísmo, de impulsos agressivos mal direcionados, da estupidez».³⁰ Quando usam a primeira imagem, os analistas são consensuais na análise causal que estabelecem entre o Homem e o conflito, mas divergem no que concerne à possibilidade de alterar essa causa.³¹ Waltz categorizou-os, por isso, dividindo-os em dois grupos: pessimistas e otimistas. O que difere entre estes dois grupos é a sua análise da possibilidade de corrigir as características da natureza humana que fazem dela o motor de fenómenos como a guerra.

A análise dos pessimistas remonta à conceção hobbesiana de uma guerra de todos contra todos e deriva daquilo a que Morgenthau chamou *animus dominandi*³² (desejo de poder) naturalmente enraizado na natureza

³⁰ Waltz, *MSW*, 16.

³¹ *Ibidem*, 20.

³² Aqui importa referir a distinção que Morgenthau faz entre o mero desejo de sobrevivência dos homens, a que chama egoísmo, e o seu desejo pelo poder: «Pois os objetivos típicos do egoísmo, como comida, abrigo, segurança, e os meios através dos quais são obtidos, como dinheiro, empregos, casamento, e assim por diante, têm uma relação

do Homem – uma ideia igualmente explorada por autores antigos, como Santo Agostinho.³³ Para estes autores, «a guerra não apenas tem as suas origens no coração, na mente e na psicologia da besta humana, como, e mais importante ainda, essas origens não são mutáveis».³⁴ É a imutabilidade destas características, «a ubiquidade do mal na ação humana», que conduz os homens a transformar «igrejas em organizações políticas... revoluções em ditaduras... patriotismo em imperialismo».³⁵ Por ser fixa e incorrigível, a natureza humana, tal como ela é percebida pelos pessimistas, justifica não só a competição entre os homens, como também a passagem deste domínio para o domínio internacional, isto é, para a guerra entre Estados.

Em última instância, e de acordo com J. David Singer, o que estes analistas sugerem é que, desde que os homens existam tal como são, a guerra pode ser antecipada e vista como inevitável.³⁶ Ora, tendo a guerra origem na natureza defeituosa dos homens e sendo esta uma condição inalterável, estarão eles destinados a ser para sempre seres maldosos em busca de poder? Seguindo o raciocínio de Waltz, se assim for, talvez o resultado mais útil do argumento pessimista seja o de alertar para não se esperar demasiado da aplicação da razão aos problemas sociais e políticos.³⁷ A escola realista das Relações Internacionais situa-se nesta órbita.

Por oposição aos pessimistas, e embora também considerem que os homens estão no centro de toda a ação política, os otimistas acreditam na possibilidade de corrigir os seus defeitos.³⁸ Para estes analistas, na sua

objetiva com as necessidades vitais do indivíduo. O desejo de poder, por outro lado, não se refere à sobrevivência do indivíduo, mas à sua posição entre os seus semelhantes, uma vez assegurada a sua sobrevivência». Hans J. Morgenthau, *Scientific Man Versus Power Politics* (Londres: Latimer House, 1947), 165. Doravante apenas Morgenthau, *Scientific Man*, seguido de página.

³³ «Em vez de se ajudarem mutuamente, [os homens] agem de um modo mutuamente destrutivo. Cada um procura ser o primeiro [...] e tem mais orgulho no mal que fez aos outros do que no bem que fez a si mesmo». Waltz, *MSW*, 24.

³⁴ J. David Singer, «International Conflict: Three Levels of Analysis», *World Politics* 12, n.º 3 (abril 1960), 454. Doravante apenas Singer, «International Conflict», seguido de página.

³⁵ Morgenthau, *Scientific Man*, 165-166.

³⁶ Singer, «International Conflict», 454.

³⁷ Waltz, *MSW*, 40.

³⁸ *Ibidem*, 42.

maioria cientistas comportamentais, como psicólogos e sociólogos, o estudo do comportamento humano pode ser fundamental para a descoberta de metodologias educacionais e organizacionais que possam evitar, ou controlar, pelo menos, os instintos competitivos dos homens.³⁹ Os liberais internacionalistas valorizam esta possibilidade. Mas Waltz não parece crer nas esperanças demasiado vagas dos otimistas, vendo na sua teoria algo de ingénuo e, por isso, pouco útil: em boa parte das «recomendações pacifistas» destes pensadores estão implícitas soluções mais políticas do que sociais ou psicológicas. De acordo com Waltz, os otimistas caem facilmente numa de duas incongruências: ou apresentam soluções políticas em vez de soluções do foro social e psicológico, ou, no extremo oposto, ignoram por completo o papel da política nas soluções que apresentam, como se elas pudessem ser aplicados no vazio.⁴⁰

Basear o estudo das Relações Internacionais em critérios exclusivamente psicológicos seria, na análise de Waltz, cair no erro do «psicologismo», acreditando que tudo acontece porque os homens são naturalmente maus (independentemente da possibilidade de corrigirem esta maldade). De facto, «a natureza humana pode ter sido a causa da guerra em 1914, mas também foi a causa da paz em 1910. Nesse intervalo, muitas coisas mudaram, mas a natureza humana não».⁴¹ Para Waltz, a primeira imagem parece ser insuficiente porque não pode explicar toda a infinidade de fenómenos políticos.⁴² Além disso, se todos estes fenómenos estão relacionados com a natureza humana, então a sua explicação não pode cingir-se somente à natureza humana.⁴³

Para alguns autores, porém, o argumento de Waltz acerca da primeira imagem é demasiado redutor – para aplicar o termo utilizado pelo próprio autor em *Theory of International Politics* para categorizar as duas primeiras imagens.⁴⁴ Em primeiro lugar, porque reduz a análise da natureza humana a uma de duas interpretações, otimista ou pessimista. Em segundo, porque

³⁹ Sigo Singer, «International Conflict», 454-455.

⁴⁰ Waltz, *MSW*, 76-77.

⁴¹ *Ibidem*, 28.

⁴² *Ibidem*, 27.

⁴³ *Ibidem*, 80.

⁴⁴ Cf. Chris Brown, «Structural Realism, Classical Realism and Human Nature», in *Realism in World Politics*, ed. Ken Booth (Oxford: Routledge, 2011), 150.

parece ignorar o modo como também os homens podem moldar o ambiente em que vivem e não apenas o contrário.⁴⁵ J. David Singer acredita que o argumento de Waltz pode estar a ignorar «algumas potencialidades no estudo das ciências comportamentais para a política internacional».⁴⁶ A relevância do papel do Homem enquanto ator internacional, afirma o autor, não deve ser subestimada, e saber fazer uso do contributo das ciências comportamentais pode ser fundamental para a leitura e compreensão desse papel no contexto das Relações Internacionais. A título exemplificativo, Singer levanta uma questão que podemos considerar da maior pertinência para o estudo do impacto da liderança Gorbatchov no processo de implosão da União Soviética: «quem pode negar que poderíamos compreender melhor a política externa de um Estado se tivéssemos mais conhecimento sobre as raízes culturais das origens dos seus decisores?»⁴⁷ Para responder à questão que se propõe tratar neste livro – qual o impacto do *fator humano* nos processos políticos? – recorrer-se-á à primeira imagem waltziana, ou ao seu potencial explicativo, não para provar que esta é a lente mais adequada à leitura dos fenómenos políticos, mas antes para, através das características de um homem, líder político, compreender até que ponto ele pode ter sido um agente determinante, e se o foi de que modo, nas grandes transformações ocorridas entre 1985 e 1991, tanto no seu país, como no mundo.

Calcular a importância relativa de um líder, ou da sua liderança, não é um exercício simples e requer mais do que uma explicação unidimensional ou exclusivamente focada na primeira imagem. Requer, claro, um enquadramento das circunstâncias em que estes líderes operam, assim como das circunstâncias que antecederam a sua liderança (estas últimas são importantes para compreender em que medida um líder significa ou não um corte relativamente ao passado ou em que medida os seus feitos

⁴⁵ A crítica de Neta Crawford sugere que os homens estruturaram a política internacional com base nas suas próprias suposições sobre a sua natureza: de acordo com a competição, com a desconfiança e com o medo. «Estas suposições», avança, «foram institucionalizadas e tornaram-se ‘o sistema’». Neta C. Crawford, «Human Nature and World Politics», in *Realism in World Politics*, ed. Ken Booth (Oxford: Routledge, 2011), 172.

⁴⁶ Singer, «International Conflict», 455.

⁴⁷ *Ibidem*.

podem ser considerados inovadores). É este enquadramento que permite pesar a diferença do impacto que cada líder teve durante a sua liderança. É evidente que Adolf Hitler, Winston Churchill e Mikhail Gorbatchov foram líderes imprescindíveis para o rumo que a história do século xx tomou. Mas também é evidente que não é possível comparar, por exemplo, as razões do impacto de Hitler com as do impacto de Gorbatchov.⁴⁸ Por outro lado, e para sublinhar a importância das circunstâncias, note-se, como notou Nye: «Churchill teria sido uma figura secundária nos livros de História se Hitler não tivesse invadido a França em maio de 1940».⁴⁹

Para lidar com esta problemática, Sidney Hook distinguiu entre dois tipos de líderes: os *eventful* e os *event-making*. Os primeiros são capazes de influenciar a História. Os segundos são capazes de a criar.⁵⁰ De acordo com Nye, o que faz de Gorbatchov um destes últimos líderes é o seu caráter «transformador», que, embora de forma não intencional, o fez redirecionar aquele que seria o sentido expectável da História entre 1985 e 1991 (isto é, o do prolongamento da Guerra Fria).⁵¹ Outros autores, como Herbert Spencer, discordam de uma visão tão centrada no papel de um homem só e, portanto, inserida no domínio da primeira imagem. Para Spencer, os grandes fenómenos políticos e as grandes transformações sociais e políticas da História são o resultado de um conjunto de condições, e não de um tipo de personalidade.⁵² A sua leitura não é, por isso, compatível com a dos analistas do primeiro nível de análise waltziano. Por oposição, outros autores, como Robert Tucker, sugerem que, pelo menos numa parte dos casos, os indivíduos têm efetivamente um papel determinante no decurso dos fenómenos da Política Internacional.⁵³

⁴⁸ Sigo Nye, *The Powers to Lead*, 5-6.

⁴⁹ *Ibidem*, 6.

⁵⁰ Sidney Hook, «The Eventful Man and the Event-Making Man», in *Political Leadership: A Source Book*, ed. Barbara Kellerman (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1986), 25-27. Doravante apenas Hook, «The Eventful Man and the Event-Making Man», 25-27.

⁵¹ Sigo Nye, *The Powers to Lead*, 7-8.

⁵² Herbert Spencer, «The Great Man Theory Breaks Down», in *Political Leadership: A Source Book*, ed. Barbara Kellerman (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1986), 10-15.

⁵³ Robert C. Tucker, «The Dictator and Totalitarianism», in *Political Leadership: A Source Book*, ed. Barbara Kellerman (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1986), 49-58.

Assumindo, assim, que a natureza dos homens não pode explicar completamente os eventos políticos, a guerra ou a paz, Waltz argumenta que a compreensão destes fenómenos exige uma análise mais ampla, que não se cinja somente aos critérios psicológicos, antropológicos e sociológicos apontados pelos analistas da primeira imagem.⁵⁴ A análise mais ampla de que fala Waltz implica o abandono da esfera mais circunscrita da primeira imagem e a adoção de uma de duas lentes: os Estados, em nome dos quais a guerra acontece, ou o sistema internacional, que abrange a totalidade destes atores. A segunda imagem privilegia a primeira destas duas lentes: de acordo com o segundo nível de análise, a chave interpretativa da guerra está na «organização interna dos Estados»,⁵⁵ bem como no modo como estes veem o mundo e agem sobre ele. São as características específicas de cada Estado – «a natureza das suas instituições políticas, os seus modos de produção e distribuição, a qualidade e as origens das suas elites e (por vezes) as características do seu povo»⁵⁶ – que determinam o seu estatuto pacífico ou beligerante e, conseqüentemente, o tipo de interação que desenvolverão com os outros Estados.

É o impacto das forças internas de cada Estado que, de acordo com a segunda imagem, define a sua posição em matéria de política externa. Assim, e como observou Waltz, o que estes analistas parecem sugerir é que são os defeitos destas forças internas a justificação para a guerra entre diferentes Estados.⁵⁷ Mas a correção destes defeitos não significa necessariamente a inexistência de conflitos. Waltz também observa que o mal e o que é considerado um defeito podem ser percecionados de formas muito diversas e heterogéneas: «Deste modo, uma nação pode alegar que ainda não alcançou as suas fronteiras 'naturais,' que essas fronteiras são necessárias à sua segurança, que a guerra pela expansão do Estado até às suas dimensões merecidas é justificada ou mesmo necessária».⁵⁸ Assumindo, mesmo assim, que os defeitos dos Estados podem ser corrigidos

⁵⁴ Waltz, *MSW*, 81.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ Singer, «International Conflict», 457.

⁵⁷ Waltz, *MSW*, 83.

⁵⁸ *Ibidem*.

por meio da sua reforma interna, surge o problema de saber o que é considerado bom para cada Estado:

De que maneira deve a estrutura dos Estados ser alterada? Que definição de 'bom Estado' deve servir como padrão? (...) Karl Marx define 'bom' em termos de propriedade dos meios de produção; Immanuel Kant, em termos de princípios abstratos de direito; Woodrow Wilson, em termos de autodeterminação nacional e organização democrática moderna.⁵⁹

O que une estes critérios díspares é a ideia de que somente uma reforma dos Estados que conduza a um determinado padrão organizacional e que se torne comum a todos eles pode resolver o problema da guerra e, por isso, levar à paz.⁶⁰ Para Waltz, o problema desta equação demasiado linear está em confundir aquilo que se considera ser uma análise causal do problema com uma resolução do mesmo problema. O plano reformista implementado por Gorbachov aquando da sua chegada ao poder na União Soviética em 1985 parece ser um exemplo deste equívoco.

A proposta da segunda imagem parece dividir-se em dois grandes pressupostos: primeiro, são os «maus Estados» a principal causa da guerra; segundo, os «Estados bons» promovem a paz no mundo. O problema, de acordo com Waltz, não está tanto no primeiro pressuposto, que não é totalmente falso, mas no segundo, que não é totalmente verdadeiro.⁶¹ A guerra e a paz não podem ser apenas a matéria do que se consideram ser Estados maus e bons, respetivamente. Por isso, argumenta o autor, os fundamentos da inadequação do segundo nível de análise são muito semelhantes aos do primeiro:

⁵⁹ *Ibidem*, 83-84.

⁶⁰ «Marx, por exemplo, acreditava que os Estados desapareceriam pouco depois de se tornarem socialistas. O problema da guerra, se a guerra for definida como conflito violento entre Estados, nesse caso não persistiria. Kant acreditava que os Estados republicanos aceitariam voluntariamente ser orientados por uma lei universal por eles próprios concebida. Wilson defendeu enfaticamente vários requisitos para a paz, como a melhoria da compreensão internacional, a segurança e o desarmamento coletivos, uma confederação mundial de Estados». *Ibidem*, 84.

⁶¹ *Ibidem*, 122.

No caso desta [primeira imagem], a alegação de que os homens fazem a sociedade, incluindo a sociedade internacional, em que vivem foi criticada por ser não só errônea como também incompleta. Deve-se acrescentar que as sociedades em que vivem fazem os homens. E o mesmo ocorre nas Relações Internacionais. As ações dos Estados, ou, mais precisamente, dos homens que agem em nome dos Estados, constituem a substância das Relações Internacionais. Mas o ambiente político internacional tem muito a ver com o modo como os Estados se comportam.⁶²

Todos os Estados precisam de estar permanentemente alerta e prontos para fazer uso da força em resposta a uma qualquer ameaça, caso contrário, sofrerão as consequências da sua falta de preparação. Mas precisam simultaneamente de encontrar o equilíbrio entre o excesso e a escassez desta preparação: «A fraqueza excessiva pode convidar a um ataque adversário que uma força maior teria dissuadido. A força excessiva pode levar outros Estados a aumentar a sua capacidade armamentista e a unir esforços contra o Estado dominante».⁶³ O que determinará o comportamento dos Estados, portanto, não é a sua organização interna – como sugerido pela segunda imagem –, nem os homens que compõem a sua sociedade – como sugerido pela primeira imagem –, mas antes as circunstâncias em que se encontram todos os outros Estados. A estratégia de um está dependente da estratégia de todos os outros. Estas circunstâncias, por sua vez, são definidas pelo próprio sistema internacional, no seio do qual não existe uma entidade reguladora suprema. Na ausência de uma tal entidade e de uma «harmonia automática»⁶⁴ entre tantos Estados soberanos, juízes das suas próprias pretensões e inquietações, o conflito é sempre uma ameaça potencial.⁶⁵ Como sumariza Carlos Gaspar, «os Estados (...) podem ser conservadores, revisionistas ou revolucionários, mas antes de mais são todas entidades funcionalmente equivalentes (*like-units*),

⁶² *Ibidem*, 122-123.

⁶³ Kenneth Waltz, «The Origins of War in Neorealist Theory», *The Journal of Interdisciplinary History* 18, n.º 4 (primavera 1988), 616. Doravante apenas Waltz, «The Origins of War in Neorealist Theory», seguido de página.

⁶⁴ Waltz, *MSW*, 160.

⁶⁵ *Ibidem*, 159-160.

que se diferenciam pelo seu poder relativo». Nesse sentido, continua, «[é] a distribuição do poder – bipolar ou multipolar – [que] determina o quadro das estratégias e das alianças dos Estados, bem como as condições de paz e estabilidade do Sistema Internacional».⁶⁶

Na terceira imagem, Waltz recupera em certa medida o conceito de anarquia de Hobbes, estendendo-o à «condição central e inultrapassável das relações entre os Estados – a estrutura – da qual as unidades estão em permanente dependência».⁶⁷ A sua teoria da Política Internacional é uma teoria sistémica que, não ignorando a importância destas unidades, trata das forças em jogo a um nível internacional e não nacional.⁶⁸ Os fenómenos políticos resultam da interação das unidades e, por isso mesmo, só uma leitura estrutural desses fenómenos pode ser suficientemente válida e fidedigna. De outra forma, uma leitura dos resultados das interações a nível internacional que tenha em conta apenas as ações de cada unidade, mas não as circunstâncias que condicionaram essas mesmas ações, pode tornar-se enganosa.⁶⁹ Neste sentido, o que distingue fundamentalmente a terceira imagem das duas primeiras é a sua capacidade de explicar que, por razões estruturais e não apenas ligadas aos homens ou aos Estados de modo particular, qualquer conflito é um facto permanentemente iminente. Para Waltz, é esta capacidade que faz da terceira imagem a única capaz de fundar uma teoria geral das Relações Internacionais. A autonomia que Waltz atribui à «estrutura» explica-se na medida em que, no seu entendimento, a construção de qualquer teoria das Relações Internacionais deve partir de uma lógica de fora para dentro (*outside-in*), contrária à lógica de dentro para fora (*inside-out*), que é privilegiada pelas teorias que o autor define como tradicionalistas.⁷⁰

A tese de Waltz não pode, contudo, ser considerada uma tese monocausal, isto é, baseada somente na utilidade da terceira imagem.⁷¹ Em

⁶⁶ Gaspar, «Waltz, Morgenthau e Aron», 9.

⁶⁷ Diana Soller, «Waltz, a Diversidade das Democracias e a Semelhança dos Estados», *Relações Internacionais* 39 (setembro 2013): 48.

⁶⁸ Waltz, «The Origins of War in Neorealist Theory», 618.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ Gaspar, «Waltz, Morgenthau e Aron», 9.

⁷¹ Sigo Hidemi Suganami, «Understanding Man, the State and War», in *Realism in World Politics*, ed. Ken Booth (Oxford: Routledge, 2011), 199.

rigor, nenhuma das três imagens pode ser completamente autonomizada. Nenhuma delas constitui causa única para a explicação do fenômeno da guerra nas Relações Internacionais. O principal propósito da grelha analítica waltziana é o de saber onde encontrar as principais causas da guerra, e não o de saber quais são as causas da guerra. Compreender este propósito é relevante na medida em que «pesar as causas [da guerra] é um exercício muito diferente de as encontrar».⁷² Este exercício não passa por explicar especificamente o que é que dá origem ao conflito, mas antes por ordenar as suas origens de acordo com uma hierarquia que se define pela importância relativa dessas mesmas origens.

Para uma melhor compreensão desta hierarquia, Waltz insere a sua teoria numa lógica teatral, estabelecendo uma analogia entre a Política Internacional e um teatro: os atores ocupam o lugar da primeira e da segunda imagens; o palco ocupa o lugar da terceira. Assim, é o Sistema Internacional o cenário que molda e define os padrões de interação dos seus atores – homens e Estados. Nesta comparação está contida uma mensagem que Waltz faz questão de tornar clara na conclusão da sua obra:

A terceira imagem descreve a estrutura da Política Internacional, mas sem a primeira e a segunda imagens não é possível conhecer as forças que determinam essa política; a primeira e a segunda imagens descrevem as forças da política internacional, mas sem a terceira imagem seria impossível avaliar a sua importância ou prever os seus resultados.⁷³

O debate heterogêneo formado em torno da questão – que impacto pode um homem ter num processo político? – sugere desde logo que é possível observar e analisar o mesmo problema de acordo com uma pluralidade de fatores explicativos: uma parte ou as «circunstâncias». O ângulo analítico deste livro centra-se num destes fatores explicativos – o *fator humano* –, mas não desconsidera, evidentemente, a existência e a relevância dos restantes. O que se propõe realizar é precisamente a leitura e análise do que se passou na União Soviética, na Europa de Leste e no contexto da Guerra Fria através do potencial específico de um fator

⁷² *Ibidem*, 198.

⁷³ Waltz, *MSW*, 238.

explicativo, que aqui se designa por *fator humano*. Não se trata, portanto, de apresentar uma teoria geral do final da Guerra Fria, e menos ainda da implosão da União Soviética, mas antes de perceber como o fator Gorbachov teve nesses processos um papel determinante, em que medida o teve e como foi isso possível.

Capítulo 2

Gorbatchov: Origens, Formação e Percurso Político

Se pensarmos naquilo que o destino fez de mim, levando-me, não só a participar numa das viragens mais importantes do século xx, mas também a chefiar esse processo, posso dizer que a sorte me sorriu. É muito raro um homem viver um tal acontecimento. Mas só as pessoas que me são muito próximas sabem como o fardo me pesou, como, por vezes, estive no limitado desespero. De uma maneira geral, não há reformadores felizes.

Mikhail Gorbatchov, 1993

Gorbatchov tem fortes motivos para ser considerado um dos maiores reformadores da história da Rússia e o indivíduo que causou o impacto mais profundo na história mundial na segunda metade do século xx.

Archie Brown, 1996

As narrativas dos principais eventos históricos e das grandes transições políticas do mundo na modernidade demonstram que existe uma tendência por parte dos historiadores, politólogos e intelectuais para vincular a estes eventos explicações sobretudo inseridas nos domínios dos dois últimos níveis de análise waltzianos – a segunda e a terceira imagens. Alternativamente, esta tendência surge contrariada por autores que sublinham a importância do elemento pessoal existente em cada um destes eventos e nas lideranças políticas a eles associadas. No caso específico da história da Rússia, o sociólogo Andrus Park recorda:

uma das tarefas [desta história] parece ser a de relembrar a humanidade outra e outra vez o quão importantes são os indivíduos na História. Ivan, o Terrível, Pedro, o Grande, Vladimir Lenine, Joseph Estaline, e muitos outros

provaram de maneiras diferentes que as ações dos líderes políticos podem influenciar significativamente o curso dos acontecimentos.⁷⁴

Por outro lado, no contexto daquele que foi o saldo final da Guerra Fria e da União Soviética em 1991, a análise do professor e historiador russo Vladislav Zubok sobre a influência da personalidade e do caráter de Mikhail Gorbatchov sugere que a leitura destes acontecimentos não se pode dissociar do *fator humano* e, por isso, do campo analítico da primeira imagem. De acordo com o argumento de Zubok, «muitos aspetos do final da União Soviética e da Guerra Fria só podem ser compreendidos através do fator personalidade de Gorbatchov».⁷⁵

A linha argumentativa deste capítulo não está longe das asserções de Park e Zubok: as próximas linhas versam sobre o modo como as origens, a infância e a educação de Gorbatchov influenciaram o seu caráter e decisões enquanto líder político. A tentativa de dar resposta a questões como «porque é que Gorbatchov se tornou Gorbatchov?» ou «o que há de particular em Gorbatchov que não houve nos outros líderes soviéticos?» começa precisamente nestes elementos de cariz pessoal e na análise do seu impacto no homem, adulto, Secretário-Geral e, agora, «herói trágico».⁷⁶

2.1 Gorbatchov e a Geração dos Filhos do XX Congresso

Mikhail Sergeievitch Gorbatchov nasceu a 2 de março de 1931 em Privolnoye, uma aldeia da região de Stavropol, no Norte do Cáucaso. Ao contrário dos seus antecessores, nasceu após 1917. Foi o primeiro e único líder da União Soviética a nascer no período pós-1917.⁷⁷ Apesar de serem muito novos por altura da Revolução de Outubro, Brezhnev, Andropov e Chernenko ainda experienciaram carreiras políticas à boa moda estalinista.

⁷⁴ Andrus Park, «Gorbachev and the Role of Personality in History», *Studies in Comparative Communism* XXV, n.º 1 (março 1992), 47.

⁷⁵ Vladislav Zubok, «Gorbachev and the End the Cold War: Perspectives on History and Personality», *Cold War History* 2, n.º 2 (janeiro 2002), 61. Doravante apenas Zubok, «Gorbachev», seguido de página.

⁷⁶ William Taubman, *Gorbachev: A Biografia* (Porto Salvo: Desassossego, 2018), 33. Doravante apenas Taubman, *Gorbachev*, seguido de página.

⁷⁷ Cf. Orlando Figes, *Revolutionary Russia, 1891-1991* (Londres: Penguin Books, 2014), 382-383. Doravante apenas Figes, *Revolutionary Russia*, seguido de página.

Khrushchev, que antecederia Brezhnev, foi quem mais conviveu com o legado estalinista e, talvez por isso, tenha sido ele o autor audacioso da primeira grande exposição do regime de terror de Estaline, num discurso secreto proferido durante o XX Congresso do PCUS, a 25 de fevereiro de 1956.

O discurso de Khrushchev significou um ponto de viragem crucial, quer para o projeto soviético, quer para a geração de jovens políticos que estava ainda a formar-se. O impacto deste momento foi tal, que, nos anos seguintes, aqueles jovens ficariam conhecidos como «os filhos do XX Congresso».⁷⁸ Para Gorbatchov – que foi um desses filhos – esta fase da juventude e as revelações de Khrushchev, como o próprio as denominou,⁷⁹ significaram uma quebra na crença inabalável no Estalinismo e um primeiro vislumbre sobre a possibilidade de reforma no seu país. De acordo com as suas memórias escritas,

somente depois do discurso de Khrushchev no Vigésimo Congresso é que comecei a compreender a ligação entre aquilo que aconteceu no nosso país e aquilo que tinha acontecido à minha família. As memórias e associações de infância fundiram-se com o início de uma consciencialização sobre o que era o Estalinismo.⁸⁰

Em 1931, estava em vigor o processo de coletivização da agricultura na União Soviética e todas as atrocidades a ele associadas. A família humilde de Gorbatchov era obrigada a uma gestão meticulosa dos bens, fundamentalmente os alimentares, para sobreviver. Gorbatchov aprendeu desde tenra idade a trabalhar para contribuir para o esforço familiar. Esta aprendizagem e o trabalho árduo no campo valeram-lhe, aos dezassete anos, uma das mais honrosas medalhas da União Soviética: a Ordem da Bandeira

⁷⁸ Brown, *TGF*, 39-40.

⁷⁹ Cf. Mikhail Gorbachev e Zdenek Mlynár, *Conversations with Gorbachev: on perestroika, the Prague Spring and the crossroads of socialism* (Nova Iorque: Columbia University Press, 2002), 21. Doravante apenas Gorbachev e Mlynár, *Conversations*, seguido de página. Para uma síntese destas revelações, vide Bertram D. Wolfe, *Khrushchev and Stalin's Ghost: The Background, Motives and Meaning of Khrushchev's Secret Address* (Nova Iorque: Praeger, 1957), 102.

⁸⁰ *Ibidem*.

Vermelha do Trabalho. Todavia, apesar de os seus talentos naturais o terem ajudado e de ter tido alguma sorte, foi durante a infância que Gorbatchov passou por alguns dos maiores infortúnios da sua vida. Esta fase, sublinha Archie Brown, «coincidiu com os anos mais severos da história soviética e com alguns dos momentos mais trágicos de toda a história da Rússia».⁸¹

A sua primeira grande desventura – revelou o próprio numa entrevista em 1990 – foi a prisão e tortura de ambos os avós pelas forças estalinistas.⁸² A experiência dos avós revelou-se particularmente traumática para o jovem Gorbatchov, que, de repente, se viu como membro da família de um inimigo do povo e alguém com quem não era bom estabelecer amizade.⁸³ Outro grande momento de adversidade foi a invasão do território soviético pelas tropas alemãs, a 22 de junho de 1941. No verão do ano seguinte, a cidade de Stavropol foi ocupada pelos nazis e a realidade bélica estava apenas a pouca distância de Gorbatchov, que era na altura uma criança de onze anos.

Naturalmente, a guerra trouxe ainda mais dificuldades à família de Gorbatchov, em especial porque o seu pai deixara Privolnoye para combater até finais de 1944. A ausência do pai e o seu testemunho ao regressar a casa afetaram Gorbatchov de uma maneira que talvez possa explicar a sua resistência tão firme ao uso da violência – uma das características que viria a pautar muitas das decisões que tomou ao longo da sua liderança política, quase quarenta anos mais tarde.

2.2 Educação: Da Filiação na *Komsomol* à Entrada na MGU

Aos catorze anos, finda a guerra, Gorbatchov entrou na escola da aldeia, embora não estivesse minimamente motivado para isso, dadas as circunstâncias em que o país e a sua família se encontravam. O primeiro dia foi, na verdade, um desastre e não faria prever o aluno brilhante que se formaria poucos anos depois. Mas, «nessa noite deve ter-se passado qualquer coisa na minha cabeça, pois pela manhã levantei-me e fui para a escola. No fim do ano obtive um certificado de mérito e, a partir daí,

⁸¹ Brown, *TGF*, 26.

⁸² O seu avô paterno foi enviado para a Sibéria por incumprimento de um plano de co-lheita e o avô materno torturado, sob a acusação de pertencer a uma organização trotskista. Cf. Brown, *TGF*, 26.

⁸³ Sigo Gorbachev e Mlynár, *Conversations*, 14.

passsei sempre com distinção». ⁸⁴ Gorbatchov não revelou ser apenas um bom aluno; ele era um intelectual nato, um porta-voz e representante dos colegas, um amigo e um juiz na resolução das brigas dos outros. Foi nestes primeiros anos de escola que começou a ganhar a autoconfiança e a elevada autoestima que o caracterizaram particularmente enquanto homem adulto e político. Foi então que começou a descobrir em si a «natureza de um reformador», ⁸⁵ como afirmou no seu livro de memórias.

Em 1946, ainda durante o ensino primário, associou-se à *Komsomol* (organização juvenil do PCUS). Para quem ambicionasse prosseguir estudos, designadamente na Universidade, construir um currículo e obter um relatório favorável na *Komsomol* era indispensável. No liceu, tornar-se-ia líder da organização e, a partir daí, o processo de ascensão nunca mais abrandaria. O seu percurso não poderia ter sido mais rápido, fácil e positivo – mais adiante apresenta-se uma análise detalhada deste processo. Estes anos no liceu foram combinados com o trabalho no campo, que Gorbatchov executava cada vez mais eficazmente com a ajuda do seu pai. Aos quinze anos arranhou trabalho como assistente numa estação de máquinas agrícolas e, dois anos depois, superou o recorde na colheita que, juntamente com o pai, lhe valeu uma medalha assinada por Estaline.

Quando concluiu o liceu, Gorbatchov não estava apenas certo de que queria continuar a estudar, como sabia também onde é que desejava fazê-lo. «A MGU [Universidade Estatal de Moscovo] era na URSS aquilo que Harvard é nos Estados Unidos». ⁸⁶ Mas seria um sonho demasiado utópico para qualquer jovem camponês na URSS, como era o caso de Gorbatchov, conseguir entrar na universidade mais prestigiante do país. Além disso, os seus pais não podiam contribuir de modo algum para a concretização desse sonho. Só o seu próprio esforço e dedicação poderiam pesar decisivamente na candidatura ao ensino superior na capital soviética. E assim foi. Um conjunto de aspetos foi determinante para a sua admissão em 1950: desde logo, a honrosa medalha que recebera, em 1948, mas também o seu desempenho enquanto trabalhador, os bons

⁸⁴ Gorbatchov citado em Taubman, *Gorbachev*, 55.

⁸⁵ Mikhail Gorbatchov, *Ante-Memórias* (Lisboa: Edições ASA, 1993), 36. Doravante apenas Gorbatchov, *Ante-Memórias*, seguido de página.

⁸⁶ Taubman, *Gorbachev*, 67.

resultados escolares e a filiação na *Komsomol*. A somar a estes aspetos, pela mesma altura em que se candidatou à MGU, conseguiu também ser candidato a membro do PCUS, justificando ainda mais os motivos para o admitirem.⁸⁷

Quando foi admitido, mais do que preocupado com os desafios que a nova vida lhe traria, Gorbatchov estava radiante, «transbordava de felicidade (...) da cabeça não me saíam as palavras ‘Sou aluno da Universidade de Moscovo’».⁸⁸ Os cinco anos que se avizinhavam foram fundamentais no seu percurso de vida e político. Porém, ao mesmo tempo que lhe trouxe muitas vantagens e boas experiências, este período fez também com que se desenvolvesse entre os colegas um espírito de suspeição face às capacidades intelectuais de Gorbatchov e à possibilidade de ele vir a construir um pensamento político próprio, novo e pouco ortodoxo.⁸⁹ Na base desta desconfiança estava a sua versatilidade, quer na vida académica, quer na vida social.

Nas palavras de Gorbatchov, a Universidade foi a principal fonte que lhe deu

o conhecimento básico e a força interior que foram decisivos para as escolhas que fiz. Foi aí que dei início ao longo processo de reavaliar a história do meu país, o seu presente e o seu futuro. De uma coisa estou certo: sem aqueles cinco anos não haveria o político Gorbatchov.⁹⁰

Esta força interior de que fala foi necessária tão cedo quanto a sua chegada à MGU: Gorbatchov era um jovem provinciano com hábitos que contrastavam muito com os dos seus colegas citadinos, e isso era perceptível pelo sotaque, pelas roupas e pelos conhecimentos básicos. Mas esta desvantagem foi rapidamente colmatada, sobretudo ao nível dos conhecimentos, porque, de acordo com um dos seus biógrafos, «Gorbatchov lia tudo o que lhe chegava às mãos».⁹¹ Em pouco tempo, começou a ser

⁸⁷ Cf. Gorbachev e Mlynár, *Conversations*, 15.

⁸⁸ Gorbatchov citado em Taubman, *Gorbachev*, 69.

⁸⁹ Sigo Brown, *TGF*, 29.

⁹⁰ Gorbatchov citado em Taubman, *Gorbachev*, 71.

⁹¹ *Ibidem*, 56.

capaz de manter longas conversas sobre assuntos académicos, revelando perante os colegas e professores uma aptidão espontânea para tratar e debater as mais diversas matérias. Simultaneamente, desenvolveu excelentes capacidades de integração e adaptação àquele mundo que era novo. A dada altura, estas capacidades transformaram-se num espírito de autonomia, autoconfiança e sociabilidade que todos admiravam e que nunca mais deixariam de o caracterizar como estudante e, mais tarde, líder político. A somar a isto, em 1952, foi elevado a membro de pleno direito do partido.

2.3 A Entrada no PCUS e o Nascimento do Gorbatchov Político

Durante os cinco anos na Universidade (1950-1955), Gorbatchov viveu alguns dos mais relevantes eventos da sua vida pessoal e formativa. Do ponto de vista pessoal, foi neste período que conheceu Raïssa, com quem mais tarde se casou e teve uma filha. A relação dos dois enquanto casal era excepcionalmente próxima, tanto ao nível das emoções, como do trabalho. O conhecimento intelectual de ambos permitiu-lhes observar em conjunto o fosso existente entre a teoria e a prática do Marxismo na URSS, e tomar consciência da distância que separava a propaganda do regime da realidade. Esta capacidade crítica foi determinante no modo como Gorbatchov, enquanto líder político, questionou a tentativa de encaixar tudo em conceitos e esquemas pré-concebidos e ainda na forma como sempre deu prioridade à sua própria experiência perante conflitos que o colocassem entre os factos e a teoria.

A relação com a mulher afastava significativamente Gorbatchov dos seus antecessores, e isso era evidente, por exemplo, nas suas viagens de trabalho. Raïssa acompanhava-o sempre nessas viagens, mesmo sabendo que este era um gesto altamente criticado no seu país (mas apreciado fora dele). Mais tarde, a jovem de raízes ucranianas escreveria:

É tradição nos outros países que as mulheres dos dirigentes tomem parte em vários acontecimentos públicos e formais. Mas essa não era a prática dos nossos antecessores. Que havíamos de fazer? Mikhail Sergeievitch disse: 'Deixemos as coisas acontecerem naturalmente.' E assim, muito naturalmente, começámos a adotar a prática corrente no resto do mundo: a mulher do chefe de Estado começou a aparecer em público. Foi apenas

mais um sinal da liberalização introduzida pela *Perestroika*, embora esteja longe de ser a mais importante.⁹²

Gorbatchov concordava especialmente com esta leitura dos acontecimentos por parte da sua mulher. «Era uma segunda revolução a somar à da *Perestroika*»,⁹³ afirmou o próprio ao referir-se à participação tão ativa de Raissa na sua vida política, que se pode definir como um elemento único e muito ocidentalizador da sua liderança.

Do ponto de vista formativo, a morte de Estaline, em março de 1953, tornou os anos da Universidade especialmente marcantes, não apenas para Gorbatchov, mas para toda a comunidade académica e para o país. «A atmosfera na Universidade de Moscovo mudou entre 1953 e 1955», quando uma ligeira abertura política permitiu que a «vida cultural comesse a renascer».⁹⁴ Poucos meses antes, em 1952, Gorbatchov tinha entrado no PCUS, tornando desde logo claro o modo como viria a distinguir-se de todos os outros políticos soviéticos. Em parte, isso também foi possível devido às pequenas transformações que este período de abertura política pós-março de 1953 foi permitindo.

A influência da figura política de Estaline para os jovens dessa geração – da qual Gorbatchov fazia parte – refletia-se fundamentalmente numa forte crença no papel imprescindível deste líder na vitória da Grande Guerra Patriótica (como ficou conhecida a Segunda Guerra Mundial na URSS)⁹⁵. Conforme bem nota Archie Brown, «ser comunista até março de 1953 era ser estalinista».⁹⁶ Porém, embora não tivesse compreendido logo o preço dessa vitória e não se tivesse desviado verdadeiramente da linha de pensamento do partido, Gorbatchov nunca compactuou, pelo menos de uma maneira óbvia, com o Estalinismo. Este afastamento incluiu, por exemplo, a sua não participação em quaisquer atos a favor da campanha estalinista dos cosmopolitas sem raízes,⁹⁷ que decorreu durante os primeiros anos

⁹² Raissa Gorbatchov, *Tenho Esperança* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1991), 21.

⁹³ Gorbatchov citado em Brown, *TGF*, 34-35.

⁹⁴ *Ibidem*, 35.

⁹⁵ Vide por exemplo Malia, *The Soviet Tragedy*, 275.

⁹⁶ Brown, *TGF*, 29.

⁹⁷ Sobre os cosmopolitas sem raízes e outras campanhas semelhantes do período

de Gorbatchov na MGU. A partir desta altura, e com a entrada no partido, começou a formar-se o Gorbatchov político, como o próprio se batizou. Os traços mais marcantes da sua personalidade são, tal como sugere Robert Kaiser, imprescindíveis para compreender a rápida ascensão e o sucesso do Gorbatchov político:

Gorbatchov não pode ser compreendido à margem da sua participação nesta classe. (...) Ele é um homem do partido, instantaneamente reconhecível como tal por outros homens do partido. Os russos usam a palavra *partinost*, traduzível como 'parte de' [ou pertencente a] para expressar qualidades ligadas ao partido. [E] Gorbatchov sempre as teve.⁹⁸

A introdução à vida política fez sobressair em Gorbatchov estas qualidades e os seus talentos naturais (raros na URSS). Andrei Sakharov, cientista soviético e dissidente na União Soviética, descreveu-o resumidamente como «inteligente, seguro de si próprio e perspicaz na discussão».⁹⁹ A sua aptidão genuína para a cordialidade tornou-se clara não apenas dentro do partido – onde conseguiu angariar a simpatia dos membros mais liberais, e, simultaneamente, dos conservadores e reformistas – e, mas também, e sobretudo, no plano internacional – nas relações com os seus homólogos ocidentais. De que outro modo poderia Gorbatchov ter desenvolvido uma empatia tão manifesta com personalidades tão díspares como as de Reagan, Kohl, Mitterrand, Thatcher ou Bush? A rapidez da sua ascensão, primeiro dentro da *Komsomol* e depois no PCUS, deveu-se quase inteiramente a estas qualidades e à «autoridade informal e espontânea»¹⁰⁰ que, graças a elas, foi desenvolvendo entre os seus pares.

estalinista, vide Tony Judt, *Postwar: A History of Europe Since 1945* (Londres: Vintage, 2010), 197-225. Doravante apenas Judt, *Postwar*, seguido de página.

⁹⁸ Robert Kaiser, «Gorbachev: Triumph and Failure», *Foreign Affairs* 70, n.º 2 (primavera 1991), 162.

⁹⁹ Sakharov citado em Brown, *TGF*, 37.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 31.

2.4 Em Ascensão: Gorbatchov na *Komsomol* e no PCUS

Logo após a conclusão do curso de Direito, Gorbatchov viria a ser colocado no gabinete da procuradoria-geral da URSS, em Moscovo, para trabalhar.¹⁰¹ Ser-lhe-ia atribuída o cargo de supervisor dos pequenos departamentos de controlo dos órgãos de segurança do Estado, cuja principal função era assegurar o cumprimento da legalidade nestes departamentos – o que é algo irónico, se nos recordarmos da experiência dos seus avós nos anos 1930. Mas o trabalho em Moscovo durou pouco mais de uma semana, porque as autoridades soviéticas consideraram os especialistas como Gorbatchov demasiado jovens para aquela tarefa. Por força desta decisão, não só se viu afastado desta função, como também de Moscovo, regressando a Stavropol.

Os anos que se seguiram foram dos mais importantes no desenvolvimento do Gorbatchov político. Mais tarde, em 2007, o próprio recordaria aquele tempo em Stavropol como «a minha pequena *Perestroika*».¹⁰² O regresso à sua cidade natal foi particularmente relevante por dois motivos: em primeiro lugar, pelas pessoas com quem Gorbatchov se cruzou, que viriam a contribuir de alguma maneira para o posterior desenvolvimento da sua carreira política; e, em segundo, porque esta fase coincidiu com o primeiro grande momento de destalinização na URSS, introduzido por Khrushchev no XX Congresso do partido.

À semelhança do que havia acontecido em Moscovo, o trabalho no gabinete do procurador de Stavropol também não foi uma experiência duradoura. Desta vez, porque o desprezo e a indiferença com que fora recebido não combinavam com a elevada autoestima de Gorbatchov. Nesta fase, foi importante ter-se cruzado com alguns dos membros da *Komsomol*, com quem estabelecera amizade ainda durante os anos na MGU: foram estes *komsomolets* – como eram conhecidos os membros da *Komsomol* – que o ajudaram a conseguir um trabalho dentro da organização. Em setembro de 1956, meses após a conclusão do curso de Direito, Gorbatchov seria convidado a chefiar a *Komsomol* da cidade de Stavropol.

¹⁰¹ Era o Estado que alocava os jovens recém-formados nas funções onde fossem considerados necessários.

¹⁰² Gorbatchov citado em Taubman, *Gorbachev*, 104.

Em 1958, já era o número dois da *Komsomol* de toda a região e, em 1961, o Primeiro-Secretário.

Os primeiros anos foram marcados por um desenvolvimento acentuado das capacidades de trabalho de Gorbatchov a nível político, sobretudo no que respeita à sua autonomia e iniciativa para promover atividades, quer políticas, quer sociais, quer ainda culturais.¹⁰³ Parte deste desenvolvimento também era visível num outro tipo de dimensão, a humana. Neste último domínio, Gorbatchov distinguiu-se particularmente pela gentileza com que tratava as mulheres. Ao contrário dos seus colegas, tipicamente rudes, Gorbatchov «esforçava-se por nomear mulheres para cargos de liderança municipais e distritais, (...) dava valor aos fardos das mulheres, tratava-as com respeito e promovia-as sempre que possível».¹⁰⁴ No contexto de um regime político totalitário, esta forma de estar também distinguia Gorbatchov a nível político, isto é, marcava a diferença entre ele e os líderes para quem alguns grupos sociais deviam ser tratados ou vistos de forma despreziva. Como não poderia deixar de ser, a sua maior sofisticação viria a ser alvo de crítica, sobretudo entre aqueles que gostariam de estar no seu lugar e que até poderiam ter tido oportunidades semelhantes às suas. Na realidade, porém,

alguma da crítica feita a Gorbatchov pelos subalternos de Stavropol fala de traços e de práticas características de quase todos os funcionários ambiciosos do partido: determinação em subir nas alas, a par da capacidade de lisonjear os superiores, dominar os subordinados e ultrapassar os rivais para se adiantarem. E parte dos elogios parece exagerada porque as suas melhores qualidades eram raras entre os funcionários provincianos. Todavia, a longo prazo, o destino de Gorbatchov não dependia dos seus pares

¹⁰³ De acordo com o biógrafo de Gorbatchov, entre 1956 e 1958, houve lugar para: a promoção de discursos sobre a educação e a importância de formar bons profissionais; a criação de um clube de debate para jovens que pudesse servir de inspiração para o seu futuro; a tentativa de combate ao alcoolismo através de metodologias não violentas; a introdução à importância das questões ambientais, nomeadamente através da plantação de árvores; e a mobilização política das crianças até aos catorze anos no Movimento dos Pioneiros. Cf. *Ibidem*, 125-126.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 128.

provincianos, mas sim dos chefes em Stavropol e em Moscovo. Junto da maioria desses, a impressão que Gorbatchov deixou foi de excelência¹⁰⁵.

Uma das personalidades mais influentes no processo de ascensão de Gorbatchov foi Kulakov,¹⁰⁶ que, no início da década de 1960, assumiu o cargo de Primeiro-Secretário do Comité Regional do Partido em Stavropol. Curiosamente, apesar de se assemelhar, em parte, à maioria dos outros políticos na sua indelicadeza, Kulakov gostava de Gorbatchov, protegeu-o como se ele fosse seu afilhado político, ofereceu-lhe oportunidades e experiências que não seriam expectáveis para o Primeiro-Secretário da *Komsomol* de Stavropol. Mas também o pôs à prova, criticando-o perante outros colegas e fazendo-o questionar o próprio ego. A ponderação com que enfrentou os testes de Kulakov valeram a Gorbatchov uma nova promoção: em 1963, tornar-se-ia Chefe de Pessoal do Comité Agrícola da Organização Regional do Partido. Pouco depois desta promoção, Kulakov deixou Stavropol para ir trabalhar para Moscovo na qualidade de responsável pelo Departamento de Agricultura do Comité Central – este destaque dá-se por conta do fim da liderança Krushchev, que se traduziu no abandono do espírito anti-estalinista e deu origem a uma revisão de recursos humanos dentro do PCUS. A substituição de Kulakov por Yefremov¹⁰⁷ resultou precisamente deste processo de revisão. Com o início da era Brezhnev, em 1964, Yefremov viria a tornar-se *persona non grata* em Moscovo e, por isso, foi afastado para Stavropol. Mais uma vez, as circunstâncias voltavam a revelar-se favoráveis a Gorbatchov. Com Kulakov a ascender no aparelho partidário e Yefremov a fazer o caminho oposto – da capital para Stavropol –, Gorbatchov teve as portas abertas para, em apenas quatro anos, suceder a Yefremov: em 1966, ocupou o cargo de chefe do partido na cidade; em 1968, era já o número dois do partido em toda a região; e em 1970, chefe do partido a nível regional.

¹⁰⁵ Taubman, *Gorbachev*, 131.

¹⁰⁶ Fyodor Kulakov (1918-1978) serviu como Primeiro-Secretário da região de Stavropol entre 1960 e 1964 e tornou-se uma figura importante dentro do *Politburo* a partir de 1971, sob a liderança Brezhnev.

¹⁰⁷ Leonid Yefremov (1912-2007) foi Primeiro-Secretário da região de Stavropol entre 1964 e 1970.

Para além de Kulakov – que subscrevia a partir de Moscovo a promoção de Gorbatchov a chefe do partido da região –, uma outra personalidade veio influenciar positivamente o seu processo de ascensão política a partir do final da década de 1960. Andropov,¹⁰⁸ nesta altura chefe do KGB (1967-1982), cruzou-se pela primeira vez com Gorbatchov em 1969, numas férias em Stavropol – a região natal de ambos. A relação de abertura entre os dois desenvolveu-se quando começaram a passar férias juntos, altura em que se tornou possível ver algo de Andropov em Gorbatchov e algo de Gorbatchov em Andropov: nenhum dos dois fumava ou bebia, «ambos sabiam cantar e ambos tentavam escrever os seus próprios discursos, ou, pelo menos, rescreviam-nos minuta atrás de minuta»¹⁰⁹ (caraterísticas particularmente relevantes, tendo em conta que eram difíceis de encontrar em qualquer uma das figuras de poder da URSS anteriores). Quando Gorbatchov regressou a Moscovo no final dos anos 1970, e conforme verificaremos mais adiante neste capítulo, a figura de Andropov e a sua influência política revelar-se-iam especialmente úteis.

2.5 De Stavropol às Primeiras Experiências Diplomáticas

Porque é que Gorbatchov ascendeu de forma tão rápida e assertiva, num meio onde aqueles com quem trabalhava, e alguns deles chefiava, eram pessoas tão distantes dele do ponto de vista intelectual e comportamental? Como é que ele podia permanecer um filho do XX Congresso e ascender, simultaneamente, dentro do aparelho partidário? A resposta a estas questões reside numa tentativa de encontrar algum equilíbrio entre a obrigação de ser um político soviético dito normal e o seu desejo de transformar a realidade à sua volta. Este exercício obrigou Gorbatchov a lutar interiormente contra aqueles que Robert English aponta como sendo alguns dos traços mais caraterísticos da sua carreira política: «uma intolerância face à complacência, ao desperdício e à estagnação, uma mente aberta e investigadora e uma tendência reformista que contrastava nitidamente com a esmagadora maioria dos outros membros do partido».¹¹⁰

¹⁰⁸ Iúri Andropov (1914-1984) foi chefe do KGB entre 1967 e 1982 e Secretário-Geral do PCUS entre novembro de 1982 e fevereiro de 1984.

¹⁰⁹ Taubman, *Gorbachev*, 168.

¹¹⁰ Robert English, *Russia and the Idea of the West: Gorbachev, Intellectuals and the*

A experiência da liderança regional traduziu alguma da capacidade para o conformismo que Gorbatchov adquiriu durante esta busca pela harmonia entre o querer e o dever. Se, por um lado, desejava avidamente aproveitar da melhor maneira as potencialidades de Stavropol enquanto uma das mais importantes regiões económicas do país,¹¹¹ por outro também não podia descurar a necessidade constante de agradar ao Secretário-Geral Brezhnev e de agir de acordo com as suas regras. Para cumprir ambos os deveres, concentrou-se sobretudo em promover a atividade produtiva e em criar alguns dos meios e incentivos para essa atividade. Desenvolveu, por exemplo, um projeto que ficou conhecido como o «Grande Canal de Stavropol», que consistia num sistema de rega mais sofisticado e longo, que pudesse fazer face à seca característica da região.

O período entre 1970 e 1977 marcou também a estreia do casal Gorbatchov nas viagens à Europa Ocidental. As visitas à Itália (1971), Bélgica (1972), Holanda (1972), Alemanha Ocidental (1975) e França (1976/1977) foram as suas primeiras grandes experiências diplomáticas fora do Bloco Soviético. Mas, mais do que um exercício de diplomacia, estas viagens significaram para Gorbatchov um exercício de introspeção e questionamento face às duas realidades que agora conhecia: a ocidental e a do seu país. Esta fase do processo de ascensão política é especialmente relevante devido a esse questionamento, que assenta sobretudo numa componente mais pessoal, e não tão política, dessas experiências. A possibilidade de observar o funcionamento de uma sociedade civil naqueles países e de conhecer «pessoas que iam desde estudantes alemães e agricultores franceses até trabalhadores italianos (...) ‘abalou a minha fé na superioridade da democracia socialista’».¹¹² A partir de 1971, Gorbatchov percebeu sozinho que «‘as pessoas lá vivem melhor’»¹¹³ e esta constatação atormentou-o até ao final dos seus dias como líder da União Soviética.

O final da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980 inauguraram um período de transformações importantes, não apenas no

End of the Cold War (Nova Iorque: Columbia University Press, 2000), 181. Doravante apenas English, *Russia and the Idea of the West*, seguido de página.

¹¹¹ Sigo Andrei Grachev, *Gorbachev's Gamble* (Cambridge: Polity Press, 2019), 43. Doravante apenas Grachev, *Gorbachev's Gamble*, seguido de página.

¹¹² Gorbatchov citado em English, *Russia and the Idea of the West*, 182.

¹¹³ Gorbatchov citado em Taubman, *Gorbachev*, 178.

plano de ascensão política de Gorbatchov, mas também no contexto da própria dinâmica bipolar internacional. De acordo com o olhar de Orlando Figes sobre estas transformações, «em todos os antigos regimes, há sempre um momento em que as pessoas começam a dizer: ‘Não podemos continuar a viver assim.’ [Na União Soviética] esse sentimento começou nos anos 1970. Mas não existia força social que pudesse dar origem à mudança». ¹¹⁴ Com a *détente* a dar lugar a uma segunda Guerra Fria, ¹¹⁵ a URSS passa a estar numa situação de dificuldade crescente, tanto dentro, como fora das suas fronteiras.

O reacender das hostilidades entre as duas superpotências fomentou, por um lado, o isolamento da União Soviética face ao resto do mundo – em grande medida por efeito das eleições da Primeira-Ministra Thatcher no Reino Unido (1979) e do Presidente Reagan nos Estados Unidos (1981) ¹¹⁶ – e, por outro, o aumento da instabilidade interna associada à ineficiência crónica do regime. Simultaneamente, o investimento da atenção de Moscovo nos regimes comunistas de alguns países africanos e latino-americanos ¹¹⁷ nesta fase da Guerra Fria obrigou a um esforço extra, a juntar ao da invasão do Afeganistão, no final de 1979. ¹¹⁸ «Os novos clientes periféricos da URSS», como lhes chama Carlos Gaspar, «eram países pobres, sem estruturas estatais consolidadas e imersos em guerras civis, onde os conflitos entre fações locais prolongavam as divisões da dupla competição entre os Estados Unidos e a União Soviética e entre as duas principais potências comunistas». ¹¹⁹

¹¹⁴ Figes, *Revolutionary Russia*, 381.

¹¹⁵ Esta expressão refere-se ao reacendimento das hostilidades entre os Estados Unidos da América e a União Soviética no período entre 1979 e 1985. *Ver* por exemplo Judt, *Postwar*, 669.

¹¹⁶ A revisão de política externa à qual as eleições de Thatcher e Reagan deram origem nesta fase da Guerra Fria significou o regresso a uma estratégia mais assertiva e de cerco face à União Soviética.

¹¹⁷ Angola, Moçambique, Nicarágua, Etiópia e Iémen. Sigo Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 93.

¹¹⁸ A estes episódios que contribuíram para o ambiente de instabilidade na URSS, Peter Kenez acrescenta: «a instalação de mísseis SS-20 em manobras que ameaçavam a Europa Ocidental, e finalmente o abate de um avião das linhas aéreas coreanas em 1983, [que] resultaram em fortes reações do Ocidente». Peter Kenez, *História da União Soviética* (Lisboa: Edições 70, 2006), 328. Doravante apenas Kenez, *História da União Soviética*, seguido de página.

¹¹⁹ Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 93.

Pela mesma altura, dá-se a viagem apostólica do Papa João Paulo II à Polónia (junho de 1979), cujo impacto se alastrou um pouco por toda a Europa de Leste. O discurso de apelo do Santo Padre ao não conformismo dos cidadãos (face ao comunismo) e à valorização dos seus costumes e tradições deixou «milhares de seres humanos com um novo respeito por si próprios e de fé renovada, uma nação com o orgulho reacendido, e uma sociedade com uma nova consciência da sua união essencial».¹²⁰ Uma parte dos especialistas acredita que este é um momento crucial na viragem histórica que conduziu à Revolução Europeia uma década depois: nas palavras de Timothy Garton Ash, «se eu fosse forçado a escolher uma data concreta para o início do fim da história intelectual da Europa de Leste, seria junho de 1979».¹²¹

2.6 Na Capital do Poder: O Regresso a Moscovo

No contexto do desenvolvimento da carreira de Gorbatchov como *apparatchik*, o evento mais marcante da segunda metade da década de 1970 é a sua eleição para o cargo de Secretário do Comité Central de Moscovo, em 1978. Sobre o seu regresso à capital do país, vinte e três anos depois, vale a pena salientar dois aspetos relevantes: a sua eleição significou, em primeiro lugar, um voto de confiança por parte do Secretário-Geral Brezhnev que, em última análise, era quem tinha uma palavra final sobre o futuro de cada membro no partido; e, em segundo, significou o acesso de Gorbatchov a um lugar no núcleo de todos os grandes acontecimentos – o *Kremlin*.

A chegada a Moscovo ampliou a perceção de Gorbatchov relativamente ao verdadeiro estado das coisas na URSS: a começar na plena apatia do líder (que faz jus à forma como ficaram conhecidos os anos da sua liderança – a era da Estagnação) e a terminar na condição geriátrica de outros membros do partido, como Andropov e Chernenko, que já ocupavam posições de preparação para a eventual liderança. Na realidade, a rapidez com que Gorbatchov deu o salto para a liderança do país

¹²⁰ Timothy Garton Ash, *The Polish Revolution: Solidarity* (Estados Unidos da América: Yale University Press, 2002), 32.

¹²¹ Timothy Garton Ash, *The Magic Lantern: The Revolution of '89 Witnessed in Warsaw, Budapest, Berlin and Prague* (Nova Iorque: Vintage Books, 1999), 133. Doravante apenas Garton Ash, *The Magic Lantern*, seguido de página.

em 1985 deve-se em parte a este estado de decadência dos recursos humanos no *Politburo*.

Com a eleição de 1978, Gorbatchov ficou encarregado da pasta da agricultura, historicamente conhecida na União Soviética como o caminho para a morte política do seu responsável.¹²² Para não contrariar as «regras do jogo», o seu desempenho não foi particularmente positivo. Para poder crescer dentro do partido, não podia lutar de forma óbvia contra a péssima gestão das colheitas, nem contra o regime de clientelismo que tinha edificado à sua volta. Por isto, e mais uma vez, teve de aprender a conformar-se e a agir procurando o equilíbrio entre o querer e o dever.

Entre a chegada a Moscovo e a morte de Brezhnev, em novembro de 1982, passaram somente quatro anos. A primeira metade destes quatro anos registou uma forte consolidação da figura de Gorbatchov dentro do partido.¹²³ Mas a grande oportunidade só surgiu dois anos depois, com a sucessão de Brezhnev por um homem finalmente diferente do leque de políticos soviéticos do período estalinista. Apesar de estar muito doente por altura da sua ascensão a Secretário-Geral do PCUS, Andropov conseguiu introduzir uma ligeira mudança de estilo no modelo governativo da URSS, nomeadamente ao «dar uma nova ênfase à disciplina e ao combate à corrupção, mas também ao procurar maneiras de rejuvenescer o desempenho económico soviético».¹²⁴ Gorbatchov beneficiou claramente desta mudança de estilo, desde logo porque, devido ao estado de saúde tão débil de Andropov, muitas vezes tinha de o substituir na condução das reuniões com os outros membros do *Politburo*.

A partir de 1982, o protagonismo crescente de Gorbatchov dentro do aparelho partidário deveu-se quase inteiramente à confiança que Andropov depositava nele e aos planos que traçou para o elevar ainda mais. Com o incentivo do Secretário-Geral, Gorbatchov começou a envolver-se paulatinamente noutros assuntos do país para além da agricultura. Destacou-se, sobretudo, no ramo da economia, trabalhando ao lado de Ryzhkov, um especialista em engenharia e no funcionamento da indústria soviética,

¹²² Cf. Taubman, *Gorbachev*, 203.

¹²³ Com a promoção a membro-candidato do *Politburo*, em 1979, e com a nomeação para membro de pleno direito, em 1980 (esta segunda posição conferia-lhe o direito de voto nas sessões do *Politburo*).

¹²⁴ Brown, *TGF*, 63.

entretanto nomeado por Andropov para o cargo de chefe do novo departamento económico. Ryzhkov contribuiu fortemente para o desenvolvimento das ideias de Gorbatchov no plano da transformação económica que desejava para o seu país, mas não foi o único.

Dada a influência que podia exercer sobre Andropov, Gorbatchov conseguiu convencê-lo a trazer para Moscovo um homem igualmente importante para o seu caminho até ao cargo de Secretário-Geral. Ligatchov¹²⁵, que mais tarde se tornou um opositor da *Perestroika* e da *Glasnost*, regressou a Moscovo em 1983 para o cargo de Chefe de Pessoal do PCUS – uma posição especialmente relevante para Gorbatchov, que agora tinha alguém conhecido a gerir a entrada e saída de novos e velhos membros no partido. Entre novembro de 1982 e fevereiro de 1984, não faltaram ocasiões como esta para provar a vontade de Andropov de preparar Gorbachov para herdar o seu poder na URSS. Ainda assim, ao mesmo tempo, também não faltaram oportunidades à ala mais conservadora do partido¹²⁶ para boicotar as ideias do líder e desobedecer premeditadamente às suas ordens.¹²⁷

¹²⁵ Yegor Ligatchov (1920-) foi Primeiro-Secretário do Partido em Tomsk (Sibéria) entre 1965 e 1983 e na segunda metade da década de 1980 tornou-se um dos aliados mais próximos de Gorbachov.

¹²⁶ Leia-se: Gromyko (Ministro dos Negócios Estrangeiros desde 1957), Grishin (Líder do Partido em Moscovo desde 1967), Tikhonov (Presidente do Conselho de Ministros desde 1970), Chernenko (Líder do *Politburo* desde 1971), Shcherbytskiy (Líder do Partido Comunista Ucraniano desde 1972) e Ustinov (Ministro da Defesa desde 1976). Vide por exemplo Robert Service, *The Penguin History of Modern Russia: from Tsarism to the Twenty-First Century* (Londres: Penguin Books, 2009), 428.

¹²⁷ Um episódio partilhado por Arkady Volsky, assessor próximo de Andropov, ilustra particularmente bem o tipo de comportamento que a ala mais conservadora do PCUS adotava perante a ausência do Secretário-Geral e a sua intenção de preparar Gorbachov para ocupar o seu lugar no futuro. De acordo com Volsky, no final de 1983, quando Andropov já se encontrava hospitalizado, preparou um discurso a ser lido aos membros do Comité Central, já que não tinha condições de comparecer na sessão plenária. No final do texto podia ler-se a recomendação de Andropov relativa ao seu desejo de encarregar Gorbachov das sessões do *Politburo* durante a sua ausência. A recomendação foi ocultada da versão final do texto e nunca chegou a ser transmitida à audiência. Perante o ato de desobediência, Volsky preparava-se para telefonar a Andropov e comunicar-lhe o sucedido, o que, por ter sido ameaçado, também nunca aconteceu. Sigo Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 44-45.

2.7 Ensaio Geral para 1985: O Interregno de Andropov e Chernenko

Os quinze meses da liderança Andropov ficaram muito aquém das expectativas que a sua crença na necessidade de transformar o país fomentara quando chegou ao poder. De acordo com Frederick Kagan, «é difícil saber até onde teriam ido as suas reformas. Os seus discursos eram muito cautelosos e ambíguos, e as suas ações ainda mais». ¹²⁸ Não lhe faltou assumir a existência de problemas, nem mesmo a vontade de criar condições no país para os ultrapassar, mas, como o define Archie Brown, «não passava de um reformador que se mantinha dentro de balizas rigorosas». ¹²⁹ Isto ajuda a explicar porque é que durante esses quinze meses Gorbatchov se manteve discreto, do ponto de vista das suas convicções, e continuou a jogar pelo seguro, sem evidenciar o seu caráter reformista.

Em dezembro de 1983, por ocasião da sua visita ao Canadá, Gorbachov não pôde, no entanto, deixar de estabelecer comparações, nem de esconder o modo como o afetou observar o desenvolvimento social e tecnológico à sua volta. Aquela viagem lembrou-o de algumas ideias e reavivou inquietações nascidas nos anos 1970 com as suas primeiras viagens à Europa Ocidental. Nas palavras de Andrei Grachev,

Esta descoberta progressiva do Ocidente ajudou Gorbachov a construir a sua própria visão do 'outro mundo' e conduziu-o a pelo menos duas conclusões-chave. Em primeiro lugar, a União Soviética estava claramente a perder a competição com os seus históricos rivais capitalistas, não apenas do ponto de vista do progresso tecnológico e da eficiência económica, mas também na capacidade de proporcionar melhores condições de vida às 'massas.' Em segundo, e não menos importante para a educação do futuro líder soviético: ao contrário das declarações oficiais da propaganda do regime, o chamado 'mundo imperialista' representava uma realidade complexa de diferentes Estados, sociedades e famílias políticas pluralistas e, aparentemente, estava longe de andar a preparar algum ataque ou invasão à União Soviética. ¹³⁰

¹²⁸ Frederick Kagan, «The Secret History of Perestroika», *The National Interest* 23 (primavera 1991), 41.

¹²⁹ Archie Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2009), 550.

¹³⁰ Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 46.

A propósito da mesma viagem, é de salientar a amizade travada entre Gorbatchov e Yakovlev,¹³¹ que servia na altura como embaixador soviético em Ottawa (embora, na realidade, estivesse exilado por expressar publicamente os seus ideais liberais) e que, mais tarde, desempenharia um papel crucial no projeto *Glasnost*. De acordo com a descrição que Yakovlev viria a fazer daquele encontro em 1983, «as ideias de Gorbatchov relativamente à futura transformação do sistema soviético podiam resumir-se num conjunto limitado de proposições gerais e princípios éticos: ‘uma aversão à violência, a rejeição do Estalinismo nas suas diversas formas e a veneração da lei’». ¹³² E se não era benéfico para Gorbatchov tornar estes princípios demasiadamente evidentes no seu país durante os meses em que Andropov esteve no poder, quando Chernenko lhe sucede, em fevereiro de 1984, esta realidade não só se mantém, como se intensifica.

Quando Andropov morre, a 9 de fevereiro de 1984, Chernenko ascende ao cargo de Secretário-Geral do PCUS numa condição enérgica igual ou pior à do seu antecessor nos últimos meses de vida. À semelhança de Andropov, Chernenko também não esteve muito tempo no poder – de fevereiro de 1984 a março de 1985. Mas, se Andropov tentou reanimar de algum modo o espírito na União Soviética, os treze meses de Chernenko no poder traduziram um completo regresso ao passado.¹³³ O retorno a uma governança de tipo estalinista e anti-Krushchev tornou-se desde logo claro com a readmissão de Molotov¹³⁴ no partido – afastado logo a seguir ao XX Congresso em virtude da sua oposição ao processo de destalinização.

A começar assim, estes treze meses podiam ter parecido pouco promissores para Gorbatchov e para a construção da sua imagem política. No entanto, este período, durante o qual ocupou o lugar de «número dois» do

¹³¹ Alexander Yakovlev (1923-2005) foi Chefe do Departamento de Ideologia e Propaganda do PCUS entre 1969 e 1973. Em 1973, foi enviado para o Canadá, onde serviu como embaixador, em consequência da publicação de um artigo de crítica ao nacionalismo soviético. Durante a segunda metade da década de 1980, ficou conhecido como «padrinho da *Glasnost*» por ter sido uma das suas maiores fontes intelectuais.

¹³² Yakovlev citado em Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 47.

¹³³ Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo*, 551.

¹³⁴ Viatcheslav Molotov (1890-1986) foi um dos principais aliados de Estaline e um dos responsáveis pelo chamado «Holocausto Ucrainiano» ou Holodomor. O seu nome ficou particularmente conhecido pela assinatura do Pacto Ribbentrop-Molotov, em 1939.

partido,¹³⁵ serviu-lhe de ensaio geral para o ano seguinte. Foi sobretudo ao longo do ano de 1984 que Gorbatchov percebeu como as políticas interna e externa do seu país estavam completamente interligadas e como um só exercício, no plano doméstico ou exterior, poderia ter consequências dentro e fora das fronteiras soviéticas. Um grande momento da história do Gorbatchov político, mas também da história da Guerra Fria, reflete exatamente a descoberta desta leitura invulgar da política para um político soviético: em dezembro de 1984, o casal Gorbatchov voou até Londres para se encontrar com a Primeira-Ministra britânica. Esta viagem, conforme Gorbatchov a compreendeu desde início, representava «a chance de enviar um sinal aos líderes ocidentais e anunciar a seriedade das suas intenções».¹³⁶

A Dama de Ferro – como ficou conhecida Margaret Thatcher – era a intermediária perfeita para uma conversa indireta com Washington em que Gorbatchov pudesse demonstrar «a sua determinação em atingir uma *détente* militar com o Ocidente».¹³⁷ De acordo com o biógrafo de Thatcher, Charles Moore, aquela «visita ajudou igualmente Gorbatchov a posicionar-se domesticamente. Ele passou naquilo a que Grachev chamou o ‘teste Thatcher’. Dada a sua reputação de anticomunista convicta, se Gorbachov ‘conseguira fazê-lo em Londres, conseguiria fazê-lo em qualquer lugar’».¹³⁸ Durante a visita à capital britânica, Gorbatchov agiu exatamente como se soubesse que, três meses mais tarde, seria ele o líder do seu país – tanto tempo depois, continuava a deter a autoridade informal e espontânea que adquirira na Faculdade de Direito. A própria Primeira-Ministra percebeu a existência desta autoridade natural em Gorbatchov, e gostou particularmente dela:

Eu gosto do Senhor Gorbatchov. Podemos trabalhar juntos. Ambos acreditamos nos nossos próprios sistemas políticos. Ele acredita firmemente

¹³⁵ Por força da oposição dos membros da velha guarda do partido, e embora tivesse sido o próprio Chernenko a propor a sua nomeação, Gorbatchov nunca foi formalmente designado para o cargo de Segundo-Secretário.

¹³⁶ Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 50.

¹³⁷ *Ibidem*, 51.

¹³⁸ Charles Moore, *Margaret Thatcher: The Authorized Biography*, Vol. 2, *Everything She Wants* (Reino Unido: Penguin Books, 2015), 241.

no seu. Eu acredito firmemente no meu. Nunca mudaremos isso um no outro. Isso não se coloca em causa, mas temos dois grandes interesses em comum: o de devermos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que a guerra nunca mais se repita e, portanto, entrarmos em negociações de desarmamento, determinados em fazê-las funcionar. E em segundo lugar, penso que ambos acreditamos que elas [as negociações] terão maior probabilidade de sucesso se conseguirmos ter confiança um no outro e confiarmos na abordagem um do outro e, portanto, acreditarmos na cooperação em termos comerciais, em termos culturais e em muitos contactos entre políticos dos dois lados.¹³⁹

2.8 A Bonança antes da Tempestade: A Eleição de Março de 1985 e o Nascimento do Projeto Reformista

Março é o mês mais difícil na Rússia. A neve que está no chão desde novembro fica cinzenta e lamacenta. As temperaturas descem abaixo de zero, os ventos aumentam, tornando a paisagem particularmente desolada e hostil. O ar frio, a falta de luz solar e a teimosa queda de neve drenam o corpo e a alma. A falta de fruta e legumes frescos significava que as pessoas estavam famintas de vitaminas. Saber que em algum lugar – à distância de um voo – os pássaros cantam e as flores da primavera estão a florescer torna a primavera russa particularmente deprimente. Foi assim que o país se sentiu quando Konstantin Chernenko morreu, a 10 de março de 1985. Aquele inverno durou quase dezoito anos. No dia seguinte, Gorbatchov foi nomeado Secretário-Geral do Partido Comunista.¹⁴⁰

A morte do terceiro líder soviético num período de apenas três anos¹⁴¹ reforçou fortemente a necessidade de substituir a ala geriátrica do partido por mentes mais jovens e dispostas a quebrar algumas ligações com o passado. No mesmo dia em que recebera a notícia do falecimento do

¹³⁹ Margaret Thatcher, «I like Mr. Gorbachev. We can do business together», entrevista por John Cole, *BBC News*, 17 de dezembro, 1984, <https://www.margaretthatcher.org/document/105592>.

¹⁴⁰ Arkady Ostrovsky, *The Invention of Russia: The Journey from Gorbachev's Freedom to Putin's War* (Londres: Atlantic Books, 2015), 141-142.

¹⁴¹ Brezhnev em 1982, Andropov em 1984 e Chernenko em 1985.

Secretário-Geral, Gorbatchov convocou uma reunião para que fosse eleito o substituto de Chernenko. Vários nomes estavam em cima da mesa – desde logo o Primeiro-Ministro, Tikhonov, e o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Gromyko, ambos com mais de 75 anos –, mas a eleição do novo líder só aconteceu no dia seguinte.

A madrugada que antecedeu a eleição serviu a Gorbatchov para se preparar psicologicamente para a sua eventual subida ao poder. Mas, se a ideia de poder vir a tornar-se o «número um» na URSS lhe causava desconforto, então o que é que o movera durante tantos anos, desde a sua entrada no PCUS em 1952? Agora que poderia estar a chegar o seu momento para transformar alguma coisa na União Soviética, o que é que o travaria? Felizmente, poucas horas de reflexão serviram para que Gorbachov percebesse que a reunião do dia 11 de março seria a sua grande oportunidade, aquela pela qual lutara por mais de três décadas. Ao recordar a sua mulher o motivo central que o trouxera até à capital soviética, disse:

Trabalhei tantos anos em Stavropol. Este é o meu sétimo ano em Moscovo. Vim para Moscovo esperando, e acreditando que seria capaz de fazer alguma coisa, mas até agora não fiz muito. É impossível conseguir algo de substancial, aquilo de que o país está à espera. É como ir contra um muro. Portanto, se quero mesmo mudar alguma coisa, tenho de aceitar o cargo – conquanto, obviamente, eles mo ofereçam. Não podemos continuar a viver assim¹⁴².

A atitude de reserva de Gorbachov face à possibilidade de ser eleito é explicável, de acordo com William Taubman, porque ele «não queria o poder pelo poder».¹⁴³ E por não querer o poder pelo poder, a incógnita da reunião de 11 de março seria não tanto a de saber se Gorbachov estaria pronto para o país, mas antes a de saber se o país estaria pronto para Gorbachov.

Antes de o *Poliburo* se reunir, parte dos membros já tinha contactado Gorbachov horas antes para expressar o apoio à sua candidatura.

¹⁴² Gorbachov citado por Taubman, *Gorbachev*, 233.

¹⁴³ Taubman, *Gorbachev*, 234.

Não foi totalmente uma surpresa que nenhum outro nome tivesse sido proposto. Cada um dos dezanove votantes¹⁴⁴ elogiou e reconheceu as principais características de Gorbatchov enquanto homem e político. Do ponto de vista pessoal, mencionaram, sobretudo, o seu espírito enérgico e inovador; profissionalmente, muitos sublinharam a sua vasta experiência dentro do partido, desde Stavropol a Moscovo.¹⁴⁵ Às 17 horas, o *Politburo* juntou-se aos membros do Comité Central para oficializar a eleição do novo Secretário-Geral, de apenas 54 anos. O Ministro dos Negócios Estrangeiros Gromyko foi quem apresentou o resultado da votação do *Politburo*, referindo-se a Gorbatchov como o «estadista espantoso que servirá como Secretário-Geral com distinção»¹⁴⁶ – estava certo. O facto de ser consideravelmente mais jovem do que os seus antecessores contribuiu muito para a unanimidade da eleição de Gorbatchov. Parece que até os seus opositores perceberam que não podiam escolher outro homem de 75 anos ou mais para governar o país. Até para eles, votar em Gorbatchov parece ter sido um exercício lógico.

As primeiras palavras de Gorbatchov no novo cargo revelam alguma da cautela que sempre fora obrigado a desenvolver durante o seu percurso no partido. Se, por um lado, estava desejoso de anunciar a sua disposição para mudar a realidade do país, a nível económico, social e espiritual, por outro, sabia também que não podia correr o risco de romper radicalmente com a tradição da oratória soviética. Por este motivo, não deixou de frisar a sua intenção de manter e reforçar a natureza leninista da política soviética, ao mesmo tempo que introduziu um primeiro vislumbre da *Glasnost*, nomeadamente ao referir-se à necessidade de democratizar o país e de melhorar as condições de vida das pessoas. «A minha tarefa imediata é procurar junto de vós novas soluções, caminhos para um progresso ainda

¹⁴⁴ Aliev, Chebrikov, Demichev, Dolgikh, Grishin, Gromyko, Kapitonov, Kunaev, Kuznetsov, Ligatchov, Poromarev, Romanov, Rusakov, Ryzhkov, Shevardnadze, Solomentsev, Tikhonov, Vorotnikov e Zimyanin.

¹⁴⁵ Sigo tradução inglesa de partes do relatório da sessão de nomeação de Gorbachov para o cargo de Secretário-Geral do PCUS, de 11 de março de 1985. «Minutes of a CC CPSU Politburo Session Nominating Gorbachev for General Secretary», Wilson Center Digital Archive, consultado a 20 de outubro, 2019, <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/120771>. Doravante apenas «Minutes of a CC CPSU Politburo Session Nominating Gorbachev for General Secretary».

¹⁴⁶ Gromyko citado em Taubman, *Gorbachev*, 236.

maior no nosso país, formas de aumentar a força económica e de defesa no nosso país, e melhorar a vida do nosso povo», disse, «[mas] não precisamos de mudar a nossa política. A verdadeira, correta e genuína política leninista». ¹⁴⁷ A dualidade do discurso de Gorbatchov é o que define fundamentalmente o Gorbatchovismo: ele funda-se na crença idealista de que é possível reformar o sistema soviético não abandonando os ideais leninistas e revolucionários. O objetivo de regressar à pureza do regime e aos princípios de Lenine faz de Gorbatchov um «reformador comunista clássico», que significa, de acordo com Tony Judt, que ele «era primeiro um comunista e só depois um reformador». ¹⁴⁸ Neste sentido, e no contexto da busca pela verdadeira natureza do comunismo na URSS, «Gorbatchov foi o último Bolchevique». ¹⁴⁹

¹⁴⁷ «Minutes of a CC CPSU Politburo Session Nominating Gorbachev for General Secretary».

¹⁴⁸ Judt, *Postwar*, 672.

¹⁴⁹ Figes, *Revolutionary Russia*, 391.

Capítulo 3

Gorbatchov e a URSS: A Dimensão Interna do Processo Reformista

*Porque é tanta a distância entre como se vive e como se deveria viver,
que aquele que deixa o que se faz por aquilo que se deveria fazer
mais depressa conhece a sua ruína do que a sua preservação: porque
um homem que em todos os aspetos queira fazer profissão de bom
arruína-se forçosamente entre tantos que não são bons.*

Nicolau Maquiavel, 1513

*O pior momento para um mau governo é aquele
em que ele começa a reformar-se.*

Alexis de Tocqueville, 1857

Na análise da dimensão interna do processo reformista implementado por Gorbatchov na URSS deve ter-se primeiramente em conta a natureza do regime político do país em que ele decorre. Sendo este um regime autoritário, fechado, de economia centralizada e ideologicamente orientado para a formatação de uma sociedade de *homo sovieticus*, qualquer tentativa de reforma tem sempre de partir do topo da liderança do partido.¹⁵⁰ Assim, dada a natureza do próprio regime, e tal como argumenta John Gooding, é claro que Gorbatchov foi um reformador dentro dos limites do sistema soviético.¹⁵¹ Pela mesma razão, o seu projeto para «transformar»¹⁵² a URSS e o mundo não se podia desviar muito da verdadeira essência do

¹⁵⁰ Cf. Mikhail Gorbachev, *On My Country and the World* (Nova Iorque: Columbia University Press, 2000), 60. Doravante apenas Gorbachev, *On My Country*, seguido de página.

¹⁵¹ John Gooding, «Gorbachev and Democracy», *Soviet Studies* 42, n.º 2 (abril 1990), 196-197. Doravante apenas Gooding, «Gorbachev and Democracy», seguido de página.

¹⁵² O termo surge entre aspas porque foi o utilizado pelo próprio Gorbatchov no subtítulo da obra *Perestroika*, de 1987.

sovietismo. E, inicialmente, não se desviou. O modelo em que este projeto se inspirou, sobretudo na sua vertente económica,¹⁵³ remetia precisamente para uma tentativa de regresso à pureza do regime – o Leninismo – ao qual Gorbatchov se referiu como «fonte ideológica»¹⁵⁴ das reformas que implementou. É por isso que, de acordo com Archie Brown, poucos terão percebido que a sua eleição em março de 1985 significava um presságio para uma séria transformação no país.¹⁵⁵ Do mesmo modo, ninguém podia prever – nem o próprio Gorbatchov – que o plano para reestruturar o sistema – mas não substituí-lo – acabaria gradualmente por se aproximar do padrão democrático ocidental¹⁵⁶. A reorientação destas reformas, na essência económicas, num sentido cada vez mais «democratizador» parece ter ido mais longe do que a sua intenção original: se em 1985 o seu plano previa um regresso à pureza do regime, porque é que em 1989 permitiu a realização de eleições livres para o Congresso dos Deputados do Povo?¹⁵⁷ Em vez de um ditador, escolheu ser um observador, tanto na União Soviética, como nos países do Leste europeu.

[e] mesmo quando o seu poder entrou em declínio, [Gorbatchov] ainda tinha escolhas importantes para fazer. É claro que queria tentar manter a União Soviética unida, mas queria fazê-lo através da persuasão (...) e não através da repressão violenta.¹⁵⁸

¹⁵³ O plano de reestruturação económica e as considerações de Gorbatchov a respeito dos problemas e das exigências dos setores industrial, produtivo e comercial da URSS remetem para uma aproximação à política de incentivos e liberalização do mercado implementada por Lenine nos anos 1920 (Nova Política Económica). *Vide* por exemplo Robert Daniels, «Perestroika, the Post-Soviet Regime, and the Process of Revolution in Russia», *Problems of Post-Communism* 46, n.º 3 (maio/junho 1999), 29.

¹⁵⁴ Gorbatchov, *Perestroika*, 34.

¹⁵⁵ Archie Brown, «When Gorbachev Took Charge», *The New York Times*, 12 de março, 2010, <https://www.nytimes.com/2010/03/11/opinion/11iht-edbrown.html?pagewanted=1&ref=global>

¹⁵⁶ Cf. Anders Aslund, *Gorbachev's Struggle for Economic Reform* (Londres: Pinter Publishers, 1989), 26. Doravante apenas Aslund, *Gorbachev's Struggle*, seguido de página.

¹⁵⁷ O Congresso dos Deputados do Povo foi um órgão criado no final de 1988 no contexto da agenda reformista de Gorbatchov e na sequência da revisão da Constituição Soviética de 1977. Vigorou entre 1989 e 1991 como o mais alto órgão de poder na União Soviética.

¹⁵⁸ Brown, entrevista realizada pela autora.

Ao não readaptar o seu plano à realidade na União Soviética e nos países da Europa de Leste, Gorbatchov permitiu que fosse a realidade a escolher como se adaptar a esse plano, controlando-o.

3.1 A Construção de uma «Equipa Gorbatchov»

A primeira fase do processo reformista interno da URSS foi a mais otimista daquelas que destacarei como as três grandes fases deste processo: a primeira, entre 1985 e 1986; a segunda, entre 1987 e 1988; e a terceira, a partir de 1989 até 1991.¹⁵⁹ As primeiras manifestações deste processo de mudança tornaram-se visíveis logo em 1985, com aquela que foi a maior reformulação do quadro de recursos humanos do PCUS, pelo menos desde 1964 (ver anexo 1). A concretização dos objetivos de Gorbatchov dependia inteiramente desta reformulação: em primeiro lugar porque era necessário fazer-se rodear de aliados e, em segundo, porque também era necessário afastar do partido os membros mais hostis às reformas. A construção de uma «equipa Gorbatchov» foi, neste sentido, o primeiro grande passo a distinguir a liderança Gorbatchov das suas antecessoras – se se tiver em conta o hábito soviético de manter no poder as mesmas figuras durante anos a fio, independentemente da sua idade e capacidades. Contrariando esta prática, Gorbatchov apostou maioritariamente em pessoas experientes em diversas áreas de trabalho e escolheu-as pelo seu mérito profissional¹⁶⁰ – em 1986, 46% do Comité Central do PCUS era já constituído por novos membros (ver anexo 2), o que se explica em grande medida pela substituição de pessoas da velha guarda.

O XXVII Congresso do PCUS, que se realizou entre fevereiro e março de 1986, oficializou o novo «equilíbrio de influências»¹⁶¹ e fomentou fortes

¹⁵⁹ Esta divisão temporal é inspirada na interpretação de Archie Brown em Brown, *TGF*, 155-211.

¹⁶⁰ Mesmo antes de ter sido eleito, Gorbatchov procurou reunir-se com alguns especialistas, como economistas e académicos, para solicitar aconselhamento em diversas áreas de trabalho. Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 58.

¹⁶¹ Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo*, 557. Três das maiores concretizações do Congresso no que respeita à construção da «equipa Gorbatchov» são o afastamento de Gromyko do cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros (embora tenha permanecido como membro do *Politburo*), a sua substituição por Shevardnadze e a nomeação de Chernyaev como principal conselheiro de política externa de Gorbatchov. Na verdade, Chernyaev foi bem mais do que o conselheiro de política externa; de acordo com Andrei Grachev, ele

expetativas relativamente ao abandono do velho modelo governativo e à inauguração de um novo. O principal responsável por estas expetativas foi o próprio Gorbatchov, cuja aparência jovem e enérgica¹⁶² contrastava com a das figuras políticas das últimas seis décadas. Por outro lado, em 1986 assinalava-se o aniversário do XX Congresso (1956) – um dado importante para compreender o impacto do contexto histórico na tarefa complicada de Gorbatchov. Para os soviéticos, ele era a figura humana e política que podia levar a cabo um projeto que fundisse em simultâneo a revitalização do sistema e a manutenção dos valores do comunismo. Mas «o XXVII Congresso chegou demasiado cedo à liderança Gorbatchov. Os congressos do partido demoram muito tempo a preparar e obrigam a que haja várias equipas a trabalhar em cada área do Comité Central». ¹⁶³ Gorbatchov não teve esse tempo. É verdade que conseguiu tornar claro que a sua proposta não se limitava a corrigir os erros do Brezhnevismo – que criticou, embora com moderação e tal como seria expectável naquele sistema – e manifestou abertamente a sua intenção de implementar, nas suas próprias palavras, «uma transformação radical em todas as esferas da nossa vida». ¹⁶⁴ Também é verdade que invocou termos como aceleração, reestruturação e democratização, ¹⁶⁵ mas esses termos não eram rigorosamente novos, já os tinha utilizado antes de se tornar Secretário-Geral. ¹⁶⁶ Por falta de tempo e de preparação, este Congresso não foi o momento de viragem histórico

foi o responsável pela sua transformação num «estadista do mundo profissional». Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 77.

¹⁶² O fator idade tem muito peso na perceção das pessoas relativamente à figura de Gorbatchov. Nas palavras de Archie Brown, «ele parecia alguém que poderia fazer o país andar para a frente. (...) A ideia de ter um líder jovem e enérgico era obviamente atrativa». Brown, entrevista realizada pela autora.

¹⁶³ *Ibidem*.

¹⁶⁴ Mikhail Gorbachev, *Political Report of the CPSU Central Committee to the 27th Party Congress* (Moscou: Novosti Press Agency Publishing House, 1986), 127. Doravante apenas Gorbachev, *Political Report*, seguido de página.

¹⁶⁵ Cf. Gooding, «Gorbachev», 206.

¹⁶⁶ «Gorbatchov introduziu a sua agenda reformista a 10 de dezembro de 1984, três meses antes da sua eleição para o cargo de Secretário-Geral. Fê-lo numa conferência ideológica do Comité Central e o seu discurso envolveu uma revisão ideológica e uma reforma económica e política. Quase todo o espectro das reformas que propôs emergiu nesse discurso. Utilizou muitas das suas expressões mais famosas, (...) *perestroika*, (...) democratização e *glasnost*, mas evitando ser muito específico». Aslund, *Gorbachev's Struggle*, 26.

no contexto do plano de reforma da URSS – esse momento só chegou no ano seguinte.

3.2 Reformar a Economia: A *Perestroika*

A principal prioridade de Gorbatchov em 1985 era a revitalização da economia na União Soviética.¹⁶⁷ A competitividade e os níveis de produção soviéticos – dos quais o estatuto de superpotência dependia inteiramente – obrigavam a uma revisão estrutural da máquina económica do país. Por esta razão, o plano de reestruturação económica – a *Perestroika* – significa, antes de qualquer outra interpretação, «um ultrapassar do processo de estagnação [económica]».¹⁶⁸ Este conceito (reestruturação), que evoluiu gradualmente, estava em 1985 muito longe de ser associado a uma tentativa de reforma radical do sistema soviético, quer económica, quer politicamente. Nesta fase, a reforma económica centrava-se estritamente num esforço de «aceleração do progresso científico e tecnológico»¹⁶⁹ assente em dois grandes pilares: o pilar humano e o pilar tecnológico (ver anexo 4). O primeiro estava centrado na renovação e reorganização dos recursos humanos do setor produtivo, numa tentativa de tornar o seu trabalho mais disciplinado e eficiente; o segundo, orientado para a modernização dos instrumentos de trabalho e um maior investimento em equipamentos tecnológicos.¹⁷⁰ Importa salientar que este plano de reestruturação não previa a substituição do sistema vigente, mas antes um ajustamento de algumas das suas metodologias. No argumento de Martin Malia, a intenção era «alcançar um socialismo moderno, mas, ainda assim leninista».¹⁷¹ A Nova Política Económica serviu, neste sentido, para legitimar alguma da aproximação da *Perestroika* a um modelo ligeiramente mais liberal. Mas esta aproximação não deve ser confundida com uma tentativa de implementar um mercado propriamente dito – até porque tanto o setor industrial, como o comercial, permaneceram nacionalizados.¹⁷²

¹⁶⁷ Sigo Malia, *The Soviet Tragedy*, 417.

¹⁶⁸ Gorbachov, *Perestroika*, 44.

¹⁶⁹ *Ibidem*, 36.

¹⁷⁰ Sigo Gorbachev, *Political Report*, 126.

¹⁷¹ Malia, *Soviet Tragedy*, 418.

¹⁷² *Ibidem*, 419.

As principais linhas estratégicas da *Perestroika* ficaram definidas no 12.º plano quinquenal, aprovado pela resolução do Congresso para o período de 1986 a 1990. Entre elas constavam

uma definição clara dos custos, (...) um novo conceito de centralismo, (...) o alcance de padrões tecnológicos de nível mundial, (...) o encorajamento da competição económica para melhor satisfazer as exigências do consumidor (...) e o envolvimento ativo das pessoas nos processos económicos e de produção.¹⁷³

As promessas deste plano incluíam previsões tão ambiciosas, e até utópicas, como um aumento do rendimento nacional de 4,1%/ano, isto é, mais de 20% ao longo daqueles anos (ver anexo 3). E apesar de o objetivo de Gorbatchov não ser o de instaurar uma economia de mercado na União Soviética, é evidente que qualquer uma destas medidas contrastava com o modelo económico que sempre vigorara desde Estaline. Mas, mais importante do que elencar estas linhas estratégicas, é de sublinhar o facto de elas estarem assentes numa lógica de pensamento político muito diferente da habitual na União Soviética:

Na nossa economia planificada pareceria lógico, à primeira vista, começar a reestruturação a partir do centro, para determinar a estrutura e funções dos corpos económicos centrais, depois seguir para o nível médio da gestão, e finalmente para as empresas e combinados, até ao nível básico. Isso talvez fosse correto do ponto de vista da lógica abstrata, mas a realidade e a experiência acumulada ditavam uma abordagem e uma lógica diferentes: devíamos começar com as empresas e os combinados, o principal elo da cadeia económica. Devíamos começar por encontrar o modelo económico mais eficaz para elas, depois criar as condições económicas ótimas, alargar e consolidar os seus direitos, e só nessa base introduzir modificações fundamentais na atividade de todos os escalões mais elevados da gestão económica.¹⁷⁴

¹⁷³ Gorbatchov, *Perestroika*, 96-111.

¹⁷⁴ *Ibidem*, 96-97.

A lógica gorbatchoviana é a de uma transformação «de baixo para cima», resultante do seu entendimento de que a reforma (ainda) económica necessitava de uma «natureza profundamente democrática»¹⁷⁵ para resultar. A sua noção de que «temos de combinar o que vem de cima com o movimento que vem de baixo»¹⁷⁶ fez ampliar gradualmente o significado da reestruturação, conferindo-lhe meses depois uma dimensão política.

A *Perestroika* – como todo o plano para revitalizar o sistema – sofreu algumas reorientações, sobretudo nas duas primeiras fases do processo reformista. Estas reorientações manifestam-se desde logo do ponto de vista conceptual: se, «em 1985, a *Perestroika* designava uma reforma económica e social do sistema vigente, em 1987 ela tornou-se uma reforma política e, em 1988, transformou-se numa autêntica reforma de nível sistémico».¹⁷⁷ A *Perestroika*, além disso, «teve significados diferentes para pessoas diferentes, e para as mesmas pessoas em épocas diferentes».¹⁷⁸ Em 1985, Gorbatchov estaria seguro de que a *Perestroika* e o sucesso da reforma económica acabariam por resultar no desenvolvimento das outras esferas – social, política e cultural – do sistema.¹⁷⁹ Mas esta ideia transformou-se por completo em menos de um ano. Conforme veremos mais adiante, alguns meses foram suficientes para perceber que a raiz da crise soviética não era especialmente económica.

Quinze anos depois de ter subido ao poder, Gorbatchov reconheceu que, em 1985, nem tudo sobre a *Perestroika* tinha sido verdadeiramente pensado e não havia um «plano claro para a mudança»¹⁸⁰ – o que parece estar de acordo com a aversão que tinha desde jovem a tudo o que era demasiadamente conceptualizado e sujeito a limites muito rigorosos. Em retrospectiva, Gorbatchov consegue ver no seu projeto tanto de verdade como de ilusão. Nas suas palavras,

¹⁷⁵ *Ibidem*, 97.

¹⁷⁶ *Ibidem*.

¹⁷⁷ Archie Brown, «The Gorbachev Factor Revisited», *Problems of Post-Communism* 58, n.º 4-5 (julho – agosto/setembro – outubro 2011), 57.

¹⁷⁸ Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo*, 559.

¹⁷⁹ Sigo John M. Battle, «Uskorenie, Glasnost and Perestroika: The Pattern of Reform under Gorbachev», *Soviet Studies* XL, n.º 3 (julho 1988), 369. Doravante apenas Battle, «Uskorenie, Glasnost and Perestroika», seguido de página.

¹⁸⁰ Gorbachev, *On My Country*, 59.

A verdade é que tentámos implementar algumas ideias fundamentais que a Revolução de Outubro avançou mas não chegou a realizar: superar a alienação das pessoas do governo e da propriedade, dar poder ao povo, implementar a democracia e estabelecer a verdadeira justiça social. A ilusão foi que, nessa altura, eu, como muitos de nós, assumi que isto podia acontecer se se melhorasse o sistema já existente.¹⁸¹

A partir de 1986, e do XXVII Congresso em particular, o âmbito económico da reforma passa ser também político e social, porque «Gorbatchov e os seus aliados começaram a perceber que o problema económico do país estava intrinsecamente ligado a uma crise moral, social e cultural muito mais profunda».¹⁸² A passagem de um plano de reconstrução económica para um plano de transformação cultural e política deveria começar, antes de mais, por um esforço de mobilização e de «combate à apatia e inércia públicas».¹⁸³ A *Glasnost* surgiu, neste sentido, como um instrumento da *Perestroika*.

3.3 A *Glasnost* na Origem de uma Proto-Sociedade Civil Soviética

Por muito que a reforma económica tivesse dado sinais de que o sistema soviético poderia vir a sofrer uma grande transformação, ela não foi a principal responsável pelo carácter sistémico que o plano reformista adquiriu. Antes, foi «a introdução da abertura na discussão do passado e dos problemas que atormentavam a sociedade contemporânea»¹⁸⁴ que permitiu que este plano se tornasse estrutural. *Glasnost* não significa liberdade de expressão, liberdade de opinião, ou liberdade sequer. O significado desta palavra – que se traduz por abertura ou transparência – ganhou ao longo do tempo, tal como aconteceu com *Perestroika*, uma dimensão bem mais profunda. E até muito mais do que a *Perestroika*, foi a *Glasnost* que despertou o povo soviético.

O primeiro grande objetivo da campanha pela abertura era a redução das tradicionais barreiras soviéticas à livre circulação da informação dentro

¹⁸¹ *Ibidem*, 56-57.

¹⁸² Battle, «Uskorenie, Glasnost and Perestroika», 370.

¹⁸³ *Ibidem*.

¹⁸⁴ Kenez, *História da União Soviética*, 327.

da URSS. Ao fomentar a discussão pública sobre os problemas da sociedade, Gorbatchov estaria também a ajudar-se a si próprio: contaria, por um lado, com uma reflexão mais fiel dos objetivos do plano reformista nos *media* e, por outro, com a possibilidade de obter um *feedback* real da aceitação ou rejeição destes objetivos por parte das massas.¹⁸⁵ Paradoxalmente, o desastre nuclear de Chernobyl,¹⁸⁶ de 26 de abril de 1986, estimulou em grande medida o aprofundamento da abertura do regime. O paradoxo, argumenta Archie Brown, reside no facto de a primeira reação soviética ao acidente ter sido uma completa negação da *Glasnost* e um aparente retorno aos maus velhos tempos.¹⁸⁷ Chernobyl foi um ponto de viragem na liderança Gorbatchov que «deu à reforma interna um novo ímpeto, ao expor ainda mais o atraso e a corrupção do sistema estalinista, e em particular os seus fracassos no planeamento central apressado, a negligência e o desprezo pelo elemento humano».¹⁸⁸

A partir de 1986, o espectro de tópicos que o debate público podia abranger aumentou de forma muito significativa e deu à reforma política um sentido muito mais vigoroso.¹⁸⁹ A somar a isto, o episódio de Chernobyl legitimou ainda mais as exigências populares: mais *Glasnost*! Rapidamente, a abertura ligeira do regime deu lugar a uma grande amplificação do panorama cultural soviético: isto refletiu-se, por exemplo, no alargamento do leque de filmes, peças de teatro, livros e jornais que podiam ser vistos e publicados. Por esta razão, e do ponto de vista da reflexão prática das

¹⁸⁵ Sigo Battle, «Uskorenie, Glasnost' and Perestroika», 371.

¹⁸⁶ A 26 de abril de 1986, o reator número 4 da central nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, explodiu na sequência de um teste de segurança que simulava a falta de energia na central. Este é considerado o maior desastre nuclear da História e estima-se que o impacto radioativo da explosão tenha sido cerca de quatrocentas vezes superior ao das bombas atómicas de Hiroxima e Nagasáqui.

¹⁸⁷ Brown, *TGF*, 163.

¹⁸⁸ English, *Russia and the Idea of the West*, 215-216.

¹⁸⁹ «Os novos temas incluíam o uso de drogas, a deterioração da qualidade do sistema de saúde, a decadência moral da sociedade soviética, a censura excessiva, e, mais importante, uma discussão pública sobre a necessidade de reforma dentro do Partido. Este novo aspeto da *Glasnost* trouxe à superfície tópicos como: a possibilidade de múltiplos candidatos nas eleições do Partido; a necessidade de uma maior democracia dentro do Partido através de críticas e autocríticas; um retorno ao princípio da liderança coletiva, especialmente ao nível dos comités provincianos e regionais do Partido, e o abuso dos privilégios do Partido». Battle, «Uskorenie, Glasnost and Perestroika», 371-372.

reformas na vida das pessoas, a *Glasnost* teve um efeito muito mais rápido e amplo do que a *Perestroika*.

Conforme justifica a narrativa do próprio Gorbatchov, a definição do *fator humano* como «a nossa principal prioridade»¹⁹⁰ constituiu um forte incentivo à participação e envolvimento dos trabalhadores na gestão do seu trabalho, e propiciou: a definição de um novo papel para os sindicatos, mais ativos na defesa das suas propostas; o reconhecimento da importância da Lei como protetora dos direitos e liberdades do povo; a valorização dos jovens como principais atores e consumidores da nova sociedade; a emancipação das mulheres e a sua inclusão na vida pública; e a exaltação da componente multinacional da União Soviética, «fator do seu poderio e não de fraqueza ou de desintegração». ¹⁹¹ O debate em torno de assuntos outrora censurados pelo regime e a permissão para a existência de grupos e associações independentes do Estado assinalaram o nascimento de uma proto-sociedade civil na União-Soviética.

3.4 Reformar o Sistema Político: A Campanha pela Democratização

Quando questionado acerca do que terá acontecido entre 1985 e 1989 para que a reforma na URSS tivesse ganhado uma dimensão sistémica, Archie Brown afirmou não ter existido um episódio em concreto ou um motivo singular.¹⁹² No seu entendimento, um processo gradual de acontecimentos conduziu a uma necessidade de radicalização do projeto inicial de Gorbatchov. Deste processo, Brown destacou dois momentos em particular: o Plenário do Comité Central de janeiro de 1987 e o caso Nina Andreyeva. A segunda fase do processo reformista começa precisamente com a sessão plenária de janeiro. Para utilizar a frase de Gorbatchov, «1987 é o ano crítico».¹⁹³ O plenário de janeiro marca a viragem do programa de reformas para uma vertente muito mais política do que económica.

Ao reconhecer a necessidade de democracia como semelhante à necessidade de oxigénio, Gorbatchov lançou a sua campanha pela democratização durante esta sessão. A importância deste momento não deve,

¹⁹⁰ Gorbatchov, *Perestroika*, 115.

¹⁹¹ *Ibidem*, 115-135.

¹⁹² Brown, entrevista realizada pela autora.

¹⁹³ Gorbatchov, *Ante-Memórias*, 163.

pois, ser subestimada. A partir daqui, a *Perestroika* ganhou uma conotação muito para além da económica e passou a designar uma reforma de todo o sistema soviético.¹⁹⁴ A atribuição de um significado tão abrangente à *Perestroika*, estendendo-a a todas as esferas – económica, social, política, administrativa e espiritual –, foi o primeiro passo de uma estratégia para viabilizar a campanha pela democratização. As propostas de Gorbatchov para alterar os estatutos do PCUS confirmam o rumo democrático que o seu projeto começou a tomar nesta altura, designadamente ao incluir a possibilidade de múltiplas candidaturas a eleições e a limitação da duração dos mandatos de todos os cargos do partido entre cinco e quinze anos, à exceção de alguns lugares de topo. É claro que o plenário ofereceu resistência a estas propostas que não viram luz verde para a sua concretização. Por isso, a conversação seria retomada na sessão seguinte, em junho.

Entre os dois plenários, o de janeiro e o de junho, as divergências dentro do partido começam a ser notórias, fazendo levantar as primeiras vozes de oposição à liderança Gorbatchov. Um dos principais motivos destas divergências foi decerto a tentativa de reforma das estruturas do aparelho partidário. Esta reforma começou, evidentemente e conforme visto no capítulo 2, com a construção de uma «equipa Gorbatchov», logo em 1985. Mas mesmo uma «equipa Gorbatchov» não seria suficiente para garantir o apoio do partido relativamente ao plano reformista: num sistema como o soviético, a lealdade dos membros do partido para com a liderança é sempre muito volátil – veja-se o exemplo de Ligatchov.¹⁹⁵ Por esta razão, ainda que a reforma nos quadros do PCUS funcionasse numa primeira fase, ela provar-se-ia inútil se não se fizesse acompanhar por uma mudança estrutural do sistema.¹⁹⁶ As raízes desta mudança nascem sobretudo com o XXVII Congresso, durante o qual Gorbatchov se refere a uma necessidade de corrigir os procedimentos eleitorais do país,¹⁹⁷ mas crescem exponencialmente na sessão plenária de janeiro de 1987, que coloca em cima da mesa a possibilidade de as novas medidas implicarem a votação secreta

¹⁹⁴ Sigo Brown, *TGF*, 123.

¹⁹⁵ Um grande aliado de Gorbatchov que se tornou um dos principais opositores da *Perestroika* a partir de 1987.

¹⁹⁶ Sigo Seweryn Bialer, «Gorbachev's Move», *Foreign Policy* 68 (outono 1987), 68. Do-ravante apenas Bialer, «Gorbachev's Move», seguido de página.

¹⁹⁷ Cf. Battle, «Uskorenie, Glasnost and Perestroika», 377.

dos candidatos, até ao cargo de Primeiro-Secretário, e de se estenderem a todos os comunistas, sem exceção.

Um mês depois do plenário de janeiro foram apresentados ao *Politburo* os resultados da reestruturação económica e, em particular, das medidas implementadas no XXVII Congresso. Os números revelaram que o «resultado triste e paradoxal da tentativa de reforma foi um maior declínio do índice de crescimento e o aumento do abismo entre as economias desenvolvidas do Ocidente e a economia soviética»:¹⁹⁸ só 77% da produção de máquinas era aceitável; bens industriais no valor de três mil milhões de rublos não tinham compradores; vinte e nove de trinta e duas redes ferroviárias não haviam cumprido o plano; metade da produção nacional de metal perdera-se devido a acidentes.¹⁹⁹ Era cada vez mais óbvio que, pela natureza do próprio sistema, não era possível acreditar em reformas internas – e, pela mesma razão, o investimento de Gorbatchov em matéria de economia souou a um grande falhanço da sua parte enquanto líder.

Porém, apesar de preocupantes, estes indicadores funcionaram como estímulo para o reforço da *Perestroika* (enquanto reforma económica), que aconteceu poucos meses depois. O plenário de junho de 1987 «marca uma clara radicalização da visão [de Gorbatchov]»,²⁰⁰ que encontra a sua motivação reformista na noção de que «a crise e os problemas económicos eram sintomas de um mal maior».²⁰¹ Os relatórios de fevereiro também ajudaram a confirmar a ideia de que, antes de ser económica, esta crise era principalmente política. Quer isto dizer que a reestruturação só poderia funcionar na base da democratização e que a reforma económica só poderia acontecer em simultâneo com a política: se as pessoas tivessem mais direitos e estivessem mais satisfeitas, estariam também mais dispostas a contribuir para o esforço da *Perestroika*.²⁰²

¹⁹⁸ Kenez, *História da União Soviética*, 327.

¹⁹⁹ Na referência a estes dados sigo Taubman, *Gorbachev*, 336.

²⁰⁰ Bialer, «Gorbachev's Move», 60.

²⁰¹ *Ibidem*, 62.

²⁰² Stephen White, «Democratisation in the USSR», *Soviet Studies* 42, n.º 1 (janeiro 1990), 3. Doravante apenas White, «Democratisation», seguido de página.

3.5 A Radicalização da Agenda Reformista

Para Gorbatchov, a *Glasnost* e a democratização eram elementos absolutamente necessários para garantir a continuidade da reforma económica, servindo não apenas para assegurar a não repetição dos erros do passado, mas também para evitar a reversão do processo reformista.²⁰³ As suas propostas para aprofundar o nível de transformação do país refletem precisamente a união destas duas vertentes da crise soviética – económica e política – às quais o seu projeto se comprometia a dar resposta. Veja-se:

Em teoria, os novos passos [da reforma] aboliam o planeamento central; atribuíam à administração das empresas um leque de direitos e a sua independência; instituíam um novo sistema de controlo de qualidade, fixação de preços e incentivo à concorrência; e aumentariam o papel do dinheiro, do crédito e do lucro na atividade económica.²⁰⁴

O que nos sugere este leque de novas medidas – conhecido como «Os Pontos-Chave»²⁰⁵ – é que, a partir de junho de 1987, a *Perestroika* deixou de ser apenas uma tentativa de recuperar economicamente o sistema vigente para passar a ser uma tentativa de o transformar política e culturalmente – sobretudo se se tiver em conta a ideia de mercado que está implícita nestas propostas. Assim, apesar de o sucesso destas medidas ser duvidoso, elas são importantes para compreender a passagem do plano reformista da esfera económica para a esfera política, na medida em que «criaram as condições organizacionais e psicológicas para uma série de reformas que mais tarde se concretizaram».²⁰⁶

De acordo com o próprio Gorbatchov, a necessidade de dar à reforma económica uma componente política resulta da relação existente entre meios e fins. Nas suas palavras, «se os meios não corresponderem aos fins, ou pior ainda, se os meios contradisserem os fins, aparecerão adversidades e falhas».²⁰⁷ Isto significa, em primeiro lugar, que a uma reforma

²⁰³ Sigo Battle, «Uskorenie, Glasnost' and Perestroika», 378.

²⁰⁴ Bialer, «Gorbachev's Move», 60.

²⁰⁵ Brown, *TGF*, 138.

²⁰⁶ Bialer, «Gorbachev's Move», 61.

²⁰⁷ Gorbachev, *On My Country*, 61.

democrática devem corresponder meios democráticos e que, por isso mesmo, sem *Glasnost*, não haveria *Perestroika*. Significa simultaneamente que o combate à centralização da economia soviética não podia ser feito com o secretismo com que eram normalmente tratados os assuntos públicos, nem assente no modo como as autoridades eram protegidas da crítica. Antes, a resolução dos problemas dependia, primeiramente, de estes serem objeto de discussão. Esta discussão, por sua vez, deu à *Glasnost* um sentido muito diferente e mais amplo. Na definição de Gorbatchov, a «abertura» passou a significar «liberdade de informação para todos os cidadãos e liberdade de expressão política, religiosa e de outras das suas convicções, liberdade crítica no mais profundo sentido da palavra».²⁰⁸

A relação entre as duas reformas – económica e política – saiu inteiramente reforçada por esta nova conceção de abertura e por tudo o que ela implicava. Por outras palavras, «sem esta ênfase numa maior abertura, espírito crítico e autocrítica, o processo de reestruturação não seria possível. E sem a reestruturação, a retórica em torno da campanha da *Glasnost* pareceria oca».²⁰⁹ O período entre os dois plenários marcou uma fase de revitalização do processo reformista, muito por conta da campanha pela democratização, que foi apresentada por Gorbatchov como o grande pilar de todo este processo.²¹⁰

O pragmatismo desta campanha é um elemento-chave para compreender o respeito, o otimismo e a mobilização que o projeto de Gorbatchov conseguiu entre as massas. A sua abordagem baseou-se «não numa teoria, mas no senso comum»²¹¹, e isso vê-se, por exemplo, na escolha de uma linguagem simples e no esforço constante pela aproximação, física e moral, às pessoas. Nesta abordagem está implícita a noção de que, para fazer vingar as suas ideias entre a oposição, Gorbatchov precisaria do apoio popular. Esta é a «lógica instrumental» por detrás da sua «lógica política». Conseguir o apoio popular na campanha pela democratização exigia, antes de qualquer outra coisa, que este termo – pouco familiar para o povo – fosse ideologicamente legitimado. Nesse sentido, Gorbatchov procurou

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ Battle, «Uskorenie, Glasnost and Perestroika», 373.

²¹⁰ *Ibidem*, 378.

²¹¹ Bialer, «Gorbachev's Move», 63.

arranjar uma conexão entre os ideais leninistas sobre a «democracia do sistema socialista, sob a qual as pessoas se sentem as suas próprias mestres e criadoras», e o seu plano de democratização: «ao invocar os ensinamentos sagrados de Lenine, Gorbatchov enfatizou ainda mais o rigor ideológico da democratização».²¹² Se, através desta legitimação, conseguisse chegar às pessoas e conquistar o seu apoio, daria a esta campanha uma base popular imprescindível à credibilidade de todo o plano de reformas.

Apesar de o contexto ser o de um regime autoritário – o que quer dizer que não é necessária a aprovação das pessoas, o projeto de Gorbatchov assenta precisamente numa tentativa de aligeirar, pelo menos, este autoritarismo tipicamente soviético. Isto também explica que um dos grandes alvos de Gorbatchov nesta fase tenha sido a classe dos operários: o seu objetivo era implementar e consolidar «a política de promover o envolvimento ativo das pessoas nos processos económicos e de produção, combinando estreitamente os interesses do Estado com os do indivíduo e do coletivo de trabalho e de fazer do povo trabalhador soviético o verdadeiro amo e senhor».²¹³ Esta estratégia sugere ainda que a lógica do modelo democrático tal como Gorbatchov o imaginou se opõe de algum modo à lógica do modelo democrático ocidental.²¹⁴ A distinção entre um nível democrático «macrossocial» e um nível democrático «microsocial» explica a distância que separa estes dois modelos: para o Ocidente, a democracia deve privilegiar o primeiro nível, dentro do qual os corpos mais pequenos podem até admitir algum grau de autoritarismo, muitas vezes necessário à manutenção de hierarquias; a democracia gorbatchoviana, por oposição, dá prioridade a elementos sobretudo de nível «microsocial»; isto é, prevê que os corpos sociais mais pequenos possam funcionar democraticamente (por exemplo ao permitir que os trabalhadores elejam os seus diretores), mas não adota os mesmos padrões a um nível «macrossocial» – leia-se dentro do partido. Apesar de distante da conceção democrática ocidental, esta dimensão «microsocial» que é privilegiada por Gorbatchov – e que é visível no nascimento e crescente autonomização de pequenos grupos e

²¹² Battle, «Uskorenie, Glasnost and Perestroika», 379.

²¹³ Gorbatchov, *Perestroika*, 99.

²¹⁴ Bialer, «Gorbachev's Move», 63.

associações – é crucial para explicar o surgimento de uma sociedade civil na União Soviética a partir de 1987.

3.6 A Separação de Forças no PCUS e o Caso Nina Andreyeva

No contexto da transformação interna da URSS, foi mais fácil concretizar os objetivos da *Glasnost* do que os da *Perestroika*. Por outras palavras, foi mais fácil derrubar os pilares do autoritarismo na sociedade do que na economia.²¹⁵ O problema da distância que separa o sucesso da *Glasnost* do fracasso da *Perestroika* é que o sucesso da primeira foi o que permitiu às pessoas criticar e opor-se à liderança Gorbatchov. Os meios começaram a atrair os fins quando os cidadãos perceberam que nada lhes aconteceria se se mostrassem descrentes ou adversos face à reforma. A somar a isto, a *Glasnost* contribuiu fortemente para o nascimento de dois problemas na URSS: em primeiro lugar, um problema dentro do PCUS, com a separação clara dos seus membros entre uma ala liberal e uma ala conservadora; e, em segundo, um problema de identidades dentro da União, com o Estado unido e coeso a transformar-se numa federação de povos e nacionalidades vários.

Dentro do PCUS, o pico de tensão foi atingido durante a sessão plenária do Comité Central de 21 de outubro de 1987. A reunião destinava-se a aprovar o discurso do Secretário-Geral para a cerimónia de celebração do septuagésimo aniversário da Revolução Bolchevique, mas acabou por ser palco de uma intervenção crítica por parte de Ieltsin, que oficializou a existência de uma força hostil interna à liderança Gorbatchov. Para além de censurar abertamente o Secretariado-Geral do partido pela sua falta de competência e capacidade para tomar decisões,²¹⁶ Ieltsin terminou o seu discurso com um pedido de demissão do cargo de chefe do partido em Moscovo e a declaração de candidatura a membro do *Politburo*.

Tanto para Ieltsin, como para a própria União Soviética, este episódio resultou em muito mais do que uma quebra na unidade do PCUS. Resultou, em primeiro lugar, na destruição da sua relação com Gorbatchov e,

²¹⁵ Não é surpreendente que tenha sido mais difícil transformar a inércia do sistema em alguma eficiência do que ensinar uma sociedade a emancipar-se.

²¹⁶ Um dos argumentos da crítica de Ieltsin que chocou e enraiveceu particularmente Gorbatchov foi «um culto de personalidade» – uma característica típica do período estalinista, «uma coisa do passado». Taubman, *Gorbachev*, 354.

por consequência, no final da sua carreira no partido. Mas, mais importante, resultou no início do caminho para a sepultura política de Gorbatchov. Apesar de ter mostrado arrependimento poucos dias depois do plenário de outubro e de ter pedido várias vezes a readmissão, Ieltsin não voltaria a ter uma oportunidade, pessoal ou política, com Gorbatchov, que o recusou e humilhou publicamente.²¹⁷ Este foi o principal erro de Gorbatchov: não percebeu que, ao desprezar Ieltsin, estava a engrandecer-lhe a figura de salvador, sobretudo perante os moscovitas.²¹⁸

No início de 1988, a agenda reformista de Gorbatchov foi novamente posta à prova por um episódio que ficou conhecido como o caso Nina Andreyeva. Esta professora de Química, até então desconhecida, foi a autora de uma carta intitulada *Porque não posso abandonar os meus princípios*, publicada a 13 de março num jornal nacional. O teor neoestalinista desta carta e os ataques diretos à pessoa de Gorbatchov não foram, porém, os principais motivos pelos quais ela marcou especialmente este período. No contexto de desconcerto em que se encontrava o PCUS no final de 1987, o *timing* do caso Andreyeva levou alguns intelectuais soviéticos a suspeitar de que a publicação teria contado com o apoio da ala mais conservadora do partido.²¹⁹ Na leitura de Archie Brown, o patrocínio dos membros mais conservadores ao «manifesto anti-*Perestroika*» serviu fundamentalmente para clarificar a existência de duas grandes forças opostas dentro do partido: a favor ou contra o processo reformista. No regresso de Gorbatchov a Moscovo, o conteúdo da carta foi discutido pela maioria dos membros do *Politburo* e, se dúvidas existissem, ficou claro que outros para além de Ligatchov concordavam com o manifesto. Nesta altura, a autoridade do Secretário-Geral ainda era inquestionável e, por isso, muitos dos apoiantes de Andreyeva foram expulsos dos seus cargos no *Politburo*.

²¹⁷ À exceção das negociações levadas a cabo em 1990, que juntaram duas equipas de economistas lideradas por Gorbatchov e Ieltsin e que resultaram naquele que ficou conhecido como o Plano dos Quinhentos Dias.

²¹⁸ Aliás, foi durante este período que a popularidade de Ieltsin mais cresceu em Moscovo, ao ponto de criar a oportunidade para o que aconteceu em agosto de 1991.

²¹⁹ À data do acontecimento, o responsável pelo *apparatus* do partido era Ligatchov, porque tanto Gorbatchov como Yakovlev deixariam o país no dia seguinte em visitas ao estrangeiro. Este poderá ter sido um dos elementos que mais peso tiveram na suposição de que a publicação contou com o apoio da ala mais conservadora do Partido. Archie Brown, *TGF*, 172.

3.7 Da Campanha pela Democratização ao Plano de Transformação Sistêmica: A XIX Conferência do PCUS e a Criação de um Congresso dos Deputados do Povo

Gorbatchov não queria esperar pelo próximo Congresso – que só se realizaria em 1991 – para limitar o poder do partido (ou da ala conservadora) e reduzir a dimensão do aparelho partidário. As conferências dos partidos servem precisamente para quando é necessário debater assuntos extraordinários entre congressos.²²⁰ Por outro lado, também o fracasso das reformas económicas reforçou a necessidade de convocar um destes encontros antes de 1991.²²¹

No contexto da campanha pela democratização, o fracasso económico pode sugerir que, por uma questão cultural, ou, nas palavras de Gorbachov, devido «à psicologia escravagista da população»,²²² a União Soviética não estava preparada nesta altura para uma transição para a democracia. Para o autor, esta falta de preparação residia em grande medida nas experiências tirânicas das pessoas, vindas do tempo de Estaline, e no «espírito fatalista»²²³ a que o czarismo conduzira. Neste sentido, a XIX Conferência do PCUS – que se realizou entre 28 de junho e 1 de julho de 1988 – marca um novo momento de radicalização em que o processo reformista toma a dimensão de um programa de transformação sistêmica.

Do ponto de vista do seu desempenho enquanto Secretário-Geral, este foi um dos momentos mais célebres do poder de Gorbachov. Em comparação com o que havia acontecido em 1986, durante o XXVII Congresso, a Conferência em 1988 parecia estar completamente sob o seu controlo. A radicalização da sua agenda de reformas – para a qual o caso Andreyeva contribuiu particularmente – manifestou-se sobretudo numa estratégia para equilibrar e frear as fontes de poder na União Soviética. De acordo com o discurso do líder, «o sistema político estabelecido pela

²²⁰ A partir de 1941, esta prática deixou de ser usual. Desde esse ano, e até que se realizou a XIX Conferência do partido, nenhuma outra teve lugar.

²²¹ «Apenas 21 por cento dos trabalhadores viam alguma relação entre o que trabalhavam e quanto recebiam. A confiança popular na administração económica era ainda mais baixa: meros 7,3 por cento avaliavam positivamente os gestores económicos; 13 por cento, os oficiais soviéticos locais; e 14 por cento, os oficiais do partido». Taubman, *Gorbachev*, 376.

²²² *Ibidem*, 377.

²²³ *Ibidem*.

Revolução de Outubro sofreu graves deformações, conduzindo ao desenvolvimento de um comando administrativo em vez de estruturas de gestão democráticas». ²²⁴

Seria de esperar que a Conferência se traduzisse na reafirmação de um conjunto de medidas anteriormente tomadas, entre elas um aprofundamento da *Perestroika* e do processo de democratização. Mas os objetivos traçados por Gorbatchov foram bem mais longe do que isso e do que alguma vez tinham ido num contexto como o deste encontro político: o seu plano para reduzir o carácter burocrático do sistema e impedir abusos de poder constituiu um «ataque implacável às prerrogativas do partido». ²²⁵ A ideia central das propostas apresentadas por Gorbatchov era a de uma retomada do poder pelos soviets. ²²⁶ De acordo com o seu discurso, os soviets deveriam dispor de fontes de receita mais adequadas, independentes e estáveis, e alguns deputados deveriam poder exercer as suas funções de representação como um trabalho a tempo inteiro. Sugeriu, simultaneamente, que o Soviete Supremo se tornasse um grupo bem mais pequeno (400 a 450 membros), a ser eleito por um novo órgão de poder: o Congresso dos Deputados do Povo.

Do ponto de vista da transformação sistémica que a XIX Conferência iniciou, a criação do Congresso afigura-se como uma possível tentativa por parte de Gorbatchov de introduzir na União Soviética um sistema parcial de *checks and balances*. ²²⁷ E, neste sentido, o Congresso dos Deputados do Povo dá vida à ideia de transferir o poder para as pessoas: dois terços dos 2250 deputados seriam eleitos pela população em geral, metade de acordo com a densidade populacional de cada círculo eleitoral e a outra metade de acordo com as divisões nacionais territoriais do país; o outro

²²⁴ White, «Democratisation», 3-4.

²²⁵ Service, *The Penguin History of Modern Russia*, 461.

²²⁶ O termo *soviets* (conselhos, em russo) remonta a 1905 e refere-se aos grupos formados pelos trabalhadores russos durante a Revolução. Com a formação de um Governo Provisório fundamentalmente constituído por burgueses latifundiários em fevereiro de 1917, os soviets passam a ser a principal fonte de oposição ao poder. Em outubro do mesmo ano, sob o lema «Todo o poder aos soviets», o líder do Partido Bolchevique, Lenine, conquista o apoio popular destes grupos e toma o poder na sequência da Revolução de Outubro.

²²⁷ Baruch A. Hazan, *Gorbachev's Gamble: The 19th All-Union Party Conference* (Nova Iorque: Routledge, 2018), 25. Doravante apenas Hazan, *Gorbachev's Gamble*, seguido de página.

terço seria eleito por organizações sociais como o próprio partido, que garantia 100 destes últimos 750 lugares.

A radicalização da agenda reformista – de que a XIX Conferência é símbolo – encontrou a sua expressão num conceito político inteiramente novo: um Estado de Direito Socialista (*Sotsialisticheskoe Pravovoe Gosudarstvo*).²²⁸ No ponto em que esta agenda se encontrava e, em particular, no ponto em que se encontrava a campanha pela democratização, era importante acrescentar-lhes uma componente jurídica. Enquanto líder formado em Direito, Gorbatchov compreendeu que era necessário reforçar significativamente o papel da Lei na União Soviética. Nesse sentido, começou a associar à *Perestroika* e à sua conceção de democracia a inevitabilidade do desenvolvimento da Lei enquanto protetora da sociedade face aos abusos de poder, aos seus direitos e liberdades.

Grande parte das propostas de junho e julho de 1988 entrou oficialmente em vigor em dezembro do mesmo ano, mas o evento mais importante estava agendado apenas para a primavera seguinte:

Em março de 1989, as eleições para o Congresso dos Deputados do Povo são as primeiras verdadeiras eleições na Rússia desde 1918, e marcam o início de uma nova dinâmica política, em que a ‘revolução de baixo para cima’ vai prevalecer sobre a ‘revolução de cima para baixo’.²²⁹

Neste contexto eleitoral, é importante sublinhar que, para qualquer soviético em 1989, a possibilidade de assistir e participar numa competição genuína representava um corte radical face às velhas práticas da URSS.²³⁰ Além disso, o Congresso dos Deputados do Povo era a primeira plataforma democrática soviética a ser criada em desconformidade com o sistema de partido único.²³¹ A atratividade destas eleições – que registaram a participação de 89% da população – conduziu a um sem-número de fracassos inesperados para muitas figuras da velha guarda do partido²³² (como seria

²²⁸ White, «Democratisation», 10.

²²⁹ Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 150.

²³⁰ Brown, *TGF*, 189.

²³¹ Figes, *Revolutionary Russia*, 397.

²³² «Trinta e nove Primeiros-Secretários do Partido, juntamente com os então Primeiros-

expectável, muitas destas encontraram na liderança do partido, e na imprensa as razões destes fracassos).

Para Gorbatchov, porém, os resultados de 1989 e, em especial, o afastamento de alguns dos mais antigos representantes do partido, traduziam o sucesso e a boa aceitação da reforma eleitoral por ele implementada. O balanço da sua iniciativa só podia ser muito positivo: por um lado, porque conferia substância democrática à *Perestroika* e, por outro, porque lhe conferia a si próprio a credibilidade de um verdadeiro reformador, dentro e fora do seu país. Trinta anos depois, o balanço pode não parecer tão positivo: as reformas podem ter saído das eleições de 1989 com um estatuto revigorado, mas o poder do Secretário-Geral não. Antes, sublinha Archie Brown, «o poder de Gorbatchov jamais voltaria a ser o mesmo a partir dali».²³³

3.8 O Fim do Monopólio do PCUS

A discussão mais importante do Primeiro Congresso dos Deputados do Povo fez-se em torno do papel do partido na sociedade enquanto fonte primordial do poder. A importância desta discussão funda-se precisamente na ideia de desafiar este papel:

em público, Gorbatchov continuava a mostrar-se favorável à manutenção do papel de liderança do partido, mas no seu discurso final do Primeiro Congresso dos Deputados do Povo, a 9 de junho, observou que, se o partido queria tornar-se vanguardista, então teria de se reconstruir a si próprio antes da sociedade.²³⁴

O que nos sugere esta observação é que já era claro, tanto para Gorbachov, como para os seus aliados, que, mais tarde ou mais cedo, o partido teria de abandonar o monopólio do poder. Na prática, o que estava em causa era rever, ou até abolir, o artigo 6 da Constituição da URSS de 1977:

-Ministros da Letónia e da Lituânia, sofreram a humilhação da derrota no Congresso, no início de 1989». Figes, *Revolutionary Russia*, 397.

²³³ Brown, *TGF*, 190.

²³⁴ *Ibidem*.

Artigo 6 – A força líder e orientadora da sociedade soviética e o núcleo do seu sistema político, de todas as organizações estatais e organizações públicas, é o Partido Comunista da União Soviética. O PCUS existe para o povo e serve o povo. O Partido Comunista, na base do Marxismo-Leninismo, determina as perspectivas gerais do desenvolvimento da sociedade e o curso da política interna e externa da URSS, dirige o trabalho construtivo do povo soviético e transmite um caráter metódico, sistemático e teoricamente fundamentado para o esforço e para a vitória do Comunismo. Todas as organizações partidárias devem funcionar dentro da estrutura da Constituição da URSS.²³⁵

Na realidade, a ideia de retirar ao partido o monopólio do poder tem origem em 1988, na XIX Conferência do PCUS. Mas nesta altura muito pouco tinha sido verdadeiramente pensado para iniciar uma transferência de poder tão importante, do partido para o Estado – deve sublinhar-se neste contexto a fusão existente entre partido e Estado na União Soviética. Além disso, era muito importante encontrar o *timing* ideal para rever, ou remover, o artigo 6 da Constituição.

O Terceiro Congresso dos Deputados do Povo teve lugar em março de 1990. Duas grandes decisões fazem deste encontro um momento crucial para o início de uma quebra incontornável na autoridade do Secretário-Geral Gorbatchov: em primeiro lugar, a revogação do artigo 6 – que implica o abandono do papel de liderança do PCUS no sistema político soviético – e, em segundo, a criação do cargo de Presidente da União.²³⁶

No que respeita à primeira decisão, é evidente que a escolha do *timing* para revogar o artigo não foi a mais acertada, por uma razão em particular: em março de 1990, muitos dos partidos comunistas da Europa de Leste já não eram as forças líderes nestes países, nem constitucionalmente, nem na prática. Nas palavras de Archie Brown, nesta fase a «sociedade

²³⁵ «Constitution (Fundamental Law) of the Union of Soviet Socialist Republics», Bucknell University, consultado a 9 de janeiro, 2020, <https://www.departments.bucknell.edu/russian/const/77cons01.html>.

²³⁶ Grande parte dos deputados do Congresso votou a favor de uma emenda que determinava que a pessoa eleita para o cargo de Presidente não poderia exercer nenhum outro cargo político. Apesar dos 1303 votos a favor e dos 607 contra, a emenda não foi aprovada, dada a necessidade de obter um total de 1497 votos a favor para que a alteração constitucional pudesse concretizar-se. Brown, *TGF*, 196.

já estava demasiado madura»²³⁷ e, nesse sentido, a revogação do artigo 6 acabou por dar lugar a uma repetição do cenário do Leste europeu na União Soviética. Por outro lado, a partir de 1990, a posição da liderança Gorbatchov dentro do PCUS estava cada vez mais vulnerável: se, para a ala reformadora do partido, o ritmo do plano reformista era demasiado lento, para os membros da linha dura este plano já se tinha tornado uma autêntica traição aos princípios leninistas.

Tornou-se, pois, clara a necessidade de ir mais longe na ambição de transferir o poder do partido para o Estado: este plano já se tinha concretizado do ponto de vista legislativo, mas não do poder executivo. Neste contexto, a criação do cargo de Presidente da União surgiu como forma de aglutinar ambos os poderes, executivo e legislativo, e consolidar a posição de Gorbatchov enquanto líder. Mais do que uma estratégia para dar continuidade ao processo de reformas que tivera início em 1985, esta foi uma estratégia para tentar salvaguardar tanto o estatuto de Gorbatchov, como o da própria União: em primeiro lugar, porque, mais do que nunca, a instabilidade partidária estava a ameaçar seriamente o cargo de Secretário-Geral, com muitas das figuras do partido a nível local a atingir níveis de popularidade muito superiores aos de Gorbatchov;²³⁸ e, em segundo, porque o enfraquecimento da estrutura central do poder – Moscovo – fomentou em grande medida o espírito independentista nas várias repúblicas que compunham a URSS, a começar pelas bálticas.

²³⁷ *Ibidem.*

²³⁸ Por exemplo, *leltsin*.

Capítulo 4

Gorbatchov e a Guerra Fria: A Dimensão Externa do Processo Reformista

*Dois homens de boa vontade podem mudar juntos o mundo,
caso falem de ser humano para ser humano.*

Donald T. Regan, 1990

*A mais importante causa precipitante do fim da Guerra Fria
foi um indivíduo, Mikhail Gorbatchov.*

Joseph S. Nye, Jr, 2000

*Na União Soviética, uma das consequências mais importantes
da Perestroika é o fortalecimento e a generalização, no seio da
sociedade, do sentimento de confiança. E isto reforça a nossa fé
na possibilidade de introduzir este sentimento, tão indispensável, no
domínio das relações intergovernamentais, internacionais.*

Mikhail Gorbatchov, 2000

Mais do que a vertente interna do processo reformista da URSS, foi a sua vertente externa que fez de Gorbatchov o grande impulsionador do final da Guerra Fria²³⁹ – a par de outras figuras muito importantes, sobre as quais me debruçarei neste quarto capítulo. Do mesmo modo, mais do que a reforma dos setores económico e social da URSS, foi a reforma

²³⁹ A ideia de que Gorbatchov é este grande impulsionador é defendida por Archie Brown, que o considera o principal responsável pelo fim do conflito, tanto do ponto de vista ideológico, como do ponto de vista prático: «Na sua dimensão ideológica», argumenta, «a guerra acabou com o discurso de Gorbatchov nas Nações Unidas em dezembro de 1988. No terreno, acabou no ano seguinte, quando a liderança soviética se recusou a fazer uso da força para impedir os polacos, os húngaros, os checoslovacos e outros leste-europeus de usufruírem da liberdade de escolha de que falara Gorbatchov, e quando permitiu que o muro de Berlim caísse sem que fosse disparado um tiro». Brown, *The Human Factor*, 2.

da política externa soviética que permitiu a Gorbatchov ascender a esse estatuto de grande impulsionador. De acordo com Carlos Gaspar, «a nova teoria da política externa soviética dá sentido ao retraimento estratégico e contribuiu para apagar a imagem da URSS como ‘império do mal’ e como inimigo das democracias entre a opinião pública ocidental».²⁴⁰ O preço (caro para a URSS) desta revisão estratégica, acrescenta Gaspar, foi a própria identidade comunista. No contexto da Guerra Fria, a reforma desta identidade traduziu-se em duas mudanças importantes: do ponto de vista interno, traduziu-se no abandono da visão ortodoxa da dialética soviética, segundo a qual o confronto entre os «dois mundos» era inevitável; e, do ponto de vista externo, traduziu-se na aceitação gradual por parte do Ocidente da União Soviética como interlocutor e na possibilidade da sua contribuição como membro credível na Política Internacional.

Para compreender os esforços da liderança Gorbatchov nesta revisão da abordagem soviética relativamente ao mundo e às Relações Internacionais, é necessário recuar alguns anos na história da própria política externa soviética e das suas premissas centrais. A análise de Martin Malia sugere que o objetivo primário de Brezhnev em matéria de política externa era o mesmo que o de Kruhshev: atingir uma relação de comodidade com os Estados Unidos que permitisse ao regime soviético fortalecer-se domesticamente.²⁴¹ Mas o segundo grande objetivo do regime nesta fase da Guerra Fria (décadas de 1960, 1970 e princípio de 1980, durante as lideranças Brezhnev e Andropov) – «lucrar com os movimentos de libertação revolucionários dos países do Terceiro Mundo»²⁴² – forçava a interrupção do primeiro.

Para a União Soviética, a década de 1970 foi um período particularmente positivo no contexto da medição de forças com os Estados Unidos, sendo o ponto alto da demonstração da sua influência no mundo.²⁴³ Precisamente

²⁴⁰ Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 98.

²⁴¹ Malia, *The Soviet Tragedy*, 373.

²⁴² *Ibidem*.

²⁴³ Simultaneamente, este período fora o mais complicado para o Ocidente desde a Segunda Guerra Mundial: desde logo devido à crise petrolífera de 1973, mas também porque a guerra no Vietname terminara resultando na queda do Vietname do Sul (aliado dos Estados Unidos); a assinatura da Ata Final de Helsínquia, a 1 de agosto de 1975, confirmara o *statu quo* do pós-Segunda Guerra Mundial na Europa e garantira a inviolabilidade das suas fronteiras, incluindo as da URSS e dos seus satélites de Leste; e no Terceiro Mundo, os esforços soviéticos tinham superado os dos Estados Unidos em casos como os de Angola e da Etiópia.

por isso é que a *détente* foi possível: porque Brezhnev compreendeu rapidamente que podia aproveitar a posição favorável em que se encontrava na «correlação de forças» dessa década. Mas a análise do então Secretário-Geral do PCUS relativamente às Relações Internacionais e ao papel do socialismo no mundo limitava em grande medida o sucesso dos objetivos da *détente*: desde logo porque, de acordo com esta análise, um equilíbrio de forças não só não era um objetivo para a URSS, como também não podia ser uma característica inerente ao próprio sistema internacional.

Na leitura utópica de Brezhnev, o mundo dos anos 1970 estava progressiva e favoravelmente a aproximar-se do socialismo, em detrimento do capitalismo – sendo esse um dos princípios basilares da política externa soviética à data e uma condição indispensável à manutenção da distensão.²⁴⁴ Por tudo isto, quando Gorbatchov chegou ao poder em 1985, a *détente* já não era real. Nesta altura, o regresso a uma condição de perigo iminente estava sobretudo ligado à continuação da corrida armamentista, que nos anos 1980 dera vida à ameaça de uma guerra nuclear.²⁴⁵ Tornase, pois, evidente que, para o Ocidente e para a União Soviética, a *détente* tinha significados diferentes: para os primeiros era «uma forma gradual de ultrapassar a Guerra Fria;» para os segundos, «uma forma gradual de a ganhar».²⁴⁶

4.1 Reformular a Política Externa Soviética: Da Coexistência Pacífica à Política do Pensamento Novo

Tendo em conta este enquadramento histórico, é possível afirmar que a chegada de Gorbatchov ao poder marca o encerramento de um capítulo da Guerra Fria e inaugura o princípio da sua conclusão. A partir de 1985, um Novo Pensamento – *Novoe Myshlenie* – dá origem a um novo olhar sobre a Política Internacional e a uma nova interpretação sobre o papel da URSS no mundo. Os erros de cálculo da política externa da velha guarda soviética ajudaram a consolidar uma nova dialética, à qual Gorbatchov chamou Política do Pensamento Novo. De acordo com Joseph Nye, na

²⁴⁴ Sigo David Holloway, «Gorbachev's New Thinking», *Foreign Affairs* 68, n.º 1 (1989), 66-67. Doravante apenas Holloway, «Gorbachev's New Thinking», seguido de página.

²⁴⁵ Uma realidade para a qual a crise dos euromísseis contribuiu especialmente no início da década de 1980.

²⁴⁶ Malia, *The Soviet Tragedy*, 378.

base desta dialética estão dois grandes elementos: em primeiro lugar, a «alteração das ideias, (...) como o conceito de segurança comum, com o qual o dilema de segurança clássico é evitado»; e em segundo, a «visão de que o expansionismo é, quando bem pensado, mais prejudicial do que benéfico»²⁴⁷ (sobre este segundo elemento debruçar-me-ei no próximo capítulo).

Contrariamente à tradicional interpretação soviética das Relações Internacionais, o Novo Pensamento parte da constatação de que existe uma tendência crescente no sentido da interdependência dos Estados e de toda a comunidade internacional e de que essa tendência obriga a um esforço cooperativo universal, independente dos interesses de cada um.²⁴⁸ É muito importante notar que, em última análise, esta nova interpretação poderia implicar o abandono de uma ideia fundamental na União Soviética: o triunfo final e inevitável do comunismo no mundo. A Política do Pensamento Novo distancia-se aqui da Coexistência Pacífica de Kruhshev na medida em que, contrariamente à coexistência de dois sistemas distintos, prevê a sua compatibilidade.²⁴⁹ Por outro lado, recorda Eduard Shevardnadze –, então Ministro dos Negócios Estrangeiros e uma das figuras mais influentes durante o percurso político de Gorbatchov:

até 1986 o princípio da Coexistência Pacífica aplicava-se somente às nossas relações com potenciais adversários. Outro princípio existia para as relações com os nossos amigos e aliados: o internacionalismo proletário, que nos dava o direito de interferir, incluindo através da força, nos assuntos internos dos nossos aliados do Pacto de Varsóvia, por exemplo.²⁵⁰

Pela sua própria índole, a Coexistência Pacífica não era compatível com a universalização dos valores comuns a toda a comunidade internacional a que o Novo Pensamento aspirava. Mas nesta distinção importa também

²⁴⁷ Joseph S. Nye, Jr, *Compreender os Conflitos Internacionais: Uma Introdução à Teoria e à História* (Lisboa: Gradiva, 2002), 160. Doravante apenas Nye, *Compreender os Conflitos Internacionais*, seguido de página.

²⁴⁸ Sigo Gorbatchov, *Perestroika*, 153-159.

²⁴⁹ Sigo Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 65-66.

²⁵⁰ Eduard Shevardnadze, *The Future Belongs to Freedom* (Nova Iorque: The Free Press, 1991), 61.

não confundir a abordagem gorbatchoviana com uma renúncia ao socialismo soviético e ao seu objetivo último. Aliás, e conforme já destacado, a inspiração primordial do processo reformista é precisamente o regresso à pureza dos ideais leninistas. Por esta razão,

há boas razões para acreditar que na fase inicial do seu projeto, Gorbatchov e as pessoas à sua volta, incluindo reformadores como Yakovlev, acreditavam sinceramente que estavam a formular uma nova filosofia política com todo o potencial para se tornar uma ideologia humanitária universal – uma espécie de religião política – que não significava o abandono do sonho comunista mas a sua modernização.²⁵¹

No âmbito da teoria de Waltz sobre os níveis de análise, entramos agora no campo analítico da segunda imagem, uma vez que o Novo Pensamento constitui uma revisão praticamente integral dos princípios orientadores da política externa soviética da segunda metade da década de 1980.

Para lá dos seus considerandos teóricos e ideológicos, a reformulação dos princípios da política externa soviética começou, antes de mais, pelo reconhecimento da sua decadência em termos de prática política e não adaptação às necessidades do país e do mundo:

a nossa política externa estava orientada para um confronto severo contra o mundo inteiro (não incluindo, claro, aqueles que considerávamos aliados, embora estes ocupassem na verdade uma posição de subordinação na nossa doutrina política em geral).²⁵²

A aproximação desta abordagem ao legado do período totalitário na URSS conduziu a um primeiro estímulo para o desenvolvimento do Novo Pensamento. Conforme sugere Alexander Dallin, a revisão da política externa soviética baseia-se num desejo de abandonar a ideia de antagonismo que é típica deste regime relativamente aos países não comunistas.²⁵³

²⁵¹ Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 75.

²⁵² Gorbachev, *On My Country*, 172.

²⁵³ Alexander Dallin, «New Thinking in Soviet Foreign Policy», in *New Thinking in Soviet Politics*, ed. Archie Brown (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 1992), 72. Doravante apenas Dallin, «New Thinking in Soviet Foreign Policy», seguido de página.

Este argumento de Dallin funda-se essencialmente numa noção soviética de «hostilidade obrigatória» – a ideia estalinista de que a segurança soviética dependia da insegurança dos outros – que deu origem a três grandes ideias que vigoram na política externa da URSS até à chegada de Gorbatchov ao poder: 1) a divisão do mundo em dois campos antagónicos; 2) a abordagem da luta de classes no contexto das Relações Internacionais; 3) a ideia de que a relação entre dois países é sempre um jogo de soma zero.²⁵⁴

É de salientar que, muito por conta da própria natureza do regime, uma das principais dificuldades do processo de reformulação da política externa soviética foi precisamente a ligação tão forte das suas práticas a premissas ideológicas obsoletas. E, embora uma parte dos soviéticos nunca tenha chegado a compreender as novas ideias de Gorbatchov nem os seus benefícios, a reforma da política externa do país saiu beneficiada pelo facto de ter sido maioritariamente desenvolvida por uma geração ansiosa por se libertar dos constrangimentos mais ortodoxos do período anterior a Kruhshev – afinal, eram «os filhos do XX Congresso».

4.2 O Novo Pensamento, suas Raízes e Ambições

Dois grandes tópicos – que acabam por se fundir num só – são imprescindíveis à compreensão da Política do Pensamento Novo: o perigo da ameaça nuclear e as relações soviético-americanas na segunda metade da década de 1980. Numa análise retrospectiva sobre as fontes do Novo Pensamento, Gorbatchov começa precisamente por recordar que, em meados da década, o perigo da guerra nuclear era uma realidade efectiva e que, por isso, era necessário prestar mais atenção a questões de política externa que se tinham tornado urgentes.²⁵⁵ Em 1985, uma das questões prioritárias era o reacender da espiral armamentista: por conta da ambição do regime de manter o estatuto de superpotência a todo o custo, os gastos com o setor militar soviético foram equivalentes a 15% do PIB nacional durante os anos de Brezhnev e Andropov – sendo que, no período da *Glasnost*, algumas estimativas chegaram a apontar para os

²⁵⁴ *Ibidem*.

²⁵⁵ Cf. Gorbachev, *On My Country*, 171.

40%.²⁵⁶ Esta situação não apenas contribuía para o enterro económico do país, como também aprofundava a condição de hostilidade a que as duas superpotências tinham regressado no princípio da década de 1980. Nesse sentido, e por oposição ao princípio da inevitabilidade do confronto entre sistemas, o Novo Pensamento funda-se na natural inevitabilidade das diferenças entre estes últimos, bem como na sua natural capacidade para saber viver com essas diferenças.

De acordo com a nova análise soviética da Política Internacional, «a guerra é irracional (...) [e] a afirmação de Clausewitz de que a guerra é a continuação da política por outros meios (...) tornou-se irremediavelmente antiquada».²⁵⁷ Esta análise parte do pressuposto de que o uso da força teve sempre um papel muito importante na História e de que a guerra foi sempre um instrumento político válido – uma realidade que se deveria ter alterado de forma radical com o desenvolvimento das armas nucleares. Paralelamente, e em perfeita consonância com a vertente interna do processo reformista, o Novo Pensamento procura humanizar as Relações Internacionais a fim de encontrar normas, causas e valores comuns a todos os seres humanos. Uma destas causas – talvez a principal – é a proteção da humanidade face a um conflito nuclear, do qual ninguém pode sair vencedor.

A vertente humana deste novo olhar em relação ao mundo e aos seus cidadãos tem em conta a forte mudança ocorrida no período pós-Segunda Guerra Mundial numa série de aspetos do dia a dia da sociedade:

Estou a falar da diversidade prodigiosa, da interdependência crescente e, ao mesmo tempo, da unidade do nosso mundo. Isto inclui não só a internacionalização da vida económica, o poder dos meios de informação e comunicação (...). A sociedade mundial apresenta-se agora aos nossos olhos sob a forma de uma infinidade de governos, cada um dos quais com uma história, tradições, costumes, modos de vida diferentes.²⁵⁸

²⁵⁶ Na referência a estes dados sigo Malia, *The Soviet Tragedy*, 372.

²⁵⁷ Gorbatchov, *Perestroika*, 157.

²⁵⁸ Gorbatchov, *Ante-Memórias*, 218-219.

A *Perestroika* e a *Glasnost* são, aliás, o princípio desta mudança na URSS. E, por essa razão, é impossível dissociar estas reformas da Política do Pensamento Novo. Na relação entre estas duas vertentes, interna e externa, do processo reformista, deve salientar-se a importância da introdução da sociedade soviética – através da *Glasnost* – a novas e diversas áreas de interesse e estudo, nomeadamente através da permissão para ler e publicar livros, ver filmes e trabalhos científicos. A abertura do sistema deu lugar à possibilidade de construir pensamentos próprios sobre a realidade para além da União Soviética, bem como ao questionamento das generalizações típicas do regime e ao nascimento de novas perspectivas para o futuro dos cidadãos. Por tudo isto, o Novo Pensamento também fomentou a continuidade do alargamento das possibilidades de que a *Glasnost* foi a primeira responsável.

Retrospectivamente, e à semelhança do que havia acontecido com a *Perestroika*, Gorbatchov reconhece que a reformulação da política externa soviética também não fora minuciosamente preparada:

algun do nosso pensamento começou a amadurecer a partir daí (...). No geral, os princípios do Novo Pensamento, e os passos que demos nesse sentido, sofreram uma evolução constante. Desenvolveram-se como parte de um processo – um processo de pensamento, discussão, debate e construção teórica – que continuou durante a era da *Perestroika*.²⁵⁹

De acordo com o Secretário-Geral do PCUS, é errónea a ideia de procurar em 1986-87 as raízes do Novo Pensamento. Estas raízes estão antes num «tempo a que os investigadores prestaram pouca atenção» –, argumenta Gorbatchov, referindo-se ao período imediatamente após a sua eleição em março de 1985, até dezembro do mesmo ano e acrescentando que, «em apenas nove meses daquele ano, foram tomadas medidas importantes para formar e desenvolver a nova visão de Moscovo em relação ao mundo e, conseqüentemente, a nova conceção de política externa do nosso país».²⁶⁰

²⁵⁹ Gorbachev, *On My Country*, 179.

²⁶⁰ *Ibidem*.

Vários encontros entre Gorbatchov e algumas figuras políticas do mundo ocidental – de que são exemplo Margaret Thatcher e François Mitterrand – tiveram lugar pouco tempo depois da sua eleição para o cargo de Secretário-Geral do PCUS (no caso do Presidente francês), e até antes disso (no caso da Primeira-Ministra britânica). A todos estes encontros é comum a reafirmação da sua intenção de rever o papel da União Soviética na Política Internacional, no sentido de a tornar «mais responsável na construção de uma situação internacional mais saudável e na promoção de condições favoráveis à expansão dos laços internacionais».²⁶¹

4.3 As Relações Soviético-Americanas: Gorbatchov, Reagan e a Quebra do Gelo

No contexto da Guerra Fria e das relações bipolares, as primeiras experiências diplomáticas de Gorbatchov são cruciais para o encerramento daquela a que o próprio deu o nome era do gelo entre as duas superpotências:

As relações entre os nossos países estão atualmente numa espécie de era do gelo. Somos a favor de restaurar as relações soviético-americanas para vias normais. (...) Não queremos refazer os Estados Unidos à nossa imagem, independentemente do que gostamos ou não no país. No entanto, os Estados Unidos também não devem assumir a tarefa pretensiosa de refazer a União Soviética para a adequar ao seu próprio gosto. Isso apenas conduziria à guerra (...). Temos de construir uma ponte para a cooperação. Mas, para construir uma ponte, como todos sabem, a construção deve prosseguir de ambos os lados.²⁶²

A quebra do gelo acabaria por se materializar no reconhecimento de que Moscovo e Washington não tinham necessariamente interesses opostos. Pelo contrário, sublinhou Gorbatchov, uma diplomacia de soma zero poderia ser substituída por um equilíbrio de interesses entre os dois países, nomeadamente no que respeitava à garantia da sua segurança e à preocupação de evitar um conflito nuclear.

²⁶¹ Gorbatchov num encontro com George Bush e George Shultz pouco tempo depois da sua eleição. *Ibidem*, 175.

²⁶² *Ibidem*, 181.

Do ponto de vista da evolução das relações soviético-americanas na segunda metade da década de 1980, o Novo Pensamento é fundamental para dar à política externa soviética a coerência que sempre lhe faltou entre os seus princípios teóricos e a realidade prática das suas ações. O que isto quer dizer é que não valia a pena subscrever uma Coexistência Pacífica enquanto se agisse sob o pressuposto de que uma divisão do mundo em dois campos antagónicos era inultrapassável e obrigaria sempre a um conflito entre eles. Esta era, aliás, a principal contradição da política externa soviética desde a era Kruhschev.²⁶³ Ora, dado o contexto histórico das lideranças anteriores, é claro que as propostas de Gorbatchov para um Novo Pensamento pareceram demasiado ousadas quando apresentadas ao XXVII Congresso do PCUS, em fevereiro de 1986.

A Política do Novo Pensamento criou a oportunidade de refutar a teoria do confronto inevitável ao basear-se, antes de mais, numa tentativa de harmonização dos interesses soviéticos e dos interesses de toda a humanidade. Aliás, conforme sublinha Robert English, o processo de reforma interna da União Soviética teve fortes implicações para o Novo Pensamento: graças à *Glasnost*, Gorbatchov iniciou uma aproximação importante à ala intelectual liberal soviética (escritores, economistas, historiadores), permitindo-lhe transferir para o plano externo da reforma os conhecimentos que adquirira com esta aproximação.²⁶⁴

É claro que a nova abordagem de Moscovo foi considerada utópica, não apenas no Ocidente, mas, e sobretudo, em muitos setores dentro da própria URSS. Tal como a *Perestroika*, o Novo Pensamento era um eufemismo com possibilidades de interpretação infinitas. É por isso que muitos, principalmente membros do PCUS, acreditaram que este seria apenas um *slogan* ou mera propaganda ao serviço do regime.²⁶⁵ Pelo contrário, argumenta Neil Malcolm, com a chegada de Gorbatchov ao poder nasceu uma nova era da diplomacia soviética, que se guia tanto pelos seus apelos

²⁶³ Sigo English, *Russia and the Idea of the West*, 210.

²⁶⁴ *Ibidem*, 207.

²⁶⁵ Sigo Vladislav Zubok, *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev* (North Carolina: The University of North Carolina Press, 2007), 280. Doravante apenas Zubok, *A Failed Empire*, seguido de página.

inspiradores, como por ações concretas.²⁶⁶ Os primeiros encontros com outros líderes políticos da campanha diplomática de Gorbatchov foram cruciais não apenas para mostrar ao Secretário-Geral do PCUS a realidade no «outro mundo», mas também para o desenvolvimento das novas relações Ocidente-Leste.²⁶⁷ O caso mais evidente da concretização da «utopia gorbatchoviana» são os Estados Unidos, em particular na pessoa do Presidente Reagan, «com quem a maleabilidade de Gorbatchov era notável».²⁶⁸

Na segunda metade da década de 1980, volvidas quatro décadas desde o início da Guerra Fria, os líderes das duas superpotências estavam cientes de que uma nova guerra não traria vencedores, mas apenas vencidos. Por isto, é curioso pensar o que é que cada um destes líderes, Gorbatchov e Reagan, esperaria do outro no início das suas conversações. De acordo com Gorbatchov,

os nossos países não podem, muito simplesmente, dar-se ao luxo de permitir que se chegue a uma confrontação. É aí que reside o interesse genuíno dos povos soviético e americano. E isto deverá ser expresso na língua da prática política. É necessário acabar com a corrida ao armamento, dedicarmo-nos ao desarmamento, normalizar as relações soviético-americanas. Sinceramente, já é altura de tornar essas relações entre os dois grandes povos dignas do seu papel histórico. Porque o destino do mundo, o destino da civilização mundial, depende efetivamente do nosso relacionamento. Estamos prontos a trabalhar nesse sentido.²⁶⁹

²⁶⁶ Neil Malcolm, «The 'Common European Home' and Soviet European Policy», *International Affairs* 65, n.º 4 (outono 1989), 675.

²⁶⁷ Vale a pena sublinhar que foi num destes encontros, em Paris, que o Presidente François Mitterrand incentivou fortemente Gorbatchov a acreditar na possibilidade de conversação com o Presidente Reagan, encorajando-o a estar presente na cimeira que viria a ter lugar alguns meses depois, em Genebra, em novembro de 1985. English, *Russia and the Idea of the West*, 212.

²⁶⁸ Gaddis, *The Cold War*, 230.

²⁶⁹ Gorbatchov, *Perestroika*, 236.

4.3.1 Genebra e o Princípio do Diálogo Gorbatchov-Reagan: 1985

O primeiro encontro entre Gorbatchov e Reagan – em novembro de 1985, em Genebra – foi precedido de outros dois encontros importantes: o primeiro com Margaret Thatcher, em dezembro de 1984, em Chequers, e o segundo com François Mitterrand, em outubro de 1985, em Paris. Quando a cimeira de Genebra teve lugar, as impressões de otimismo em relação ao novo líder soviético já tinham chegado à Casa Branca, quer da parte da Primeira-Ministra britânica, quer da parte do Presidente francês. A somar a isso, o encontro de Gorbatchov com Reagan marca o final de um período de seis anos em que não houve quaisquer reuniões entre a administração norte-americana e a liderança do PCUS. Por estas duas razões, pelo menos, a cimeira de Genebra criou elevadas expectativas sobre a possibilidade de desenvolvimento de uma nova atmosfera na relação entre a União Soviética e os Estados Unidos.

Durante os seis anos de interregno, e tal como frisou Gorbatchov na cimeira, muitos problemas se tornaram urgentes pelas novas dimensões que ganharam, e não apenas no domínio das relações soviético-americanas. A complexidade e a interdependência do mundo transformaram todos estes problemas – ideológicos, económicos, políticos, sociais, ecológicos – em questões globais, de interesse universal, cujas soluções obrigavam à cooperação internacional. A principal destas questões era, obviamente, a necessidade de pôr fim à corrida armamentista. E, neste sentido, o discurso de Gorbatchov sobre o melhoramento da relação da URSS com os Estados Unidos e o combate à ameaça nuclear está manifestamente ligado à dialética do Novo Pensamento. Sobretudo no que respeita ao seu entendimento sobre as novas Relações Internacionais – que, como vimos, contrasta com o dos seus antecessores – esta dialética é especialmente clara:

A União Soviética tem os seus interesses nacionais, assim como os Estados Unidos têm os seus. Outros países também têm os seus próprios interesses. No contexto internacional, não podemos promover alguns destes interesses à custa de suprimir outros.²⁷⁰

²⁷⁰ H. W. Brands, *Reagan: The Life* (Nova Iorque: Anchor Books, 2016), 511. Doravante apenas Brands, *Reagan*, seguido de página.

O reconhecimento de que a melhoria das relações bilaterais destes dois países não dependia da anulação dos interesses de um deles possibilitou um conjunto de conversações «francas, longas, cáusticas e por vezes muito acutilantes»²⁷¹ entre os dois líderes. No âmbito destas conversações, afirmou Gorbatchov, «verificámos que tínhamos aquilo que eu considero um trampolim no sentido de trabalharmos para o melhoramento das relações soviético-americanas».²⁷² Por esta razão, a cimeira de Genebra simboliza algo de muito importante para alguém há apenas oito meses no poder na União Soviética: o sucesso do diálogo com o Presidente Reagan podia conferir a Gorbatchov a imagem de um líder capaz e credível, dentro e fora do seu país. Do mesmo modo, nota Andrei Grachev, a cimeira ajudou a clarificar a «interligação inevitável entre a nova imagem que ele [Gorbatchov] desejava dar à política externa soviética e a reforma interna que planeava empreender dentro do seu país».²⁷³ Esta interligação implicava não apenas a construção de uma relação de confiança com o Ocidente, mas também a garantia de condições e políticas domésticas que viabilizassem esta mesma construção.

Para além do reconhecimento por parte das duas superpotências de que uma guerra nuclear não deveria ser travada, o encontro de Genebra não trouxe resultados práticos evidentes, ou seja, não resultou na assinatura de um acordo formal entre os dois países. Em parte, sugere Grachev, isto deve-se a uma certa assimetria nos objetivos de Gorbatchov e Reagan para este encontro:

Gorbatchov pretendia jogar a carta da diplomacia pessoal para impressionar o Presidente americano, na esperança de obter uma mudança radical no clima das relações americano-soviéticas, enquanto Reagan queria simplesmente formar a sua própria ideia do novo Secretário-Geral soviético e confirmar as impressões favoráveis relatadas por Margaret Thatcher e François Mitterrand.²⁷⁴

²⁷¹ Gorbatchov, *Perestroika*, 251.

²⁷² *Ibidem*.

²⁷³ Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 65-66.

²⁷⁴ *Ibidem*, 64.

Todavia, no contexto de uma investigação que procura demonstrar a influência do *fator humano* nos processos políticos, este momento merece destaque pelas suas consequências ao nível da relação Gorbatchov-Regan – inevitavelmente influente na relação URSS-Estados Unidos. Em Genebra foi iniciado um diálogo entre duas pessoas que, de acordo com o chefe de gabinete da Casa Branca, Donald Regan, tinham muito em comum.²⁷⁵ Conforme também notou o próprio Regan no início da primeira conversa com Gorbatchov, os dois partilhavam origens humildes semelhantes, eram ambos nascidos em pequenas zonas rurais nos seus países tão vastos e estavam agora com o destino do mundo em mãos, podendo escolher entre a guerra e a paz.

Embora ambos os líderes compreendessem a importância de evitar um conflito nuclear a fim de preservar a própria vida humana, defendiam caminhos diferentes para alcançar um mesmo objetivo – a paz e a segurança internacionais. Para Regan, o caminho passaria evidentemente pela Iniciativa de Defesa Estratégica, que, nas suas palavras, «nunca seria usada pelos Estados Unidos para melhorar as suas capacidades ofensivas, nem para lançar um primeiro ataque [contra a URSS]». ²⁷⁶ Para Gorbatchov, porém, o objetivo de limitar a corrida ao armamento não era conciliável com um programa que desencadearia certamente uma corrida armamentista no espaço.²⁷⁷

É claro que, para além de tudo isto, a União Soviética não estava económica nem tecnologicamente preparada para fazer frente a um programa como a SDI – razão pela qual o Secretário-Geral do PCUS deveria insistir na narrativa da incompatibilidade entre este projeto de Regan e o plano de redução das armas nucleares comum aos dois líderes. Ainda assim, e mesmo sem acordo formal entre as duas partes, a cimeira de Genebra trouxe ao mundo da Guerra Fria um espírito de esperança do qual não é possível dissociar a influência crucial dos seus protagonistas, Gorbatchov e Regan.

²⁷⁵ Cf. Taubman, *Gorbachev*, 311.

²⁷⁶ Brands, *Reagan*, 516.

²⁷⁷ *Ibidem*, 515.

Algo de importante aconteceu com cada um de nós naquele dia [19 de novembro de 1985], apesar de tudo. Penso que houve dois fatores a trabalhar – responsabilidade e intuição. Não tive esta impressão depois do almoço, e durante a tarde ainda estávamos presos às nossas posições antagônicas. Mas o ‘fator humano’ entrou silenciosamente em ação. Ambos sentimos que devíamos manter o contacto e evitar uma quebra. Algures nas nossas mentes surgiu um vislumbre de esperança de que ainda podíamos chegar a um acordo.²⁷⁸

Em suma, a cimeira de Genebra deu à afirmação de Donald Regan uma expressão prática no contexto da reconstrução do clima das relações soviético-americanas: «dois homens de boa vontade podem mudar juntos o mundo caso falem de ser humano para ser humano».²⁷⁹

4.3.2 De Chernobyl a Reiquiavique: 1986

O desastre de Chernobyl, em abril de 1986, contribuiu em grande medida para a aceleração do Novo Pensamento nesse ano. A ironia de um desastre como este ocorrer no contexto da dialética do Novo Pensamento reforçou ainda mais a convicção de Gorbatchov sobre a interdependência de todos os Estados e a necessidade de estes se unirem por causas humanas globais. É precisamente na sequência do acidente nuclear que os líderes das duas superpotências se reúnem novamente em Reiquiavique, antes da data prevista para a próxima cimeira.

Gorbatchov e Reagan chegaram a Reiquiavique como saíram de Genebra: o primeiro, preocupado com a possibilidade de a SDI levar os Estados Unidos a um ataque pioneiro e ao desenvolvimento de estratégias de defesa capazes de impedir uma retaliação; o segundo, certo de que não abandonaria o seu compromisso para com o povo americano. Ainda assim, os dois precisavam de um resultado palpável. Pela pressão a que estavam sujeitos nos seus países, os dois precisavam de chegar a uma conclusão que, idealmente, pudesse dar origem a um acordo formal. Se, por um lado, Gorbatchov não podia voltar a Moscovo sem ter conseguido

²⁷⁸ *Ibidem*, 520.

²⁷⁹ Taubman, *Gorbachev*, 311.

um retraimento da SDI,²⁸⁰ por outro lado, Reagan tinha de provar a falta de fundamento das críticas, sobretudo vindas de setores mais conservadores do Partido Republicano, por confiar tão ingenuamente num comunista.²⁸¹

O segundo encontro entre os dois líderes registou um avanço significativo nas cedências que Gorbatchov estava disposto a fazer depois da experiência de Chernobyl: estas cedências incluíam a redução dos mísseis nucleares de longo alcance para metade, a aceitação da «opção zero» do Presidente Reagan e a limitação dos mísseis de alcance intermédio baseados na Ásia.²⁸² Contudo, e à semelhança de Genebra, Reiquiavique também não resultou na assinatura de um acordo formal – novamente, a SDI inviabilizou o sucesso das negociações. «Para Reagan, seria a SDI que tornaria obsoletas as armas nucleares. Para Gorbatchov, a SDI impossibilitou um acordo que as abolisse».²⁸³ Este impasse começava a ameaçar a confiança e o espírito de não suspeição que os dois líderes desenvolveram entre si em novembro de 1985.

Ainda assim, o encontro de 1986 esteve mais próximo de alcançar uma solução que agradasse aos dois lados do que o de 1985. Neste sentido, a segunda cimeira Gorbatchov-Reagan é relevante, se não indispensável, para o desenvolvimento das negociações sobre o desarmamento nuclear entre a União Soviética e os Estados Unidos, que teriam lugar nos meses seguintes. Conforme sugerem vários especialistas, como Archie Brown, John Lewis Gaddis, Vladislav Zubok – e o próprio Gorbatchov –, o que aconteceu foi uma preparação para as decisões importantes que viriam a

²⁸⁰ «[Gorbatchov] pagou caro pela aprovação do *Politburo* da sua oferta de um acordo histórico com os Estados Unidos: concordar com uma redução de 50% do potencial estratégico ofensivo de cada uma das superpotências – algo muito próximo da proposta inicial dos EUA. Ele não podia regressar a Moscovo de mãos vazias. Se assim fosse, estaria a expor-se a si próprio a acusações de fazer concessões unilaterais injustificadas e de vender os interesses da segurança nacional». Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 94.

²⁸¹ Brown, entrevista realizada pela autora.

²⁸² Cf. Gorbatchov, *Perestroika*, 263-264.

²⁸³ Taubman, *Gorbachev*, 326. De acordo com Gorbatchov, a União Soviética não estava a pedir aos Estados Unidos que abandonassem o programa, mas antes que o limitassem à esfera da investigação. O apelo do Secretário-Geral passava, em última análise, por dar à SDI o estatuto de uma versão atualizada do Tratado ABM (Tratado de Mísseis Antibalísticos) – assinado pelos dois países em 1972 com o intuito de limitar os seus sistemas de mísseis antibalísticos e garantir, assim, a persistência do sentimento de vulnerabilidade e a dissuasão nuclear.

ser tomadas um ano depois e uma «transferência» das conversações de Reiquiavique para o encontro seguinte dos dois líderes.²⁸⁴

4.3.3 Washington e o Tratado INF: 1987

O impasse de Reiquiavique obrigou Moscovo a uma de duas opções: investir na construção de uma resposta à medida da SDI, ou rever a estratégia do plano para a desnuclearização. A primeira opção não era viável por dois motivos: em primeiro lugar, a URSS não era económica nem tecnologicamente capaz de fazer frente a um projeto como a SDI; em segundo, e como consequência do primeiro, um tal investimento condenaria quaisquer reformas a nível doméstico. A opção de revisão estratégica adotada pelo *Kremlin* acabaria por se materializar num recuo face à abordagem de Gorbatchov na cimeira de outubro de 1986: a campanha do Secretário-Geral pela desnuclearização – outrora centrada no abandono da SDI e nas forças nucleares intercontinentais e de alcance intermédio – passou a centrar-se somente nas forças nucleares de alcance intermédio (INF – *Intermediate-Range Nuclear Forces*).

De acordo com Archie Brown, há três grandes explicações para o recuar da campanha pelo desarmamento em 1987: em primeiro lugar, Gorbatchov estava ciente de que as negociações com o Presidente Reagan chegariam brevemente a um limite, caso a SDI continuasse a ser o grande obstáculo entre eles; em segundo, alguns especialistas aconselharam o Secretário-Geral a dar à SDI somente a sua devida importância e não mais do que isso; em terceiro, Gorbatchov acreditava que, tendo em conta a melhoria das relações URSS-Estados Unidos, a opinião pública norte-americana se mostraria pouco favorável a um investimento tão grande como aquele a que a SDI obrigaria.²⁸⁵

Em parte, o recuo em relação a Reiquiavique também foi uma forma de aproveitar aquilo que as circunstâncias do momento podiam dar à União Soviética e, em particular, à liderança Gorbatchov: com a reputação do Presidente Reagan a entrar em movimento descendente nos Estados

²⁸⁴ Vide Gorbachev, *On My Country*, 195; Zubok, *A Failed Empire*, 293-294; Gaddis, *The Cold War*, 232; Brown, *TGF*, 233.

²⁸⁵ Cf. Brown, *TGF*, 235.

Unidos,²⁸⁶ por um lado, e com os mísseis *Pershing* II estacionados na Alemanha Ocidental, a tão pouco tempo de Moscovo, por outro, a concentração do programa de desarmamento nas armas de médio alcance era simultaneamente um plano útil e necessário para a URSS. A concretização deste plano teve lugar em dezembro de 1987, em Washington, na terceira cimeira Estados Unidos-URSS.

A cimeira de Washington tornou-se particularmente importante no contexto da Guerra Fria pela assinatura do Tratado INF – o primeiro acordo para a eliminação de uma categoria completa de armas nucleares.²⁸⁷ Repare-se que, do ponto de vista formal, o Tratado INF é o documento-base do regime de redução armamentista. Por esta razão, é impossível ignorar o seu valor e o ponto de viragem que representa na história da Guerra Fria.²⁸⁸ Do mesmo modo, a importância da assinatura deste tratado remete-nos para o seu significado e impacto para as gerações futuras de todo o mundo:

Para todos, e acima de tudo, para as nossas duas grandes potências, o tratado cujo texto está em cima desta mesa oferece finalmente uma grande oportunidade de entrar na estrada que se afasta da ameaça de catástrofe. É nosso dever tirar o máximo proveito dessa oportunidade e prosseguir juntos em direção a um mundo livre das armas nucleares, que garanta aos nossos filhos e netos e aos seus filhos e netos a promessa de uma vida plena e feliz, sem medo e sem um desperdício sem sentido de recursos em armas de destruição. (...) Que o dia 8 de dezembro de 1987 se torne uma data que ficará inscrita nos livros de História, uma data que marcará a separação entre a era de risco crescente de uma guerra nuclear e a era da desmilitarização da vida humana.²⁸⁹

²⁸⁶ Em novembro de 1986, os republicanos perdem as eleições para o Senado e dá-se simultaneamente o caso Irão-Contras, que fragilizou em grande medida a credibilidade do Presidente.

²⁸⁷ A 2 de agosto de 2019, a retirada formal dos Estados Unidos ditou o fim deste tratado – uma decisão que, de acordo com Gorbatchov, tornará a Política Internacional imprevisível e caótica.

²⁸⁸ Só recentemente, em 2018-19, este acordo foi posto em causa e efetivamente abandonado pelos Presidentes Donald Trump e Vladimir Putin.

²⁸⁹ Brands, *Reagan*, 682.

4.3.4 Moscovo, Nova Iorque e o Discurso nas Nações Unidas: 1988

O encontro de Washington e a assinatura do Tratado INF marcaram de facto o princípio de uma nova era, a que as duas cimeiras seguintes dariam continuidade. O tratado só veio a ser ratificado em junho de 1988, por ocasião da cimeira de Moscovo – que, em comparação com todas as anteriores, é um momento mais simbólico do que propriamente decisivo para o desenvolvimento das relações soviético-americanas. Curiosamente, no período entre as cimeiras de Washington e Moscovo, Gorbatchov e Reagan enfrentaram ambas situações adversas nos seus países. Na União Soviética, dava-se o caso Andreyeva. Nos Estados Unidos, a direita mais conservadora fazia frente à indulgência do Presidente, no geral, e à ratificação do Tratado INF, em particular.

De algum modo, o simbolismo do encontro de Moscovo está precisamente na prova de determinação da parte dos dois líderes no sentido de não deixar abrandar o ritmo da aproximação dos seus países, independentemente destas questões domésticas. Também por isso, e de forma bastante mais notória do que nas cimeiras de 1985-86-87, a cimeira de Moscovo aproximou Gorbatchov e Reagan. As «atividades extracurriculares» – como lhes chama William Taubman – do Presidente norte-americano em conjunto com Gorbatchov foram, aliás, o segundo ponto alto deste encontro – também marcado pelo famoso discurso de Reagan na Universidade de Moscovo, onde falou aos jovens estudantes soviéticos sobre as virtudes da democracia americana.²⁹⁰

Ironicamente, o triunfo do final de 1988 não faria prever o que 1989 tinha reservado para a União Soviética e para a liderança Gorbatchov. Seis meses depois da cimeira de Moscovo, teve lugar em Nova Iorque um novo encontro entre Gorbatchov e Reagan, que desta vez contou também com a presença do Vice-Presidente Bush. E embora este encontro se tenha tornado célebre – muito por conta do simbolismo associado à junção destas três personalidades históricas –, a verdade é que o momento-chave da viagem de Gorbatchov a Nova Iorque foi o seu discurso nas Nações Unidas, a 7 de dezembro.

Numa fase em que, domesticamente, a *Perestroika* já não estava a corresponder aos objetivos esperados pelo regime, o discurso de Gorbatchov

²⁹⁰ Sigo Taubman, *Gorbachev*, 439-440.

deu ao Novo Pensamento e a todo o processo reformista um ânimo revigorado: os seus «anúncios monumentais» incluíram a redução das tropas soviéticas em meio milhão de soldados, a par de uma retirada massiva destas forças dos países da Europa de Leste.²⁹¹ O principal objetivo de Gorbatchov com estes anúncios era provar, por um lado, que a Doutrina Brezhnev estava efetivamente ultrapassada e, por outro, que a Política do Pensamento Novo podia mesmo ser a base de uma nova doutrina das Relações Internacionais, baseada «na liberdade de escolha para todos os povos na determinação dos seus sistemas políticos e económicos (...) e na renúncia ao uso da força na solução das disputas internacionais».²⁹²

4.4 Gorbatchov, Reagan e a Contribuição do *Fator Humano* para o Final da Guerra Fria

Finalmente, a conclusão deste capítulo não poderia dispensar uma breve nota sobre a importância do *fator humano* – e, em particular, dos fatores Gorbatchov e Reagan – tanto para a desmistificação da imagem de um «império do mal», como para aquele que foi o saldo final da Guerra Fria seis anos mais tarde. É de destacar neste contexto o argumento de Archie Brown sobre a leitura simplificada e distorcida que alguns autores fizeram sobre o que conduziu ao fim da Guerra Fria e ao princípio da aproximação entre a URSS e os Estados Unidos. Esta leitura subestima profundamente a importância das ideias, do Novo Pensamento e da personalidade no contexto da revisão da política externa soviética na segunda metade da década de 1980.²⁹³ Numa entrevista sobre qual seria o papel exato do *fator humano* no desenrolar dos eventos de 1985-91, Archie Brown explicou:

A importância do fator humano, no sentido em que é o indivíduo quem mais importa, não é uma generalização sobre o que acontece na política. É verdade neste caso. Mas há muitos líderes políticos que fazem apenas uma diferença marginal. Gorbatchov, em contraste, fez uma diferença fundamental. O seu charme e gentileza foram claramente fatores-chave. Mas

²⁹¹ *Ibidem*, 446.

²⁹² Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 164.

²⁹³ De acordo com Archie Brown, é exemplo desta leitura Caspar Weinberger. Brown, «Perestroika and the End of the Cold War», 4-5.

eles não seriam suficientes sem mudanças fundamentais na política soviética – e Gorbatchov, mais do que qualquer outra pessoa, foi responsável por essas mudanças fundamentais.²⁹⁴

De acordo com Brown, a simplificação distorcida reside simultaneamente na ideia redutora de que a URSS foi obrigada a recuar os seus interesses na Guerra Fria por não poder acompanhar o ritmo de competição com os Estados Unidos. Numa análise semelhante, Jack Matlock²⁹⁵ também rejeita o argumento de que a intenção da administração Reagan era «levar a União Soviética a ajoelhar-se e deixar a sua liderança sem alternativas a não ser sujeitar-se à independência da Europa de Leste, promover a redução armamentista e acabar com a Guerra Fria».²⁹⁶ Em vez disso, o objetivo central do Presidente Reagan era conduzir a União Soviética à negociação de acordos razoáveis para ambas as superpotências.

Neste sentido, e conforme frisado no princípio deste capítulo, a par do fator Gorbatchov, o fator Reagan é também ele crucial para explicar o curso da Guerra Fria a partir de 1985. Deve, aliás, destacar-se a importância da predisposição do Presidente norte-americano para a aproximação e conversação com a União Soviética liderada por Gorbatchov – um exercício que o tornou alvo de críticas dentro do seu próprio país e partido.²⁹⁷ Em última análise, pode dizer-se que aquilo que Gorbatchov conquistou enquanto líder soviético também dependeu da disponibilidade dos seus homólogos – e, em especial, de Reagan – para negociar e chegar a um acordo com a URSS. Se, tal como Gorbatchov desejava, a Guerra Fria teria de chegar ao fim, teria também de existir reciprocidade da parte do Ocidente.

²⁹⁴ Brown, entrevista realizada pela autora.

²⁹⁵ Embaixador americano em Moscovo entre 1987 e 1991.

²⁹⁶ Brown, «Perestroika», 8.

²⁹⁷ Brown, entrevista realizada pela autora.

Capítulo 5

Gorbatchov e o Império Externo

*Nie ma wolności bez Solidarności!*²⁹⁸

Os eventos de 1989 marcam o fim do controlo da Nomenklatura que seguiu um dos dois regimes mais cruéis da ditadura totalitária no século xx. Longe de terminar a história, 1989 marca o seu novo começo.

Sir Ralf Dahrendorf, 2004

E assim, no final, ele desistiu de uma ideologia, de um império e do seu próprio país, em vez de usar a força. Escolheu o amor em vez do medo, ignorando o conselho de Maquiavel sobre os príncipes, garantindo, assim, que ele deixaria de ser um.

John Lewis Gaddis, 2005

Em 1989, o processo de reformas da União Soviética assistiu simultaneamente ao falhanço sucessivo da *Perestroika* e ao desenvolvimento exponencial, e algo imprevisto, da *Glasnost*. Dentro e fora da URSS, as reformas implementadas por Gorbatchov estavam a desenvolver-se no sentido contrário ao da sua intenção inicial, e a revolução de cima para baixo começou a ser conduzida de baixo para cima. Domesticamente, o fracasso do plano de reestruturação económica atingira um ponto de não retorno quando os bens alimentares começaram a escassear em muitos pontos do país; e na Europa de Leste – o Império Externo soviético –

²⁹⁸ *Não há liberdade sem Solidariedade* é parte de um cântico polaco entoado pela população em maio de 1988, durante a vaga de greves que impulsionou as negociações de mesa-redonda entre o regime comunista e o Solidariedade e que culminaram no colapso do comunismo na Polónia.

o povo começou a aproveitar a abertura ligeira do comando central moscovita para se libertar dele.

Quando, a 9 de novembro, o Muro de Berlim caiu, já quase todos os outros Estados-satélite da União Soviética tinham manifestado, de uma forma ou de outra, que o controlo de Moscovo sobre os regimes na Europa de Leste estava em erosão acelerada: na Polónia, com o triunfo do Solidariedade; na Hungria, com o fim do monopólio comunista e as conversações de Mesa-Redonda com a oposição; na Checoslováquia, com a ascensão de Václav Havel e aquela que ele batizou como a Revolução de Veludo; na Bulgária, com a deposição de Zhivkov (no dia seguinte à queda do Muro); e na Roménia, com a execução de Ceausescu (no dia de Natal do mesmo ano).²⁹⁹

Mas, mesmo com os regimes comunistas a cair como peças de domínio, Gorbatchov, um otimista nato, manteve durante todo esse ano (mais tarde consagrado como *annus mirabilis*) o ânimo com que terminara 1988 nas Nações Unidas. Acreditou, nessa altura, que poderia dar continuidade às negociações harmoniosas que iniciara com Reagan, e que continuava agora com o Presidente Bush. De algum modo, podemos considerar que este otimismo inabalável do líder soviético explica em parte que o ano de 1989 tenha sido o primeiro do final da Guerra Fria. E, embora a União Soviética só tenha implodido efetivamente em dezembro de 1991, esta leitura não parece descabida: em primeiro lugar, porque foi em 1989 que surgiu a primeira fissura definitiva na Cortina de Ferro; em segundo, porque foi também nesse ano que teve lugar uma aproximação genuína entre os Estados Unidos e a URSS, que produziu resultados decisivos para o final da Guerra Fria;³⁰⁰ e em terceiro, porque foi em 1989 que, como acima sublinhei, o

²⁹⁹ Sigo Gale Stokes, *The Wales Came Tumbling Down: The Collapse of Communism in Eastern Europe* (Oxford: Oxford University Press, 1993), 124. Doravante apenas Stokes, *The Wales Came Tumbling Down*, seguido de página.

³⁰⁰ Aqui referimo-nos em especial à Cimeira de Malta (dezembro de 1989) que, depois da queda do muro de Berlim, é provavelmente a segunda grande manifestação do fim da Guerra Fria. O momento de viragem por que o mundo estava a passar, sobretudo com a Revolução Europeia de 1989, permitiu a Gorbatchov e Bush saírem de Malta com aquilo que faltou em Genebra e Reiquejavique: mais importante do que a simpatia entre os dois protagonistas, um plano com o qual ambos concordassem para encerrar de vez um velho conflito ideológico. Este plano era finalmente «palpável»: incluía propostas concretas da parte do Presidente Bush, como a atribuição do estatuto de observador à URSS no GATT e o início de um contacto entre Moscovo e a OCDE, com o intuito de apoiar o sucesso da *Perestroika*

sentido da revolução de cima para baixo se inverteu, tornando-a uma revolução da base para o topo.

Não é possível, ainda assim, deixarmos de nos questionar acerca do enigma representado pelo otimismo de Gorbatchov. Estaria ele ainda longe de perceber que a principal consequência dos acontecimentos de 1989 na Europa de Leste seria o colapso de todo o sistema que tentara reformar a partir de 1985? Ou, pelo contrário, estaria ciente (e satisfeito) relativamente a estes acontecimentos? William Taubman aponta dois elementos que nos ajudam a responder a estas questões. Por um lado, para a liderança Gorbatchov, excepcionalmente, a Europa de Leste não era uma questão prioritária. Em 1989, sobretudo, o leque de problemas domésticos da URSS – desde a falência económica do país à emergência de uma crise de nacionalidades que colocava em causa a coesão da União – consumia de tal forma o Secretário-Geral do PCUS que quaisquer outros assuntos ocupavam apenas um lugar secundário na sua agenda política.³⁰¹ Por outro lado, se não fosse Gorbatchov a reagir pacificamente aos eventos de 1989 na Europa de Leste, que outro líder soviético teria sido? Enquanto pai do maior processo (de tentativa) de reforma do sistema soviético, Gorbatchov assistiu em 1989 ao replicar da sua campanha pela democratização e aos resultados da destalinização nos territórios sob o domínio e a repressão que ele tentou extinguir.

Desde há muito que [Gorbatchov] esperava que comunistas reformistas como ele chegassem ao poder na Europa de Leste, adotando as suas versões próprias da *Perestroika*. Assim sendo, ficou encantado, e não desalentado, ao ver Honecker, Husák, Zhivkov e Ceausescu serem afastados.³⁰²

na URSS. Além disso, a Cimeira de Malta resultou também numa importante revisão de alguns termos-chave da Guerra Fria que, tendo desaparecido, o conflito deixaria de fazer sentido: falamos do fim do estatuto de inimigo e da substituição da noção de valores ocidentais por valores democráticos – o que sugeria que esses valores podiam ser partilhados por ambas as superpotências. Cf. Taubman, *Gorbachev*, 520.

³⁰¹ O mesmo argumento aparece, por exemplo, em Jacques Lévesque, «Soviet Approaches to Eastern Europe at the Beginning of 1989», *Cold War International History Project Bulletin* 12/13 (outono/inverno 2001), 51.

³⁰² Taubman, *Gorbachev: A Biografia*, 490.

Além disso, se considerarmos as motivações humanas deste espírito otimista, compreendemos que ele também é «reforçado pela necessidade política e psicológica premente, dado o calvário doméstico que sofria, de encontrar não só o conforto e esperança no estrangeiro, mas também o reforço contínuo da certeza de que estava a acabar com a Guerra Fria e a trazer a paz ao mundo».³⁰³

5.1 A Europa de Leste na Política do Novo Pensamento

Depois de me ter concentrado no papel do Novo Pensamento no progresso das relações soviético-americanas na segunda metade da década de 1980, focar-me-ei agora no outro grande palco onde as consequências da nova política externa do *Kremlin* foram historicamente manifestas – a Europa de Leste. Os desígnios do Novo Pensamento não se esgotam na tentativa de desnuclearização do mundo, nem no projeto para o desenvolvimento de um novo tipo de Relações Internacionais, baseadas na cooperação e na universalização dos valores humanos. Por razões geográficas, históricas, ideológicas e culturais, a Europa de Leste ocupa um lugar de destaque no contexto da revisão de política externa que o Novo Pensamento introduziu na URSS a partir de 1985. Veja-se, aliás, que no manual da nova política soviética – *Perestroika: Anos de Transformação e de Esperança para a URSS e para o Mundo* – Gorbatchov dedicou um capítulo inteiro à «Europa na Política Externa Soviética».³⁰⁴

Apesar de ter proclamado o estreitamento das relações com os países-irmãos socialistas como uma das suas prioridades logo após a chegada ao poder em março de 1985, é evidente que Gorbatchov só o fez porque tal era obrigatório. Sabemos, porém, e conforme referido em capítulos anteriores, que a sua prioridade em 1985 era revitalizar a economia dentro da União Soviética. A somar a isso, o ambiente aparentemente controlado que se vivia na Europa de Leste naquele ano (à exceção da Polónia) não faria prever que Moscovo se deveria preocupar seriamente com a garantia de lealdade do seu Império Externo. Mas este interesse mínimo inicial provou, como observa Andrei Grachev, ter consequências explosivas a longo prazo, tanto

³⁰³ *Ibidem*, 491.

³⁰⁴ Capítulo VI da Parte II.

para a URSS como para o comunismo soviético.³⁰⁵ O preço demasiado elevado que a União Soviética tinha de pagar para manter os seus aliados na Europa de Leste³⁰⁶ representa grande parte da razão pela qual Gorbatchov compreendeu que não fazia sentido preocupar-se em atrelar estes países a Moscovo. E, por outro lado, no entender do jovem líder, as prioridades externas em 1985 eram outras, como a redução da corrida armamentista e a retirada do Afeganistão (embora esta última tenha tido, como argumenta Carlos Gaspar, «efeitos contraditórios na Europa de Leste»³⁰⁷).

5.2 O Fator Gorbatchov no Contexto da Invocação de uma Casa Comum Europeia

Como palco das mudanças mais profundas ocorridas no final da década de 1980, a Europa de Leste é o lugar-chave sem o qual não é possível compreender nem estimar o impacto fundamental da liderança Gorbatchov na transição para um período pós-Guerra Fria. No contexto de uma análise como a que se apresenta neste livro – isto é, centrada no impacto do *fator humano* –, uma das características mais importantes, se não a mais importante, da política externa de Gorbatchov em relação à Europa de Leste é a sua divergência inequívoca face às lideranças anteriores. Neste sentido, e sobretudo tendo em conta aquele que foi o destino final dos povos leste-europeus em 1989, é inegável a relevância deste *fator humano*, ou do fator Gorbatchov, no processo de transição pacífica para a democracia nos países da Europa de Leste. Conforme bem nota Archie Brown, «na ausência do Novo Pensamento implementado por Gorbatchov e das políticas radicalmente novas que adotara já desde o final de 1988, não teriam brotado quaisquer expectativas e 1989 teria sido um ano muito diferente».³⁰⁸

³⁰⁵ Grachev, *Gorbachev's Gamble*, 115.

³⁰⁶ Cinco a dez mil milhões de dólares por ano. *Ibidem*, 116.

³⁰⁷ «Por um lado, os regimes comunistas mais ortodoxos demarcam-se da *Perestroika* para se aproximar dos rivais de Gorbatchov no centro soviético, por outro lado, a linha reformista encontra nos regimes comunistas mais vulneráveis aliados dispostos a ensaiar os caminhos simétricos da sua própria liberalização». Carlos Gaspar, «A Guerra Fria Acabou Duas Vezes», *Nação e Defesa* 105 – 2.ª série (verão 2003), 145-146. Doravante apenas Gaspar, «A Guerra Fria Acabou Duas Vezes», seguido de página.

³⁰⁸ Brown, *The Human Factor*, 297.

Especialistas como Vladislav Zubok e Jacques Lévesque acreditam que «a personalidade de Gorbatchov tem muito a ver com a queda pacífica do comunismo na Europa de Leste (à exceção da Roménia)».³⁰⁹ É por isso que se torna relevante sublinhar dois traços específicos em Gorbatchov para entender o seu comportamento perante o desmantelamento do Império Externo: por um lado, a sua firme aversão ao uso da força, que o conduziu a tolerar a agitação pré-1989 nos países-irmãos; por outro lado, a sua visão otimista, quase romântica, e a crença desmedida na reformabilidade do sistema soviético. É claro que, a par destas características, não podemos esquecer o fator geracional de que se falou no capítulo 2: a geração dos «filhos do XX Congresso» a que pertenceu Gorbatchov contribuiu especialmente para compreender porque é que, para o jovem líder soviético, não fazia sentido continuar a alimentar uma relação de submissão entre Moscovo e os países-irmãos socialistas na Europa de Leste.

Em julho de 1989, ao referir-se ao Velho Continente como «a nossa Casa Comum Europeia»,³¹⁰ o Secretário-Geral do PCUS tornou claro o seu afastamento em relação às velhas práticas soviéticas, sobretudo ao rejeitar a ideia de um mundo e de um continente inevitavelmente divididos. Ao contrário dos princípios do Estalinismo, mas também do mais recente Brezhnevismo, a nova abordagem soviética em relação à Europa revela o empenho de Gorbatchov em ultrapassar, nas suas palavras, «o artificialismo e

³⁰⁹ Vladislav M. Zubok, «New Evidence on the Soviet Factor in the Peaceful Revolutions of 1989», *Cold War International History Project Bulletin* 12/13 (outono/inverno), 11.

³¹⁰ «Speech by Mr. Mikhail Gorbachov, President of the Supreme Soviet of the USSR, Secretary General of the Communist Party of the Soviet Union, before the Parliamentary Assembly of the Council of Europe», Council of Europe, consultado a 5 de junho, 2020, <https://rm.coe.int/09000016809b4c9a>. Doravante apenas «Speech by Mr. Mikhail Gorbachov, President of the Supreme Soviet of the USSR, Secretary General of the Communist Party of the Soviet Union, before the Parliamentary Assembly of the Council of Europe». A expressão foi primeiramente utilizada por Gorbatchov durante a sua visita a Londres, em dezembro de 1984, num discurso em que afirmou: «O que quer que seja que nos divide, nós vivemos no mesmo planeta e a Europa é a nossa casa comum, um lar, não um teatro de operações militares». Mas a mesma ideia também já tinha sido veiculada por Gromyko, em 1972, e Brezhnev, em 1981. Por isto, em 1984, o verdadeiro significado do «lar comum europeu» de Gorbatchov e as suas implicações ainda não eram óbvios. Cf. Marie-Pierre Rey, «[Europe is our Common Home]: A study of Gorbachev's diplomatic concept», *Cold War History* 4, n.º 2 (janeiro 2004), 34].

a transitoriedade do confronto entre blocos e a natureza arcaica da Cortina de Ferro».³¹¹

De acordo com o líder da URSS, e em harmonia com a narrativa geral do Novo Pensamento, «o conceito de um ‘Lar Comum Europeu’ sugere, essencialmente, um nível de integridade, mesmo que os seus Estados pertençam a regimes sociais diferentes e a alianças político-militares opostas».³¹² Por outras palavras, a ideia de uma Casa Comum Europeia é uma forma de apelo à consciência de uma comunidade europeia, assim como a Política do Pensamento Novo é uma forma de apelo à consciência de uma comunidade internacional. Com efeito, também a Casa Comum Europeia se funda nos princípios da interconexão e da interdependência de todos os países europeus e da necessidade primordial da sua cooperação. O mesmo conceito acarreta fortes implicações para um grupo de países europeus, em particular, os Estados-satélite sob domínio moscovita na Europa de Leste.

É muito importante recordar que os regimes comunistas leste-europeus existiam porque a União Soviética os colocara naqueles países, através da força ou da ameaça do uso da força para os manter no poder.³¹³ Embora esta realidade remonte ao período da Segunda Guerra Mundial, o domínio de Moscovo sobre estes Estados só se tornou oficial duas décadas mais tarde, com a formulação da Doutrina Brezhnev. De acordo com esta última, e sob o pretexto de um «dever sagrado» para atuar em nome da «comunidade socialista»,³¹⁴ a União Soviética tinha o direito de interferir nestes países, designadamente para definir os limites dos desvios dos seus regimes em relação ao modelo central moscovita. É por isso que, perante o olhar do *Kremlin*, estes Estados «constituem» um «Império Externo» (já que, fisicamente, não fazem parte do território da União Soviética), razão pela qual a sua soberania também era vista como limitada. «Com duas justificações», argumenta Livia Franco, «uma oficial, a outra não: doutrinalmente, em nome de uma pretensa solidariedade com os irmãos do Bloco

³¹¹ Gorbatchov, *Perestroika*, 217.

³¹² *Ibidem*, 218.

³¹³ Sigo Brown, *TGF*, 247.

³¹⁴ Mark Kramer, «The Kremlin, the Prague Spring, and the Brezhnev Doctrine», in *Promises of 1968: Crisis, Illusion, Utopia*, ed. Vladimir Tismaneanu (Budapeste: Central European University Press, 2011), 367.

Soviético; efetivamente, por efeito dos interesses geopolíticos e geoestratégicos da URSS.»³¹⁵

5.3 Redefinir a Política Externa Soviética na Europa de Leste: Da Doutrina Brezhnev à Doutrina Sinatra

O primeiro grande estímulo das transformações ocorridas na Europa de Leste foi a abertura representada pela *Glasnost* em 1986 e, mais tarde, a partir de 1988, a campanha pela democratização das instituições do poder. Há quatro décadas a viver sob o controlo de Moscovo, em 1989, os países leste-europeus viram pela primeira vez uma oportunidade (de baixo risco) para deitar abaixo os seus regimes comunistas. Mas porquê 1989? Mesmo que nada tivesse mudado em relação ao domínio moscovita sobre estes países – porque eles continuavam a estar privados do acesso à informação vinda do Ocidente e os cidadãos continuavam a não ter liberdade para viver de acordo com os padrões modernos ocidentais, houve uma questão, para a qual nos alerta Archie Brown, que poderá ter encorajado especialmente os acontecimentos desse ano.

Para além da radicalização do seu processo reformista – que já tinha atingido o nível de uma transformação sistémica –, a União Soviética tinha em 1989 uma relação com o Mundo Ocidental e com os Estados Unidos significativamente melhor do que alguma vez tivera no passado. Isto importa na medida em que os «europeus de Leste poderiam sentir-se tentados a assumir que Gorbatchov ficaria relutante em estragar o acordo emergente entre Leste e Ocidente por meio de ações agressivas, mesmo numa região há muito considerada como o quintal político soviético».³¹⁶ Graças a este raciocínio e à forma como se aplicou perfeitamente, em sete meses caíram seis regimes, e cada um deles colapsou mais rapidamente do que o anterior, tal como notou Timothy Garton Ash: «Na Polónia demorou dez

³¹⁵ Franco, «A Rússia e a Nova Europa», 32-33. Estes interesses geopolíticos e geoestratégicos estão intrinsecamente relacionados com a dinâmica que é introduzida pelo Plano Marshall no período pós-Segunda Guerra Mundial, e à qual o COMECON se junta como resposta soviética à iniciativa norte-americana. Ainda antes da criação do próprio Pacto de Varsóvia (1955), o COMECON funcionava para a URSS como instrumento para o exercício da sua influência sobre os países pertencentes à organização, isto é, a Europa de Leste.

³¹⁶ Brown, *The Human Factor*, 276-277.

anos, na Hungria dez meses, na Alemanha Oriental dez semanas; talvez na Checoslováquia demore dez dias!»³¹⁷

Na análise de Martin Malia, a Revolução Europeia de 1989 é simultaneamente fácil e difícil de explicar. É fácil porque os regimes leste-europeus foram apenas conquistados, nunca legitimados. Mas também é difícil porque dependia inteiramente de uma oportunidade, um *timing* infalível, para que pudesse ter produzido os resultados que produziu. Esta oportunidade, acrescenta Malia, dependia por sua vez dos planos de Moscovo para estes países: validar ou rejeitar a continuidade da Doutrina Brezhnev.³¹⁸ Do ponto de vista doutrinal, é evidente que a recusa do princípio da soberania limitada e a sua substituição pelo princípio da liberdade de escolha foram cruciais para a libertação dos povos na Europa de Leste. E, por essa razão, o fator Gorbatchov só pode ser igualmente fundamental para que a Revolução Europeia tenha acontecido quando aconteceu e da forma (geralmente) pacífica como aconteceu.

Ainda assim, é importante ressaltar o seguinte: mesmo não sendo possível ignorar a influência de Gorbatchov neste processo de libertação, sobretudo tendo ele implementado um conjunto de reformas no sentido da democratização e liberalização da URSS, deve sublinhar-se o facto de estas reformas não terem como objetivo «sacrificar os ganhos da Segunda Guerra Mundial ou dissolver o Pacto de Varsóvia».³¹⁹ Vale a pena referir novamente, conforme já foi feito em capítulos anteriores, que o projeto de Gorbatchov para a URSS era reformar o comunismo, não substituí-lo. Do mesmo modo, o objetivo do Secretário-Geral do PCUS em relação à Europa de Leste era dar a estes países a possibilidade de desenvolverem as suas próprias *Perestroikas*, não separá-los de Moscovo. Nem faria sentido que assim não fosse, tendo em conta a direção em que a Política do Pensamento Novo colocara a política externa soviética a partir de 1986-

³¹⁷ A expressão de Timothy Garton Ash é retirada de uma conversa entre o próprio e Václav Havel, em Praga, ainda antes da Revolução de Veludo na Checoslováquia. A velocidade que o processo de falência sucessiva dos regimes comunistas nos países da Europa de Leste tomou, sobretudo a partir do verão de 1989, tornou esta expressão particularmente célebre entre os estudiosos do colapso do comunismo soviético. Garton Ash, *The Magic Lantern*, 78.

³¹⁸ Malia, *The Soviet Tragedy*, 455.

³¹⁹ *Ibidem*.

87: não era possível combinar a lógica da Doutrina Brezhnev e a ideia da soberania limitada com o novo tipo de Relações Internacionais a que o projeto de Gorbatchov aspirava.

A confirmação de que esta lógica brezhneviana estava oficialmente ultrapassada chegou em julho de 1989³²⁰, com o discurso do líder soviético no Conselho da Europa:

O facto de os Estados da Europa pertencerem a sistemas sociais diferentes é uma realidade. O reconhecimento deste facto histórico e o respeito pelo direito à soberania de cada povo para escolher o seu sistema social de acordo com o seu próprio critério são os requisitos mais importantes para qualquer processo europeu. A ordem social e política em alguns países mudou no passado e pode mudar no futuro também. Mas essa mudança cabe exclusivamente a cada povo e à sua escolha. Quaisquer interferências nos assuntos internos, quaisquer tentativas de limitação da soberania dos Estados – sejam amigos e aliados, sejam quaisquer outros – são inadmissíveis.³²¹

A 25 de outubro do mesmo ano, o porta-voz de Gorbatchov para os assuntos externos, Gennadi Gerasimov, referiu-se à nova abordagem do *Kremlin* como a «Doutrina Sinatra»,³²² numa alusão ao tema *My Way* de Frank Sinatra. A expressão utilizada por Gerasimov significa precisamente, e em conformidade com o discurso de Gorbatchov no Conselho da Europa, que cada Estado deveria seguir o seu próprio caminho, à sua própria maneira.

No contexto da invocação desta alteração doutrinal – que implicava naturalmente o abandono da antiga Doutrina Brezhnev –, Ralf Dahrendorf sublinhou duas consequências principais: por um lado, a ideia de os

³²⁰ Embora tivesse sido possível constatar o distanciamento de Gorbatchov relativamente à Doutrina Brezhnev em várias outras ocasiões anteriores a essa data: por exemplo, em fevereiro de 1988, com o anúncio da retirada da União Soviética do Afeganistão, e em junho de 1989, com a opção de não intervir na Polónia para garantir a subsistência do regime comunista.

³²¹ «Speech by Mr. Mikhail Gorbachov, President of the Supreme Soviet of the USSR, Secretary General of the Communist Party of the Soviet Union, before the Parliamentary Assembly of the Council of Europe».

³²² Vide por exemplo W. Loth, «Moscow, Prague and Warsaw: Overcoming the Brezhnev Doctrine», *Cold War History* 1, n.º 2 (janeiro 2001), 104-105.

países-satélite na Europa de Leste seguirem o seu próprio caminho implicava o fim da presença militar soviética (isto é, do Exército Vermelho) nestes territórios; e, por outro, significava também o fim do monopólio comunista numa área até então sob o domínio da ideologia-mãe soviética.³²³ Destas duas consequências derivava uma terceira muito importante: a substituição da lógica da soberania limitada pela independência dos países satelizados. Com esta substituição, a União Soviética e o comando central de Moscovo deixava de se considerar como o único modelo socialista válido, reconhecendo pela primeira vez a possibilidade de cada membro da comunidade socialista construir o seu próprio socialismo, adaptado à sua realidade e circunstâncias. Por todas estas razões, «não seria um exagero dizer que Gorbatchov é, acima de tudo, um desbloqueador de portas até então fechadas».³²⁴ E esse era exatamente o compromisso da Doutrina Sinatra: abrir as portas do futuro aos povos leste-europeus, permitindo-lhes escolher aquela pela qual queriam entrar (acreditando, ainda assim, que eles não abandonariam o socialismo).

5.4 Da Doutrina à Prática: a Dessatelação

Independentemente do facto de os países na Europa de Leste terem liberdade para escolher o seu próprio caminho (dentro da grande casa do socialismo), é evidente que alguns caminhos agradaram mais ao *Kremlin* do que outros. Isto é particularmente importante para compreender porque é que a Revolução Europeia começou onde começou e porque é que as transformações mais profundas ocorreram nuns países e não noutros. Para Gorbatchov, a Polónia e a Hungria eram os países mais alinhados com o tipo de reforma comunista que se pretendia implementar no Bloco Soviético. Pelo contrário, a RDA, a Checoslováquia, a Bulgária e a Roménia – o *Bando dos Quatro*³²⁵ – precisavam, aos olhos do Secretário-Geral do PCUS, de uma reforma ainda mais profunda do que a da própria União Soviética. No contexto da divisão entre uma ala mais liberal e uma ala mais conservadora dentro do PCUS, é também evidente que os mais liberais

³²³ Sigo Ralf Dahrendorf, *Reflections on the Revolution in Europe* (Abingdon: Routledge, 2017), 16-17. Doravante apenas Dahrendorf, *Reflections*, seguido de página.

³²⁴ *Ibidem*, 17.

³²⁵ Na referência a este termo – o *Bando dos Quatro* – sigo Charles Gati, «Eastern Europe on its Own», *Foreign Affairs* 68, n.º 1 (1989), 100.

favoreciam os primeiros países e os mais conservadores os últimos. Mas, mais importante, o que esta divisão acabou por traduzir foi um agravamento da crise da liderança Gorbatchov, que era agora interna e externa.

A gestão imprudente desta crise, argumenta Malia, levou a que o líder soviético se preocupasse demasiado em colocar o *Bando dos Quatro* na direção certa e, ao mesmo tempo, encorajasse a intensificação das experiências polaca e húngara.³²⁶ Consequentemente, a partir destas primeiras experiências, «qualquer evento, pequeno ou grande, político ou religioso, decisão corajosa ou erro diplomático, podia iniciar a avalanche da reforma, assim que as pessoas começassem a acreditar que uma grande mudança política era possível».³²⁷

Nesta fase, é crucial destacar a análise de Jean-François Soulet, que distingue entre dois grupos de países na Revolução Europeia de 1989: aqueles cuja dessatelação se fez por cima (Polónia e Hungria) e aqueles cuja dessatelação se fez por baixo (RDA, Checoslováquia, Bulgária e Roménia).³²⁸ Vale a pena clarificar que os termos «por cima» e «por baixo» se referem, respetivamente, aos processos de dessatelação que contaram com a participação das elites dirigentes e da sociedade civil, e aos processos cujo estímulo partiu fundamentalmente das bases populares, quer pela falta de uma classe dirigente neles interessada, quer pela ausência de sociedades civis estruturadas para o efeito.

É nesta análise de Soulet e na separação entre estes dois grupos de países que encontramos o caminho para algumas questões-chave nesta fase da narrativa: porque é que foi na Polónia e na Hungria que ocorreram as maiores e mais profundas transformações em 1989? Porque é que estas transformações aconteceram nestes dois países antes de todos os outros? A resposta mais breve está no termo «refolução», originalmente usado por Timothy Garton Ash para descrever o modo como os eventos em Varsóvia e em Budapeste foram uma combinação perfeita entre reforma

³²⁶ Malia, *The Soviet Tragedy*, 456.

³²⁷ John O'Sullivan, *O Presidente, o Papa e a Primeira-Ministra* (Lisboa: Alêtheia, 2006), 375. Doravante apenas O'Sullivan, *O Presidente, o Papa e a Primeira-Ministra*, seguido de página.

³²⁸ Jean-François Soulet, *História da Europa de Leste: Da Segunda Guerra Mundial aos Nossos Dias* (Lisboa: Teorema, 2006), 192. Doravante apenas Soulet, *História da Europa de Leste*, seguido de página.

e revolução: «reformas vindas de cima em resposta à pressão da revolução vinda de baixo».³²⁹ O argumento de Soulet aponta na mesma direção, sugerindo que estes dois casos são singulares principalmente porque as negociações de dessateliação foram feitas entre o regime e a sociedade civil.³³⁰ Mas também por um conjunto de outras razões.

Em primeiro lugar, porque os Partidos Comunistas nestes dois países apresentavam aquilo a podemos chamar sensibilidade reformista:³³¹ «Nunca tinham erradicado totalmente as correntes reformistas surgidas pouco depois da morte de Estaline».³³² A permanência do legado reformista nestes dois países explica, em parte, porque é que não seria possível reunir uma mesa-redonda que não incluísse elementos favoráveis à reforma do comunismo.

Em segundo lugar, porque as sociedades civis na Polónia e na Hungria eram muito determinadas. Soulet sublinha enfaticamente a maturidade destas sociedades civis e a sua importância no contexto dos acontecimentos de 1989. A esta maturidade associa duas imagens: no caso da Polónia, a visita do Papa João Paulo II à sua terra natal, em junho de 1979, que provou que os polacos sabiam reagir de forma organizada e civilizada (um ano depois da visita do Papa, a maturidade e a organização da sociedade civil polaca de que fala Soulet resultaram na criação do Solidariedade); no caso da Hungria, o autor recorda as cerimónias fúnebres de Imre Nagy que, em junho de 1989, reuniram várias gerações de húngaros e mostraram ao regime que a força popular não se esgotara em 1956.

Em terceiro lugar, porque existia um interesse privilegiado do Ocidente na Polónia e na Hungria. Este interesse tinha motivações históricas e religiosas, mas também se explicava pelo modo como americanos, ingleses e franceses assistiram com comoção aos acontecimentos de 1956 nestes países.³³³ Mas a ideia de que estes povos não tinham meios para se defender acabaria por se desvanecer paulatinamente a partir do final da

³²⁹ Dahrendorf, *Reflections*, 8.

³³⁰ Soulet, *História da Europa de Leste*, 192.

³³¹ Os rostos destas tendências reformistas são Wladyslaw Gomulka, no caso da Polónia, e Imre Nagy, no caso da Hungria.

³³² Soulet, *História da Europa de Leste*, 193.

³³³ Isto é, a Revolução Húngara e o levantamento polaco de outubro de 1956.

década de 1970: primeiro, com a eleição de um Papa polaco em 1978, depois com a chegada de Reagan ao poder nos EUA e a organização do Solidariedade em 1980, e depois ainda, sobretudo, com um novo líder no *Kremlin* a partir de 1985 disposto a não interferir nos assuntos internos de quaisquer países, dentro ou fora da esfera de influência soviética.³³⁴

5.4.1 A Polónia, Walesa e o Solidariedade

Na Polónia, o prelúdio do agravamento da agitação social começou no verão de 1988, na sequência de uma vaga de greves que «forçou» o governo do General Jaruzelski, Primeiro-Secretário do Partido Unificado dos Operários Polacos (POUP), a propor uma discussão de mesa-redonda com o Solidariedade – o sindicato liderado por Lech Walesa, que constituía a principal força da oposição. Ambos os lados enfrentaram resistência interna a estas negociações: por um lado, porque a linha dura do POUP dificultou todo o processo, atrasando-o; por outro, porque os radicais do Solidariedade estavam contra quaisquer cedências perante o regime.³³⁵

No início de 1989, o líder do Solidariedade estava confiante no facto de o regime precisar de uma negociação de sucesso, e as críticas da ala mais radical não abalaram a sua convicção: «Negociaria até com o diabo, se isso ajudasse a Polónia».³³⁶ A mesa-redonda polaca começou em fevereiro, mas os acordos só foram assinados a 6 de abril: destes resultaram a legalização do Solidariedade e a aprovação da realização de eleições (semi)livres às quais o Solidariedade, agora como partido político, poderia concorrer.

Para Moscovo, e para o Secretário-Geral do PCUS em particular, os acordos polacos são o produto de uma reforma perfeita do comunismo, por três motivos específicos: em primeiro lugar, porque não colocam em causa a permanência do regime comunista na Polónia; em segundo, porque legitimam o poder deste regime por via da democratização; e em terceiro, porque não afastam a Polónia da sua aliança com a URSS (o Pacto

³³⁴ Na apresentação destas três motivações sigo Soulet, *História da Europa de Leste*, 192-198.

³³⁵ Este impasse valeu a Walesa tempo suficiente para reunir os seus associados num Comité Cívico e para criar um grupo mais restrito que servia como governo-sombra. Cf. Stokes, *The Wales Came Tumbling Down*, 124.

³³⁶ *Ibidem*.

de Varsóvia, ao contrário do que aconteceu na Hungria em 1956) e ainda contribuem positivamente para o projeto de uma Europa única.³³⁷

Apesar de tudo, o resultado das eleições do dia 4 de junho de 1989 viria a desafiar simultaneamente o ânimo de Moscovo (e de Gorbatchov) e o poder do regime comunista polaco: o Solidariedade conquistou 99 dos 100 lugares no Senado e 160 dos 161 lugares aos quais se podia candidatar no Parlamento (*Sejm*), com 460 lugares. Estes resultados constituem um marco histórico não apenas para a Polónia e para os polacos, mas também para toda a Europa de Leste e para o próprio comunismo soviético. No verão de 1989, estes números significavam que o Solidariedade era pelo menos quatro coisas, como observou Timothy Garton Ash: era uma pessoa – Lech Walesa – que se tornou o rosto da «Revolução da Alma»;³³⁸ era um grupo parlamentar; era a estrutura mais vasta de representação dos cidadãos, a nível nacional, regional e local; e era o que sempre foi: um sindicato.³³⁹

Não obstante, o triunfo de junho – que não afastava definitivamente o regime comunista do poder – fez-se acompanhar pelos desafios incertos do futuro que agora o Solidariedade teria de enfrentar, a somar ao medo de que o rumo dos acontecimentos pudesse alterar-se radicalmente. Este medo cresceu sobretudo com a chegada das notícias da China, onde ocorrera um massacre na Praça de Tiannamen no mesmo dia das eleições na Polónia (massacre ao qual o líder soviético assistira *in loco*).³⁴⁰

Após as eleições, e contra a maioria dos seus associados, o Solidariedade apoiou a permanência do General Jaruzelski como Chefe de Estado (eleito a 19 de julho com uma margem de um voto apenas). Mas fê-lo por várias razões estratégicas: primeiro, porque a polícia e o exército – a verdadeira «força» do poder – ainda estavam nas mãos do regime comunista; segundo, porque a eleição de Jaruzelski não só honrava a palavra do Solidariedade nos acordos de mesa-redonda, como também garantia o apoio da União Soviética ao processo político na Polónia, uma vez que, entre

³³⁷ Sigo Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 108.

³³⁸ Para uma obra completa sobre esta Revolução da Alma e o papel crucial do Solidariedade na sua condução, ver Timothy Garton Ash, *The Polish Revolution: Solidarity* (New Haven: Yale University Press, 2002).

³³⁹ Cf. Garton Ash, *The Magic Lantern*, 33.

³⁴⁰ *Ibidem*, 32.

todos os líderes comunistas na Europa de Leste, Jaruzelski era aquele por quem Gorbatchov nutria maior simpatia; e terceiro, porque a percentagem da votação em Jaruzelski – 50% mais um – era suficiente para mostrar quem eram os verdadeiros donos da legitimidade do poder na Polónia. De qualquer modo, como sugere John O’Sullivan, «o comunismo estava, nesta altura, tão desacreditado e era tão impopular, que os partidos da oposição ganhavam com maiorias suficientemente grandes para esmagar qualquer espécie de critérios que favorecessem o poder comunista».³⁴¹

A escolha do Primeiro-Ministro equilibrou as coisas: graças à capacidade negocial de Walesa, mas também ao facto de os comunistas já não terem condições para governar no Parlamento, Tadeusz Masowiecki – um intelectual e ativista do Solidariedade – foi convidado a ocupar o cargo, tornando-se o primeiro Chefe de Governo não comunista na Europa de Leste depois do início da Guerra Fria. De facto, em agosto de 1989, grande parte do processo de revolução na Polónia já tinha acontecido. Porém, este processo só ficaria concluído quando, no fim do ano, o papel dirigente do partido desapareceu da Constituição e, em 1990, Jaruzelski se demitiu do cargo de Presidente para dar lugar a Lech Walesa.

5.4.2 A Hungria e o Regresso dos Heróis de 1956

De acordo com Soulet, o principal motivo pelo qual foi possível negociar a dessatelação na Hungria foi a atitude dos dirigentes do Partido Socialista dos Operários Húngaros (PSOH) – embora possa ser mais prudente afirmar que foi a atitude de alguns destes dirigentes. Vale a pena recordar que, em maio de 1988, János Kádár – figura da velha guarda soviética na Hungria – fora substituído na liderança do PSOH por Karoly Grosz, um reformista moderado. Esta substituição é relevante, não propriamente por conta da chegada de Grosz ao poder, mas antes pelas figuras por quem se fez acompanhar. A mais importante destas figuras foi Imre Pozsgay, um apoiante da radicalização da reforma do comunismo na Hungria que, em janeiro de 1989, afirmou publicamente que a Revolução de 1956 não deveria ser considerada uma contrarrevolução, mas antes um «levantamento popular legítimo».³⁴²

³⁴¹ John O’Sullivan, *O Presidente, o Papa e a Primeira-Ministra*, 374.

³⁴² Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 112.

Embora em 1987-88 já fosse possível assistir à criação de alguns movimentos democráticos, como é o caso do Fórum Democrático e da Aliança dos Jovens Democratas, a viragem na Hungria começou com a afirmação pública de Pozsgay. A partir daí, o PSOH viria a fazer uma série de cedências sem precedentes: foram garantidos os direitos de reunião e associação, o partido abandonou o seu papel dirigente na Constituição e alterou o seu nome para Partido Socialista, e começou a ser desmantelada a fronteira de cimento e arame farpado com a Áustria (a 2 maio de 1989), que pouco tempo depois permitiu a passagem de milhares de cidadãos da RDA para o Ocidente.

Depois da declaração ousada de Pozsgay e das importantes transformações às quais deu origem, o momento-chave da revolução na Hungria foi a cerimónia fúnebre póstuma de Imre Nagy – Primeiro-Ministro húngaro e rosto da Revolução de 1956, mais tarde executado pelas forças soviéticas que a travaram –, que juntou trezentos mil húngaros nas ruas de Budapeste. De acordo com Timothy Garton Ash, «o funeral foi, como as eleições polacas, um marco para a história da Europa de Leste do pós-guerra. Marcou claramente o fim do período pós-1956, intrinsecamente ligado ao nome de János Kádár».³⁴³ O impacto e o simbolismo da homenagem a Nagy significavam ao mesmo tempo que a Hungria estava a passar por uma revisão histórica importante e que a União Soviética deveria manter-se alerta relativamente a essa revisão.

Apesar da pertinência da comparação de Garton Ash com o processo polaco, deve sublinhar-se o facto de não ter existido na Hungria a mobilização social massiva a que se assistiu na Polónia, com o Solidariedade. No caso húngaro, as primeiras batalhas foram travadas dentro do partido e só depois entre o partido e a oposição. O formato tripartido da mesa-redonda húngara fê-la desde logo diferir do modelo polaco: as conversações juntaram o partido, a oposição democrática e algumas organizações-satélite do regime. Mas a principal diferença entre as negociações nos dois países foi que, como nota Garton Ash, «enquanto o partido polaco negociava com o Solidariedade numa mesa-redonda, o partido húngaro estava a negociar

³⁴³ Garton Ash, *The Magic Lantern*, 53.

com uma mesa-redonda [composta pelos grupos mais importantes da oposição]». ³⁴⁴

Comparativamente com os acordos polacos, a mesa-redonda húngara teve, segundo Carlos Gaspar, «conclusões (...) mais radicais, mas menos dramáticas» ³⁴⁵: mais radicais porque a oposição exigiu eleições livres para março de 1990 e defendeu a eleição direta do Presidente; menos dramáticas porque, por um lado, não existia na Hungria uma força da oposição comparável ao Solidariedade e, por outro, porque o candidato com maior probabilidade de vencer a eleição presidencial era, apesar de tudo, um reformista do partido – Pozsgay. Em última análise, o que estas conclusões traduzem de mais importante no contexto da dessatelação húngara é uma cedência clara por parte do regime, que acaba por acatar as exigências da oposição. Com efeito, assistimos na Hungria a um conjunto de negociações que se desenvolveram numa ordem inversa aos eventos na Polónia: «[a Hungria] conseguiu um sistema multipartidário antes de conseguir a democracia». ³⁴⁶

5.4.3 A RDA, o Novo Fórum e a Queda do Muro de Berlim

Entre todos os aliados do Bloco Soviético, a Alemanha de Leste foi o país com maior ligação à URSS, inclusivamente do ponto de vista constitucional. ³⁴⁷ Este é um dado relevante para compreender porque é que a RDA só podia ser um dos membros do *Bando dos Quatro*: porque, ao contrário dos regimes polaco e húngaro – que tinham o que Soulet chamou «sensibilidade reformista» –, o regime de Honecker (no poder desde 1976) permanecia preso aos ideais ortodoxos da velha guarda soviética. Por este motivo, comparativamente com os outros países-satélite, a RDA é um caso especial para o qual o «efeito Gorbatchov» – como o classifica Garton Ash – contribuiu com maior intensidade. Para os alemães de Leste, este efeito foi especialmente relevante porque constituiu o seu primeiro sinal de esperança para o fim do legado da ortodoxia brezhneviana na RDA.

³⁴⁴ *Ibidem*, 56.

³⁴⁵ Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 112.

³⁴⁶ Garton Ash, *The Magic Lantern*, 60.

³⁴⁷ «Não é por acaso que a revisão constitucional de 1974 proclama: 'A República Democrática Alemã é para sempre e irrevogavelmente aliada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.'» *Ibidem*, 65.

Neste contexto, e conforme seria expectável, os contornos da revolução na RDA foram muito distintos dos da Polónia e da Hungria. Na RDA, num primeiro momento, não foi possível dessatelarizar por cima, quer por conta dos seus dirigentes políticos, quer por conta da própria sociedade civil. Por motivações acima referidas, a arrogância e o dogmatismo da classe dirigente leste-alemã – sobretudo do próprio Honecker – manifestavam-se numa forte necessidade de exhibir o sucesso (dúbio) do socialismo real na RDA. Ao mesmo tempo, muito mais do que na Polónia e na Hungria, o medo e a disciplina das pessoas perante a polícia política (STASI) impediam-nas de seguir o exemplo dos polacos e dos húngaros. Foi exatamente por isso que não encontramos na sociedade civil da Alemanha de Leste o protagonismo das sociedades civis polaca e húngara – os acontecimentos de 1953 na RDA resolveram de raiz essa possibilidade.³⁴⁸

No contexto do processo de dessatelação da RDA, importa principalmente destacar a influência dos Estados Unidos, mas também da própria República Federal Alemã (RFA). A declaração emotiva do Presidente Reagan em frente ao Portão de Brandemburgo, a 12 de junho de 1987, constitui uma das principais demonstrações de apoio ao fim da divisão de Berlim e, em última análise, um desafio frontal à coragem de Gorbatchov para acabar com esta divisão: «Secretário-Geral Gorbatchov, se deseja a paz, se procura a prosperidade para a União Soviética e para a Europa de Leste, se procura a liberalização: venha até este portão! Senhor Gorbachov, abra este portão! Senhor Gorbachov, derrube este muro!»³⁴⁹

Do mesmo modo, a aproximação das duas Alemanhas – que começou logo no princípio da década de 1970 com a *Ostpolitik* de Willy Brandt³⁵⁰ – originou «sem que se notasse (...) uma dessatelação

³⁴⁸ Aqui referimo-nos àquele que ficou conhecido como Levantamento Popular de 1953: a 16 de junho, o que começou por ser uma greve de trabalhadores da construção civil evoluiu rapidamente para uma revolta popular generalizada que durou dois dias, até ser severamente reprimida pelo Exército Vermelho estacionado em território leste-alemão.

³⁴⁹ «Remarks on East-West Relations at the Brandenburg Gate in West Berlin», Reagan Foundation, consultado a 1 de julho, 2020, <https://www.reaganfoundation.org/media/128814/brandenburg.pdf>.

³⁵⁰ Willy Brandt foi o quarto Chanceler da RFA (entre 1969 e 1974) e o termo *Ostpolitik* – que significa «política do Leste» – refere-se aos seus esforços para a aproximação e normalização das relações com os países da Europa de Leste e com a própria União Soviética desde o princípio da década de 1970.

silenciosa na RDA, que se ia aproximando da RFA nos planos económico e cultural».³⁵¹ A partir da década de 1980, esta aproximação não só não entrou em retraimento, como beneficiou claramente da crise económica soviética: quem o compreendeu desde logo foi Helmut Kohl³⁵² que, em outubro de 1988, forneceu à URSS um crédito de três mil milhões de marcos.³⁵³ Este apoio financeiro – do qual, na verdade, a União Soviética era dependente – foi a estratégia do Chanceler Kohl, a que Soulet chamou «a cartada Gorbatchov», e consistiu exatamente em aproveitar as oportunidades dos últimos anos da década de 1980: não apenas a crise económica soviética, mas também a «onda» das revoluções polaca e húngara que encorajou a agitação de setembro-novembro de 1989 na RDA.

Embora vários acontecimentos anteriores a setembro de 1989³⁵⁴ ilustrem o grau cada vez maior de descontentamento popular na RDA, é apenas nessa altura que o principal movimento da oposição é criado – o Novo Fórum – e que, por consequência, começam a reunir-se multidões cada vez maiores nas principais cidades da Alemanha de Leste. O Novo Fórum é a primeira plataforma democrática na RDA capaz de apelar à organização e movimentação dos cidadãos. Repare-se que, em comparação com o Solidariedade na Polónia, esta plataforma é criada a menos de dois meses da queda do Muro de Berlim – o que confirma a teoria de Soulet sobre a importância das sociedades civis organizadas e estruturadas no contexto dos processos de dessatelação de 1989.

Janina Frentzel-Zagorska também enfatiza o papel da sociedade civil nos processos de dessatelação da Europa de Leste, identificando-a como um dos fatores centrais no desenrolar destes processos. Precisamente porque em alguns destes países existem sociedades civis coesas, mas noutros não, é que faz sentido distinguir entre transições para a democracia vindas de cima ou de baixo, respetivamente. O argumento de

³⁵¹ Soulet, *História da Europa de Leste*, 205.

³⁵² Chanceler alemão entre 1982 e 1998 (RFA entre 1982 e 1990; Alemanha reunificada entre 1990 e 1998).

³⁵³ Na referência a este valor siga Soulet, *História da Europa de Leste*, 206.

³⁵⁴ Durante os primeiros meses de verão, por exemplo, com a abertura da fronteira entre a Áustria e a Hungria, que permitiu a passagem de milhares de cidadãos da Alemanha de Leste para o Ocidente.

Zagorska é particularmente pertinente neste contexto, porque nos recorda que aquilo que distingue uma sociedade civil de uma sociedade é uma componente política que é responsável por mediar «os objetivos do Estado e os da população autonomamente organizada».³⁵⁵ Ao mesmo tempo, o que este argumento pressupõe – e que é crucial ao bom funcionamento de qualquer sociedade civil – é que são os próprios Estados que devem garantir as condições básicas à viabilização desta mediação de objetivos. Entre estas condições básicas estão algumas liberdades fundamentais, como a liberdade de expressão e associação, que, como sabemos, não eram características dos regimes comunistas leste-europeus.

Paralelamente, também se deve notar que as reivindicações dos alemães de Leste foram bastante mais humildes do que as exigências dos polacos ou dos húngaros: em vez da substituição do regime, pediam honestidade política, liberdade de expressão, reunião e deslocação. Mas o governo de Honecker não soube gerir nem os mais simples pedidos populares – razão pela qual o próprio Gorbatchov, aquando da sua visita a Berlim Oriental, por ocasião do 40.º aniversário da RDA (7-8 de outubro de 1989), o avisou: «a vida castiga aqueles que se atrasam».³⁵⁶ A visita de Gorbatchov e, em especial, a receção calorosa que teve por parte dos alemães de Leste – que gritavam «Gorbi! Ajuda-nos, Gorbi!»³⁵⁷ – foram o principal estímulo dos eventos de outubro-novembro desse ano na RDA.

Depois da despedida de Gorbatchov, as principais cidades da Alemanha de Leste assistiram a um conjunto de manifestações massivas contra o regime, consideradas por Garton Ash como o ponto de não retorno da dessateliação da RDA – cinquenta a setenta mil pessoas a 9 de outubro, duzentas a trezentas mil a 23 de outubro e quinhentas mil a 4 de novembro.³⁵⁸ Foi por esta razão, e dada a cronologia dos acontecimentos, que, como afirma Carlos Gaspar, «o melhor aliado dos manifestantes [foi] Gorbatchov».³⁵⁹ A intensificação destas manifestações, que obrigou

³⁵⁵ Janina Frentzel-Zagorska, «Civil Society in Poland and Hungary», *Soviet Studies* 42, n.º 4 (outubro 1990), 759.

³⁵⁶ Stokes, *The Walls Came Tumbling Down*, 139.

³⁵⁷ Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo*, 610.

³⁵⁸ Na referência a estes números sigo Soulet, *História da Europa de Leste*, 209.

³⁵⁹ Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 115.

o regime – agora liderado por Egon Krenz – a ceder, levou efetivamente a um relaxamento das autoridades sobre a liberdade de circulação dos cidadãos. Mas este relaxamento – que em nada se deve confundir com uma total abertura de fronteiras – acabou por dar origem àquilo a que Mary Sarotte chamou uma falha de comunicação fatal.³⁶⁰

Convencidos de que nada os impediria de abandonar a RDA, na noite de 9 de novembro, milhares de berlinenses de Leste chegaram à fronteira limitada pelo muro. Sem ordens concretas para travar a multidão, os guardas facilitaram o desenrolar desta revolução. No contexto do processo de implosão do Império Externo soviético, a passagem de milhares de pessoas para «o outro lado» não significou somente o fim da divisão de Berlim: como argumenta Garton Ash, a queda do muro transformou completamente os termos desta revolução, na medida em que «antes de 9 de novembro, a questão era saber como é que este Estado – a RDA – deveria ser governado. (...) Depois de 9 de novembro, a questão era saber se este Estado devia continuar a existir ou não».³⁶¹

5.4.4 A Checoslováquia, Havel e a Revolução de Veludo

O processo de dessatелização da Checoslováquia é, em muitos aspetos, semelhante ao da RDA – e isso torna-se mais evidente quando se constata que os motivos pelos quais não foi possível dessatелizar por cima são os mesmos nos dois países. Como na RDA, o colapso do comunismo checoslovaco também não refletiu a inclinação reformista da classe dirigente, nem a força de uma sociedade civil articulada. Foram estas as duas razões principais pelas quais não foi possível dessatелizar por cima.

³⁶⁰ Esta falha de comunicação foi devida a Gunter Schabowski, o responsável do *Politbüro* para os assuntos dos *media*, que, numa conferência de imprensa na tarde de 9 de novembro, respondeu a um jornalista americano dando a entender que os portões do muro estariam abertos de par em par. Foi confrontado pelos jornalistas com questões muito diretas como «Senhor Schabowski: estarei a perceber corretamente? Os cidadãos da RDA podem passar por qualquer *checkpoint* à sua escolha por razões pessoais? Já não precisam de o fazer através de países terceiros?» reiterando sempre o «sim» à liberdade de circulação dos berlinenses de Leste. Vide Mary Elise Sarotte, *The Collapse: The Accidental Opening of the Berlin Wall* (Nova Iorque: Basic Books, 2014), 304.

³⁶¹ Garton Ash, *The Magic Lantern*, 69.

A classe dirigente checoslovaca e, em especial, o líder do Partido Comunista, Gustáv Husák – outro crente na suficiência do socialismo real –, resistiram firmemente às reformas políticas e económicas implementadas na URSS a partir de 1985. Ainda assim, convém sublinhar, apesar de serem a personificação dos últimos vestígios da Primavera de Praga, Husák e toda a liderança do partido entendiam perfeitamente que o seu poder estava assente numa dívida para com a União Soviética, que interviu militarmente nos eventos de 1968 – ora, isto por si só explica a rejeição (ou o medo) da ideia de reformar o regime, que poderia significar a perda do poder. Foi também pela experiência de 1968 e pelo conseqüente reforço do poder comunista na Checoslováquia que se tornou impossível assistir a uma dessateliação à moda polaca ou húngara três décadas mais tarde.

Somente a partir de 1977 veio a ser possível falar em algum, pouco, movimento de oposição na Checoslováquia, com a assinatura da Carta 77.³⁶² Como afirmou um ativista checoslovaco quase dez anos antes da chegada de Gorbatchov ao poder, «nada irá mudar por aqui a menos que as coisas mudem também na União Soviética».³⁶³ É exatamente no contexto desta afirmação e, mais tarde, no contexto das reformas implementadas por Gorbatchov na URSS, que compreendemos porque é que a Carta 77 foi tão importante: porque ao processo reformista vindo de cima,³⁶⁴ os checoslovacos podiam agora aliar o seu movimento vindo de baixo. Todavia, pelas mesmas razões apresentadas no caso da RDA, este movimento tardou em dar frutos. Para que tal acontecesse, também foi fundamental a influência vinda do exterior: por um lado, a visita de Gorbatchov a Praga, em abril de 1987, que terá encorajado as primeiras manifestações

³⁶² O documento foi assinado por 241 figuras, entre as quais intelectuais, ex-membros expulsos do partido e ativistas. Delas se destaca o dramaturgo e protagonista da Revolução de Veludo, Václav Havel. Considerado pelo regime como um manifesto clandestino, a Carta 77 representa o primeiro produto de uma resistência checoslovaca a favor da democracia.

³⁶³ Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo*, 612.

³⁶⁴ A influência deste processo vindo de cima (isto é, de Moscovo) é particularmente manifesta em duas situações: em 1988, quando o regime é forçado a deixar de interferir no sinal da Rádio Europa Livre para cumprir a Ata Final de Helsínquia; e em 1989, quando Moscovo aconselha o regime a não travar através da força quaisquer manifestações populares. Entre outros direitos e garantias, a Ata Final de Helsínquia – assinada a 1 de agosto de 1975 por 35 países – previa o respeito pelas liberdades fundamentais, incluindo a liberdade de pensamento e expressão.

organizadas na cidade em 1988; e por outro, a chegada de milhares de alemães de Leste à Embaixada de Praga depois da abertura da fronteira entre a Áustria e a Hungria, que provocou a forte intensificação destas manifestações em 1989.

A verdadeira Revolução de Veludo começou depois da tentativa impiedosa das autoridades de travarem uma daquelas manifestações (que era, na realidade, uma manifestação estudantil), a 17 de novembro de 1989 – recorde-se que pouco tempo antes o regime tinha sido aconselhado por Moscovo a não reprimir quaisquer manifestações populares. Como previra Garton Ash, foi só uma questão de dias para que o comunismo colapsasse na Checoslováquia:³⁶⁵ a 19 de novembro, os vários movimentos de oposição eram representados por um Fórum Cívico liderado por Václav Havel; seguiram-se as demissões do líder do partido e do Primeiro-Ministro, e a substituição de Husák por Havel no cargo de Presidente da República.

É particularmente importante para esta análise reparar no significado especial do Fórum Cívico checoslovaco: para além da expressão prática da ideia de uma dessatelação por baixo – originalmente apresentada por Soulet –, o Fórum Cívico traduz também a ideia essencial de que uma só pessoa pode ter um impacto inestimável no decurso de um processo político. Também aqui é notável a influência do *fator humano* para aquele que foi o saldo final deste processo de dessatelação e libertação. A singularidade do caso checoslovaco reside precisamente nesta última ideia e no modo como, em tão pouco tempo, foi possível que um dramaturgo se tornasse Presidente da República.

5.4.5 A Bulgária e o Fim da Ortodoxia

Como nos outros países-irmãos socialistas, os primeiros sinais da revolução na Bulgária foram visíveis anos antes de 1989. Provavelmente por terem sido os dois últimos Estados-satélite a assistir ao colapso do comunismo, a Bulgária e a Roménia são consideradas por Soulet como os exemplos de «dessatelações inspiradas».³⁶⁶ Esta expressão sugere que a revolta dos búlgaros e dos romenos não só beneficiou do sucesso das

³⁶⁵ «Os 'dez dias' foram vinte e quatro». Garton Ash, *The Magic Lantern*, 126.

³⁶⁶ Soulet, *História da Europa de Leste*, 213.

revoltas polaca, húngara, leste-alemã e checoslovaca, como também foi (indiretamente) inspirada pela origem de todo o processo de reforma do comunismo soviético – Moscovo.

Na Bulgária e na Roménia – como na RDA e na Checoslováquia – as figuras de liderança do partido eram homens de idade avançada, adversos a quaisquer reformas, que garantiram o afastamento dos seus potenciais rivais ao longo de anos a fio no poder. Pode mesmo dizer-se que Zivkhov e Ceausescu eram indivíduos por quem Gorbatchov não nutria a mínima simpatia, política ou pessoal – o que por si só ajuda a explicar que estes tenham sido os dois últimos líderes a cair nos regimes comunistas da Europa de Leste e aqueles cuja resistência às reformas se prolongou durante mais tempo.

Em 1984-85, o governo de Zivkhov iniciou uma forte campanha de perseguição contra a comunidade turca residente na Bulgária (que representava 10% de toda a população do país).³⁶⁷ É claro que, no contexto de autoritarismo em que se inseria a liderança de Zivkhov, esta campanha não foi propriamente uma surpresa – até porque a intolerância do líder búlgaro em relação às minorias era tão antiga quanto a sua própria chegada ao poder, em 1954. Mas a campanha contra os turcos conduziu a um conjunto de primeiras manifestações que foram fundamentais para impulsionar o processo de dessateliação na Bulgária. Estas manifestações realizaram-se em defesa dos direitos humanos e contra as sucessivas tentativas do regime para transformar as tradições culturais búlgaras – motivos suficientemente fortes para chamar de imediato a atenção do Mundo Ocidental.³⁶⁸

A par da agitação causada por estas primeiras revoltas e pela perseguição à comunidade turca, a questão ambiental e as preocupações a ela associadas constituíram a principal razão pela qual se começou a assistir ao nascimento de uma proto-sociedade civil na Bulgária – até então, e à semelhança de outros Estados-satélite, ela não existia. A partir de 1987,

³⁶⁷ Entre outras coisas, esta campanha obrigou os cidadãos búlgaros com nomes de origem turca ou árabe a «bulgarizar» os seus nomes, isto é, a trocá-los por outros considerados tipicamente búlgaros. Cf. Stokes, *The Walls Came Tumbling Down*, 144.

³⁶⁸ De acordo com Soulet, no princípio de 1989, o Presidente Mitterrand reuniu-se informalmente com algumas das personalidades à frente destas manifestações. Soulet, *História da Europa de Leste*, 219.

começou a debater-se o problema da poluição na capital, Sofia e, sobretudo, a poluição no rio Danúbio.³⁶⁹ Paralelamente, este debate começou também a conquistar o apoio de uma elite de intelectuais com alguma influência. Foi muito importante que a problemática ambiental tivesse ganhado a simpatia desta elite, sobretudo porque alguns membros do partido faziam parte dela.

A partir de 1989, Zivkhov deixou de poder contar com este grupo de intelectuais para amparar a sua sobrevivência no poder: em março, existiam já nove associações da oposição e, no início do verão, um grupo de membros do partido favorável à aproximação da Bulgária ao Mundo Ocidental iniciou um processo que só terminou com a deposição do líder búlgaro, a 10 de novembro. Este grupo, cujo protagonista foi o próprio Ministro dos Negócios Estrangeiros, Mladenov, introduziu uma discussão aberta acerca da necessidade de reformar o sistema e de abandonar o legado brezhneviano na Bulgária, representado na figura de Zivkhov há trinta e cinco anos.

Ao não interferir nesta discussão aberta – designadamente com o intuito de a travar –, Moscovo forneceu à oposição búlgara a última luz verde para o que viria a acontecer na sessão do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, a 10 de novembro de 1989. Embora Zivkhov tenha tido oportunidade de ler o seu discurso de resignação nessa sessão, parece fazer mais sentido falar numa deposição do que numa resignação – porque, na realidade, grande parte dos membros do partido já o tinha forçado a aceitar que não lhe restava qualquer hipótese. Com efeito, o caso búlgaro distingue-se aqui do caso romeno, na medida em que não obrigou ao derramamento de sangue e forçou pacificamente – se assim se pode dizer – o líder do partido a abandonar o seu cargo.

5.4.6 A Roménia e a (Única) Dessatelação Sangrenta

O principal motivo pelo qual a dessatelação na Roménia se distingue (negativamente) de todas as anteriores é o facto de ter sido a única que terminou de forma sangrenta. Exatamente por essa razão, o caso romeno é também aquele em que considero ser imprescindível sublinhar o papel

³⁶⁹ Também aqui é possível encontrar algum fundamento para que se considere que a dessatelação na Bulgária tenha sido uma dessatelação inspirada: inspirada em Moscovo, no próprio Secretário-Geral do PCUS e na sua luta pela causa ambiental e ecológica.

da elite dirigente e, em particular, do líder do regime. Nicolae Ceausescu não era só o líder mais despótico de todos os líderes dos países-satélite da URSS; era também aquilo que Archie Brown conseguiu resumir em poucas palavras: «Ceausescu permaneceu até à morte um admirador de Estaline».³⁷⁰ Esta admiração é suficiente para explicar vários factos: em primeiro lugar, indica desde logo que Ceausescu não subscreveria, como não subscreveu, qualquer forma de reformismo (não só na Roménia, mas em toda a URSS e na Europa de Leste³⁷¹); em segundo lugar, permite compreender porque é que a Roménia foi o último país do Império Externo soviético a resistir à influência do Gorbatchovismo; e em terceiro lugar, também revela porque é que Gorbatchov se manteve mais distante da Roménia do que de qualquer outro Estado-satélite.³⁷²

Na Roménia, de modo muito particular, o regime abafou desde sempre a possibilidade de surgir alguma oposição ao regime de Ceausescu, que chegou ao poder em 1965. Assistiu-se, ainda durante a década de 1970, a uma onda de descontentamento e a alguns episódios de greves populares nas principais cidades romenas. Mas todas as movimentações deste tipo contra o regime enfrentaram o mesmo destino: a mão pesada da polícia do Estado (*Securitate*). Em 1987-88, esta realidade alterou-se, quando um grupo de ex-membros do partido denunciou publicamente os abusos do líder Ceausescu. Depois da denuncia deste grupo, multiplicou-se não só entre a população, mas também dentro do próprio partido, a vontade de afastar o ditador do poder.

³⁷⁰ Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo*, 617.

³⁷¹ No encontro com Gorbatchov em Moscovo, a 4 de dezembro de 1989, Ceausescu chegou a comentar que estava «muito preocupado com o que está a acontecer em alguns países socialistas de Leste», sugerindo que a União Soviética adotasse «um papel diferente para ajudar a produzir novas orientações [nesses países]». No mesmo encontro, também revelou estar muito longe de querer abraçar a *Perestroika*, designadamente ao tentar de forma insistente afastar esse tema da conversa com o Secretário-Geral do PCUS, substituindo-o por outros como a Revolução de Outubro de 1917 e a necessidade de recuperar a moral e a grandeza do socialismo soviético. A transcrição do debate entre os dois está disponível em Mircea Munteanu, «The Last Days of a Dictator», *Cold War International History Project Bulletin* 12/13 (outono/inverno 2001), 217-225.

³⁷² É claro que a opção de se manter distante de um líder como Ceausescu também era uma forma de Gorbatchov se tornar credível, sobretudo perante o Mundo Ocidental. Neste argumento sigo Jacques Lévesque, *The Enigma of 1989: The USSR and the Liberation of Eastern Europe* (Berkeley: University of California Press, 1997), 191-193.

A primeira grande oportunidade dos romenos deu-se a 15 de dezembro de 1989, na sequência de um motim organizado contra a perseguição de um pastor, Laszlo Tokes, membro da minoria húngara na Roménia, que fora expulso pela *Securitate* da sua paróquia e da própria casa. O protesto, que depressa evoluiu para uma manifestação massiva contra Ceausescu, durou três dias, até ser violentamente esmagado pelas forças do regime. Orgulhosamente grato a estas forças, e convencido de que ainda detinha o controlo completo do poder, o líder romeno convocou uma manifestação de apoio em Bucareste para o dia 21 de dezembro. Contra as expectativas de Ceausescu, a manifestação só serviu para agravar a sua posição já frágil no país. As pessoas gritavam «O povo somos nós! Abaixo os assassinos!»³⁷³ e rapidamente o poder passou para as mãos dos romenos, agora apoiados pelo exército.

A 25 de dezembro, Ceausescu e a mulher foram executados e, a 26, foi instalado um governo provisório – a Frente da Salvação Nacional –, sob a liderança de Ion Iliescu, colega de Universidade de Gorbatchov. Os eventos de dezembro de 1989 na Roménia, algo irónicos, parecem sugerir que, se Ceausescu tivesse estado mais atento, poderia ter sido poupado. Mas a confiança em si próprio cegou-o e levou-o a caminhar sozinho até ao seu destino, pagando, como argumenta Archie Brown, «pelo seu isolamento das críticas e pelos seus delírios vão ao não ver que o fim estava próximo».³⁷⁴

5.5 Gorbatchov e o Fim do Protetorado Soviético na Europa de Leste

Entre as principais consequências da Revolução Europeia de 1989, considero fundamental sublinhar o que diz respeito à redefinição do plano geopolítico mundial a que estes eventos obrigaram no final da década de 1980. Esta redefinição justifica-se, em primeiro lugar, porque, do ponto de vista político, a libertação da Europa de Leste significou a falência total do «protetorado»³⁷⁵ soviético sobre o seu Império Externo. Justifica-se,

³⁷³ Soulet, *História da Europa de Leste*, 223.

³⁷⁴ Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo*, 617.

³⁷⁵ Esta expressão é utilizada por Diogo Freitas do Amaral em *Glória e Tragédia de Gorbatchov* (Coimbra: Almedina, 2012), 46. Doravante apenas Freitas do Amaral, *Glória e Tragédia de Gorbatchov*, seguido de página.

simultaneamente, porque a dessatelação da Europa de Leste também significou o fracasso, do ponto de vista geográfico, da expansão do projeto comunista e do alargamento do Pacto de Varsóvia. Como se afirmou anteriormente, para a URSS, o processo de dessatelação do Leste europeu em 1989 foi também um processo de perda progressiva dos ganhos soviéticos do pós-Segunda Guerra Mundial e um péssimo presságio sobre o futuro da principal aliança do Bloco Soviético.

Perante este cenário, que é simultaneamente o de uma «revolução reformista» e de uma «demonstração rara da teoria dos dominós»³⁷⁶, é impossível não reparar no modo como a União Soviética e Gorbatchov assistiram como observadores ao colapso dos regimes comunistas na Europa de Leste. Mas é preciso compreender, por outro lado, que esta forma de observar pacificamente o desenrolar natural dos eventos de 1989 faz parte da própria natureza do Novo Pensamento que é implementado por Gorbatchov na URSS na segunda metade da década de 1980. Ao contrário do que se possa pensar, «a não intervenção não é uma forma passiva de indiferença: é, pelo contrário, uma das formas possíveis, e das mais eficazes, de intervenção».³⁷⁷ Por estas razões, consideramos ter sido coerente, e não imprudente, a opção de não intervir na Europa de Leste para impedir que cada um pudesse tomar o seu caminho, à sua maneira.

Neste contexto, também é importante sublinhar que, mesmo em 1989 (isto é, tarde, no contexto do processo reformista da URSS), Gorbatchov continuava a poder fazer escolhas. Na Europa de Leste, podia ter optado por reprimir os acontecimentos de junho-dezembro, designadamente através do recurso à violência e do Exército Vermelho. Mas isso retirar-lhe-ia todo o crédito e consideração que vinha adquirindo entre os seus homólogos no Ocidente desde 1985; retirar-lhe-ia, em particular, a garantia de todos os progressos que conquistara juntamente com os Estados Unidos em matéria de desarmamento nuclear. Por tudo isto, e ao contrário desta primeira opção, escolheu manter-se fiel às suas ideias, às reformas que começou a implementar a partir de 1985 na União Soviética e à sua velha

³⁷⁶ Gaspar, «A Guerra Fria Acabou Duas Vezes», 146.

³⁷⁷ Freitas do Amaral, *Glória e Tragédia de Gorbatchov*, 47.

aversão ao uso da força. Como concluiu Robert Service, esta escolha só pode revelar «uma determinação excepcional [em Gorbatchov]», sobretudo por ter sido uma opção que «resultou não apenas na falência do comunismo, mas também na dos próprios líderes comunistas, seus aliados».³⁷⁸

³⁷⁸ Service, *The Penguin History of Modern Russia*, 484.

Capítulo 6

Gorbatchov e a Implosão da União

Enquanto Marx descrevera o Império Czarista russo como uma prisão de nações, e Estaline o transformara num cemitério de nações, com Gorbatchov o Império Soviético está rapidamente a tornar-se um vulcão de nações.

Zbigniew Brzezinski, 1989

Por mais severas que sejam as dificuldades dos povos da antiga União Soviética hoje, eles têm uma grande dívida para com Gorbatchov, que destruiu o Estado soviético e lhes concedeu escolhas para o seu futuro.

Robert Gates, 2006

Depois da(s) experiência(s) de dessatelação de 1989 na Europa de Leste, seria expectável que os efeitos da *Perestroika* e da *Glasnost* – mas também e, sobretudo, do processo de crescente democratização das instituições de poder da URSS – viessem a produzir dentro da própria União uma tendência cada vez mais descentralizadora. Esta tendência, que atingira um ponto de não retorno no início de 1990, é a principal razão pela qual me debruçarei neste sexto capítulo sobre uma quarta dimensão do projeto reformista de Gorbatchov:³⁷⁹ a dimensão nacional e das relações centro-periferia da União.

Neste contexto de gestão doméstica para a liderança Gorbatchov, é indispensável voltar a sublinhar que, à semelhança dos processos de dessatelação da Europa de Leste, a crise das nacionalidades e o conseqüente

³⁷⁹ Sendo as outras três dimensões a reestruturação da economia, a reforma do sistema político e a revisão da política externa soviética. Nesta organização quadripartida do projeto reformista de Gorbatchov, sigo Brown, *TGF*, 252.

colapso da URSS não constavam da lista de preocupações do líder soviético à sua chegada ao poder. Longe disso, esta crise e o seu desfecho, a 25 de dezembro de 1991, provaram ter sido a última evidência de que o que Gorbatchov tentara reformar desde 1985 – estando convencido de que o poderia fazer – era simplesmente irreformável. Se olharmos para trás, porém, notamos as implicações evidentes, embora não intencionais, do seu plano reformista para esta tendência descentralizante: Gorbatchov compreendeu desde cedo que a revitalização do sistema soviético dependia inteiramente da descentralização do poder e dos grandes processos de tomada de decisão, a par da democratização do sistema político. Por isso, a partir de 1985, às oportunidades trazidas pela sua liderança somou-se apenas a possibilidade de aproveitar algumas disposições meramente formais da Constituição da URSS, como o direito de secessão das repúblicas, enunciado no artigo 72.³⁸⁰

No quadro de forte instabilidade interna em que se encontrava a URSS em 1990-91, e tratando-se este de um livro sobre a influência do *fator humano* nos processos políticos, é fundamental ter em conta a posição de fragilidade do próprio líder soviético nestes que foram os últimos dois anos da sua liderança. Mais do que em qualquer outro momento desde 1985, Gorbatchov esteve em 1990-91 exposto à crítica e ao escrutínio de dois grupos internos que o entalaram entre, por um lado, fazê-lo sentir-se um traidor responsável pela maior crise do seu país e, por outro, sentir-se um inútil incapaz de reformar um sistema que estava obsoleto. Para os radicais reformistas, o seu projeto era pouco ambicioso e quaisquer mudanças no sentido da reforma eram demasiado morosas; para os radicais ortodoxos, pelo contrário, este projeto era o motor que estava a conduzir o país à autodestruição.³⁸¹ Mesmo assim, provavelmente, nenhum dos seus antecessores teria resistido à pressão destes dois grupos com a mesma dignidade com que Gorbatchov o fizera – rendendo-se, mais tarde.

³⁸⁰ Sigo Zbigniew Brzezinski, «Post-Communist Nationalism», *Foreign Affairs* 68, n.º 5 (inverno 1989), 7-8. Doravante apenas Brzezinski, «Post-Communist Nationalism», seguido de página.

³⁸¹ Vide por exemplo Alex Pravda, «The Collapse of the Soviet Union: 1990-1991», in *The Cambridge History of the Cold War*, ed. Melvyn P. Leffler (Cambridge: Cambridge University Press, 2010), 359. Doravante apenas Pravda, «The Collapse of the Soviet Union: 1990-1991», seguido de página.

A muitos dos críticos que viram neste líder a única ou a principal razão da emersão da questão nacionalista na URSS e da conseqüente implosão da União, faltou notar algo muito importante. Como sugere Archie Brown, qualquer transição para a democracia num Estado autoritário estará quase sempre condenada a falhar, sobretudo quando não existe um entendimento harmonioso entre a maioria dos seus cidadãos sobre a própria identidade do regime. Esta falta de consenso sobre uma questão tão basilar como é a identidade nacional pode não ser um problema ou um perigo potencial para uma democracia bem consolidada, mas pode ser fatal para uma democracia mal consolidada ou em formação.³⁸² Note-se, aliás, que, ao contrário da *Perestroika* e da *Glasnost*, a questão nacional e a problemática associada às nacionalidades na URSS não aparecem originalmente na agenda reformista da liderança Gorbatchov: estas questões surgem depois como uma conseqüência inevitável das reformas levadas a cabo entre 1985 e 1988-89, em especial neste último ano de revoluções sucessivas na Europa de Leste.

6.1 Identidade num Estado Soviético Multinacional

De facto, a questão nacionalista ocupou sempre um lugar nas preocupações das várias lideranças soviéticas – razão pela qual não se pode dizer que ela apareceu pela primeira vez na União Soviética com a chegada de Gorbatchov ao poder. Esta problemática é, na realidade, tão antiga quanto a própria União e remonta à típica prática soviética de procurar uma uniformização total da sua identidade.³⁸³ Ao mesmo tempo que se tornou uma conseqüência direta desta prática – comum a todas as lideranças anteriores a Gorbatchov –, a questão nacionalista representou também a principal ameaça à tentativa de criação de um povo soviético único (*Sovetskii Narod*)³⁸⁴. O que resultou desta «política de sovietação» manifestou-se num

³⁸² Brown, *TGF*, 254.

³⁸³ Sigo Victor Zaslavsky, «Nationalism and Democratic Transition in Postcommunist Societies», *Daedalus* 121, n.º 2 (primavera 1992), 104.

³⁸⁴ Este termo, que significa literalmente Povo Soviético, era usado como conceito político para apelar à ideia de uma comunidade soviética única, superior à diversidade e características específicas de cada nacionalidade dentro da União. Krushchev já se tinha referido a este conceito durante o XXII Congresso do PCUS, mas ele ganha uma relevância acrescida com a chegada de Brezhnev ao poder e com a era do «socialismo desenvolvido», durante a qual o progresso da unidade nacional soviética estava inteiramente ligado ao progresso da

«fenómeno de erosão étnica»³⁸⁵ – como o descreve Livia Franco –, patente na despromoção total das diferenças associadas a cada povo, cultura e tradição nas várias repúblicas socialistas soviéticas. Sobretudo durante o período estalinista, a aplicação desta prática foi particularmente comum – através do medo e da repressão, mas também da tentativa de manter as pessoas insuficientemente instruídas para quaisquer levantamentos de cariz nacionalista.³⁸⁶ Com efeito, até ao final da década de 1980 e princípio da década de 1990, a questão nacional foi sempre merecedora da atenção do regime, mas não considerada como um problema urgente.³⁸⁷

Deve sublinhar-se, porém, que também é erróneo afirmar que, por conta desta política de sovietação, os soviéticos nunca se sentiram soviéticos. Ainda que durante todo o período pré-Gorbatchov fossem reprimidas quaisquer manifestações que pudessem atentar contra o projeto de uma identidade única, a realidade é que o «ser soviético» se tornou um dado adquirido para boa parte das pessoas na URSS, sobretudo a partir do início dos anos 1920. Para os russos, em particular, o valor da nacionalidade soviética é acrescido pelo modo como está associado às raízes de Outubro (de 1917) e à deposição da autocracia imperial. Durante o Estalinismo, e conforme avança Serhii Plokhly, os russos eram mesmo vistos como a nação mais soviética – uma identidade que a Segunda Guerra Mundial, que fica conhecida nos anais históricos soviéticos como a Grande Guerra Patriótica, reforçou significativamente, pelo sentimento

própria causa socialista. Smith, «Nationalities Policy from Lenin to Gorbachev», 9-10.

³⁸⁵ Livia Franco, «O Alargamento da NATO: O Caso das Repúblicas Bálticas», *Política Internacional* 1, n.º 12 (primavera-verão 1996), 144. Doravante apenas Franco, «O Alargamento da NATO», seguido de página.

³⁸⁶ Outra das metodologias utilizadas para contrariar qualquer tendência nacionalista dentro da URSS era a concentração do poder nos Primeiros-Secretários do Partido – por norma cidadãos russos – em cada república, uma vez que estes se encontravam sob a tutela do PCUS. Os outros órgãos do poder, como os Sovietes Supremos, dispunham, na verdade, de capacidades muito limitadas. A partir de 1989/90, porém, assiste-se a uma primeira experiência de transferência do poder para novas instituições estatais – designadamente com as eleições para o Congresso dos Deputados do Povo, em março de 1989, no âmbito das quais os cidadãos de cada república elegeram quem os pudesse representar, a eles e aos seus interesses, em Moscovo.

³⁸⁷ Sigo Pravda, «The Collapse of the Soviet Union: 1990-1991», 358-359.

patriótico e pelo orgulho na vitória contra os nazis que promoveu entre os russos.³⁸⁸ Mais adiante neste capítulo veremos como este sentimento patriótico russo contrasta com o dos povos de outras repúblicas, como as bálticas.

Com o pós-Estalinismo, este entusiasmo sofreu um decréscimo, muito por conta das revelações de Kruhshev, em fevereiro de 1956. A maior promoção da educação e da industrialização contribuiu indiretamente para o aumento de uma consciencialização nacional, em grande medida associada ao nascimento da geração dos «filhos do XX Congresso». Mas as maiores expectativas nacionalistas brotaram do reconhecimento tardio dos problemas e da inconsistência do regime soviético, que só se verificou com a eleição de Gorbatchov para o cargo de Secretário-Geral do PCUS, em março de 1985. Este reconhecimento, argumenta Archie Brown, «a somar a um descrédito do Marxismo-Leninismo, produziu um certo vazio ideológico, que o nacionalismo preencheu».³⁸⁹

Só é possível estimar o impacto do fator Gorbatchov no preenchimento deste vácuo ideológico se assumirmos que, pelas suas instituições e metodologias, o regime político é um elemento determinante na compreensão da emergência da questão nacional na URSS. A partir deste pressuposto, torna-se evidente que a transformação sistêmica a que o projeto reformista implementado por Gorbatchov deu origem pode explicar, em parte, o aumento exponencial da dimensão desta questão na segunda metade da década de 1980. Aquilo a que se assiste a partir de 1985 dentro da União Soviética pode, assim, assemelhar-se àquele que foi o processo de ebulição dos povos na Europa de Leste antes das revoluções de 1989: para estas pessoas, soviéticos e leste-europeus, a eleição de Gorbatchov significou a possibilidade de gerar expectativas. Estas expectativas acabariam por se manifestar, por um lado, no amadurecimento de velhas consciências nacionais em toda a União e, por outro, no modo como a ideia de independência passou a estar na esfera das coisas possíveis.

³⁸⁸ Serhii Plokhy, *The Lost Kingdom: The Quest for Empire and the Making of the Russian Nation* (Nova Iorque: Basic Books, 2017), 732. Doravante apenas Plokhy, *The Lost Kingdom*, seguido de página.

³⁸⁹ Brown, *TGF*, 259.

6.2 A Questão Nacional na Agenda Reformista de Gorbatchov

Dentro da URSS, a *Glasnost* despertou (involuntariamente) as primeiras experiências que levaram ao questionamento da tentativa histórica de russificação dos povos das várias repúblicas socialistas soviéticas. Mas não se deve confundir o papel pioneiro de Gorbatchov (e do seu plano reformista) neste processo de consciencialização, que conduziu a uma crise de nacionalidades, com um programa previamente pensado para fazer emergir a problemática nacionalista na URSS – nem tal faria sentido, uma vez que o seu plano para reformar a União não contemplava o seu desmantelamento. É justamente por isso que se torna relevante identificar o lugar e o peso da questão nacional na agenda reformista do líder soviético logo após a sua chegada ao poder.

Nesta fase da narrativa, não seria descabido imaginar que Gorbatchov tivesse previsto uma reforma direcionada para as nacionalidades, à semelhança do que fez com a *Perestroika* no setor económico. Porém, ao invés disso, os seus planos nesta matéria estavam, se assim se pode dizer, dentro do tipicamente soviético – como, aliás, admitiu o próprio nas suas *Memórias*: «Inicialmente, baseámos a nossa política em práticas com décadas. Seguíamos estas práticas quando [em 1986] deflagrou o conflito de Alma-Ata».³⁹⁰ O primeiro momento em que é possível perceber que a questão nacional não era uma prioridade para Gorbatchov (como também não era a Europa de Leste, inicialmente) é o da publicação do projeto para a revisão do programa do PCUS, em outubro de 1985. Comparativamente com o programa anterior, de 1961, a questão nacional ocupava em 1985 somente metade da atenção (e das linhas), e também não apresentava alterações consideráveis do ponto de vista das relações centro-periferia da União:

As tarefas básicas do partido no campo das relações nacionais foram divididas em três grupos. Primeiro, a consolidação e o desenvolvimento do Estado soviético multinacional, implicando a oposição a todas as manifestações de nacionalismo (...). Depois, os imperativos económicos, com ênfase no uso racional de recursos e na contribuição das repúblicas e regiões

³⁹⁰ Mikhail Gorbachev, *Memoirs* (Londres: Bantam Books, 1997), 427. Doravante apenas Gorbachev, *Memoirs*, seguido de página.

autónomas para o bem do complexo económico de todo o país. (...) O terceiro grupo de tarefas dizia respeito ao desenvolvimento da cultura única do povo soviético – socialista em conteúdo, diversificada nas suas várias formas nacionais e internacional em espírito.³⁹¹

O XXVII Congresso do PCUS, em fevereiro do ano seguinte, seguiu a mesma retórica: neste caso, com especial enfoque na importância de manter os interesses económicos da União acima dos interesses de cada república – recorde-se que, conforme sublinhei no capítulo 3, a principal preocupação de Gorbatchov desde a sua chegada ao poder era a recuperação da economia soviética. É por isso que as primeiras discussões relevantes acerca da questão nacional tiveram lugar não ao nível da União, mas antes ao nível de cada uma das repúblicas, em especial durante os congressos dos partidos. No caso da Estónia, por exemplo, o então Primeiro-Secretário do Partido Comunista Estónio (EKP), Karl Vaino, fez questão de evidenciar a «aparente falta de entusiasmo da parte dos estónios relativamente aos imigrantes russos e à língua russa». Mas também nas repúblicas da Ásia Central surgiram preocupações especialmente associadas à «religião e à sua ligação com o nacionalismo».³⁹²

Na prática, o que a política de sovietação refletia era uma russificação política, social e cultural de territórios e povos com histórias e tradições próprias.³⁹³ E, se refletirmos com maior detalhe acerca desta russificação, podemos desde logo elencar alguns dos seus sinais mais evidentes: os russos representavam percentagens muito significativas da população nas várias repúblicas soviéticas (em particular na Cazaquistão, no Quirguistão, na Letónia e na Estónia, como demonstra a tabela do anexo 5); a língua russa era ensinada desde o jardim de infância até à universidade

³⁹¹ Bohdan Nahaylo, «Nationalities», in *The Soviet Union under Gorbachev*, ed. Martin McCauley (Londres: The Macmillan Press, 1990), 88-89. Doravante apenas, Nahaylo, «Nationalities», seguido de página.

³⁹² *Ibidem*, 90.

³⁹³ O conceito de sovietação não é mais do que um eufemismo oficial para designar a política de russificação que tinha como fim a produção de um *homosovieticus* e a eliminação de quaisquer ambições nacionalistas. Por esta razão, não se pode fazer uma distinção clara entre os dois termos, sovietação e russificação. Cf. Edward J. Lazzerini, «Crimean Tatars», in *The Nationalities Question in the Soviet Union*, ed. Graham Smith (Essex: Longman, 1992), 326.

e sobrevalorizada relativamente às línguas nativas de cada república, em particular na seleção de candidatos a empregos locais; as organizações sociais, como as religiosas ou culturais, e os pequenos movimentos políticos eram maioritariamente dominados por russos e apenas uma parte ínfima da população não russa tinha alguma participação neles.³⁹⁴

Com o ímpeto da *Glasnost*, a questão nacional e as condicionantes acima elencadas sofrem uma transformação que inaugura uma nova crise doméstica na liderança Gorbatchov, que se junta à crise económica e do sistema político. Com efeito, e conforme já referi, a crise das nacionalidades não nasce com a chegada de Gorbatchov ao poder, mas resulta principalmente das novas possibilidades a que o seu projeto reformista veio dar origem. Por isso mesmo, e como sumariza Martin Malia, «quando a exigência de autonomia efetiva foi finalmente permitida, ela só poderia culminar num choque frontal de interesses entre o centro e a periferia».³⁹⁵

6.3 As Primeiras Experiências Nacionalistas e o Despertar Báltico

A partir de 1986, as primeiras experiências nacionalistas começam a ter lugar, desde as repúblicas da Ásia Central e do Cáucaso às bálticas. Provavelmente, o efeito mais importante destas experiências e confrontos, em alguns casos violentos, foi o de fazer desaparecer aquilo a que Brzezinski chamou uma «ilusão de irmandade comunista e a miragem de um patriotismo soviético supra-étnico».³⁹⁶ Simultaneamente, para a liderança Gorbatchov, estas experiências significaram um forte agudizar da divisão entre as alas conservadora e liberal:

Os conservadores reclamam uma resposta firme, sem excluir o recurso à força, contra os separatismos nacionalistas (...). Os reformadores veem na

³⁹⁴ Cf. Graham Smith, Aadne Aasland e Richard Mole, «Statehood, Ethnic Relations and Citizenship», in *The Baltic States: The National Self-Determination of Estonia, Latvia and Lithuania*, ed. Graham Smith (Londres: The Macmillan Press, 1996), 201. Doravante apenas Smith, Aasland e Mole, «Statehood, Ethnic Relations and Citizenship», seguido de página.

³⁹⁵ Malia, *The Soviet Tragedy*, 441.

³⁹⁶ «Embora se autoproclamasse uma doutrina do internacionalismo, o comunismo estimulou as paixões nacionalistas populares. (...) Por isso, o nacionalismo saiu estimulado, em vez de diluído, da experiência comunista». Brzezinski, «Post-Communist Nationalism», 2.

turbulência nacionalista uma consequência natural do processo de mudança interna e desvalorizam os perigos secessionistas.³⁹⁷

Esta divisão leva a crer que as primeiras experiências nacionalistas na URSS foram simultânea e paradoxalmente influenciadas, por um lado, pela passividade com que a crise das nacionalidades era tratada pela liderança soviética e, por outro, pela proximidade deste tratamento à retórica brezhneviana, assente na necessidade de desenvolvimento de um só povo soviético.

Em dezembro, a questão nacional e a intensificação das exigências nacionalistas ganharam uma expressão prática na capital do Cazaquistão, Alma-Ata. A substituição do Primeiro-Secretário do Partido, Kunaev, por um russo, Kolbin, soou a uma total falta de sensibilidade nacionalista perante o povo cazaque, originando uma primeira onda de confrontos. Nos três anos seguintes, várias outras sensibilidades são reacendidas: em julho de 1987, centenas de tártaros da Crimeia reclamam o seu regresso à Península de onde foram evacuados durante o Estalinismo; em fevereiro de 1988, o Movimento Karabakh exige a transferência da região de Nagorno-Karabakh – o enclave arménio anexado ao Azerbaijão em 1923, também durante o Estalinismo – para a jurisdição da Arménia; em abril de 1989, a Geórgia junta-se ao movimento independentista nos protestos de Tbilisi, violentamente dispersados pelas tropas soviéticas; e a 23 de agosto do mesmo ano – no quinquagésimo aniversário da assinatura do Pacto Ribbentrop-Molotov – uma cadeia humana de mais de um milhão de pessoas, de mãos dadas ao longo de seiscentos quilómetros entre Vilnius, Riga e Talin, reclama a supressão do acordo germano-soviético.

No contexto do projeto reformista de Gorbatchov, os casos concretos da Estónia, Letónia e Lituânia colocaram Moscovo perante aquilo que Graham Smith considerou ser o «paradoxo báltico»:³⁹⁸ se, por um lado, as três Repúblicas Bálticas configuram um exemplo positivo a seguir pela forma como foram recetivas às reformas, por outro, configuram um exemplo negativo de pioneirismo nesta crise de nacionalidades a que a *Glasnost*

³⁹⁷ Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 152.

³⁹⁸ Graham Smith, «The Resurgence of Nationalism», in *The Baltic States: The National Self-Determination of Estonia, Latvia and Lithuania*, ed. Graham Smith (Londres: The Macmillan Press, 1996), 139.

veio dar muita força. Compreender as motivações deste pioneirismo exige, em primeiro lugar, que recordemos que a anexação dos Estados Bálticos ao território da União Soviética se dá na sequência da assinatura do Pacto Ribbentrop-Molotov, em agosto de 1939.³⁹⁹ Em segundo lugar, exige que recordemos também que a ocupação destes territórios, com história e cultura próprias, se traduziu rapidamente, nas palavras de Jean-François Soulet, numa autêntica «liquidação das [suas] memórias nacionais».⁴⁰⁰ Conforme também sublinhou Alex Pravda, foi precisamente por uma questão de afinidade histórica e cultural que as Repúblicas Bálticas adquiriram no Mundo Ocidental – que nunca reconhecera formalmente a sua anexação – um estatuto «quase leste-europeu».⁴⁰¹

Como nas outras repúblicas soviéticas, o efeito Gorbatchov traduziu-se nas Repúblicas Bálticas num reavivar de esperança e expectativas (que só Khrushchev e o XX Congresso haviam despertado ligeiramente). O abandono gradual da Doutrina Brezhnev – depois oficializado no Conselho da Europa, a 6 de julho de 1989 – constitui por si só um presságio muito promissor, especialmente para os estónios, os letões e os lituanos. As expectativas associadas a esta revisão doutrinal justificam-se desde logo porque ela se baseou na ideia de autonomizar mais as sociedades. E, embora não possamos confundir a gestão do Império Externo soviético com a gestão doméstica que é levada a cabo pela liderança Gorbatchov, compreendemos que a libertação e a autonomização dos países na Europa de Leste têm um impacto muito encorajador dentro da URSS e, em especial, nas Repúblicas Bálticas – «Não foi por acaso que os movimentos bálticos se aceleraram sensivelmente durante o ano de 1989 e a primavera de 1990».⁴⁰²

³⁹⁹ «A posição das Repúblicas Bálticas dentro da União sempre teve a sua história peculiar. Fomos ensinados que elas se juntaram voluntariamente à URSS em 1939. [Mas] A *Glasnost* revelou a verdade». Gorbachev, *Memoirs*, 441.

⁴⁰⁰ Isto pressupõe a proibição da comemoração dos dias da independência (de 1918) e dos tratados de paz de 1920; a destruição de monumentos relacionados com as guerras pela independência; o «desaparecimento» de todas as obras estrangeiras, isto é, não soviéticas; e a implementação da aprendizagem da língua russa que, propositadamente, se tornou verdadeiramente indispensável ao dia a dia de lituanos, estónios e letões. Soulet, *História da Europa de Leste*, 227.

⁴⁰¹ Pravda, «The Collapse of the Soviet Union: 1990-1991», 364.

⁴⁰² Soulet, *História da Europa de Leste*, 241.

Esta é a leitura de, pelo menos, uma parte dos especialistas – como Soulet ou Brzezinski.⁴⁰³ Mas outros autores, como é o caso de Kristina Readman, acreditam que o processo de dessatelação da Europa de Leste de 1989 não teve um impacto assim tão forte no crescimento do nacionalismo báltico. Antes, foi o Ocidente e a sua retórica de apoio à causa báltica que influenciaram significativamente todo o processo de desintegração soviética, que começou nas repúblicas bálticas.⁴⁰⁴ De acordo com a autora, isto deve-se sobretudo ao facto de os bálticos sentirem que a sua causa se enquadrava perfeitamente na linguagem ocidental e em princípios como o do direito à autodeterminação dos povos e, ainda mais importante, o do não reconhecimento da anexação dos Países Bálticos ao território da União Soviética em 1939. Para Readman, foi esta linguagem que deu à questão báltica uma dimensão internacional e que encorajou em grande medida o despertar desta região.⁴⁰⁵

O ano de 1987 foi particularmente importante no contexto deste despertar, pela forte mobilização social a que se assistiu, com manifestações massivas, sobretudo de ordem ambiental (o que, aliás, parece estar em harmonia com a própria agenda de Gorbatchov e com as suas preocupações ecológicas).⁴⁰⁶ O alargamento das causas destes protestos – das causas ambientais à condenação do Pacto Ribbentrop-Molotov e à reivindicação da libertação dos povos bálticos do poder soviético⁴⁰⁷ – deve-se em grande medida à *Glasnost*, que também contribuiu para que as

⁴⁰³ Cf. Brzezinski, «Post-Communist Nationalism», 2.

⁴⁰⁴ Kristina Readman, «Between Political Rhetoric and *Realpolitik* Calculations: Western Diplomacy and the Baltic Independence Struggle in the Cold War Endgame». *Cold War History* 6, n.º 1 (fevereiro 2006), 28. Doravante apenas Readman, «Between Political Rhetoric and *Realpolitik* Calculations», seguido de página.

⁴⁰⁵ Ainda assim, a autora sublinha que a retórica ocidental não se traduziu propriamente num apoio efetivo e prático do Ocidente aos bálticos, sobretudo se comparado com o apoio e atenção prestados à Questão Alemã. O argumento da autora parece até sugerir que, durante o processo de reunificação alemã (1990), a questão báltica era considerada como «perturbadora», já que contribuía mais para a instabilidade do que para a estabilidade, quer da Europa, quer da União Soviética. *Ibidem*, 28-29.

⁴⁰⁶ O projeto da *Perestroika* também é construído a pensar nestas preocupações, com o intuito de combater as elevadas taxas de poluição e o desperdício de recursos, assim como o de proteger áreas como o Lago Baical, por exemplo, fortemente ameaçado pelo despejo de toneladas de resíduos perigosos.

⁴⁰⁷ Vide por exemplo Gorbachev, *On My Country*, 91.

autoridades deixassem de se sentir no dever de reprimir as exigências populares. Como notou Soulet, «tornara-se delicado [e contraditório] utilizar a repressão na hora da *Glasnost*». ⁴⁰⁸ Além disso, é de sublinhar que muitas das manifestações populares de 1987-89 consistiram somente no entoar de cânticos patrióticos, sobretudo na Estónia (o que acabou por batizar a revolução nos Países Bálticos como a Revolução Cantante), razão pela qual não existia propriamente um motivo plausível para as reprimir.

6.3.1 A Politização do Despertar Báltico: As Frentes Populares

O despertar báltico conheceu uma segunda fase no período entre 1988 e 1990, que se manifestou numa maior sofisticação, capacidade mobilizadora e politização dos movimentos sociais favoráveis à autonomia política, económica e cultural das Repúblicas Bálticas. O paradoxo báltico explica que este processo de maturação do movimento nacionalista tenha sido possível, justamente porque era nas Repúblicas Bálticas que a recetividade e os resultados do projeto reformista eram mais evidentes. Aliás, o funcionamento efetivo das reformas e, em particular, da *Perestroika* nestas três repúblicas fez delas o melhor local para se viver em toda a União Soviética na segunda metade da década de 1980: em 1988, «viver na Lituânia, na Estónia ou na Letónia foi para os soviéticos sinónimo de uma vida melhor, mais ocidental e onde o acesso aos bens de consumo era mais fácil». ⁴⁰⁹

É no contexto de implementação e amplificação das reformas nas Repúblicas Bálticas que os acontecimentos de maior importância em 1988 se dão: a 13 de junho, é criado o *Sajudis* ⁴¹⁰ – Frente Popular da Lituânia; a 2 de outubro, seguiu-se a Frente Popular da Estónia; e a 8 de outubro, a Frente Popular da Letónia. A criação destas Frentes Populares conferiu ao movimento nacionalista báltico um nível de seriedade e um estatuto de modelo para as outras repúblicas aos quais a própria liderança soviética não se opôs. Tendo por base o reconhecimento de que este movimento tinha o apoio quase total da população, tanto na Estónia, como na Letónia

⁴⁰⁸ Soulet, *História da Europa de Leste*, 236.

⁴⁰⁹ Franco, «O Alargamento da NATO», 143.

⁴¹⁰ É importante sublinhar que o *Sajudis* começou por ser uma organização de apoio à *Perestroika*. Só mais tarde se tornou a principal plataforma das forças favoráveis à secessão. Cf. Gorbachev, *On My Country*, 97.

ou na Lituânia, a estratégia de Gorbatchov relativamente às Frentes Populares passou não pela tentativa de as reprimir, mas antes pela tentativa de as compreender e fazer delas o caminho para uma nova versão da União:

Não podemos tomar como extremistas as várias frentes nacionais, que contam com o apoio de 90 por cento da população dessas repúblicas. Devemos ser capazes de falar com elas. Devemos confiar no bom senso das pessoas. Não devemos ter medo de experiências que permitam às repúblicas tornarem-se entidades totalmente autofinanciadas. Não devemos temer a diferenciação entre as repúblicas relativamente ao nível em que estas exercem a sua soberania. Em geral, devemos pensar, pensar muito, em como transformar a nossa federação. (...) O uso da força está excluído. Foi excluído da nossa política externa e é absolutamente inadmissível contra o nosso próprio povo.⁴¹¹

É claro que as considerações da ala conservadora da liderança soviética sobre a intensificação do movimento nacionalista báltico contrastaram fortemente com as de Gorbatchov: para os conservadores, o perigo de contágio para as outras repúblicas justificava a necessidade urgente de «extinguir o incêndio báltico»⁴¹² – mas, entretanto, as chamas já se tinham alastrado, pelo menos até à Geórgia, à Moldávia, à Bielorrússia, à Ucrânia e ao Uzbequistão. Esta é exatamente a razão pela qual se reserva particular destaque ao despertar báltico neste livro: com as Frentes Populares e a sua voz, muitos outros movimentos e organizações nascem, como ecos desta voz, nas restantes repúblicas da União Soviética.

De início, o otimismo característico de Gorbatchov fê-lo crer verdadeiramente na compatibilidade dos objetivos das Frentes Populares com os seus próprios objetivos reformistas: no seu entendimento, uma boa parte das reivindicações destas organizações, designadamente aquelas associadas às línguas, hinos e bandeiras nacionais, estava em perfeita harmonia com a retórica da XIX Conferência do PCUS e com todos os propósitos do Novo Pensamento. Subestimou, evidentemente, a ambição secessionista

⁴¹¹ *Ibidem*, 98.

⁴¹² Soulet, *História da União Soviética*, 239.

dos povos bálticos, cujo primeiro sinal se deu a 16 de novembro de 1988, com a declaração de soberania da Estónia.

A partir de 1989, vários outros sinais se somam a este, dentro e fora das Repúblicas Bálticas. Entre estes últimos, de que podemos destacar três muito importantes: em primeiro lugar, o massacre de Tbilisi, que se traduziu em todas as repúblicas numa vontade de «divórcio»⁴¹³ relativamente ao poder central moscovita; em segundo, o aprofundamento dos laços solidários entre uma «Irmandade Báltica», mais do que nunca unida por um conjunto de objetivos comuns (é exemplo deste aprofundamento a cadeia humana formada entre as capitais das três repúblicas a 23 de agosto); em terceiro, a influência inequívoca do processo de dessatelitezação na Europa de Leste e, muito particularmente, na Polónia, onde o Solidariedade deu início a um movimento de resistência muito semelhante ao do *Sajudis* na Lituânia.⁴¹⁴

Neste ano fatídico para a URSS, as Repúblicas Bálticas triunfaram numa série de batalhas cruciais no processo de reconquista da sua independência: primeiro, com a vitória das Frentes Populares nas eleições de março (o *Sajudis* elegeu 75% dos lugares lituanos, a Frente Popular da Estónia 50% e a Frente Popular da Letónia 70%);⁴¹⁵ depois, com a proclamação da soberania da Lituânia, a 18 de maio, e da Letónia, a 28 de julho (a Estónia já o tinha feito no ano anterior); e, por fim, com todas as pequenas conquistas ligadas à reposição das suas línguas oficiais, à reformulação das exigências pelo direito à cidadania e à recusa do serviço militar soviético.

Já em contexto de grande fragilidade para a liderança Gorbatchov, a questão nacionalista e o despertar báltico colocaram a nu aquilo que Kristina Readman classificou como um problema de linguagem desta liderança.⁴¹⁶ Segundo a autora, a linguagem reformista nunca foi universalmente aplicável e isso tornou-se bastante evidente no caso do nacionalismo báltico, em que não se viu espelhada a retórica da liberdade de escolha, aplicada aos países da Europa de Leste, por exemplo. A problemática

⁴¹³ *Ibidem*, 241.

⁴¹⁴ Não apenas para o *Sajudis* na Lituânia, o Solidariedade serviu como organização-modelo para quase todos os movimentos populares nascidos na segunda metade da década de 1980 na URSS. Cf. Brzezinski, «Post-Communist Nationalism», 8.

⁴¹⁵ Na referência a estas percentagens sigo Soulet, *História da Europa de Leste*, 242.

⁴¹⁶ Readman, «Between Political Rhetoric and *Realpolitik* Calculations», 31.

identificada por Readman é igualmente visível ao nível da utilização de termos como «soberania»: se, no caso dos países da Europa de Leste, este termo podia ser sinónimo de independência, por que motivo, no caso das Repúblicas Bálticas, o seu significado não podia ir além de um certo nível de autonomia relativamente ao comando de poder central moscovita?⁴¹⁷

6.3.2 O Desalinhamento da República Russa

O conjunto de transformações ocorridas na URSS entre 1985 e 1989 conduziu não apenas a uma crise de nacionalidades, mas também a uma luta política que, sobretudo a partir deste último ano, viria a ser travada entre Gorbatchov e os seus oponentes. Estas duas problemáticas não se podem dissociar uma da outra, até porque, como sugerem David Kotz e Fred Weir, a questão nacional é um forte elemento explicativo para aquele que foi o resultado da batalha pelo poder de um dos principais rivais de Gorbatchov – Boris Ieltsin. De acordo com os dois autores, a onda nacionalista que agitou a URSS, sobretudo a partir de 1986-87, foi um ótimo ponto de partida para figuras como Ieltsin e os seus aliados – mesmo antes da sua eleição para o mais alto cargo da República Russa, a presidência do Soviete Supremo.⁴¹⁸

A ascensão de Ieltsin no contexto da crise interna soviética deve ser vista à luz daquele que é o objetivo central desta investigação: compreender a influência do *fator humano* nos processos políticos. Para além de uma aproximação muito particular aos russos, Ieltsin encarnava o nacionalismo russo: as suas reivindicações de maior autonomia e autoridade para a República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR) davam resposta a um sentimento de superioridade do povo russo relativamente aos outros povos não eslavos. Além disso, Ieltsin também era um grande apoiante da reforma económica e da democratização, razão pela qual congregava simultaneamente o apoio popular e o das elites. Esta capacidade de juntar o útil ao agradável advém, do ponto de vista da reforma económica,

⁴¹⁷ É provável que a resposta de Gorbatchov a este argumento se centrasse no facto de as Repúblicas Bálticas serem consideradas parte integrante da URSS, ao contrário dos países na Europa de Leste, que se encontravam apenas sob um domínio informal soviético.

⁴¹⁸ David Kotz e Fred Weir, *Russia's Path from Gorbachev to Putin: The Demise of the Soviet System and the New Russia* (Abingdon: Routledge, 2007), 126-127. Doravante apenas Kotz e Weir, *Russia's Path from Gorbachev to Putin*, seguido de página.

daquilo que a ideia de mercado significava para estes dois grupos: para os populares, significava a possibilidade de aceder às mesmas lojas e bens que as elites; para estas últimas, cujos privilégios dependiam de muitos favores vindos do topo das hierarquias, significava precisamente o fim da necessidade deste sistema de clientelismo.

No contexto de falência sucessiva em que se encontrava o plano reformista de Gorbatchov, Ieltsin representava simultaneamente um meio para uma aceleração efetiva das reformas e uma salvação face à liderança elitista do PCUS. Em poucas palavras, Ieltsin era a figura a quem a crise nacionalista dera margem para triunfar – primeiro na RSFSR, depois na URSS. Esta descrição breve revela porque é que a emergência de Ieltsin teve início ao nível da República Russa e não ao nível da União: mesmo depois de ter sido eleito para o Congresso dos Deputados do Povo (em representação de Moscovo), em março de 1989, o seu poder era muito limitado dentro desta estrutura institucional em que o PCUS continuava a manter uma maioria de apoiantes. A verdadeira experiência de poder de Ieltsin decorreu da sua eleição para o cargo de Presidente do Soviete Supremo da RSFSR, a 29 de maio de 1990 – uma corrida que contou com o apoio organizacional do movimento Rússia Democrática, criado em janeiro desse ano, com a mesma ambição de autonomizar a Rússia e fazer frente à liderança do PCUS.⁴¹⁹

A eleição de Ieltsin conferiu-lhe duas coisas muito importantes no contexto da batalha que viria a travar com a liderança da União: em primeiro lugar, o comando do poder executivo da maior república da URSS e, em segundo, uma posição institucional suficientemente forte para enfrentar Gorbatchov e a sua equipa. Foi sobretudo a partir desta eleição que as suas investidas refletiram uma intenção óbvia de romper o *statu quo*, quer ao nível da União, quer ao nível da República Russa: na primeira, este

⁴¹⁹ Criado em janeiro de 1990, o movimento Rússia Democrática tinha ambições ainda mais «russófonas» do que as do próprio Ieltsin. Na realidade, Ieltsin nunca foi um membro do movimento, porque, apesar dos objetivos comuns, as suas raízes não eram exatamente as mesmas. As principais figuras deste movimento vinham da camada intelectual russa e Ieltsin era um homem da formação do PCUS. De qualquer forma, como argumentam David Kotz e Fred Weir, «o Rússia Democrática precisava de uma figura poderosa a nível nacional, que não tivesse voz apenas entre as classes intelectuais das grandes cidades. E Ieltsin precisava de um apoio organizacional eficaz, que o Rússia Democrática podia fornecer». *Ibidem*, 130.

rompimento significaria a derrota de um rival; na segunda, significaria a sua própria vitória, pessoal e política.

Entre a eleição de maio de 1990 e o golpe de agosto de 1991, três grandes momentos traduzem esta intenção de rutura: a 12 de junho de 1990, o primeiro Congresso dos Deputados do Povo da RSFSR adotou a declaração de soberania russa, assim como a supremacia da legislação russa sobre a da URSS; a 12 de julho do mesmo ano, Ieltsin anunciou a sua demissão do PCUS (num ato de afastamento e diferenciação relativamente à elite governante); e, em fevereiro de 1991, num discurso televisivo altamente crítico, apelou à resignação imediata de Gorbatchov. A 12 de junho desse ano, Ieltsin seria eleito Presidente da RSFSR.

6.4 Redefinir o Caminho da Reforma: Gorbatchov entre a «Esquerda» e a «Direita»⁴²⁰

Em 1990, os índices de popularidade de Gorbatchov e Ieltsin movimentavam-se em sentidos profundamente opostos.⁴²¹ Nesta altura, o líder soviético já não tinha muito tempo para se dedicar à promoção da sua figura política. Mas Ieltsin, pelo contrário, era um homem em ascensão, tanto na RSFSR, como na URSS, que beneficiava em grande medida do estado de exaustão de Gorbatchov. O ponto alto desse ano para Gorbatchov foi, como sugere William Taubman, o período entre julho e agosto, durante o qual uma coligação Gorbatchov-Ieltsin alimentou a esperança de salvar a economia soviética. Esta coligação simboliza igualmente o princípio de um ziguezague entre a esquerda e a direita soviéticas que marcou os últimos dois anos da liderança Gorbatchov e que, ao invés de promover a aprovação do líder entre as duas alas, fomentou ainda mais o seu isolamento.

⁴²⁰ Aqui, os termos «Esquerda» e «Direita» devem ser entendidos no contexto específico da cúpula soviética: o primeiro refere-se à ala mais reformista e o segundo à ala mais conservadora.

⁴²¹ «Em dezembro de 1989, 49% das pessoas na Rússia (52% na URSS) aprovavam integralmente o projeto de Gorbatchov, e 32% (tanto na Rússia como na URSS) aprovavam-no parcialmente (...). Em dezembro de 1990, [este apoio] caiu para 14% de aprovação integral na Rússia (17% na URSS) e 38% de aprovação parcial na Rússia (39% na URSS)». Brown, *TGF*, 271.

O que resultou desta aliança fugaz, que consistiu na formação de uma equipa conjunta de economistas pró-reforma, foi a promessa de criação de um sistema de mercado concorrencial em quinhentos dias. Este Plano dos Quinhentos Dias – como ficou conhecido – reerguia, por um lado, o ânimo já esmorecido de Gorbatchov e aguçava, por outro, as pretensões de Ieltsin, que se via com uma margem cada vez maior para influenciar e ultrapassar o líder da União. Mas, evidentemente, o programa não tardou a mostrar-se inviável – aliás, se fosse sequer imaginável a possibilidade de reformar o sistema económico soviético em quinhentos dias, por que motivo não seria a *Perestroika* um projeto com a mesma ambição?

O fracasso deste plano significou também o fracasso da aproximação entre Gorbatchov e Ieltsin, que provocou o aumento da animosidade entre a liderança soviética e a ala reformista radical. Para Gorbatchov, a alternativa seria agora juntar-se a quem apreciasse particularmente o insucesso do programa para ocidentalizar a economia soviética: os radicais conservadores. A aceleração dos movimentos independentistas – em particular nas Repúblicas Bálticas – e a necessidade de encontrar apoio de um lado ou de outro explicam a inversão de sentido do ziguezague de Gorbatchov entre a esquerda e a direita da cúpula soviética no inverno de 1990-91. O abismo à beira do qual o verão de 1990 deixara o líder soviético levou a que fizesse uma «viragem à direita»,⁴²² cuja principal consequência foi, como veremos mais adiante, uma forte quebra de confiança de alguns dos seus aliados mais próximos.

De acordo com o próprio Gorbatchov, a redefinição da via reformista entre outubro de 1990 e março de 1991 foi o reflexo da sua tentativa de «adotar um caminho intermédio».⁴²³ Retrospectivamente, compreendemos que esta viragem mais não é do que uma forma, algo desesperada, de encontrar uma alternativa ao fracasso da aproximação a Ieltsin e do Plano dos Quinhentos Dias. Ao mesmo tempo, também constitui a prova de que Gorbatchov estaria disposto a (quase) tudo para salvar o que pudesse ser uma União Soviética reformulada: na primavera de 1990, a esperança de poder manter o seu país unido e coeso saiu muito fragilizada com a proclamação de independência da Lituânia, a 11 de março, da Estónia, a

⁴²² *Ibidem*, 269.

⁴²³ *Ibidem*.

30 de março, e da Letónia, a 4 de maio. Note-se, no entanto, que a aproximação à ala mais conservadora implicaria essencialmente dois grandes riscos: desde logo o de ficar ancorado a ela e de querer libertar-se e não conseguir; e, depois, o de perder o apoio da ala liberal – o que veio a verificar-se.

Entre os sinais mais evidentes desta viragem à direita estão algumas cedências a favor da linha dura do PCUS a que esta estratégia obrigava, designadamente no que respeitava à nomeação de algumas figuras para altos cargos de poder e ao crescimento ligeiro da influência militar na liderança Gorbatchov. Como consequência direta destas mudanças, o quadro de recursos humanos do PCUS sofreu no inverno de 1990-91, perdas muito significativas no contexto do projeto reformista implementado por Gorbatchov em 1985. Quer para a URSS, quer para o próprio líder soviético, o preço mais alto a pagar pela viragem à direita foi, provavelmente, a resignação de Shevardnadze do cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros, a 20 de dezembro de 1990. Recorde-se que, para além de um fiel conselheiro, Shevardnadze foi um brilhante condutor do Novo Pensamento fora das fronteiras da URSS. A sua renúncia significou, nas palavras de Gorbatchov, a perda «do meu camarada mais próximo nos momentos mais difíceis».⁴²⁴

É fundamental sublinhar o impacto tão forte que esta viragem falhada teve nas pessoas, as mais próximas de Gorbatchov e as mais hostis à sua liderança. Para as primeiras, ceder perante os conservadores traduziu um recuo irreversível no projeto de reformar a União Soviética; para as últimas, uma oportunidade imperdível de assaltar o poder – o que também veio a verificar-se, em agosto de 1991. Do mesmo modo, não se pode ignorar a forma como esta estratégia espelhava alguns dos traços mais característicos da personalidade de Gorbatchov: todo o seu percurso desde 1985 até 1990 – e, em especial, tudo aquilo que alcançou junto dos seus homólogos ocidentais – alimentou nele o otimismo inabalável de que já se falou noutros capítulos, até ao ponto em que a sua autoconfiança se tornou excessiva, talvez mesmo perigosa, para o bem do seu projeto reformista.

⁴²⁴ *Ibidem*, 278.

6.5 Salvar a União: O Referendo, Novo-Ogarevo e as Negociações 9+1

A viragem à direita obrigou o líder soviético à reinvenção da sua estratégia para salvar a União e a sua própria liderança na primavera de 1991. Esta estratégia deveria assentar em metodologias que, por um lado, não guiassem Gorbatchov para becos sem saída e, por outro, não implicassem o uso da força. Este processo de reinvenção conheceu dois momentos centrais: primeiro, a realização de um referendo sobre a preservação da União e, segundo, o início de um processo negocial para um novo Tratado da União.

A necessidade premente de fazer alguma coisa para salvar a União fora confirmada quando somente nove das quinze repúblicas participaram no referendo de 17 de março: as Repúblicas Bálticas, a Geórgia, a Arménia e a Moldávia recusaram-se a participar, confirmando, por um lado, a plena desarmonia relativamente ao poder central e, por outro, a inevitabilidade da fragmentação do país. Mesmo assim, o resultado da votação revigorou a esperança no contrário, não apenas a de Gorbatchov, mas também a de todos aqueles que acreditavam na possibilidade de manter alguma forma de União: 76,4% dos eleitores votaram a favor da «manutenção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas como uma federação renovada de repúblicas iguais e soberanas na qual, sob quaisquer circunstâncias, os direitos e liberdades do cidadão de qualquer nacionalidade serão totalmente garantidos».⁴²⁵ Esta percentagem explica que alguns autores, como Eric Hobsbawm, acreditem ser pouco provável que o colapso da URSS tenha sido verdadeiramente desejado pela maioria dos cidadãos soviéticos – com a exceção dos bálticos, dos georgianos, dos arménios e dos moldavos.⁴²⁶

O resultado do referendo veio dar lugar à possibilidade de negociação entre a liderança soviética, representada por Gorbatchov, e as nove repúblicas que haviam participado na votação. No contexto daquele que tinha sido um primeiro acordo para manter uma URSS renovada, em abril de 1991 entrou em curso um processo negocial entre Gorbatchov e os líderes destas nove repúblicas: o Processo de Novo-Ogarevo. O objetivo destas

⁴²⁵ Gorbachev, *On My Country*, 118.

⁴²⁶ Ainda que Hobsbawm tenha sido um historiador marxista, por um lado, e que o rigor destas percentagens seja dúbio, por outro. Eric Hobsbawm, *A Era dos Extremos* (Lisboa: Presença, 1996), 480.

negociações era o de reformular o tratado federal que criara a URSS, a 30 de dezembro de 1922, e os termos nele consagrados, nomeadamente no que dizia respeito à possibilidade de saída de uma república federativa da União.

Estas negociações e, sobretudo, o formato em que decorreram (9+1) fizeram refletir o impacto inquestionável do desalinhamento russo nesta crise entre o centro e a periferia. Recorde-se, neste contexto, que, em junho de 1990, Ieltsin havia declarado a soberania da RSFSR e a supremacia da legislação russa sobre a legislação soviética. Foi justamente a partir desse momento que foi posto em marcha o princípio do fim, na convencionalmente chamada parada de soberanias: entre junho e outubro do mesmo ano, o Uzbequistão, a Moldávia, a Ucrânia, a Bielorrússia, o Turquemenistão, o Tadjiquistão e o Cazaquistão declaravam a sua soberania.

Pelas mesmas razões, estas negociações representam um momento-chave para entender o que viria a ser a tentativa de golpe de agosto de 1991: Novo-Ogarevo funcionou para os radicais conservadores, futuros golpistas, como um alerta máximo para a necessidade de agir rapidamente no sentido de travar, qualquer que ele fosse, um novo Tratado da União que pudesse garantir a autonomia das repúblicas federativas. Esta pressão cresceu ainda mais com o encontro de Gorbatchov e Ieltsin com Nazarbaev, o líder cazaque, a 29-30 de julho. Durante este encontro, que não fora previamente anunciado, os três líderes decidiram antecipar a assinatura do novo Tratado da União para o dia 20 de agosto – restava, assim, muito pouco tempo aos radicais conservadores para agirem.⁴²⁷ O agudizar da tendência descentralizante que esgotava lentamente o poder ao líder soviético não lhe permitira medir forças em Novo-Ogarevo. Por isso, e por não lhe restar outra opção (pacífica), o que resultou destas conversações foi uma cedência de poder sem precedentes do centro para as repúblicas.⁴²⁸

⁴²⁷ Sigo John B. Dunlop, «The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics», *Journal of Cold War Studies* 5, n.º 1 (inverno 2003), 99-100.

⁴²⁸ Sigo Plokhly, *The Lost Kingdom*, 751.

6.6 Do Golpe de Agosto à Criação da Comunidade de Estados Independentes

Apesar da aceleração exponencial do processo de falência do sistema soviético logo no princípio de 1989, foi somente a partir da tentativa de golpe de 19-21 de agosto de 1991 que Gorbatchov compreendeu que já não liderava a União Soviética de 1985, mas uma outra diferente. De acordo com o próprio líder soviético, o processo de desintegração efetiva começou precisamente com os eventos de agosto, protagonizados não por um qualquer grupo de indivíduos revoltados com o projeto para reformar a URSS, mas pelos detentores do poder nas principais instituições do país.⁴²⁹ Principalmente por essa razão, e se partirmos do princípio de que o termo *putsch* se refere a uma tentativa de tomada do poder, pode parecer algo redundante classificar estes eventos como o *putsch* de Moscovo: porque, na realidade, e como avança Archie Brown, «todos aqueles que tentaram tomar as rédeas do poder (...) estavam já em posse de todos os cargos cruciais do Estado – exceto um, a Presidência».⁴³⁰

Mais do que descrever o exercício levado a cabo pela ala de conservadores radicais para afastar Gorbatchov do poder, importa sublinhar as suas consequências e as principais razões pelas quais este exercício falhou.⁴³¹ Com o líder soviético longe de Moscovo – em rigor, obrigado pelos conspiradores a manter-se longe, sob o pretexto de se encontrar demasiado fraco para o exercício das suas funções⁴³² –, leltsin é quem tira o maior partido do falhanço deste golpe e de um vazio de poder que tornou credível a sua súbita ascensão. Esta é simultaneamente uma consequência da tentativa de golpe e a primeira das razões do seu insucesso: a

⁴²⁹ Cf. Gorbachev, *On My Country*, 135.

⁴³⁰ Brown, *Ascensão e Queda do Comunismo*, 644.

⁴³¹ Para uma narrativa detalhada do golpe de agosto de 1991 *vide* John B. Dunlop, *The Rise of Russia and the Fall of the Soviet Union* (Princeton: Princeton University Press, 1993), 186-255.

⁴³² Alguns autores, como é o caso de John Dunlop, defendem que não se pode considerar que Gorbatchov estivesse efetivamente sob um sequestro na *dacha* de Foros entre 18 e 21 de agosto. De acordo com este argumento, não há razões suficientes que possam justificar que o líder soviético estivesse completamente isolado, desde logo porque algumas comunicações foram cortadas, mas não todas, e porque, apesar de as entradas e saídas da *dacha* terem sido bloqueadas pelos golpistas, ninguém as tentou desbloquear. Dunlop, «The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics», 102-103.

figura de Ieltsin é a de um libertador russo a quem surge a oportunidade de emergir como representação última da resistência aos golpistas. À sua rápida emergência somam-se outros dois grandes elementos explicativos: em primeiro lugar, o facto de não existir entre os golpistas uma figura igualmente popular e com igual capacidade mobilizadora; em segundo, o nível de amadurecimento da sociedade (possibilitado pela *Glasnost*), que já não aceita que o seu futuro seja traçado por um pequeno grupo de radicais.⁴³³

Para Gorbatchov, as consequências dos eventos de agosto prendem-se em grande medida com a sua reacção à tentativa de golpe – uma reacção algo imprudente, no entendimento de Archie Brown. O autor destaca neste contexto de sublevação dois erros políticos cometidos pelo líder soviético. Depois do seu regresso a Moscovo, a 21 de agosto, Gorbatchov demorou quase dois dias a dirigir-se à Duma – este terá sido o seu primeiro erro. De acordo com Brown, Gorbatchov teria certamente causado uma melhor impressão se tivesse feito deste edifício, que representa física e simbolicamente a resistência ao golpe, o seu primeiro local de paragem obrigatória.⁴³⁴ O seu segundo erro, e o mais grave, foi ter usado uma retórica muito desadequada na primeira conferência de imprensa após o regresso de Foros: ao invocar a necessidade de reforma do PCUS, «insistindo no papel do partido como ponte necessária entre o totalitarismo soviético e a democracia»,⁴³⁵ Gorbatchov estava inconscientemente a colocar-se contra uma sociedade que de forma nenhuma acreditava na possibilidade de salvação da velha estrutura partidária. Por isso, comparativamente com a atitude de resistência de Ieltsin perante o espírito de uma Moscovo triunfante, as considerações de Gorbatchov sobre esta estrutura deixaram-no na posição de um homem (ainda) fiel à ideia de a manter.⁴³⁶

⁴³³ Sigo Brown, *TGF*, 300.

⁴³⁴ *Ibidem*.

⁴³⁵ Victoria E. Bonnell e Gregory Freidin, «Televorot: The Role of Television Coverage in Russia's August 1991 Coup», *Slavic Review* 52, n.º 4 (inverno, 1993), 836.

⁴³⁶ Neste sentido, o desmantelamento de estruturas típicas soviéticas como o PCUS está em grande medida associado ao golpe de agosto. Dias depois do golpe, estas estruturas ficaram suspensas e posteriormente suprimidas. A 22 de agosto, Gorbatchov chegou a Moscovo quase na qualidade de ex-líder, se assim se pode dizer.

A tentativa de golpe de agosto contribui particularmente para entendermos como o otimismo tão característico de Gorbatchov o prejudicou ao longo de toda a sua liderança. Desde sempre, este otimismo fê-lo subestimar o ódio dos seus rivais, figuras que lhe eram próximas e em quem julgava poder confiar. O grupo de golpistas de agosto incluía os Ministros do Interior e da Defesa, Dmitri Yazov e Boris Pugo, respetivamente, assim como o chefe do KGB, Vladimir Kryuchkov, e o Vice-Presidente, Yanaev – todas estas foram figuras nomeadas por Gorbatchov.⁴³⁷

Mesmo tendo falhado, o golpe de agosto esteve inteiramente ligado ao desenrolar sucessivo de acontecimentos que ditaram a derrota já previsível do plano ambicioso para reformar o sistema soviético e a morte política do autor, Gorbatchov.

A partir do golpe e até ao final do ano, o destino final da URSS torna-se cada vez mais evidente: a 22 de agosto, é emitido um decreto sobre a passagem de todas as empresas e organizações subordinadas à URSS para a jurisdição russa; a 23, é suspensa a atividade do Partido Comunista na Rússia; a 24, o Soviete Supremo da Ucrânia declara-a um Estado independente; a 25, é a vez da Bielorrússia, depois da Moldávia, do Azerbaijão, do Quirguistão e do Uzbequistão; a 28, a Rússia anuncia a tomada do controlo do *Gosbank*;⁴³⁸ a 6 de setembro, é reconhecida a independência das três Repúblicas Bálticas e, a 10, a da Arménia; a 1 de dezembro, um referendo ucraniano revela que 90%⁴³⁹ dos votantes são favoráveis à independência.

No último mês de vida da União Soviética, «um segundo *putsch*» – como o classificou Andrei Grachev –, «desta vez sem tanques»,⁴⁴⁰ teve lugar. Protagonizado pelos líderes da Rússia, da Bielorrússia e da Ucrânia, este segundo golpe – conhecido como Acordo de Belovezhskaya⁴⁴¹ – teve como objetivo o anúncio do fim da URSS enquanto entidade sob a lei

⁴³⁷ Sigo Dunlop, «The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics», 96.

⁴³⁸ Banco Central da URSS.

⁴³⁹ Na referência a esta percentagem sigo Adrian Karatnycky, «The Ukrainian Factor», *Foreign Affairs* 71, n.º 3 (verão 1992), 90-91.

⁴⁴⁰ Grachev citado em Dunlop, «The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics», 125.

⁴⁴¹ Vide por exemplo Brian D. Taylor, «The Soviet Military and the Desintegration of the Soviet Union», *Journal of Cold War Studies* 5, n.º 1 (inverno 2003), 56-62.

internacional e como realidade geopolítica. Em seu lugar, o Acordo de 8 de dezembro inaugurou uma Comunidade de Estados Independentes (CEI). A 21 de dezembro, eram já onze as repúblicas que se tinham juntado à nova Comunidade – todas, com exceção das Repúblicas Bálticas e da Geórgia. A quatro dias do colapso da União Soviética, a composição da CEI era clara no modo como demonstrara que a balança de forças entre o centro (Gorbatchov) e a periferia (seus oponentes) pendera completamente para o lado desta última. No dia 25 de dezembro, quando declarou extinta a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Gorbatchov ainda estava longe de entender que, em sete anos, não tinha conseguido apenas pôr fim a um império septuagenário (que não era um objetivo seu): mais importante, tinha conseguido pôr fim à Guerra Fria (o que, de facto, procurara alcançar). Nesse dia, também os soviéticos estavam muito longe de entender o quão gratos deveriam estar a este líder.

Conclusão

Gorbatchov foi o único líder político na história da Rússia que, tendo o poder absoluto nas mãos, optou voluntariamente por limitá-lo, e até arriscar a perdê-lo, em nome de valores e princípios morais.

Dmitrii Furman, 2005

A História do século xx não preparou ninguém, nem na URSS nem fora dela, para o colapso de um império que triunfara contra a máquina de guerra nazi na Segunda Guerra Mundial e que desenvolvera durante a Guerra Fria capacidades de nível tecnológico e armamentista com as quais só a superpotência rival podia competir. À semelhança deste, todos os outros impérios nasceram e desapareceram para dar lugar a um conjunto de novas nações. Mas o nascimento (1917-1922) e o desaparecimento (1985-1991) do Império Soviético foram particularmente fugazes – como, aliás, toda a história deste império que sobreviveu (apenas) sete décadas. A narrativa aqui apresentada centrou-se neste último período – 1985-1991 – e na tentativa de compreender em que medida o *fator humano* contribuiu para um processo de implosão aparentemente tão veloz. Ao longo de todos os capítulos, é possível encontrar um conjunto de características e comportamentos que nos ajudam a chegar até estas considerações finais. Ao mesmo tempo, estas características e comportamentos são imprescindíveis para justificar a ideia de que Gorbatchov foi – usando a terminologia de Sidney Hook que apresentei no primeiro capítulo – um «*event-maker*». ⁴⁴² De facto, foram as reformas por ele implementadas que impulsionaram grandes transformações, tanto na União Soviética, como

⁴⁴² Hook, «The Eventful Man and the Event-Making Man», 25-27.

no mundo da Guerra Fria. Por isso, o foco deste livro relativamente a estas transformações está sobretudo naquela que considero ser a sua principal causa: um líder político, ou o *fator humano*. Mas este é apenas um olhar, uma entre várias lentes analíticas, que difere certamente da de outros analistas. O objetivo destas linhas conclusivas é o de entender como é que, em apenas sete anos, esta figura política – heroica, para uns, trágica, para outros – pode ter retratado o entusiasmo e a fé, mas também o rancor e o desprezo populares relativamente ao projeto que ele encarnou e que acreditou ser possível em todo o seu potencial.

Muito antes do advento do soviétismo, Alexis de Tocqueville notara que o pior momento para um mau governo é aquele em que ele começa a reformar-se.⁴⁴³ Os sete anos da liderança de Gorbatchov parecem confirmar esta ideia, por duas razões: primeiro, porque são anos de grandes transformações dentro da União Soviética; segundo, porque também coincidem com os últimos sete anos de vida do país. A tragédia associada ao princípio da reforma de um mau governo (ou sistema, no caso da União Soviética) está no facto de que, com a reforma, «o mal diminui, é verdade, mas a sensibilidade torna-se mais aguda».⁴⁴⁴ A mesma ideia também confirma o argumento de Joseph Nye acerca do peso que um líder e a sua liderança podem ter no decurso de determinados processos políticos: este peso é sempre maior em tempos de crise. Se entendermos que, no caso da União Soviética, esta crise é aquela em que o país se encontrava política, económica e socialmente em 1985, quando Gorbatchov chegou ao poder, então é evidente que o impacto deste líder foi e continua a ser notável.

Terá sido graças ao plano de reformas implementado por Gorbatchov, e à má gestão de todas as sensibilidades que este plano fez emergir, que o Império Soviético colapsou tão rapidamente? Será, portanto, justo atribuir a Gorbatchov a responsabilidade sobre a queda deste império? E será ele um herói ou um traidor por ter permitido a sua desagregação?

⁴⁴³ Alexis de Tocqueville, *L'Ancien Régime et la Révolution* (Paris: Les Éditions Gallimard, 1952), 168.

⁴⁴⁴ *Ibidem*.

Não existe uma explicação singular para o colapso do sistema soviético e para o falhanço do plano reformista de Gorbatchov. Não basta dizer que este sistema era simplesmente irreformável ou que a autodestruição é uma condição própria de qualquer regime totalitário. Se nos cingíssemos a uma explicação tão unidimensional, estaríamos a ignorar múltiplos fatores, estruturais e contingentes, que se acrescentam ao impacto do *fator humano* nos processos políticos. Por esta razão, é importante sublinhar que, quer a rapidez do processo de implosão da União Soviética, quer o fracasso das reformas implementadas por Gorbatchov, não se podem explicar olhando apenas para o legado deste líder político, para os seus erros ou para as suas conquistas. A rigidez e o centralismo típicos do regime totalitário soviético, assim como a sua condição de Estado multinacional e a sua ineficiência crónica – vários grandes fatores explicativos estruturais, pertencentes à esfera da segunda imagem waltziana –, contribuíram em larga medida para o desfecho trágico do projeto reformista implementado por Gorbatchov. Do mesmo modo, deve ter-se em conta a forma como o equilíbrio de um poder bipolar – outro grande fator estrutural do domínio da terceira imagem – estrangulou gradualmente as capacidades soviéticas, sobretudo as económicas, até ao ponto em que o sistema deixou de conseguir competir com a superpotência rival.

Todavia, e não desconsiderando estas forças estruturais, o argumento central deste livro insere-se no âmbito da primeira imagem de Waltz e na relevância do *fator humano* para compreender e explicar os fenómenos políticos. Como sugere Alex Pravda, é pouco provável que o processo de implosão da União Soviética em 1991 tivesse começado, pelo menos tão cedo, se não tivesse sido Gorbatchov a substituir Chernenko em março de 1985.⁴⁴⁵ Foi a sua nomeação que tornou possível um conjunto de transformações dentro do sistema soviético, que provavelmente não se teriam concretizado se em seu lugar tivesse sido eleita alguma das figuras alternativas no *Politburo*, como Grishin ou Romanov.⁴⁴⁶ Por outro lado, também foi a sua nomeação que permitiu aos soviéticos e aos leste-europeus gerar certas expectativas. E o desenvolvimento exponencial destas expectativas, até ao ponto em que elas se transformaram em fortes reivindicações, é

⁴⁴⁵ Pravda, «The Collapse of the Soviet Union: 1990-1991», 358.

⁴⁴⁶ Brown, entrevista realizada pela autora.

provavelmente a primeira grande razão pela qual Gorbatchov se tornou uma figura tão controversa: se, por um lado, começou por ser o jovem enérgico e promissor que pela primeira vez falara em *Glasnost* e na possibilidade de «cada um seguir o seu próprio caminho», transformou-se, por outro, no grande responsável pelas consequências imprevistas destas e de outras ambições.

O debate em torno da figura de Gorbatchov é consensual no que diz respeito à sua importância para que a Guerra Fria terminasse quando e como terminou. É evidente que ele foi uma das principais figuras políticas a negociar o fim da Guerra Fria, quer tal se interprete como um grande feito, quer como um sinal de fracasso. De facto, se a sua nomeação tivesse significado o prolongamento da retórica do Brezhnevismo, tanto dentro, como fora da União Soviética, é pouco provável que tivesse sido possível reformar as relações soviético-americanas, assim como libertar a Europa de Leste ou negociar a assinatura de um novo Tratado da União. Mas a contribuição singular de Gorbatchov para o final da Guerra Fria gera um outro debate, que opõe essencialmente duas posições: terá ele sido um visionário brilhante, inserido num sistema demasiado limitado para a sua estratégia e mundivisão, ou um utopista presumido, atraído pelo seu próprio excesso de confiança? No seio deste debate dual, os esforços de Gorbatchov são sobretudo apreciados no Mundo Ocidental, que o considera um agente importante na propagação dos valores da liberdade e da democracia, e repudiados por aqueles que o veem como o responsável pela humilhação de ver fragmentado um império com setenta anos.

Foi principalmente nos traços mais característicos da sua personalidade que encontrei as primeiras pistas para decifrar aquele que entendo ser o enigma representado por este líder. Foi no seu otimismo e na sua autoconfiança, na sua determinação e diplomacia, na sua postura e gentileza invulgares. Na União Soviética, só um líder com estas características podia possuir aquilo que Chernyaev descreveu em Gorbatchov como sendo os seus «instintos naturalmente democráticos»,⁴⁴⁷ e que tanto o distanciam dos seus antecessores. Estes instintos nasceram com Gorbatchov em Pryvolnoe, mas foi ao longo do seu percurso em Moscovo – a sede das hierarquias e dos conceitos pré-concebidos – que se desenvolveram exponencialmente.

⁴⁴⁷ Chernyaev citado em Zubok, *A Failed Empire*, 312.

É pelo questionamento destas hierarquias e conceitos que Gorbatchov também se tornou Gorbatchov por uma questão geracional.

A juventude de Gorbatchov e, em especial, os anos na Universidade coincidiram com um período de mudança importante da história da União Soviética – a morte de Estaline (1953). Foi nesta altura que um grupo de jovens intelectuais – os filhos do XX Congresso – começou a desenvolver as suas ideias mais apaixonadas sobre o comunismo e sobre o que o pós-Estalinismo lhes podia reservar. O otimismo e a determinação são, aliás, características muito particulares desta geração que, com Krushchev, viu revigorada a sua fé na ideologia e na pureza leninista do regime soviético. A própria ascensão de Gorbatchov na estrutura rígida do PCUS encontra uma explicação nesta geração e nesta fé comunista: foi possível ascender tão rapidamente porque um conjunto de figuras muito importantes⁴⁴⁸ dentro desta estrutura viu nele a expressão da autenticidade do soviétismo, um produto idealmente concebido pelo sistema e para o sistema. Gorbatchov compreendeu desde cedo que era esta imagem de produto autêntico do regime que poderia conferir-lhe mais e mais poder. Por isso, demonstrou desde sempre uma crença desmedida no comunismo, nunca expressando, porém, o seu desejo de o reformar.

Entre o sonho do comunismo revigorado e a realidade, existia, no entanto, um fosso que se tornou evidente para Gorbatchov desde as suas primeiras experiências de poder. Ele entendia, ao contrário dos que o antecederam, que a vida e a sociedade não se podiam transformar de um dia para o outro. Por isso, o seu percurso político, desde a liderança regional em Stavropol até à chegada a Moscovo, foi tão marcado por uma luta interior constante contra alguns dos traços que, de acordo com Robert English, melhor o viriam a definir enquanto líder político – «uma intolerância face à complacência, ao desperdício e à estagnação, uma mente aberta e investigadora e uma tendência reformista que contrastava nitidamente com a esmagadora maioria dos outros membros do partido».⁴⁴⁹ Foi preciso encontrar ao longo dos anos o equilíbrio entre o querer e o dever, para chegar ao único lugar onde, no sistema soviético, a concretização das ideias era possível: o cargo de Secretário-Geral do PCUS.

⁴⁴⁸ Brezhnev, claro, mas também Kulakov e Andropov.

⁴⁴⁹ English, *Russia and the Idea of the West*, 181.

Para compreender os objetivos do plano reformista, assim como os motivos da sua radicalização, é preciso ter primeiramente em conta que Gorbatchov foi um reformador, mas um reformador dentro dos limites do próprio sistema.⁴⁵⁰ Não se pode, por isso, confundir a sua intenção de reformar o comunismo soviético, revigorando-o, com um plano para o substituir. Pelo mesmo motivo, também não se pode romantizar excessivamente o projeto deste líder, cujo principal desígnio era o de recuperar a natureza leninista original do sistema soviético. Mais do que transformar o sistema soviético, Gorbatchov procurou transformar o sistema que herdou de um conjunto de líderes muito preocupados com a manutenção do poder e com o culto da personalidade. Dentro das convicções leninistas, as prioridades de Gorbatchov eram bastante distintas das dos seus antecessores: em vez de uma esfera de influência, procurou construir uma ordem global baseada na cooperação; em vez da uniformização, procurou dar a cada um a sua própria voz; em vez da força, procurou usar as palavras.

A experiência política de Gorbatchov, mas também a pessoal,⁴⁵¹ alertaram-no desde cedo para a necessidade de trazer ao comunismo soviético alguma coerência entre a doutrina e a prática. Mas o reconhecimento da existência desta incoerência também o poderia fazer desviar-se da verdadeira essência do soviétismo, o que seria perigoso. Por isso, na análise de Francis Fukuyama, o objetivo de regressar à pureza do Leninismo foi tão importante para legitimar as prioridades e as ambições reformistas deste líder: para se afastar por completo das velhas práticas do Estalinismo e do Brezhnevismo, era necessário ancorar a sua liderança a uma outra era da história soviética em que a liderança era ainda percebida como legítima.⁴⁵²

Ao contrário dos outros líderes soviéticos, Gorbatchov mostrou-se disposto a assumir e corrigir os erros do sistema, o que é muito importante

⁴⁵⁰ Sigo Gooding, «Gorbachev and Democracy», 196-197.

⁴⁵¹ Aqui referimo-nos aos avós de Gorbatchov e às suas experiências de terror durante o Estalinismo.

⁴⁵² Embora – acrescenta Fukuyama – seja preciso ter em conta que esta estratégia de Gorbatchov tenha tido por base um conjunto de princípios democratizadores e descentralizadores altamente incompatíveis com alguns dos preceitos mais fundamentais do Marxismo e do Leninismo. Francis Fukuyama, «The End of History?», *The National Interest* 16 (verão 1989), 13.

para entender por que motivo os resultados das suas reformas excederam tanto a sua intenção inicial: como observa Vladislav Zubok, «(ninguém sabe como transformar um regime totalitário, e por isso só é possível fazê-lo por tentativa e erro».⁴⁵³ Compete-me aqui sublinhar que a principal razão pela qual Gorbatchov é percecionado por uma parte dos pensadores e analis-tas como um político falhado reside exatamente no exercício de comparar os seus objetivos com os resultados efetivos que obteve.⁴⁵⁴ Mas é preciso notar que só depois de uma primeira tentativa de reforma – a *Perestroika* – foi possível perceber que, para além de uma transformação do seu modelo económico, a União Soviética precisava de ser transformada cultural e socialmente. Por esse motivo, a politização do projeto reformista – de que a *Glasnost* é símbolo – surge originalmente como um instrumento ao serviço da reforma económica, como um meio e não como um fim. Nesta lógica, deve também notar-se que a passagem da vertente económica da reforma para a sua vertente política, por um lado, confirma a veia leninista do plano de Gorbatchov e, por outro, reforça a sua intenção de reformar o sistema, mas não de o substituir. A política de transparência não nasce para tornar evidente a insuficiência de uma economia centralizada, mas antes para tornar evidente a determinação do líder soviético em salvar o sistema de planificação central vigente:

Muitos de vós veem a solução para os problemas no recurso a mecanismos de mercado em vez de ao planeamento central. Alguns de vós veem o mercado como um salva-vidas para a economia. Mas, camaradas, não é no salva-vidas que devem pensar, é no navio, e o navio é o socialismo.⁴⁵⁵

A radicalização do plano de reformas resulta, pois, do fim desta e de outras ilusões acerca da possibilidade de concretizar um conjunto de ideias inovadoras melhorando apenas o sistema existente. Numa fase particularmente conturbada a nível doméstico para a liderança Gorbatchov – para

⁴⁵³ Zubok, *A Failed Empire*, 313-314.

⁴⁵⁴ As críticas mais ferozes são sobretudo, e sem surpresa, as de *insiders*. Por exemplo: Yegor Ligatchov, Anatoli Dobrynin, Valerii Boldin e Vladimir Kriuchkov.

⁴⁵⁵ Gorbatchov dirigindo-se a um grupo de economistas, pouco tempo após a sua eleição em 1985, citado em Seweryn Bialer e Joan Afferica, «The Genesis of Gorbachev's World», *Foreign Affairs* 64, n.º 3 (America and the World 1985), 612.

a qual o caso Andreyeva contribuiu significativamente –, a radicalização do projeto reformista também se justifica pelo modo como Gorbatchov procurou mostrar que podia contrariar os seus inimigos. Quanto mais as suas capacidades fossem questionadas, mais soluções reformistas ele desenvolveria. A tentativa de democratização das instituições de poder soviéticas – de que faz parte a criação da primeira plataforma soviética contrária à lógica monopolista do PCUS, o Congresso dos Deputados do Povo – confirma precisamente esta tendência. Na tentativa de tornar cada vez mais credível o seu estatuto de reformador, dentro e fora do país, Gorbatchov acabou, porém, por deturpar os seus próprios objetivos: em 1988, o seu projeto já não era o de uma reforma, mas o de uma transformação sistémica.

Paralelamente à transformação de nível sistémico que introduziu dentro da União Soviética, a radicalização do projeto reformista de Gorbatchov teve repercussões da maior relevância fora dela. Aliás, são estas consequências externas, mais do que as internas, que fazem de Gorbatchov o grande impulsionador do final da Guerra Fria, como sugere a análise de Archie Brown.⁴⁵⁶ Esta leitura não parece exagerada, ainda que se possa argumentar que os resultados alcançados por Gorbatchov no plano internacional e no contexto específico da Guerra Fria não tenham sido intencionais. Não é um exagero atribuir-lhe este estatuto, desde logo porque o seu projeto sempre passou pela ultrapassagem da lógica estalinista do «confronto inevitável entre os dois mundos». Contrariamente a esta lógica, o novo olhar soviético sobre a Política Internacional que Gorbatchov apresentou em detalhe na *Perestroika* em 1987, introduz uma importante alteração de ideias e conceitos, nota Joseph Nye, imprescindíveis à melhoria das relações com a outra superpotência.⁴⁵⁷ São os efeitos da nova dialética soviética que, de acordo com Carlos Gaspar, permitiram à URSS apagar a sua imagem de «império do mal»,⁴⁵⁸ muito especialmente no contexto das relações soviético-americanas.

Desde o início da Guerra Fria, a história destas relações não leva a crer que qualquer outro líder no lugar de Gorbatchov almejasse alcançar algo

⁴⁵⁶ Brown, *The Human Factor*, 398.

⁴⁵⁷ Nye, *Compreender os Conflitos Internacionais*, 160.

⁴⁵⁸ Gaspar, *O Pós-Guerra Fria*, 98.

mais do que alguma forma de *détente*. Mas os progressos alcançados por Gorbatchov no plano internacional também se devem à disponibilidade e ao interesse dos seus homólogos nas outras grandes potências. Aqui deve sublinhar-se que a relação de Gorbatchov e Reagan se construiu sob um forte sentido de compromisso e confiança que, por um lado, é indispensável para as negociações de 1985-1991 entre as duas superpotências e, por outro, torna inegável a relevância do *fator humano* no decurso destas mesmas negociações.

O caráter reformador de Gorbatchov fez dele maior herói fora do seu país do que dentro dele: para o mundo, ele acabou com a Guerra Fria; para os soviéticos, ele acabou com uma nação e um povo septuagenários. O seu «calvário doméstico»⁴⁵⁹ – para recuperar a expressão usada por um dos seus biógrafos – foi, por isso, bastante mais complicado do que o seu calvário no estrangeiro – uma tendência que, aliás, se prolongou para além do fim da sua liderança. Gorbatchov tentou e conseguiu inverter o sentido das principais forças internas que conduziram a União Soviética à estagnação e ao seu sistema típico de corrupção e clientelismo. Fê-lo ao transformar totalmente as noções soviéticas de Relações Internacionais, de Política Internacional e de comunidade; ao orientar a política externa soviética para um sentido completamente revigorado e ao permitir a libertação dos países-satélite da Europa de Leste; ao possibilitar o nascimento de uma proto-sociedade civil soviética, introduzindo-a à informação e à discussão; e, sobretudo, ao deixar, em 1991, a liderança de um país muito mais livre do que aquele que ele herdara em 1985.

Gorbatchov sempre foi altamente criticado dentro do seu país pelas decisões que tomou e por não ter conseguido controlar as ambições secessionistas de várias repúblicas, assim como as reivindicações dos países-satélite da esfera de influência soviética, a Europa de Leste. Mas neste plano doméstico, e como nota Anne Applebaum, provavelmente as suas maiores e mais importantes decisões foram aquelas que ele não tomou:⁴⁶⁰ não mandou prender as primeiras figuras a criticar publicamente o seu

⁴⁵⁹ Taubman, *Gorbachev*, 491.

⁴⁶⁰ Anne Applebaum, «The Long, Lame Afterlife of Mikhail Gorbachev», *Foreign Policy*, 20 de junho, 2011, <https://foreignpolicy.com/2011/06/20/the-long-lame-afterlife-of-mikhail-gorbachev/>.

plano reformista; não deu ordens para matar os que tentassem atravessar o Muro de Berlim; não impediu a ascensão de Ieltsin; não fez uso da força para acabar com as manifestações nas Repúblicas Bálticas.

Em todos os momentos, Gorbatchov teve escolhas. Em 1990-91, o seu poder já estava em declínio, mas mesmo assim foi importante o que ele decidiu fazer e não fazer, precisamente por ter tido escolhas. (...) A sua aversão ao uso da violência foi muito importante. Gorbatchov tentou manter a União Soviética unida, claro, mas queria fazê-lo através da persuasão e por meio de um novo Tratado da União, que haveria de ser negociado, e não através da repressão violenta.⁴⁶¹

Determinado a reformar o seu país, por um lado, e a acabar com a Guerra Fria, por outro, Gorbatchov acabou por ter de travar duas batalhas distintas em simultâneo: uma com o Ocidente, da qual extraiu os melhores dividendos; outra com o povo soviético, da qual não se saiu muito bem. De novo, são as principais características da sua personalidade que nos ajudam a compreender porque é que ele foi considerado um herói na primeira batalha e um traidor na segunda. A sua educação, otimismo, gentileza e tolerância sempre foram mais apreciados no Mundo Ocidental, em particular pelos seus homólogos, do que na União Soviética. Talvez por isso as suas prioridades se tenham invertido e, a dada altura, tenha feito sentido radicalizar a reforma no país. Outra das razões pelas quais Gorbatchov se tornou uma figura tão desprezada pelos soviéticos prende-se com aquilo a que ele próprio chamou uma «psicologia escravagista da população [soviética]»;⁴⁶² afinal não era o líder que não estava preparado para o país, mas antes o país, e os cidadãos, que não estavam preparados para aquele líder ímpar.

Na história das lideranças soviéticas, Gorbatchov foi o único que tentou dar aos soviéticos tudo aquilo que os seus antecessores lhes tentaram tirar: escolhas. Mesmo que as consequências destas escolhas tenham atraído os verdadeiros objetivos de Gorbatchov, ele deve ser reconhecido pelo facto de ter optado por se distanciar do modelo tenebroso de um

⁴⁶¹ Brown, entrevista realizada pela autora.

⁴⁶² Taubman, *Gorbachev*, 377.

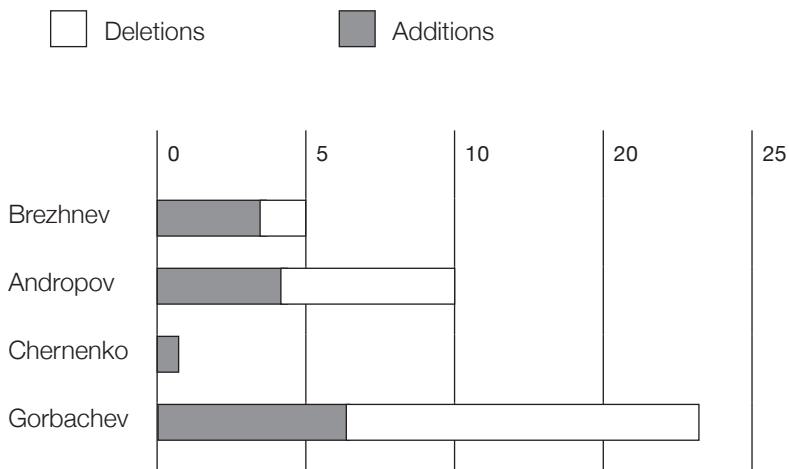
típico líder soviético. E, como vimos, este distanciamento não se manifestou apenas do ponto de vista político. Também se manifestou de maneiras provavelmente desconhecidas para o povo soviético: que outro líder soviético se mostraria tão preocupado com questões ecológicas e ambientais, como Gorbatchov se mostrou? Que outro líder soviético escolheria observar, em vez de impedir violentamente, a libertação dos povos leste-europeus, como Gorbatchov escolheu? Que outro líder soviético se faria acompanhar publicamente da sua mulher como Gorbatchov o fez, com Raíssa? Em parte, são estes momentos de distanciamento e singularidade que demonstram que tudo teria sido diferente na União Soviética e no mundo da segunda metade da década de 1980 se não fosse Gorbatchov a chegar ao poder em 1985. A sua nomeação acelerou um processo de implosão e libertação que, certamente, viria a acontecer anos mais tarde. Porém, se não fosse esse aceleração, é possível que o processo não tivesse sido tão pacífico, e isso só a Gorbatchov se deve. Deve-se não ao Gorbatchov político, mas ao Gorbatchov homem: por detrás do político, esteve sempre o homem, e esse foi o prisma desta análise acerca do seu percurso político.

Só quem veja em Gorbatchov a figura de um libertador, responsável pelo progresso em que nenhum outro líder soviético esteve interessado, compreende como o *fator humano* é fundamental para explicar as suas escolhas e decisões, assim como os seus limites e erros. Quem, por outro lado, vir nele a figura de um traidor, tenderá a considerar que ele se limitou a ceder perante a pressão interna da ala ortodoxa do PCUS e a pressão externa da competição com os Estados Unidos. Para estes últimos analistas, é difícil ver nestas cedências algo de heroico. Mas é preciso sublinhar que, à semelhança dos seus antecessores, Gorbatchov teve em mãos todo o poder; ao contrário deles, porém, escolheu limitá-lo. Nenhum elemento alheio à sua personalidade, raízes e educação pode explicar isto – é aqui que reside a relevância do *fator humano*.

Anexos

Anexo 1 – Alterações na estrutura das lideranças Brezhnev, Andropov, Chernenko e Gorbachov durante o seu primeiro ano no poder.⁴⁶³

First-Year Leadership Changes Under Brezhnev, Andropov, Chernenko and Gorbachev*



* Includes all additions, deaths, retirements, and removals among Politburo and members and secretaries.

⁴⁶³ «The 27th CPSU Congress: Gorbachev's Unfinished Business», Central Intelligence Agency, consultado a 22 de outubro, 2019, <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP87T00787R000200230004-6.pdf>.

Anexo 2 – O novo Comité Central: 1981 *versus* 1986.⁴⁶⁴**New Central Committee at a Glance**

	1986	1981
Full members		
Reelected	182 (59%)	238 (75%)
New full members	125 (41%)	81 (25%)
Elevated from candidate member	23 (8%)	34 (10%)
Newcomers	102 (33%)	47 (15%)
Total	307 (100%)	319 (100%)
Candidate members		
Reelected	54 (32%)	61 (40%)
Newcomers	116 (68%)	90 (60%)
Total	170 (100%)	151 (100%)
Grand total	477 (46% new)	470 (29% new)
Institutional breakdown of full members		
National party	30 (10%)	31 (10%)
National government	69 (23%)	77 (24%)
Regional party and government	117 (38%)	127 (40%)
Military	23 (7%)	23 (7%)
KGB	4 (1%)	4 (1%)
Ministry of Foreign Affairs	15 (5%)	16 (5%)
Media editors	3 (1%)	4 (1%)
Mass organizations and unions	8 (3%)	8 (3%)
Scientific institutions	11 (4%)	10 (3%)
Others *	27 (8%)	19 (6%)
Total	307 (100%)	319 (100%)
*Includes industrial and agricultural managers, workers, and honorary retirees.		

⁴⁶⁴ «The 27th CPSU Congress: Gorbachev's Unfinished Business», Central Intelligence Agency, consultado a 22 de outubro, 2019, <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP87T00787R000200230004-6.pdf>.

Anexo 3 – Plano aprovado pelo XXVII Congresso para o aumento da eficiência económica nacional.⁴⁶⁵

Table 3:1 Planned increase in economic efficiency 1986-90
(average annual increase, per cent)

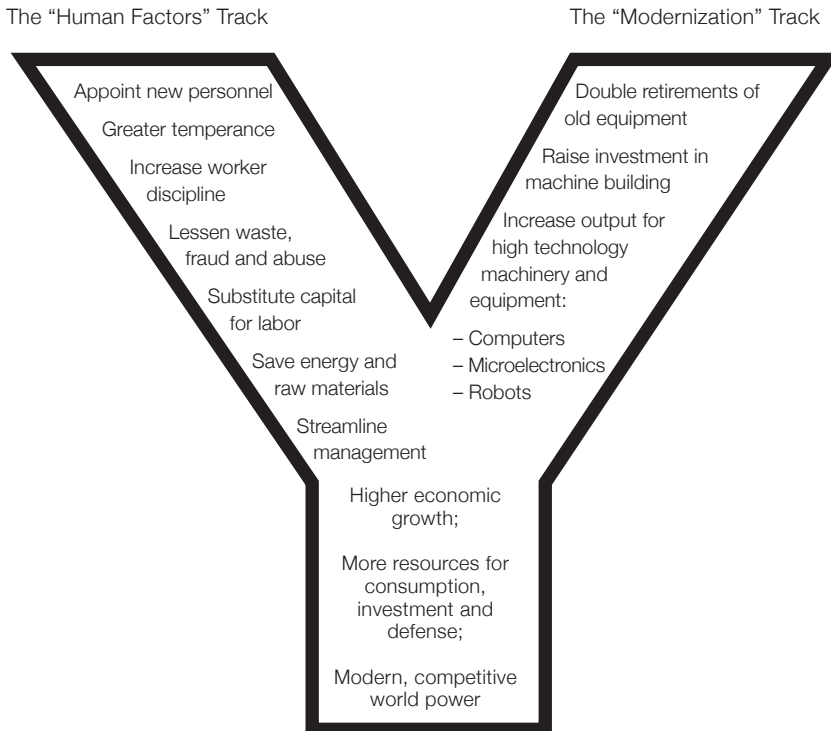
	1981-5	1986-90 Plan
Utilised national income	3.1	4.1
Labour productivity	3.1	4.2
Capital productivity	-2.3	3.0
Energy intensity	-1.1	-1.7
Metal intensity	-1.9	-2.7

Source: Pravda, 19 June 1986.

⁴⁶⁵ Aslund, *Gorbachev's Struggle*, 69.

Anexo 4 – O pilar humano e o pilar tecnológico da reforma económica.⁴⁶⁶

Riding the Gorbachev Road



⁴⁶⁶ «The 27th CPSU Congress: Gorbachev's Unfinished Business», Central Intelligence Agency, consultado a 22 de outubro, 2019, <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP87T00787R000200230004-6.pdf>.

Anexo 5 – Composição das nacionalidades das repúblicas soviéticas.⁴⁶⁷

Table 1

NATIONAL COMPOSITION OF SOVIET UNION REPUBLICS

<i>Republic</i>	<i>Population</i> (millions)	<i>Native</i> (percent)	<i>Russian</i> (percent)	<i>Others</i> (percent)
Russian	137.6	83	83	17
Ukrainian	49.8	75	19	6
Uzbek	15.4	66	13	22
Kazakh	14.7	33	42	25
Byelorussian	9.6	81	10	9
Azerbaijan	6.0	74	10	16
Georgian	5.0	67	9	25
Moldavian	3.9	65	12	24
Tajik	3.8	56	12	32
Kirghiz	3.5	44	29	27
Lithuanian	3.4	80	9	11
Armenian	3.0	89	3	9
Turkmen	2.8	57	15	29
Latvian	2.5	57	30	13
Estonian	1.5	68	25	7

Note: Based on 1979 census data.

⁴⁶⁷ Brzezinski, «Post-Communist Nationalism», 7.

Anexo 6 – Entrevista a Archie Brown realizada pela autora a 23 de outubro de 2020, Oxford.

Interview Transcript

Interviewer: Daniela Pereira Nunes (DN)

Interviewee: Professor Archie Brown (AB)

Professor Archie Brown is an emeritus professor of politics at the University of Oxford and an emeritus fellow of St Antony's College – Oxford. Professor Brown also served as Director of St Antony's Russian and East European Centre. He is a specialist on Soviet and Russian politics, on communism, the Cold War and political leadership. He met Gorbachev and his team several times, as well as so many other political leaders. Professor Brown is the author of some of the most complete books on Gorbachev and Soviet Communism, such as: *The Gorbachev Factor* (1996), *Seven Years that Changed the World: Perestroika in Perspective* (2007) and *The Rise and Fall of Communism* (2009).

Date and Location: October 23, 2019 – Oxford

DN – I am going to start not by the Gorbachev factor, but by the human factor. I have already noticed we both believe in the human factor and not only when it comes to the collapse of the Soviet Union. When I first thought about writing a thesis on Gorbachev and his reforms, I knew I wanted to find a way to present his human side, before his political side. I feel like, in the middle of a crowd, everybody will have some opinion about Gorbachev the political man, but few will have something to say about Gorbachev the human being, husband, father and friend. I will give you a concrete example: many do probably know about the impact of Khrushchev's secret speech of 1956 on Gorbachev, but those will not, almost certainly, understand the reason of it, they will not understand the way Gorbachev, only in 1956, saw what actually happened to both his grandfathers during

Stalinism. I am trying to underline the fact that, behind every historical and political process, there are people – and people are the reason why these processes go one way or another, maybe 90% of the time. Therefore, we must not ignore them and their backgrounds. Anyway, please note that I do not mean to blame Gorbachev or his team for the fall of the Soviet Union. My point is that their role in this historical moment is crucial.

In this sense, I would like to ask if you believe that history would have happened differently if it was not Gorbachev and the Gorbachev-Team? In other words, does the human factor explain at least part of the events in the USSR and Eastern Europe since Gorbachev took power in 1985? Do you believe a leader can really define his country's fate?

AB – I am not sure I would agree with what you said about the individual making such a difference 90% of the time. I think it might be in a much smaller percentage of the cases that the individual makes a decisive impact on the course of History. All leaders make some difference of course, but most leaders do not make a huge difference. There are other factors that can fundamentally influence the course of events. But in Gorbachev's case, I think he did make an absolutely decisive difference, because there were only a very small number of people who could possibly become General Secretary of the Communist Party of the Soviet Union. And of those people, nobody in that Politburo Gorbachev inherited from Chernenko would have pursued the policies that he did. They would not have taken the risks of opening up the system, of pluralizing the system, liberalizing it, and eventually of having contested elections for a real parliament. They would not have taken the risk of allowing the countries of Eastern Europe going their own way. First of all, Gorbachev raised expectations by the reforms in the Soviet Union and in Eastern Europe. Some people say that his role was not decisive because in 1989 other members of the Politburo were not saying 'we should intervene in Eastern Europe to stop this'. But if anyone else had become General Secretary the *expectations* would not have been aroused, and so it would have been a quite different 1989. That was where Gorbachev made an enormous difference. He is one of the people who made a decisive impact in the history of Europe, and in that sense he is a very exceptional leader. Other leaders would not have tolerated the break-up of the Soviet Union, but the point where that became an issue would not

have been reached, for – I emphasize again – they would not have raised expectations among the various nationalities of the Soviet Union. The country would have continued to exist the way it did in the past, because people would assume that they would be suppressed, they would be in the Gulag, if they tried to advocate any national separatism. Such advocacy would simply be out of the question. When people in the most disaffected republics of the Soviet Union saw what happened in Central Europe, when they saw what the Poles and Hungarians, and later the Czechs and Bulgarians were getting away with, they thought ‘why not us – Estonians, Latvians, Lithuanians?’ The policies Gorbachev pursued would not have been those of any of the realistic alternative Soviet leaders to Gorbachev in 1985, such as Viktor Grishi or Grigoriy Romanov.

DN – But it seems that, in 1985, the «world’s human environment» was in such a point that it could have suffered positive and important changes in the context of the Cold War. In this sense, what would you say if I added to my previous question the names of Reagan and Thatcher? Would History have happened differently if was not them all, and not only Gorbachev?

AB – I think that Reagan and Thatcher too were important, but they were not as decisively important as Gorbachev. But if there had to be an end to the Cold War, there had to be some reciprocity from the Western side. You needed Western leaders to be willing to negotiate and try to reach agreements with the Soviet leadership. The fact that these hardline leaders, Reagan and Thatcher, engaged with Gorbachev was very important, because if it had been a liberal democrat or even a liberal republican president in Washington, they would have come under much more criticism at home for being too trusting of Gorbachev and of the Soviet leadership. Reagan, with his hardline credentials, was able to get away with it – but even Reagan was criticized in Washington for having gone soft on communism. Especially in 1987, when they signed the INF agreement, people regarded as centrists, including Nixon and Kissinger, were critical of Reagan. So, by sticking with his policy of engagement, Reagan was quite important. Thatcher was significant because she was the Western leader Reagan was closest to. He felt she was a political and ideological soulmate. She was very close to him and he admired her. In fact, George Bush thought that

she was too influential with Reagan, recalling that in international conferences she would say that «Ron and I think that... Ronnie and I believe that...» and the president would just sit there smiling and agreeing with her. Thatcher could articulate what Reagan thought better than he could. Reagan did have *not* a great intellect. Thatcher was smarter than Reagan. They were both important, but Gorbachev was *far more* important. Some people say that if Reagan had not been President at that time the Cold War would not have ended. John Lewis Gaddis – a leading specialist on the Cold War – says that, because Reagan challenged the continuation of the Cold War unlike people such as George Bush who accepted the Cold War as more or less inevitable. So, in his view, Reagan was absolutely decisive for ending the Cold War. As I see it, if the assassin's bullet had killed Reagan in 1981, George Bush as Vice-President would have become President and he would have had several years dealing with Andropov, Chernenko, and Gromyko as Soviet Foreign Minister. When Gorbachev became Soviet leader, he would have welcomed the change he represented. (Another common mistake is to imagine that Gorbachev only became Soviet leader and pursued the policies he did because of the hardline policy of the Reagan administration. Gorbachev became Soviet leader because of his skill in extending his power within the Central Committee apparatus and he seized the initiative immediately after the death of Konstantin Chernenko, convening a meeting of the Politburo for that very evening.) As president, Bush was very slow to engage with Gorbachev, and in that respect the comparison Gaddis makes between Reagan and Bush has some substance. I was quite surprising, given that Bush had been Vice-President during the Reagan administration and was fully involved in what was happening, that he thought a lengthy period of reconsideration of US policy towards the Soviet Union was required. There was a period of half a year in which Bush did not engage with the Soviet leadership after he became President. However, eventually he did. Bush and Baker, after a long gap, really continued where Reagan and Shultz had left off. I think the idea that Bush would not have pursued the policies of Reagan is a mistake. Eventually he would. It would be a very severe condemnation of American politics if you were to say that they could not produce anyone apart from Ronald Reagan who was capable of being a possible constructive partner for Gorbachev. I don't believe that. But it was undoubtedly useful that Reagan's reputation as a hardline,

anti-Communist and anti-Soviet politician gave him some cover, and made it difficult for Washington critics to be convincing when they said he had gone soft on communism.

DN – You said Thatcher was a very smart leader. When she met Gorbachev in London, December 1984, in some way he showed her he wanted to change the Soviet Union's behavior and have a good relationship with the West. At that time, was she acting as an intermediary between the Soviet Union and the United States? The message Gorbachev sent her, was it actually supposed to be heard by the whole Western side and especially by Reagan?

AB – I would not say that Thatcher was very clever. She was more intelligent than Reagan but less so than Gorbachev, and she had some severe limits on her imagination. Gorbachev had a much more open mind than either Thatcher or Reagan. Thatcher first heard about Gorbachev from me, at a seminar in Chequers in 1983. In the paper I wrote, which she read in advance of the seminar (and then, orally, at the seminar), I said that Gorbachev was both the most open-minded and the best-educated member of the Politburo. She did not necessarily believe this, but the possibility had at least been lodged in her mind. It is not quite correct to suggest, as you did in your question, that Gorbachev indicated already in 1984 indicated that he had far-reaching change in view. He certainly made it clear that he wanted to improve relations with the West, but he was not at that time saying he was going to change radically anything in the Soviet Union or change Soviet foreign policy. He could not have done so in Britain in December 1984, a time when Gromyko was still Foreign Minister and Chernenko was General Secretary. Gorbachev had to stay within the limits of the policies being pursued by the current leadership. Otherwise, he would have ruined any possibility of his succeeding Chernenko as General Secretary. Nevertheless, what impressed Thatcher was that he did not stick to a script, he could engage, he was not looking at his papers, did not look at them at all, he was obviously highly intelligent, he could argue, and he also had sense of humor. The British interpreter, in one occasion, when Gorbachev had made an especially clever reply to Thatcher, noted, in a report he wrote after the meeting, that Gorbachev looked over his shoulder and winked at

the interpreter. He did have a lot of charm. Thatcher actually liked him, as you said. She gave an interview at the end and said «I like Mr. Gorbachev. We can do business together». That was important. Immediately after that, she went to Washington and there was a meeting in Camp David with Reagan and Shultz, and Shultz later wrote that she was just as enthusiastic about Gorbachev in private as she had been in public. So, yes, she was, as you say, an intermediary between Reagan and Gorbachev. That was especially important in 1985. Thatcher met Gorbachev in December 1984, just three months before he became Soviet leader. Reagan didn't meet him until November 1985 in Geneva. It was almost a year after Thatcher first met Gorbachev before Reagan did. At that time, she definitely had some influence and, indeed, as long as Reagan was president – i.e., to the end of 1988 – her views carried great weight in Washington. But I would say that she herself sometimes she was very sceptical about change in the Soviet Union and sometimes very optimistic. After a meeting with Gorbachev, she became more optimistic. This first meeting with Gorbachev in 1984 actually had a big impact in Thatcher.

DN – Does this represent the exact importance of the human factor? When you say that normally Thatcher used to get more optimistic after meeting Gorbachev, do you believe there was some kind of human factor «working» on her mind?

AB – Absolutely, that is why I am calling my book *The Human Factor*. The human factor in the sense that it is the individual that is all-important is not a generalization about what happens in politics. It is true in *this* case. But there are many political leaders who make only a marginal difference. Gorbachev, in contrast, made a fundamental difference. His charm and niceness, clearly those were factors. But they would not have been enough without fundamental changes in Soviet policy – and it was Gorbachev who, more than anyone else, was responsible for those basic changes.

DN – Well, I think we are done with the human factor for now! I will start my next question by citing you in one of your *The New Times*' articles. You said «Mr. Gorbachev had not been chosen because he was a reformer». Also, in 1985, there were not many signs of Gorbachev's desire to transform

his country. So, apart from the fact that all the other Party members were too old to be elected, why did they choose Gorbachev? In one hand, these members wanted to keep the «Soviet nature» within the CPSU, but in the other they knew it was necessary to make some changes. Is Gorbachev the one who could mix these two feelings?

AB – Yes, there are several reasons why Gorbachev was elected. One is obviously his relatively youth. He was 54 and the youngest member of the Politburo. That became an advantage after these three state funerals in three years. That was beginning to look ridiculous, a state funeral every year – Brezhnev, Andropov and Chernenko.

DN – Reagan even said «These guys keep dying on me!»

AB – Yes! That was one factor. Also, the economic growth rate had slowed down in the Soviet Union and Gorbachev looked like somebody who might get the country moving again. But the other thing is that he simply seized the opportunity. He had been given extended responsibilities by Andropov, he had become the second secretary under Chernenko and some of the older people tried to stop him becoming the second secretary. But at that time he accumulated a lot of power within the secretariat. The second secretary was always the Chairman of the Foreign Affairs Committee of the Supreme Soviet. More importantly, he had special responsibilities in supervising the Party apparatus. He had a lot of power within the leadership as second secretary, and it was Andropov who extended these responsibilities. Andropov wanted Gorbachev to be his successor, he did not want Chernenko. But then Andropov's health deteriorated too fast for him to achieve this. Even when he was ill in bed, and dying in fact, he sent a letter saying that Gorbachev should chair the Politburo when he (Andropov) was unwell and was not able to do so himself. That would have made it clear that Gorbachev was to be Andropov's successor – but this letter was not read out at the Central Committee. Nevertheless, Andropov had done enough to strengthen Gorbachev's position in the leadership. Even the old guard, suspicious about Gorbachev and unwilling to have him chair their proceedings in Andropov's absence, could not actually find anything definite against him, because he had not criticized anyone or any Soviet policy.

He spoke with Shevardnadze about how the invasion of Afghanistan was a terrible mistake, but they spoke in private. In the Politburo he never criticized the invasion of Afghanistan or anything like that – he simply could not. He observed the rules of the game, and though his style was obviously different, it was hard for his senior colleagues to put a stop to his rise. On the night that Chernenko died, Gorbachev, as second secretary of the party, was the first person to be told by the Kremlin doctor Chazov of Chernenko's death. And Gorbachev took charge. The very evening Chernenko died Gorbachev called a Politburo meeting and he was chosen to be chairman of the funeral commission – in the last two funerals, the person who became the chairman of the funeral commission also became the General Secretary. And in less than 24 hours – the fastest succession in Soviet history – Gorbachev had been elected General Secretary, first by the Politburo and then by the Central Committee. After these old Soviet leaders had died in quick succession, the idea of having a young and energetic person was obviously attractive and the Central Committee as a whole clapped enthusiastically when Gorbachev led the Politburo in. That made it quite clear to them that Gorbachev had been chosen by the Politburo. Many of those Central Committee members were very dissatisfied with Gorbachev after a few years and even became his enemies. But initially, to them, he looked like a young, capable and energetic person who would get the country moving again.

DN – When Gorbachev took power in 1985, he seemed to truly believe the system had a chance to be reformed. Perestroika and Glasnost are the proofs of this belief. But in 1988 and 1989, something changed and Gorbachev seemed to have lost some of his hope. In your opinion, what was the key moment or the key fact that made him change his mind? What happened during these two/three years?

AB – It was a gradual process. I have spoken with many of the people who were close to Gorbachev and I asked the same question a long time ago. I would say there was not a single moment. I have maintained that 1988 was the year in which he moved from being a reformer of the system to being a systemic transformer. He believed the system had to change. Gorbachev announced in January 1987 to the Central Committee that they

should hold a special conference (the XIX Party Conference, 1988) to consider the democratization of the Party and Soviet society. What he meant by democratization was different at different times: in the early years what he meant by democratization was not as comprehensive as what he meant quite later. In the theses that were presented at the conference, it was quite clear that democratization was going to be something serious. Some of the people around Gorbachev were very well-educated intellectuals. One of them Shakhnazarov, was the president of the Soviet Association of Political Sciences. He used to meet Western political scientists, he was on the Committee of the International Political Science Association, but was also a deputy head of a Central Committee department. He was one of the two main the authors of the theses Gorbachev approved and presented to the XIX Party Conference. Another factor in 1988 was the Nina Andreyeva article. She published an anti-Perestroika manifesto, almost neo-Stalinist, in the newspaper *Sovetskaya Rossiya*. This article was supported by a lot of people in the Central Committee. Even Ligachev, who was second secretary at that time, said that Party organizations should publicize this article/letter and republish it in regional papers. It was republished also in the GDR (East Germany) – the party leadership there liked it very much. When it was published, Gorbachev was just leaving the country, and it was Shakhnazarov who was with Gorbachev on the plane who showed him the article. When Gorbachev got back, there was a conference (on agriculture, if I remember correctly) and all the members of Politburo were there. In an interval from the proceedings Gorbachev asked them what they thought about that Andreyeva article. It turned out that more than half of the Politburo members agreed with it., calling it a very good article and ‘our Party line’. Gorbachev said he had a different opinion. At that time, the authority of the General Secretary was still very great. So Gorbachev and the people who were close to him decided there must have a special Politburo meeting and it lasted for two days. They spent two days talking about what at one level was a newspaper article, but at another level it was about the future of the Soviet system. Gorbachev’s resistance to this attempted counter-reformation had the effect of radicalizing the change. Whereas Nina Andreyeva and those who stood behind her were trying to turn the clock back, in fact Gorbachev used the opportunity to speed up and make more fundamental the Soviet the agenda for change.

DN – My next question comes exactly within this context. When Gorbachev saw the reforms were no longer under his control, he chose to watch things happen. In the Soviet Union and in Eastern Europe, «he chose love over fear», to cite John Lewis Gaddis. I do not think any other soviet leader would have adopted the same kind of behavior. Do you think Gorbachev had an alternative to «watch things happening around him»? Did his behavior turn his power over even before 1991, because of his «not so soviet» way of being?

AB – Some of the people in the Politburo by 1989 who had been put there by Gorbachev, people like Yakovlev or Shevardnadze, were also content to see these developments in Eastern Europe take their course. However, no person from Chernenko's Politburo would have tolerated this but then, as I mentioned earlier, they would not have raised expectations in the first place. The reason that people were so bold in Europe was that the costs had become less, the costs of protesting and the costs of demanding independence. The Soviet Union itself was reforming more than Czechoslovakia even in 1968 or than Hungary which had undergone some significant economic reform and mild political liberalization. Every time there was a relaxation in the Soviet Union you got a big response in Eastern Europe. In 1956, with Khrushchev's secret speech attacking Stalin, you had for example the Hungarian Revolution. People in Eastern Europe took their lead from what was happening in Moscow. Now what they saw was that the Soviet leadership had become more tolerant, more liberal in some sense, and so you could make demands in 1989 that you would not have made in 1985 or 1986. But even at that stage, if Gorbachev had been replaced by the Politburo, the process could have been stopped. Immediately people in Eastern Europe would realize that Soviet line has changed, this is very dangerous and it could have stopped. Of course relations with the West would then have deteriorated, but you can continue with those bad relations. At every stage Gorbachev had choices. In 1990 and 1991, his power was declining, but even then it was important what he did and did not do, because he still had choices. Any other leader would have cracked down hard in one restive republic, and then the others would draw their own conclusions, that to defy the party leadership was too dangerous. Gorbachev's aversion to the use of violence was important. Gorbachev of

course tried to keep the Soviet Union together, but he wanted to do it by persuasion and through a new Union treaty, which had been negotiated, and not by violent suppression. Even when his power was declining, he had still had these important choices to make.

DN – We can also notice the difference existing between Gorbachev and the hard liners in moments like the XXVII Congress of the CPSU. This was the first formal time he presented his goals in the context of his leadership. If we compare the XXVII Congress with the XX Congress, there is a big difference between the way Khrushchev attacked Stalin and the way Gorbachev tried to be soft when criticizing the mistakes of past leaderships. Do you agree with this?

AB – Well, the circumstances were different. Khrushchev was very bold, but in a way if you going to break with Stalin you have to attack Stalin personally, because there was such a cult of Stalin's personality that people saw in Stalin some kind of God. What Khrushchev focused on was the killing of people like themselves, the people who were attending the Party Congress in 1956. It made a big impression on them to be told that of those who attended the Party Congress in 1934, more than half of them had been killed by Stalin by the end of the decade. Khrushchev did not refer to the victims who were non-Communist intellectuals or peasants, and so he was partial in his exposure of the crimes of Stalin, but nevertheless very effective. Gorbachev was surrounded by people who had been promoted by Brezhnev. Brezhnev was Soviet leader for 18 years and a lot of the people at the Party Congress in 1986 would have held positions of authority in the Brezhnev era. But Brezhnev was not a Stalin. He was not someone Gorbachev on whom needed to make a frontal attack. In his *Memoirs*, Gorbachev is critical of Brezhnev by name, but when he was in power, he did not feel it necessary to criticize him by name. The XXVII Congress in 1986 was not such a turning point. Some people were disappointed in it, as it was held on the thirtieth anniversary of the XX Party Congress, which was a dramatic moment. But the XXVII came too early in Gorbachev's leadership. Party congresses take a long time to prepare and there are teams of people working on different parts of the Central Committee's report to the Congress. When Gorbachev spoke about stagnation and problems in the

economy, even in his speech in the ideology conference in Moscow in December 1984, before he became General Secretary, he said a lot of things which *by implication* could seem to be critical of the Soviet system. He did not go very far beyond that in 1986. There has to be a kind of collective agreement, you have to have the whole Politburo to agree to the document. But what was important about the Congress was the opportunity it gave him to promote some more like-minded people, most notably Yakovlev. The real turning point, I would say, was more the January Plenary Session of the Central Committee in 1987. That was when Gorbachev made clear that there was going to be serious political reform and it was further radicalized every year after that. Gorbachev had accumulated more power by then.

DN – I will now conclude, as I have already stolen you an hour and a half! The scope of my last question is not exactly the same as the scope of the previous ones – I am curious to hear your opinion about this. If I ever had the chance to be with Gorbachev and only had one minute to talk to him, I would ask him never to feel guilty for being the reason so many people are free. Knowing him as you do, what do you think he would tell me?

AB – I do not think he does feel guilty. Perhaps the film last night made him out to be a tragic figure. In some ways it is true, because things that happened had unintended consequences. The complete breakup of the Soviet Union, for Gorbachev it was a tragedy. He wanted a democratized Soviet Union, which in some ways would be a contradiction, because to democratize would mean not being able to keep some Republics within the Union. But I think Gorbachev was right in thinking that a smaller Union, but a Union including the major Republics of Russia and Ukraine, could have been held together if other people had not acted in the way they did.

DN – If other people were not «in a rush» (citing Gorbachev on *Meeting Gorbachev* – film documentary)

AB – Gorbachev would say, ‘well, I made mistakes, of course, but on the main lines, the basic direction, I would do the same thing again’. He has said this in several interviews. If he had to do it all over again, he would want

to end the Cold war and he would want to liberalize and democratize the Soviet Union. But there are certain things he would do differently. He would make sure that Yeltsin was not promoted for example. So, I do not think he feels too guilty. I think he feels that, in the long run, History will absolve him and see that he was a very constructive figure and that he did play a major role ending the Cold War. People can say: but look at what is happening between Russia and the United States, very bad relations now. But it does not seem to me to be fair to blame Gorbachev for that, because he has not been in power since 1991 and what has gone wrong during that lengthy period is hardly his responsibility. It is true that at the present time only a small minority of people in the Soviet Union have a high regard for him, but that small group includes some of the most serious intellectuals and people who think for themselves. As I mentioned last night, it is almost impossible to say something positive about Gorbachev in the Russian mass media now, especially on TV. The image of a strong leader is a very Russian element. Even Shakhnazarov, who was a close ally of Gorbachev, said that in Russian history we repeatedly find admiration for a strong leader and even the cruel leader. And so now, in opinion polls, Stalin comes very, very high, which may seem to us incredible. We should also remember that during the perestroika period, Gorbachev was actually popular for the first five years. It was in May and June 1990 that Yeltsin moved ahead of Gorbachev as the «the most outstanding politician in the Soviet Union». But in the first five years Gorbachev was very popular, Russians have forgotten that now, but at that time they liked him. Gorbachev got the blame for all the problems in the country in 1990-91, including the Soviet Union's breakup. And there are other little things that people had criticized him for – like speaking too much. Once he started, he would go on for a long time, too long. There are also unfair things. A lot of people resented the fact that Raisa went everywhere with him. That was a break with Soviet tradition and Raisa was maybe even more unpopular than Gorbachev. At an earlier stage, when he was still popular, she was not so popular.

DN – It is probably a part of being Russian that does not allow Russians to understand the Gorbachev's goals for their country. It is in their nature.

AB – I would not use the word ‘nature’ – that implies some kind of innate inability to understand pluralist politics. I would use the term ‘political culture’. The Russian political culture was not very accommodating for political pluralism. We should not forget that political cultures can change but normally they change slowly over time. Gorbachev himself used the concept of political culture and said «in Russia we have a low political culture». By that he meant that it was not in the Russian tradition to value compromise and constructive political debate. People were used to being commanded, to someone giving orders and to having to respond to those orders.

Bibliografia

Bibliografia Primária

Obras da Autoria de Mikhail Gorbatchov

- GORBACHEV, Mikhail, e Zdenek Mlynár. *Conversations with Gorbachev: On Perestroika, the Prague Spring and the crossroads of socialism*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2002.
- GORBACHEV, Mikhail. *Political Report of the CPSU Central Committee to the 27th Party Congress*. Moscovo: Novosti Press Agency Publishing House, 1986.
- GORBACHEV, Mikhail. *Ante-Memórias*. Porto: Edições Asa, 1994.
- GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Londres: Bantam Books, 1997.
- GORBACHEV, Mikhail. *On My Country and the World*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2000.
- GORBATCHOV, Mikhail. *Perestroika: Anos de Transformação e de Esperança para a URSS e para o Mundo*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1987.

Outras Obras

- ASH, Timothy Garton. *The Magic Lantern: The Revolution of '89 Witnessed in Warsaw, Budapest, Berlin and Prague*. Nova Iorque: Vintage Books, 1999.
- BROWN, Archie. *Ascensão e Queda do Comunismo*. Alfragide: D. Quixote, 2010.
- BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- BROWN, Archie. *The Human Factor: Gorbachev, Reagan, and Thatcher, and the End of the Cold War*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- BROWN, Archie. *The Myth of the Strong Leader: Political Leadership in the Modern Age*. Nova Iorque: Basic Books, 2014.
- DAHRENDORF, Ralf. *Reflections on the Revolution in Europe*. Abingdon: Routledge, 2017.
- ENGLISH, Robert. *Russia and the Idea of the West: Gorbachev, Intellectuals and the End of the Cold War*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2000.
- GADDIS, John Lewis. *The Cold War*. Londres: Penguin Books, 2005.
- GASPAR, Carlos. *O Pós-Guerra Fria*. Lisboa: Tinta da China, 2016.
- GRACHEV, Andrei. *Gorbachev's Gamble: Soviet Foreign Policy and the End of the Cold War*. Cambridge: Polity Press, 2019.
- MALIA, Martin. *The Soviet Tragedy: A History of Socialism in Russia, 1917-1991*. Nova Iorque: The Free Press, 1994.

- PLOKHY, Serhii. *The Lost Kingdom: The Quest for Empire and the Making of the Russian Nation*. Nova Iorque: Basic Books, 2017.
- SERVICE, Robert. *The Penguin History of Modern Russia: From Tsarism to the Twenty-first Century*. Londres: Penguin Books, 2009.
- SOULET, Jean-François. *História da Europa de Leste: Da Segunda Guerra Mundial aos Nossos Dias*. Lisboa: Teorema, 2006.
- STOKES, Gale. *The Walls Came Tumbling Down: The Collapse of Communism in Eastern Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- TAUBMAN, William. *Gorbachev: A Biografia*. Porto Salvo: Desassossego, 2018.
- WALTZ, Kenneth. *Man, the State and War: a Theoretical Analysis*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2001.
- ZUBOK, Vladislav. *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2007.

Artigos

- BATTLE, John M. «Uskorenie, Glasnost and Perestroika: The Pattern of Reform under Gorbachev». *Soviet Studies* XL, n.º 3 (julho 1988): 349-367.
- BIALER, Seweryn. «Gorbachev's Move». *Foreign Policy* 68 (outono 1987): 59-87.
- BIALER, Seweryn. «The Death of Soviet Communism». *Foreign Affairs* 70, n.º 5 (inverno 1991/92): 164-181.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. «Post-Communist Nationalism». *Foreign Affairs* 68, n.º 5 (inverno 1989): 1-25.
- DANIELS, Robert. «Perestroika, the Post-Soviet Regime, and the Process of Revolution in Russia». *Problems of Post-Communism* 46, n.º 3 (maio/junho 1999): 26-31.
- DUNLOP, John B. «The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics». *Journal of Cold War Studies* 5, n.º 1 (inverno 2003): 94-127.
- GASPAR, Carlos. «Waltz, Morgenthau e Aron». *Relações Internacionais* 39 (setembro 2013): 5-13.
- GATI, Charles. «Eastern Europe on its Own». *Foreign Affairs* 68, n.º 1 (America and the World 1988): 99-119.
- GOODING, John. «Gorbachev and Democracy». *Soviet Studies* 42, n.º 2 (abril 1990): 195-231.
- HOLLOWAY, David. «Gorbachev's New Thinking». *Foreign Affairs* 68, n.º 1 (America and the World 1988): 66-81.
- KAISER, Robert. «Gorbachev: Triumph and Failure». *Foreign Affairs* 70, n.º 2 (primavera 1991): 160-174.
- PARK, Andrus. «Gorbachev and the Role of Personality in History». *Studies in Comparative Communism* XXV, n.º 1 (março 1992): 47-56.
- SINGER, J. David. «International Conflict: Three Levels of Analysis». *World Politics* 12, n.º 3 (abril 1960): 453-461.
- SINGER, J. David. «The Level-of-Analysis Problem in International Relations». *World Politics* 14, n.º 1 (outubro 1961): 77-92.
- WALTZ, Kenneth. «The Origins of War in Neorealist Theory». *The Journal of Interdisciplinary History* 18, n.º 4 (primavera 1988): 615-628.

- WHITE, Stephen. «Democratisation in the USSR». *Soviet Studies* 42, n.º 1 (janeiro 1990): 3-25.
- ZUBOK, Vladislav. «Gorbachev and the End the Cold War: Perspectives on History and Personality». *Cold War History* 2, n.º 2 (janeiro 2002): 61-100.

Bibliografia Complementar

Obras

- ASH, Timothy Garton. *The Polish Revolution: Solidarity*. Estados Unidos da América: Yale University Press, 2002.
- BRANDS, H. W. *Reagan: The Life*. Nova Iorque: Anchor Books, 2016.
- BROWN, Chris. «Structural Realism, Classical Realism and Human Nature». In *Realism in World Politics*, ed. Ken Booth. Oxford: Routledge, 2011.
- CRAWFORD, Neta C. «Human Nature and World Politics». In *Realism in World Politics*, ed. Ken Booth. Oxford: Routledge, 2011.
- DALLIN, Alexander. «New Thinking in Soviet Foreign Policy». In *New Thinking in Soviet Politics*, editado por Archie Brown, 71-85. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 1992.
- DUNLOP, John B. *The Rise of Russia and the Fall of the Soviet Union*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- FIGES, Orlando. *Revolutionary Russia, 1891-1991*. Londres: Penguin Books, 2014.
- FREITAS DO AMARAL, Diogo. *Glória e Tragédia de Gorbatchov*. Coimbra: Almedina, 2012.
- GATES, Robert. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2006.
- GORBATCHOV, Raisa. *Tenho Esperança*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1991.
- HAZAN, Baruch A. *Gorbachev's Gamble: The 19th All-Union Party Conference*. Nova Iorque: Routledge, 2018.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. Lisboa: Presença, 1996.
- HOOK, Sidney. «The Eventful Man and the Event-Making Man». In *Political Leadership: A Source Book*, editado por Barbara Kellerman, 24-35. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1986.
- JUDT, Tony. *Postwar: A History of Europe Since 1945*. Londres: Vintage, 2010.
- KARKLINS, Rasma. *Ethnopolitics and Transition to Democracy: The Collapse of the USSR and Latvia*. Washington DC: The Woodrow Wilson Center Press, 1994.
- KENEZ, Peter. *História da União Soviética*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- KOTZ, David e Fred Weir. *Russia's Path from Gorbachev to Putin: The Demise of the Soviet System and the New Russia*. Abingdon: Routledge, 2007.
- KRAMER, Mark. «The Kremlin, the Prague Spring, and the Brezhnev Doctrine». In *Promises of 1968: Crisis, Illusion, Utopia*, editado por Vladimir Tismaneanu, 285-370. Budapeste: Central European University Press, 2011.
- LÉVESQUE, Jacques. *The Enigma of 1989: The USSR and the Liberation of Eastern Europe*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- MANDELBAUM, Michael, e Strobe Talbott. *Reagan and Gorbachev*. Nova Iorque: Vintage Books, 1987.

- MATLOCK, Jr, Jack F. *Reagan and Gorbachev: How the Cold War Ended*. Nova Iorque: Random House, 2004.
- MOORE, Charles. *Margaret Thatcher: The Authorized Biography*. Vol. 2, *Everything She Wants*. Reino Unido: Penguin Books, 2015.
- MORGENTHAU, Hans J. *Scientific Man Versus Power Politics*. Londres: Latimer House, 1947.
- NAHAYLO, Bohdan. «Nationalities». In *The Soviet Union under Gorbachev*, editado por Martin McCauley, 73-96. Londres: The Macmillan Press, 1990.
- NYE, Jr, Joseph S. *Compreender os Conflitos Internacionais: Uma Introdução à Teoria e à História*. Lisboa: Gradiva, 2002.
- NYE, Jr, Joseph S. *The Powers to Lead*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- O'SULLIVAN, John. *O Presidente, o Papa e a Primeira-Ministra*. Lisboa: Alêtheia, 2006.
- OSTROVSKY, Arkady. *The Invention of Russia: The Journey from Gorbachev's Freedom to Putin's War*. Londres: Atlantic Books, 2015.
- PRAVDA, Alex. «The Collapse of the Soviet Union: 1990-1991». In *The Cambridge History of the Cold War*, editado por Melvyn P. Leffler, 356-377. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- SAROTTE, Mary Elise. *The Collapse: The Accidental Opening of the Berlin Wall*. Nova Iorque: Basic Books, 2014.
- SHAFIR, Michael. «Eastern Europe». In *New Thinking in Soviet Politics*, editado por Martin McCauley, 171-191. Londres: The Macmillan Press, 1990.
- SHEVARDNADZE, Eduard. *The Future Belongs to Freedom*. Nova Iorque: The Free Press, 1991.
- SMITH, Graham, Aadne Aasland, e Richard Mole, «Statehood, Ethnic Relations and Citizenship». In *The Baltic States: The National Self-Determination of Estonia, Latvia and Lithuania*, editado por Graham Smith, 181-205. Londres: The Macmillan Press, 1996.
- SMITH, Graham. «Nationalities Policy from Lenin to Gorbachev». In *The Nationalities Question in the Soviet Union*, editado por Graham Smith, 1-20. Essex: Longman, 1992.
- SMITH, Graham. «The Resurgence of Nationalism». In *The Baltic States: The National Self-Determination of Estonia, Latvia and Lithuania*, editado por Graham Smith, 121-143. Londres: The Macmillan Press, 1996.
- SPENCER, Herbert. «The Great Man Theory Breaks Down». In *Political Leadership: A Source Book*, editado por Barbara Kellerman, 10-15. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1986.
- SUGANAMI, Hidemi. «Understanding Man, the State and War». In *Realism and World Politics*, editado por Ken Booth, 195-212. Londres: Routledge, 2011.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *L'Ancien Régime et la Révolution*. Paris: Les Éditions Gallimard, 1952.
- TUCKER, Robert C. «The Dictator and Totalitarianism». In *Political Leadership: A Source Book*, editado por Barbara Kellerman, 49-58. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1986.
- TUCKER, Robert C. *Politics as Leadership*. Missouri: University of Missouri Press, 1995.
- VARDYS, V. Stanley. «Lithuanians». In *The Nationalities Question in the Soviet Union*, editado por Graham Smith. Essex: Longman, 1992.
- WOLFE, Bertram D. *Khrushchev and Stalin's Ghost: The Background, Motives and Meaning of Khrushchev's Secret Address*. Nova Iorque: Praeger, 1957.
- YURCHAK, Alexei. *Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation*. New Jersey: Princeton University Press, 2006.

Artigos

- ALLISON, Graham, e Robert Blackwill. «America's Stake in the Soviet Future». *Foreign Affairs* 70, n.º 3 (verão 1991): 77-97.
- APPLEBAUM, Anne. «The Long, Lame Afterlife of Mikhail Gorbachev». *Foreign Policy*, 20 de junho, 2011. <https://foreignpolicy.com/2011/06/20/the-long-lame-afterlife-of-mikhail-gorbachev/>.
- BIALER SEWERYN, e Joan Afferica. «The Genesis of Gorbachev's World». *Foreign Affairs* 64, n.º 3 (America and the World 1985): 605-644.
- BONNELL, Victoria E., e Gregory Freidin. «Televorot: The Role of Television Coverage in Russia's August 1991 Coup». *Slavic Review* 52, n.º 4 (inverno, 1993): 810-838.
- BROWN, Archie. «Perestroika and the End of the Cold War». *Cold War History* 7, n.º 1 (fevereiro 2007): 1-17.
- BROWN, Archie. «The Gorbachev Factor Revisited». *Problems of Post-Communism* 58, n.º 4-5 (julho-agosto/setembro-outubro 2011): 56-65.
- BROWN, Archie. «When Gorbachev Took Charge». *The New York Times*, 12 de março, 2010. <https://www.nytimes.com/2010/03/11/opinion/11ihtedbrown.html?pagewanted=1&ref=global>
- FRANCO, Lívia. «A Rússia e a Nova Europa». *Relações Internacionais* 43 (setembro 2014): 31-41.
- FRANCO, Lívia. «O Alargamento da NATO: O Caso das Repúblicas Bálticas». *Política Internacional* 1, n.º 12 (primavera-verão 1996): 141-158.
- FRENTZEL-ZAGORSKA, Janina. «Civil Society in Poland and Hungary». *Soviet Studies* 42, n.º 4 (outubro 1990): 759-777.
- FUKUYAMA, Francis. «The End of History?». *The National Interest* 16 (verão 1989): 3-18.
- GASPAR, Carlos. «A Guerra Fria Acabou Duas Vezes». *Nação e Defesa* 105 – 2.ª série (verão 2003): 141-176.
- GILL, Graeme. «The Soviet Leader Cult: Reflections on the Structure of Leadership in the Soviet Union». *British Journal of Political Science* 10, n.º (abril 1990): 167-186.
- HOLLANDER, Paul. «Reflections on Communism: Twenty Years after the Fall of the Berlin Wall». *Cato Institute*, n.º 11 (novembro 2009): 1-25.
- KAGAN, Frederick. «The Secret History of Perestroika». *The National Interest* 23 (primavera 1991): 33-42.
- KARATNYCKY, Adrian. «The Ukrainian Factor». *Foreign Affairs* 71, n.º 3 (verão 1992): 90-107.
- LÉVESQUE, Jacques. «Soviet Approaches to Eastern Europe at the Beginning of 1989». *Cold War International History Project Bulletin* 12/13 (outono/inverno 2001): 49-72.
- LOBO-FERNANDES, Luís. «Uma Teoria Nomotética da Política Internacional ou a Construção da Verdade em Waltz: Algumas Considerações». *Relações Internacionais* 39 (setembro 2013): 15-24.
- LOTH, W. «Moscow, Prague and Warsaw: Overcoming the Brezhnev Doctrine». *Cold War History* 1, n.º 2 (janeiro 2001): 103-118.
- MALCOM, Neil. «The 'Common European Home' and Soviet European Policy». *International Affairs* 65, n.º 4 (outono 1989): 659-676.
- READMAN, Kristina. «Between Political Rhetoric and *Realpolitik* Calculations: Western Diplomacy and the Baltic Independence Struggle in the Cold War Endgame». *Cold War History* 6, n.º 1 (fevereiro 2006): 1-42.

- REY, Marie-Pierre. «'Europe is our Common Home': A Study of Gorbachev's Diplomatic Concept». *Cold War History* 4, n.º 2 (janeiro 2004): 33-65.
- SOLLER, Diana. «Waltz, a Diversidade das Democracias e a Semelhança dos Estados». *Relações Internacionais* 39 (setembro 2013): 47-57.
- TAYLOR, Brian D. «The Soviet Military and the Desintegration of the Soviet Union». *Journal of Cold War Studies* 5, n.º 1 (inverno 2003): 17-66.
- ZASLAVSKY, Victor. «Nationalism and Democratic Transition in Postcommunist Societies». *Daedalus* 121, n.º 2 (primavera 1992): 97-121.
- ZUBOK, Vladislav M. «New Evidence on the Soviet Factor in the Peaceful Revolutions of 1989». *Cold War International History Project Bulletin* 12/13 (outono/inverno 2001): 5-23.

Webgrafia

- BUCKNELL UNIVERSITY. «Constitution (Fundamental Law) of the Union of Soviet Socialist Republics». Consultado a 9 de janeiro, 2020. <https://www.departments.bucknell.edu/russian/const/77cons01.html>
- CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. «The 27th CPSU Congress: Gorbachev's Unfinished Business». Consultado a 22 de outubro, 2019. <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP87T00787R000200230004-6.pdf>
- COUNCIL OF EUROPE. «Speech by Mr. Mikhail Gorbachov, President of the Supreme Soviet of the USSR, Secretary General of the Communist Party of the Soviet Union, before the Parliamentary Assembly of the Council of Europe». Consultado a 5 de junho, 2020. <https://rm.coe.int/09000016809b4c9a>.
- REAGAN FOUNDATION. «Remarks on East-West Relations at the Brandenburg Gate in West Berlin». Consultado a 1 de julho, 2020. <https://www.reaganfoundation.org/media/128814/brandenburg.pdf>
- THATCHER, Margaret. «I like Mr Gorbachev. We can do Business Together». Entrevista por John Cole. *BBC News*, dezembro 17, 1984. <https://www.margaretthatcher.org/document/105592>
- WILSON CENTER DIGITAL ARCHIVE. «Minutes of a CC CPSU Politburo Session Nominating Gorbachev for General Secretary». Consultado a 20 de outubro, 2019. <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/120771>

Entrevista

- BROWN, Archie. Entrevista realizada pela autora. Oxford, 23 de outubro de 2019.

Posfácio

José Miguel Sardica

Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Estudos Políticos

Mikhail Sergeievitch Gorbatchov, o último secretário-geral do Partido Comunista da URSS, oferece a qualquer estudioso da sua vida e obra uma biografia complexa e paradoxal.

Quando chegou ao poder, em 1985, a bipolarização do mundo no quadro da Guerra Fria era a regra. Rompendo com o cinzentismo vigente no *Politburo* moscovita, Gorbatchov surpreendeu pela jovialidade e energia, lançando as suas *Perestroika* e *Glasnost*, que visavam reformar a sociedade soviética, relançar a sua economia e revitalizar a sua política. Seis anos volvidos, em 1991, a irreformabilidade do vetusto aparelho comunista resultou na implosão da União Soviética e na dissolução do velho império que, de Lenine e Estaline em diante, satelizara e asfixiara a metade oriental da Europa e outras partes do globo. Outro qualquer líder reformista da URSS não teria tido, porventura, desfecho diferente; mas foi aquele particular líder, em convergência com a *détente* reaganista, que desnuclearizou o mundo, permitiu a liberdade do Leste europeu, abriu as portas à possibilidade da democracia na Rússia, e liquidou a Guerra Fria.

Herói para uns, sobretudo no Ocidente, vilão para outros, sobretudo entre os duros do Kremlin e os nostálgicos do imperialismo russo, todos concordam, porém, que ele mudou profundamente o seu país e o mundo, podendo assim ser olhado como o mais importante e impactante estadista da segunda metade do século XX.

Combinando o fôlego teórico e interpretativo da ciência política e das relações internacionais com a abordagem humanista da biografia histórica – dos sonhos e planos, sucessos e reveses, entusiasmos e desilusões,

idealismos e pragmatismos do antigo líder soviético –, este livro de Daniela Nunes é um excelente retrato, original no panorama da academia portuguesa, de Mikhail Gorbatchov e de um tempo cujas enormes mutações foram a raiz do mundo em que hoje vivemos.

Posfácio

Germano Almeida

Comentador SIC

A invasão russa da Ucrânia lembrou-nos, com particular acutilância, que os temas de política internacional não devem ser olhados com estranheza, muito menos com indiferença. Pela pior das razões (o regresso à Europa dos horrores de uma guerra), percebemos que o que acontece fora das nossas fronteiras pode mexer diretamente com as nossas vidas. É, por isso, fundamental termos faróis que nos guiem. Este extraordinário trabalho da Daniela Nunes traça-nos, com rigor, detalhe e clareza, um quadro informado e esclarecido sobre os últimos anos da URSS e a importância crucial da liderança corajosa – por vezes contraditória, outras tantas incompreendida, mas sempre marcante e decisiva – de Mikhail Sergeievitch Gorbatchov, uma das maiores figuras mundiais da segunda metade do século XX, na sua "crença desmedida na reformabilidade do sistema soviético". Nesta tese tão bem escrita, estruturada e elaborada (sempre apoiada em boas fontes e referências valorizadoras), a Daniela explica-nos com brilhantismo como o fator humano e a dinâmica individual podem ser determinantes em processos de grande mudança e em decisões de risco elevado. E como só assim foi possível que em apenas cinco anos o então Presidente dos EUA, Ronald Reagan, "tenha deixado de ver na União Soviética um 'império do mal' ". Diria que este é o ponto fulcral deste trabalho: o elemento que o torna diferenciador e de leitura obrigatória para todos os que desejam compreender melhor esse período pendular que levou à dissolução da URSS e o alvorecer do espaço pós-soviético, que hoje se revela, tragicamente, o palco principal do maior conflito bélico em território europeu desde 1945. Como tão bem a Daniela nos lembra, "alguns líderes são a razão pela qual a História se escreve de uma maneira ou de outra, por vezes oposta".

